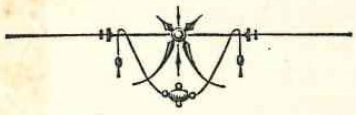

Manuel Frag Silva
ENCADERNADORES
PRAÇA CORONEL PACHECO, 64-1º
PORTO



O BERÇO E O EXILADO

"UM SONETO"



TERCEIRA TIRAGEM
E EPÍLOGO

1946

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº 65330

O BERÇO EXILADO

IMPRENSA PORTUGUESA
- Rua Formosa, 108—Porto -

Este Livro — UM SONETO, — como os clássicos poemas gregos, apresenta-se em Trilogia.

— Na sua primeira tiragem, impressa em 1942, teve a ousadia profética (Deus proteje os ousados), de, antes da viagem de Sua Majestade El-Rei ao Brasil e de ser conhecido o projectado Casamento Real, apresentar o primeiro retrato, que em Portugal se publicou, de Sua Majestade a Rainha; assim, bem lhe quadrará o título de — Crónica dos Esponsais do Donzel do Mar.

— Na segunda tiragem impressa em 1944 (edição aumentada da primeira), apresenta o Enlace de Suas Majestades, sagrado em Petropólis, vincando-se a lúcida esperança com que todos os realistas portugueses aguardaram o Novo Desejado; chamaremos pois, ao segundo Livro, a Crónica do Casamento de Atlântidas, *o que tanto é dizer: consagração da aliança de Dois Impérios Irmãos — Portugal e Brasil.*

Nesta terceira tiragem, impressa em 1946, exalta-se a Apoteose, porque se mostra o BERÇO, — EXILADO — ainda, é certo, mas cheio da Esperança viva que dormita, embalada pelo carinho agradecido de uma Pátria.

O Tríptico do Amor, fica fixado por góticas iluminuras, dos Augustos Pais e do «Lindo Infante».

O Livro — Trilogia — está, pois, completo com as duas emendas, — a de 1944 e esta, de 46, — que buscaram rematar (não para pior), o Soneto Incompleto de António Sardinha; esse Soneto facetado em rimas, que é o espelho espiritual do sorriso, incompleto também, que Leonardo de Vinci nos deixou em cores indefiníveis, no retrato de Monna Lisa...

Se Dante ou Petrarca tivessem adivinhado a Joconda!

— Sim, porque em tercetos e quartetos também se ri, enigmàticamente...

O livro que segue, de alvoroçada alegria e sóbria glorificação de PRINCIPESCA MOCIDADE, é trabalho de dois Velhos: — Meu Avô, Coronel Miguelista José de Magalhães e Meneses Sampaio de Barbosa, Chefe Tradicionalista da Província do Minho em 1855, Primeiro Conde de Alvellos, e este seu neto, Chefe Tradicionalista da Província da Beira em 1926.

A figura austera, retratada a óleo por maestro pincel no passado século (aparentando de então a minha idade actual), urdiu e projectou no meu subconsciente, a urdidura.

Frente ao quadro que domina a pequena saleta onde escrevo, inspirando-me no olhar límpido como a Honra, autoritário como o Dever, do Legitimista de antes quebrar que torcer, eu apenas registei, e mal, as suas revelações do Além. Durante o trabalho, nós os Dois Velhos (meu Avô vencendo o decorrer de um século e eu, a distância de meia Europa), ambos sentíamos o enlevo de estarmos espiritualmente debruçados sobre o Berço Exilado e sorríamos para o Príncipe Menino, como só sabe sorrir o encantamento dos Avós...

Trabalho rude; muitas vezes hesitei! Mas, olhava de frente a imagem do Antepassado e, perante o aspecto que atingia o vinco duro da censura, parecia-me ouvir murmurar: Sangue do meu sangue! Nem só nos campos de batalha se fazem os... cobardes!

Envergonhado, continuava então a difícil tarefa, dactilografando a tessitura sob o Seu ditado, quase sempre sereno, por vezes veemente...

Assim, de tudo o que o Livro possa ter belo, é Ele o autor.

Dos erros e enganos, das faltas e deslizes, eu, o escrivão que os escrevi.

C. de A.

"UM SONETO"

RESPEITOSA HOMENAGEM A

S. A. R. O PRÍNCIPE DA BEIRA

E

CONDE-DUQUE DE BARCELOS

POR

CONDE DE ALVELLOS

FRANCISCO PERFEITO DE MAGALHÃES E MENESES

TERCEIRA TIRAGEM

O BERÇO EXILADO

PORTO
1 9 4 6



S. A. R. O Príncipe-Menino

Nascido na Suiça a 15 de Maio de 1945

(Sanguínea de Guardy de Arriaga)

«SAIN ET BEAU!»

Nasceu o Pequenino Príncipe, ao som festivo dos sinos que anunciavam o Armistício... Trazia o *Menino* a Paz de *Jesus*, na doce claridade dos olhos azuis! Seu Augusto Pai (na língua francesa obrigatória ainda na Suíça, pela guerra), com data de 15 de Maio de 1945, telegrafou de Berna, para o autor: «*J'ai bonheur vous annoncer heureuse naissance fils sain et beau, Mere bien* (a) *Duarte Bragança*».

«*Um Menino são e belo!*»
— Como seu Pai disse bem,
assim mesmo: «*sain et beau!*»
E, neste dito singelo
do exílio que O retém,
foi Quem melhor retratou

o Seu e — Nosso Menino!
— Mas eu acho, todavia,
que sendo, assim: «*sain et beau*»,
algo, Lhe nega o destino...
(Até me falta a alegria,
sabendo Quem Lhe faltou!)

Tudo o que alinda um Bebé,
por certo, Ele o terá,
pois que bem é: — «*sain et beau*»;
mas falta o que quer que é ..
— Não, não digo o que será,
por triste que já estou...—

(O que falta no Menino,
é, — quis Deus, — aquele afecto,
este mimo, — «*sain et beau*»:
a coroa de amor divino
que, na cabeça de um Neto,
sempre depõe um Avô!)

Que serena alegria não sentiria hoje o Incomparável Gentil-homem que, na sacrificada vida e na morte resignada, foi o Senhor Dom Miguel II, se pudesse ver no Neto, a Sua própria imagem reflectida no espelho do Tempo, pela Providência de Deus! Mas Ele o vê do Céu, com olhos que se não enganam com as miragens da Terra e o Seu formoso espírito — Arcanjo São Miguel — será a Guarda do Sangue do Seu Sangue...

«Lei de excepção: Consagração!»

Será justo, — oh Mães de Portugal, —
banir um Inocente, uma Criança,
pelo duplo pecado original

de, tendo Pai e Mãe, Ambos — *Bragança,*
— *Bragança,* — Ele nascer, já exilado...
Porque o ódio velho nunca cansa?

E, para o Seu Solar ser confiscado,
agravam, — que nasceu no estrangeiro...
— Como se pudesse, aqui, ser baptizado!

Que país haverá no mundo inteiro,
que não tivesse logo protestado,
s'Ele fosse estranho forasteiro?

Que terá Ele a pagar, — o Esbulhado?
Que terá a remir, se nada fez?
... Pela Lei d'Excepção só é provado,

que todo o velho ódio, — é insensatez,
pois logo O mostra, — naturalizado:
— *d'Esta Terra, sòmente um Português*
poderá, pela Lei, ser Desterrado!

DO MESMO AUTOR:

—*CANTARES—Versos de Moço—1905.*

—*NOTAS DO EXÍLIO—1911 a 1915.*

(Baiona—Vigo—Lugo—Madrid e Londres.

—*DUAS PÉROLAS—Comédia em verso—1915.*

—*TRÊS BANDEIRAS—1919.*

Livro primeiro—O sonho derradeiro de D. Sebastião.
Livro segundo—O Prior do Crato.
Livro terceiro—1640.

—*TRÊS REGIMES—1920.*

Realeza Tradicional—Monarquia Liberal e República Democrática.

—*TRÊS NOVELAS—1922.*

Deus—Pátria e Rei.

—*QUARENTA CONTOS—1924.*

Narrativas breves.

—*PRINCESA E MONJA—1936.*

A Viúva do Rei Senhor D. Miguel.

—*A COVA DOS LOBOS.*

Conto, em separata, premiado com as *Violetas de Prata* nos Jogos Florais Luso-Espanhóis realizados com invulgar esplendor no Teatro de S. Luís de Lisboa, na noite de 24 de Maio de 1937.

—*ENTRE CASTELOS E QUINAS (colaboração de Jaime Ferreira).*

Crónicas históricas e reportagem da visita que S. A. R. a Senhora Dona Filipa de Bragança fez a Portugal em fins de 1938.

—*UM SONETO* (primeira tiragem)—*1942.*

Esponsais do Donzel do Mar.

—*UM SONETO* (segunda tiragem)—*1944.*

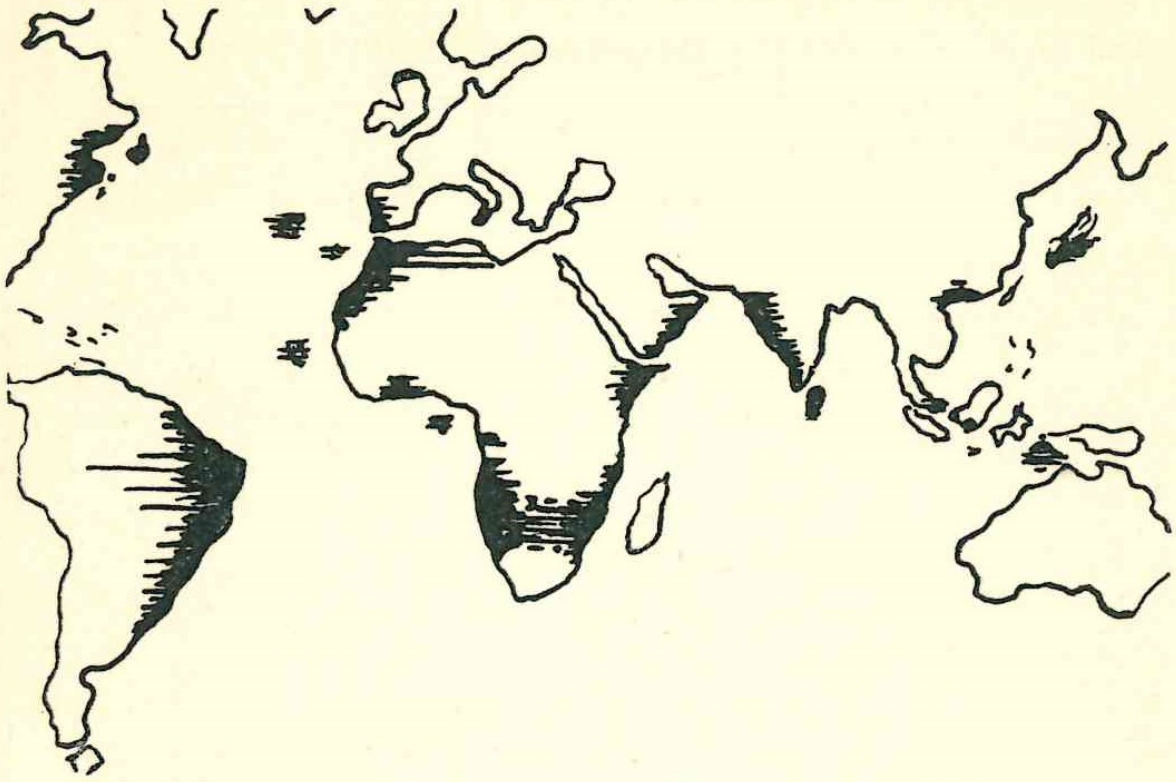
Casamento de Atlântidas.

—*UM SONETO* (terceira tiragem)—*1946.*

O Berço Exilado.

Pela Monarquia Tradicional!

— Que, pela Espada demarcou Portugal
e pelo Astrolábio dilatou o Império.



De névoas a Esfera era coberta...
— *Largando,* a bordegar,
os Galeões Reais
romperam esse *Medo,* e foi aberta
a Terra e todo o Mar!
— Por já não haver mais
ignoto Mar, nem outra Terra incerta,
os Reis, iam rezar
nas novas Catedrais
p'r'a última *largada,* — (e a mais certa), —
e o comando entregar,
das ondas siderais
ao Grão-Piloto-Mor da *Descoberta*...

E por tamanha Obra consumada (por toda a vasta Terra avassalar), a Realeza agora é desterrada, pela República excelsa... no falar!

Os Reis, foram a Ideia e a Espada, Neste Império que hoje ainda espanta; a República, tem discursos e mais nada... Como direi? — O império da *garganta!*

Magos, o dizem, e as feiticeiras:
«Ao termo do ano de quarenta e seis,
— gritar d'alegria alçar as Bandeiras...
Ha um dia d'Esperança!
— O *Dia de Reis,*
dos Reis de Bragança!» —

ELENCO DOS CAPÍTULOS

Invocação à Imaculada Conceição.

Sob o Signo da Cruz, da Espada e da Flor.

Excerto do «Leal Conselheiro», do Rei Dom Duarte.

Envio a Sua Alteza Real, Príncipe da Beira e Conde-Duque de Barcelos.

I — A Beira do Príncipe da Beira.

II — Intróito — Tanger e o Exemplo.

III — Os Augustos Pais do Príncipe da Beira.

VI — O Berço Exilado — Carta a Um Príncipe.

V — «Um Soneto» e seu *outeiro* de Sonetos — Mosaicos Policromos — Epílogo.

O Último Rei Tradicionalista

«Muertos no son
los que en paz descansan,
bajo la tumba fria;
muertos, son los que tienen muerta el alma
y viven todavia...»

Muertos: — os que descreram do Futuro, sempre *reprise* do Passado, pois nada há novo sobre a Terra; *muertos,* — os que desertaram no Presente, renegando o nome de seus maiores e humilhando o apelido de seus filhos...

Tradição — Primavera! — O Tronco é bem directo... (não morre a Tradição, — disse Campoamor): — Continuou no Filho; refloriu no Neto e sorri no Bisneto, a Tradição em Flor!

Immaculatissimae Conceptioni Mariae Tutelaris!

Padroeira, traduz-se por — Madrinha;
Madrinha, quer dizer segunda *Mãe;*
três mágicas palavras que contêm:
— a doçura do mel, leite, a farinha,

a horta e o pomar, o prado e a vinha,
a lareira e a casa, e esse Bem
do Amor, sem o qual, nunca, ninguém
foi alguém, e que é — uma Mãezinha...

— Desta Pátria, oh Madre Protectora,
(mormente pelos tempos adversos),
e Lhe guardais a Coroa Redentora,

dos Netos dos Seus Reis, ora dispersos;
aceitai ser Madrinha, oh Gransenhora,
do barbaro lavor destes meus versos!

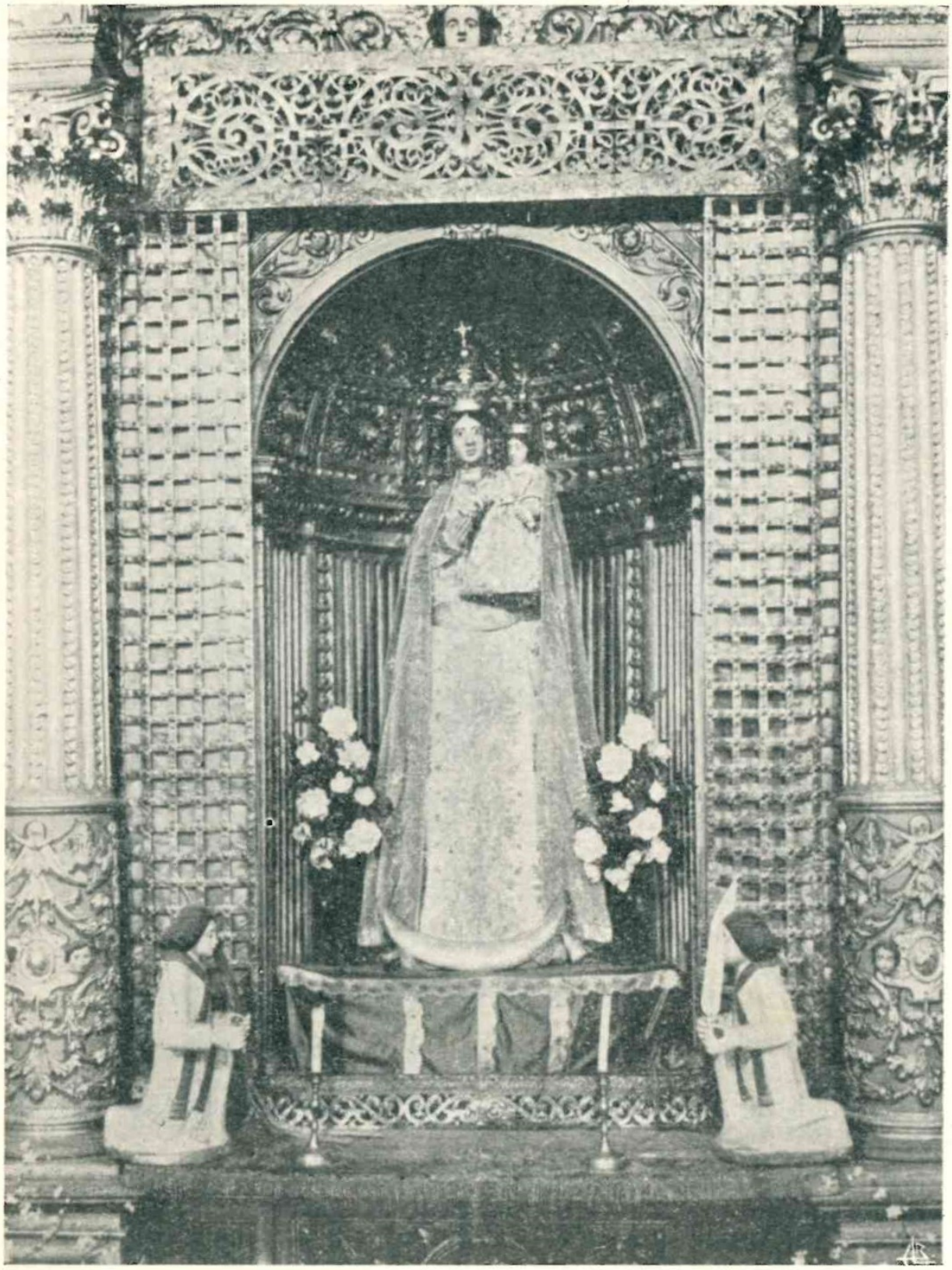


A Ligação dos Tempos, — Deus Todo soberano, —
depôs nas mãos infantes do Príncipe Real;
e o Menino junta ao Seu primeiro ano,
oito séculos d'História do Velho Portugal...

Eis o trofeu, Senhora: — o olhar tão terno
d'Este Menino a dar-nos o Seu coração...
Eis o botão de rosa do roseiral eterno,
desse viçoso Altar da Restauração!

Ele nasceu proscrito; traz pesada a cruz...
— Oh Madre de nós todos! — Eu não sei... Perdão!
Como dizer... Enfim: — O Menino Jesus
não nos teria dado um Pequenino Irmão?

Invocação à Verídica Imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa



"Seja assim, Senhora, e eu Vos prometo em nome de todo este reino que ele agradecido levante um trofeu à Vossa Imaculada Conceição, que vencendo os séculos, seja eterno monumento da Restauração de Portugal."

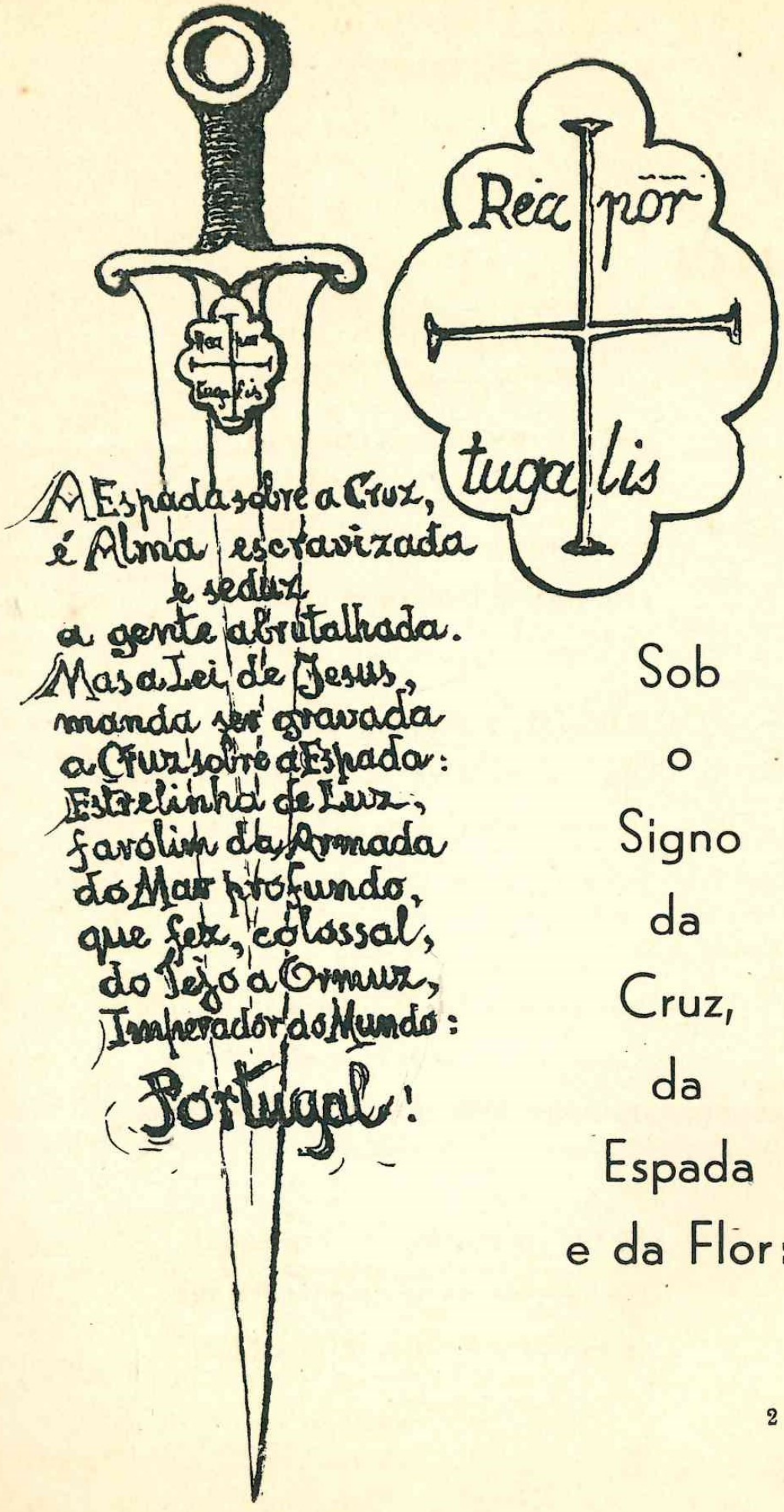
(Palavras Votivas de El-Rei Dom João IV, em 1646).

«Manhã de Nevoeiro...»



Das neblinas do Mar do Sacrifício,
duma Ilha, virá, — a do Mistério...
P'ra ter d'Imperador-Rei, o Duro Ofício,
e salvar o que foi, — Um Reino-Império!

(El-Rei, que é Piloto-Aviador, saindo do *Clipper*, depois de um dos Seus voos transatlânticos, em 1942).



Sob
o
Signo
da
Cruz,
da
Espada
e da Flor:

A FLOR

Havia nevoeiros na Campina
nessa enganosa noite, por silente;
no negro pesadelo do Presente,
esboçam-se fantasmas e ruína.

A bússola varia na neblina;
não ruma o Norte já; onde o Nascente?
Na dúvida que é de toda a gente,
incerta a gente toda, desatina.

Mas eis que surge a Luz; ela caminha
a dissipar as névoas, n'Este Alvor
do Exílio sem culpas, que não tinha

do Sol de Portugal o resplendor...
Qu'importa, se ao colo da Rainha
já vemos o Futuro, n'Uma Flor!

Mães de Portugal e do Brasil!



Vossos bons corações,
até ao *Dia Que Tarda,*
— como penhor de afeições, —
mandem vossas orações,
para Seus Anjos da Guarda!

EXCERTO DO «LEAL CONSELHEIRO»

(Solitate — soedade — soidade — suidade — saudade)

«A suidade nom descende de cada ũa destas partes, (nojo, pesar, tristeza, desprazer, aborrecimeuto, — anteriormente tratados pelo culto Autor) mas é uũ sentido do coraçom que vem da sensualidade e nom da razom, e faz sentir aas vezes os sentidos da tristeza e do nojo; e outros veem daquelas cousas que a homem praz que sejam, e alguũs com tal lembrança que traz prazer e nom pena; e em casos certos se mestura com tam grande nojo, que faz ficar em tristeza. E para entender esto nom compre leer per outros livros, ca poucos acharóm que delo falem, mes cada uũ veendo o que screvo consiire seu coraçom no que já per feitos desvairados tem sentido, e poderá veer e julgar se falo certo.»

«Justo Juiz Jesu Cristo,
rei dos reis e boo Senhor,
que c'o Padre reinas sempre,
u é d'ambos uũ amor,
praza-te de me ouvir,
pois me sento pecador.»

Do *Leal Conselheiro*, no seu português textual do século XV, de D. Duarte I que, como prosador e poeta *«tinha mais tenção de bem mostrar a sustância do que escrevia, do que a formosa e guardada maneira de escrever»*.

Deste bom Soberano da Segunda Dinastia, se poderia repetir, o que Ferreira cantou do Rei Dinis:

«... Este, com virtudes enobreceu o Estado;
Regeu, edificou, lavrou, venceu,
coroou as Musas, poetou, e leu.»



Setembro 1945 — Phot-Duarte

«Justo Juiz Jesu Cristo
Rei dos reis e boo Senhor...»
El-Rei Dom Duarte
1434

"LEAL CONSELHEIRO"

Um Pai, é Conselheiro, -- o mais discreto:
— procura ser UM HOMEM da Nobreza,
tão alto sustentada na pobreza,
herdada do Avô de Quem sou Neto.

UM PRÍNCIPE depois, austero e recto;
duro, p'r'os fortes; brando, p'r'a fraqueza;
bem prezando a Gente Portuguesa.
que sempre o amor paga com afecto.

De Deus, Meu Filho, nunca duvidar,
porque após a tormenta, dá bonança,
aos que souberem n'Ele confiar.

E, — ser sempre Quem sois; — assim se alcança,
não já sermos melhores, mas igualar,
Nossos Maiores da Casa de Bragança.

(com o Desembargo do Paço).

ENVIO

A Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte Pio
João Miguel de Bragança, Príncipe da Beira
e Conde-Duque de Barcelos

(« Vosso Nome, Senhor é...»

Frei João dos Prazeres, a El-Rei
Dom João V).

O Vosso Nome comparte,
do sagrado e do profano,
por querido no Vaticano,
e querido por toda a parte;
— Começa bem, por *Duarte,*
pelo qual, sereis letrado;
— *Pio,* — em Roma sagrado;
— *João,* — por Restaurador;
e — *Miguel,* — por Vosso Amor
ao Bisavô, Rei Soldado.

Sois o *Príncipe da Beira,*
Conde-Duque de Barcelos;
e um vate que é de Alvelos,
chamou-Vos desta maneira
acertada e verdadeira:
«Lindo Infante», e sem rival.
Entre os Grandes — Maioral, —
sois a nossa boa esperança,
pois, por Duque de Bragança,
sereis Rei de Portugal!

I

A BEIRA

DO

PRÍNCIPE DA BEIRA

A BEIRA

O VOSSO PRINCIPADO, MEU SENHOR,
NÃO É *BEIRA*, NÃO...
— MONTANHA EM FLOR,
É CENTRO E LAR,
CORAÇÃO
E ALTAR!

...Mas se qualquer,
(seja quem for!)
aqui vier
como invasor,
a Beira, tranca a porta sempre aberta...
Já não é mulher,
mas é Leão!
E um «*Alerta!*»
dá para a Serra:
«*Viriato, que humilhaste Scipião,*
surge da terra;
ensina a lição,
como é a guerra,
de matar e morrer sem um perdão!»



À sombra dos Símbolos: — a Montanha sempre alerta e o Loureiro sempre verde —.

— A Serra, é a Pátria Sempreterna!
— O Berço, a Sempreterna Mocidade,
que, proscrita, p'ra nós, inda é mais terna!
— O Cão, a Sempreterna Lealdade!

Amou-te muito, o Mar, — Rainha Estrela!
Porém tu, — Castelã Medieval, —
Menina e Moça, eis-te inda donzela,
fiel ao Senhor Rei, qu'é Portugal!

Mas tendo ouvido o Mar, que há fidalgas,
que adoram os Poetas e os «*outeiros*»,
escreveu-te um Poema, em folhas d'algas
e mandou-to, nos barcos moliceiros...

Por isso é que — o Vouga, — alma penada,
prolonga os seus canais em vãos rodeios,
servindo-se da Ria, como estrada,
p'rós Saveiros, que são os seus correios...

Ó Gondolins d'Aveiro, — mensageiros, —
arcos tendidos dum Passado ingrato,
relembrando as bèstas dos archeiros,
das hostes indomáveis de Viriato!

— Também, o «*outeiro*» não venceu a encosta
e os versos, comidos dos gosanos,
deixando o Poema sem resposta,
adoçam o Torrão, há dois mil anos!

E eis porque é tão doce, a doce Beira:
— não podendo dar ao Mar o seu amor,
meteu no coração a Pátria inteira...
Louvado seja Deus Nosso Senhor!

À Beira do Príncipe da Beira

«... Na terra dos Beroens Beira chamada,
onde o Vouga entre as serras serpenteia...»

Canto I do Poema—*Ruy o Escudeiro*,
por L. Mousinho de Albuquerque.

A Beira, desde a Raia ao Mar, é sempre a primeira a dar, atenta e muda... Não é beira, não! Mas masseira do pão; lã ovelhuda; talha de azeite; lagar de vinho; infusa de leite; favo maninho... Dá, com a mão, a alma inteira!

O Seu carinho tira à lareira, a fome e o frio... Não foi em vão, que Deus deu à Beira todo o feitio dum coração... E um pobrezinho (que é sempre aceite), tem alvo, o pão; tem quente, o leite; tem fresco, o vinho; tem franca, a mão... Para cá da Estrela, só o Sol comanda; e não há querela, nem há demanda.

É Mulher a Beira no fazer do Bem? É *Home* também, e varre uma feira enquanto diz: Amém.

Set'estrelo há nos Céus (a gente toda apregoa e toda a gente o repete!) Mas a Minha... Ora adeus! A Minha Serra Beiroa, a Minha Estrela da Beira, é maior que todas sete; e à Estrela de Lisboa, mete-a numa algibeira.

A Beira, não é beira, não! Não, não é tal... É Centro do Lar, Frontal de Altar da Terra Inteira e da Nação mais louçã. Ela, é Ontem e Amanhã, pois o Passado futura e a Beira é tal qual, em miniatura, — Portugal!

Se é beira, é por medrada. Lá da Serra, sem véus, por alta, é a primeira alevantada e que, para os Céus, de espírito contrito, dá os Bons-Dias a Deus à beira do Infinito, salvando à Madrugada...

Sim, desta maneira, a Beira, é beira... Vinde vê-la e escutar: — Mal rompe o dia, na Serra da Estrela — Altar Cruzeiro deste Silêncio de Cartuxa, — sob o nevoeiro que é capucha romeira, escutai as Águas Correntes a rezar uma Ave-Maria à Padroeira... Este rumor de Crentes, abafado de arroubos, é a Serra de joelhos rasteiros, à beira do Senhor, a confessar seu único pecado: Mal querer aos lobos por defender cordeiros.

Na Beira, a palavra dada, é palavra honrada e verdadeira.

Não é Beirão quem quer... Tem nas mãos o coração... Se p'r'o bem é Mulher; quando é *Home*, é Leão...

A Beira é feiticeira e calma e os Beirões, mostram à beira da alma, os corações!

Que Deus esteja sempre à beira, do Príncipe da Beira!

Na Serra da Estrela

O Sol-nado, perene de arrogância,
já mostra atrás da Serra o seu rubor...
Desde que nasce, até o Sol se pôr,
que perdulária luz, qu'extravagância

de lhamas e brocados, exuberância
de damascos e rendas de lavor!
— Plana, ao alto, o voo de um açor,
imóvel sentinela da Distância...

E vai nascendo o Som; da Luz, em onda,
suavemente, cresce a sinfonia
do Bailado das Horas da Joconda:

manhã, em tessitura; ao meio-dia,
é Wagner sonoroso... E segue a ronda,
p'r'a Noite apunhalar tanta Alegria...



NOS HERMÍNIOS

A mais alta Cruz de Portugal!

Erguida a dois mil metros sobre o frechal da abóbada da granítica Catedral—os Hermínios—é a Pátria a rezar no último degrau do Altar do Senhor das Alturas:

Tal a neve da toalha,
o nosso rogo é tão puro;
«*Como trofeu de batalha,*
dai-nos, Senhor, o Futuro!»

Nossa Senhora dos Pastores, que um Poeta da Forma Helénica cinzelou, em alto-relevo, nas aprumadas paredes do Covão do Boi. E a rocha viva, ali espiritualizada pelo génio feito cinzel do Mestre Estatuário, palpita ansiosa se ouve o balir, amortecido pela noite e pela névoa, dos cordeirinhos arrebatados na bocarra dos lobos...

O granito chora e a Virgem das Neves, envolta na *capucha*, acorda o pastor, ali, de frio amodorrado a seus pés: «*Ide, azinha, acudir à carnagem das alcateias!*» Ela, não pode abandonar a rolda das Montanhas...

Tudo volve à virgindade do nevoeiro alvo, sobre a neve alva, salpicada aqui e ali de laivos sangrentos:



BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE BARCELOS

goles, — púrpura, sobre o escudo argênteo, de neve, que é todo o armorial heráldico da Serra!

E, sobre a muda sinfonia da brancura, o Silêncio ficaria sòzinho, sem o murmúrio angustiado e dulcíssimo do apelo de Nossa Senhora dos Pastores, à tarda Primavera: «*Depressa! Depressa, vinde a trazer-Me as flores silvestres que afugentam as feras!*»

E as flores, chegando sempre devagar para a impaciência da Flor Suprema, já rendilham de policromias inimitáveis o sudário do Inverno... No meado de Maio, o manto de sinople e escarlata, mas ainda debruado de arminhos, é já o principesco Presente de Anos da Serra Beiroa, para o Principezinho da Beira: «*Aqui me tendes, florida, para pasto perfumado do outro meu manto primaveril — a neve quente, que é a lã dos meus rebanhos!* Esta *neve,* e Vossa...»

E o Presente Real, é digno da Rainha das Alturas, para o Príncipe que nasceu no frio Presépio do Exílio.

O Lago de Viriato, de onde nasce a *Voz* fragueira que, como trovão ecoa de ravina em ravina, a rogar vingança da afronta duas vezes milenária. Lago de azuladas águas doces que, a mais de mil metros de altitude e a duzentos quilómetros do mar,—diz a Lenda, —com o Mar comunica



misterioso, recebendo agitações tempestuosas do Atlântico e destroços de naufragados galeões...

Seria a História capaz de romantizar tão sedutoras fantasias? A História relata vaidades humanas, torpezas, tragédias, facciosismos e misérias! E, se Lenda e História são mentira, prefiro a Lenda!

O «Cântaro Magro», altíssimo púlpito, onde o Diabo prega suas litanias cabalísticas, de que os vendavais fazem propaganda, em uivos de presságios e agouros...

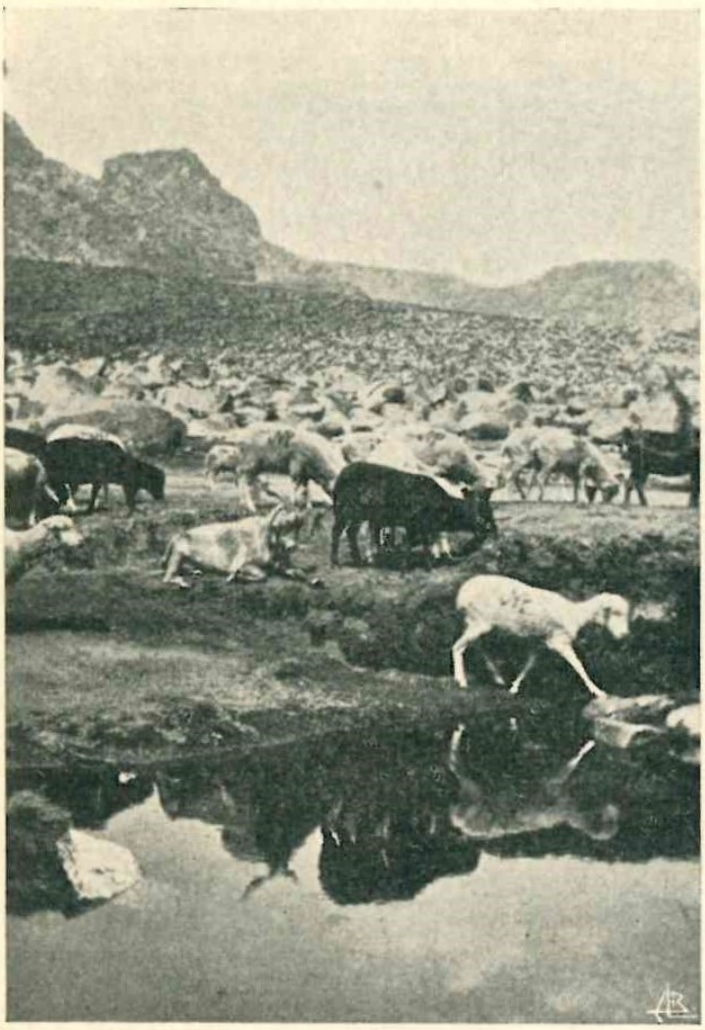


O «Curral dos Ventos» é o quartel-general do Demo, na noite de São Bartolomeu...

No Púlpito de Satanás.

Os sermões do Diabo: — gracejos de bobos;
são moscas varejas
na carne podrida; maleitas a rodos
em quem mais desejas!
São fados ruins, com mortes e roubos...
Não ouças! Não vejas!
Os segredos das bruxas, o riso dos lobos...

O lanígero cobertor da Serra, na Primavera e no Verão; neve que aquece. Tão numerosos são os rebanhos e as manadas de gado, que as reses têm de ser marcadas, a fim de se evitar cruas batalhas de pastores, exímios fundibulários...



Um zagal que se preze, com uma pedra da sua funda, estilhaça qualquer garrafa que se lhe ponha a duzentos e mais metros; com o cajado, projectado em sarilho, acerta sempre na rês prestes a tresmalhar...

E os cães! Valentes e sóbrios, são as sentinelas do alvo tapete movediço que, com seus balidos, quebra o mutismo augusto da Montanha.

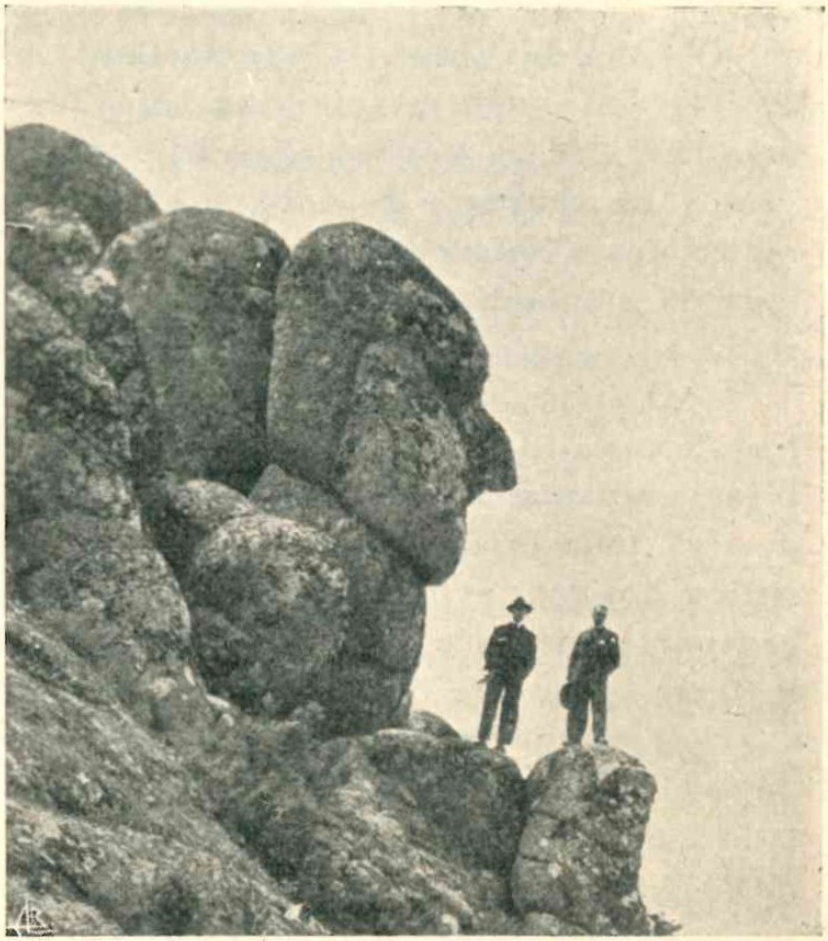
O Cão da Serra da Estrela, possante e sereno, dá a imagem

de um sacerdote da religião do silêncio... Majestosamente, olha, e o seu olhar protege todo o imenso vale!

Incarna os espíritos bons da solidão: duendes benfazejos!

O Cão é Mestre de *Humanidades:* — Decano da Faculdade da Dedicação sem Limites, rege a Cadeira da Lealdade Vigilante.

Serra da Estrela! Por que não Serra do Sol? Não é dos seus dois mil metros de altitude que, primeiro, se avista Apolo a dar cálidos bons dias flamejantes? Mas seja *da Estrela*, por feminina no capricho, nos cambiantes de matizes e de humores, no perigo da conquista...



Vejam esses dois moços na arriscada subida do fraguedo, para o rapto da «Cabeça da Velha». Não será este, mais um paradoxo da Serra dos Mistérios?

NA SERRA DA ESTRELA

(Montes Hermínios)

O Lago de Viriato, tendo ao fundo os amuralhados Picos do Terroeiro, cujo granito esverdinhado, lentamente, se desprende sobre os Covões por efeito da erosão de milénios de ventos, de chuvas e de nevões, espelha o azul do céu na alta região dos *Cântaros, Gordo* e *Magro,* a mais de meia altitude da montanha. O meio ambiente é de silencioso mistério, redoma de segredos! Três, são os mantos dos Hermínios:

— O alvíssimo atoalhado das rendas do Inverno, que lhe transforma o dorso monstruoso, no mais elevado altar de Portugal, a levantar a Cruz ao irreal das nuvens; então, à sua missa de alva, toda a Beira é uma Catedral, assistindo à oferenda eucarística do Pão: — o Sol, subindo na Majestade do Senhor, a ordenar às neves e às águas: — *Ite, Missa est...* Ide fertilizar a Terra, para que o Pão nunca falte no Celeiro da Pobreza!

—O segundo manto, é a neblina das Lendas a tecer sua teia de mistérios seculares. No livro — *Les Contemporains,* — editado em Paris por 1859, pode ler-se a pág. 16: ..., *le grand lac de la Serra da Estrela, dont la profondeur est immense. On pretend qu'il s'agite par l'effet des tempetes, et que, malgré la grande distance qui le separe de la mer, on y a pourtant trouvé des debris de batiments...*

O lago está acima do nível do mar mais de mil metros!

A lei dos vasos comunicantes, sofre contradição flagrante, mas a Lenda importa-se ela bem com as leis que os homens

formulam, sobretudo se eles são homens de ciência, — esses adoráveis sábios, — velhos, mais cândidos do que as crianças! — (Lavoisier, Gay-Lussac, Picard, Ernstein, Lakhovsky, Millikan, o abade Moreux, — que risonhos *bambinos*...).

Depois de isto, que tudo torna possível e só verdadeiro o que for mais inverosímil, quem se admirará dos contos regionais, — histórias narradas à lareira —, em que figuram duendes, fantasmas, lobisomens e bruxas, no cortejo febricitante do Demo, quando o Anjo dos Infernos celebra sacrifícios satânicos ao Mal, do alto púlpito de trezentos metros a prumo, que é o *Cântaro Magro,* por escura noite de sabbat, na plena orquestração do uivo das tormentas desencabrestadas do *Curral dos Ventos* — antro de Ciclopes?

E do estridulo assobio de Satanás, a chamar as alcateias de lobos à chacina, fazendo-as descer aos povoados como disciplinadas matilhas de podengos no faro das codornizes?

... O canil do Diabo é famoso; não há lobos tão corpulentos como os da Serra e, mais valentes, só os cães dos Pastores!

E o grande grito de independência e de revolta, saindo e ecoando do Lago, — *a Voz de Viriato,* — que, há milénios se ouve pelas ravinas abismais da Serra imensa, como trovão viril a despertar sonolências e modorras e a bradar a estranhos invasores, como Ele bradou a Quinto Servílio e às suas legiões de aguerridos romanos: *Ninguém passa Além!*—E, Servílio, orgulho militar da família do *Africano,* de Scipião Nasica e de Scipião Emiliano, ouvirá no seu túmulo de mármore a rude Voz de Viriato, que o acusa de felonia indigna de um Patrício: «*Cobarde! Mandaste que me assassinassem à traição, porque não me podias vencer em campo raso, ou nas montanhas a festo!*»

E esse *Miúdo,* — lindo Menino-Jesus, — disfarçado em mendicante moço de ceguinho, que bate, pelas Trindades, ao cancelo dos casebres, a rogar gasalhado e que, sempre acolhido,

logo desaparece, deixando aberta a porta para os outros Pobres de Cristo, mas nas arcas abunde fartura para um ano!

— A Serra, é um grande livro aberto de maravilhosas historietas: — estrelas que por ali caíram há séculos e que ainda resplandecem, apagando-se se mais de uma pessoa as olha; o canto de regatos enganosos, que levam os incautos a grutas de cristal, mas de labiríntica saída; miragens no nevoeiro, mostrando palácios, castelos, coches e cavalgatas de antanho, aguareladas no algodão congelado dos Invernos; os gnomos pigmeus, que, com segredos, tão aliciantes como falsos, desvendam o escondite de tesouros enterrados; e a teoria de luzes misteriosas, — *a correição dos defuntos*, — que, em procissões de penitência das alminhas do Purgatório, visita as capelas e ermidas abandonadas do Culto... Quem não viu ainda esse séquito estrelário, que se some nos tardos crepúsculos do Outono, mal a curiosidade dos vivos se aproxima? E o cão gigantesco, negro como uma essa, que uiva presságios de desgraça, quando a fome paira sobre o generoso coração de Portugal: — a Beira, — por onde sempre mais pesou a mágoa de não poder dar de comer, do que não ter, para si, um resto de presigo...

— A terceira túnica, não é de Neves, nem de Lendas. Parece neve, mas não é fria; parece lenda, por arcaica, mas lenda não é também, porque todos os anos se actualiza como as Primaveras!

É a alva cobertura de lã dos seus inumeráveis rebanhos das ovelhas que fornecem o afamado queijo e dos carneiros que vestem de surrobecos a vasta região e cuja lã, sublimada pelo industrioso trabalho das fábricas da Covilhã e de toda a zona têxtil que se estende até Coimbra, dá ao País tecidos magníficos, rivais dos clássicos *cheviotes* da Escócia e exporta as nossas *sarjas*, tão afamadas no estrangeiro...

Não! Não resisto aqui, à tentação de narrar uma anedota que me garantem verdadeira: — Um oficial da nossa Marinha, indo a Londres em especializado serviço, precisou de farda nova, de boa fazenda, para as apresentações protocolares.

Dirigiu-se a um dos mais indicados — grandes armazéns, — talvez ao — *Army and Navy,* — onde é fama nada faltar para as urgências dos embarcadiços. Uma vez ali, pediu sarjas azuis para fardamento; mostram-lhe o que de melhor existe em entrançados de categoria, — *made in Manchester, in Liverpool, in Glasgow, in Bristol,* mas nada satisfaz o exigente lusitano; ele quer melhor, sempre mais fino, e, ao mesmo tempo, mais forte, mais belo, enfim!

A empregada atenciosa que o serve, faz então o sacrifício do seu bairrismo, desvendando um segredo, e confessa: — temos um tecido raro, o melhor do mundo, mas não é inglês; é estrangeiro e só o mostramos aos que conhecem a fundo a especialidade; é fabricado da lã das ovelhas *merinos* — e, *made in Cóvilha,* marca — *Star's Mountain.* É uma maravilha que reservamos para as fardas dos Lords do Almirantado e, Sua Graciosa Majestade...

Não a deixou continuar, o nosso patrício boquiaberto; pagou sem regatear um xelim o preço exageradíssimo, e saiu com os seus três metros de sarja portuguesíssima bem empacotados debaixo do braço a repetir maravilhado, arremedando a nasalada pronúncia dos londrinos: *Made in Cóvilha — Star's Mountain! Sim senhores, quem o diria... Vou dar-me lindamente, encadernado, nesta lã caseira, porque também sou Beirão, e cantarei ao visitar os Misters Almirantes da soberba Albião: «eis aqui o moço: na casca beirão; beirão no caroço...»*

— Hermínios, eram os povos que, na antiga Lusitânia de antes de Cristo, povoaram as faldas da Serra. Herminhos ou Arminhos, são os pequenos e alvíssimos quadrúpedes que abundam na Arménia do Cáucaso do Sul, onde são caçados por cobiça da preciosa pelagem, marcada por uma mancha negra na ponta da cauda.

Em heráldica, representa-se o arminho em campo de prata mosqueado a preto; e o contra-arminho, em campo negro marchetado a branco.

Diz a lenda, que o puro Arminho prefere deixar-se apanhar, a salvar-se, nadando em águas de qualquer pântano que lhe maculasse a alvura da pelagem...

— Diz a Lenda. Verdade? Mentira? — Mentira embora, mas tão linda, que é preferível à História, igualmente falsa e, para mais, grosseira e horrendamente feia...

Um Arminho vivo, mas sujo, não se compreende! Antes, morto, mas impoluto...

Arminhos, Hermínios, — Manto de Reis! Manto três vezes alvíssimo do Principezinho da Beira...

II

INTRÓITO

TÂNGER E O EXEMPLO

Esta novela histórica, foi já publicada no livro (bem pouco conhecido por óbvias razões): *Três novelas — Deus, Pátria e Rei; 1922.*

Aqui voltou à luz do dia, porque a *Tangerina* apetitosa, anda agora mais requestada do que ontem, mas hoje, menos, do que andará amanhã...

E, bom é recordar que—*ali, foi Portugal!*

AL-GHARB

—Portugal Marroquino,
Oh Algarve d'Além!—
Este Nosso Menino,
assemelha-se a Quem?

De olhar tão esperto
e cabelo dourado...
—Será Ele, o *Encoberto*,
Esse tão *Desejado*?

Que se rasgue a neblina;
esta Pátria O deseja!
— Deus Lhe dê boa sina,
e a Senhora O proteja!

TÂNGER E O EXEMPLO



MAURITÂNIA — — TINGITÂNIA

Gibraltar, Algeciras e Tarifa:
o lado da Europa, alcantilado,
que a clava de Hércules espatifa,
cortando com o Mar, p'ra outro lado,
Onde Tânger está, como Califa,
de todo o Mauritânio Califado;
por não poder, no mesmo Continente,
adorar-se a Cruz, junto ao Crescente!

E como se fosse coisa de pouca monta tão inesperada viagem, para marcar ainda mais a surpresa do intento, no final do conto, será em pleno século XVII, que apresentarei o meu leitor complacente e heróico, tão constante, que teve a rara gentileza e a ousadia invulgar de até aqui, dar ao autor a sua boa companhia.

Amigo! Eis-nos chegados e, por motivo das ardências do clima, avisadamente vestidos mais à ligeira, olhemos:

Eis o templo, hoje como antes, mesquita maometana, conquistada em 1471 pelo nosso Rei Dom Afonso, *o Africano,* e logo transformada em igreja cristã dedicada ao Divino Espírito-Santo pelas mãos ungidas do Bispo eleito pela cidade cativa, o prior de São Vicente, que embarcara na grande armada da conquista...

Aqui, a fortaleza, meio derruída, impávida e negra, numa majestosa auréola de honras, guarda como num sacrário o Nome Português...

Além, o porto, as novas pontes, as alfândegas, o bairro europeu afastando-se do antigo casario e escalando os montes em degraus de *cottages* recolhidos, *chalets* com seus parques areados, *bungalows* perdidos por umbrosos recantos...

De regresso a Tangere o Velho, tão cheio de evocações, estacamos!

Depois, sobressaltados por cheiros vários e nauseabundos, teremos de aceitar o paradoxo de ver uma

cidade tão garrida na aparência, a espreguiçar-se ao sol do meio-dia mediterrâneo num anfiteatro de magias, espelhando nas águas azuis da sua baía tão abrigada dos ventos atlânticos pelos contrafortes do Cabo Spartel, as faianças policromas dos minaretes e das cúpulas das mesquitas, ser adentro do emaranhado das suas tortuosas vielas, pouco calçadas e muito sujas, a mais acanhada e a menos tentadora das urbes.

Não escutaremos a voz nasalada de qualquer cicerone profissional que, como *muezzin* indolente mascando versículos do Alcorão, nos mastigue numa ingresia que a monotonia do som tornou afónica, a prosa de artísticos entusiasmos convencionais dos guias poliglotas da Agência Cook...

Mas colemos com ternura, o nosso ouvido às muralhas seculares da fortaleza e então, ouviremos como que um marulhar distante... É o pulsar do coração duma Raça enorme, hoje amodorrada! Ali, onde tanto e tão grande viveu, sequioso e insaciável de glória, o coração de Portugal ainda palpita no frémito de inacreditáveis façanhas, no vozear de arremetidas formidáveis, no eco apagado de sonorosas fanfarras...

Aquelas pedras denegridas, murmuram os segredos esquecidos dos tempos que lá vão! Ali, testemunhas cristalizadas pelos séculos, conservaram a memória dos feitos que presenciaram, cegas muitas vezes pelo sangue português que as tingia...

É esse sangue indomável que nelas ferve ainda, e se agita, fala, exorta e ruge, a ver se acorda a Raça, a ver se levanta a Raça, a ver se no espelho dos exemplos dessas eras, a Raça, finalmente, se reflecte e encontra a figura gigante que perdeu, diluídos os seus fortes contornos e recortes de então, nos flácidos moldes estrangeirados em que se abastardou.

Ouçamos a voz do Nosso Sangue que deu espírito a essas pedras gloriosas, ora desmanteladas, e que ficaram como um túmulo soturno, a cobrir o coração da Pátria Antiga, morta sob a rajada de virtudes inegualáveis, esmagada debaixo do ciclone de inverosímeis façanhas que a fé em Deus, o amor ao Torrão e o exemplo do Rei, fizeram desabrochar numa flor de maravilha, — a rosácea manuelina da epopeia nacional, — sem semelhança por certo no passado das idades, e talvez sem repetição no futuro do mundo!

Portugal Heróico foi tão grande que, não podendo mais ultrapassar-se a si mesmo, se perdeu!

Gabriel Pereira na *Ulyssea* cantou:

> «Ficando o mundo todo, campo estreito,
> A hum Reyno só, de mil Imperios feito...»

Assim descobrindo impérios para si, foi assanhando as cobiças dos outros...

Tendo conseguido colher o fruto delicioso da árvore

dos Lotófagos, o lótus fatal que adormece a memória, de si mesmo se esqueceu...

E ao calor da fé da Média-Idade, primavera de misticismos, tendo florido temporão como a planta que dá as primícias das suas folhas para o chá imperial do Mikado, o *pekoe-powchong,* que depois de uma vez rebentar em botões, fenece exaurida e envolta no seu precioso olor, Portugal, Narciso da beleza moral, também adormeceu embriagado pelo perfume capitoso das suas glórias, na aberrativa contemplação das águas dos mares desencantados já, que lhe reflectiam a sua altíssima estatura de vertigens!...

Ouçamos os murmúrios dessa guerreira mole de granito, últimos lamentos, talvez, dum Grande Coração que se petrifica no seu túmulo... As pedras dizem:

— «...Esse gigante fabuloso de setenta côvados de alto, filho dilecto da Terra ao qual, Hércules, para vencer, teve de abafar soerguendo-o suspenso ao alto nos seus férreos braços de semi-deus pagão, porque de três vezes que o derrubou sobre o solo natal, o monstro tomando alento ao contacto materno, sempre voltava à luta com renovado vigor, — Antheu, — foi o fundador desta Tangere ou Tânger, a Tanjah dos Árabes de Musa o Emir, a Tingi dos latinos, a Tangia dos africanos, a sempre tão requestada metrópole da Mauritânia-Tingitânia dos portugueses da Aventura, os rijos fronteiros da Conquista, *élite* guerreira que, aniquilada no sumo

desastre de Alcácer-Quibir, ainda sessenta e dois anos depois, dava modelos e exemplos para a fidalga redenção de 1640...

«Contra os muros desta indomável filha do gigante, alteados pela bem defendida Kasbah, foi que vieram esbarrar-se os esforços inúteis de tantos valentes, chefiados por aqueles Infantes, que Dom João I criara no seu *ninho de heróis*...

«Roto o exército de Avis pelas impetuosas surtidas dos cercados e entrado o arraial dos portugueses, aqui foi, à sombra destes bastiões que olham para o mar, que Dom Henrique deixou por reféns de Ceuta a seu irmão, o santo Dom Fernando, que havia de morrer irremível no cativeiro de Fez, e por garantia desse pacto insolúvel, aos sacrificados fidalgos Pedro de Ataíde, João Gomes do Avelal, Rui Gomes da Silva, Aires da Cunha...

«Ainda contra estes muros veio, mais do que uma vez, embotar-se a espada gloriosa de Afonso V, até que ganhadas Arzila e Alcácer-Seguer, a 28 de Agosto de 1471, o Conde de Montemor, Dom João, filho do Duque de Bragança, e que havia de ser o seu primeiro Capitão-General, a entrou sem resistência, deserta já a renitente cidade dos seus arábicos defensores, fugidos ao exemplar castigo, que o avanço triunfal do exército do Rei Cavalheiroso, lhes prometia; acrescentando-se de então, ao título do Soberano Português, o de Rei dos Algarves de aquém e *de além mar em África*...»

E a voz das muralhas continua a gemer dolorosamente:

«Olhai! Sob esta Torre das Janelas, em 1513, o Governador Dom Rodrigo de Castro, Conde de Monsanto, sustentou com gente escassa o peso do súbito ataque de mais de doze mil berberes do Sultão de Fez, até que, recolhidos na praça todos os nossos que, descuidados, andavam espalhados pelo campo, ele se recolheu também mal ferido da refrega, mas tão de perto acossado, que Lopo Martins, o último da sua guarda, sem ter tempo de cerrar completamente a entrada, teve de defender sòzinho a meia-porta aberta com tão denodada energia, que por milagrosa foi tida a sua acção singular!...

«Aqui, por sobre a Porta da Traição, Dom Jorge, filho ainda menino do então Governador Dom Álvaro de Avranches, aguentou quase só, em certa noite canicular de 1533, uma surpresa por escalada dos mouros atrevidos, saindo tão mal ferido da desesperada luta como bem parada a honra portuguesa!...

«Foi à vista deste baluarte, agora arruinado, que em 1550, o Capitão-General da praça, Dom Pedro de Meneses, para defender os rebanhos que abasteciam de carnes frescas a cidade, — *a boiada,* — desceu em pessoa a combater uma investida do inimigo, tanto se empenhando em vencer um *caïd* de valentia famosa que, escaramuçando ambos, vieram a terra no lugar da

Fonte do Longe, morto um cavalo e o outro fugido. Socorrido de pronto pelos nossos, de novo montado, de novo investiu, ficando fora de combate com uma lançada na cabeça, da qual morreu, deixando o seu nome ligado ao sítio onde caíra, que depois se chamou — Fonte da Volta de Dom Pedro, maior o renome de seus feitos, mas deserta a praça de seu general!...

«Além, ao largo da Porta do Campo, estando a 29 de Abril de 1553 o general Dom Luís da Silva e Meneses, sustentando nos valos a cavalaria dos nossos fronteiros, que o Adail conduzira imprudentemente numa larga e demorada correria, tão demorada e larga que, dando tempo aos mouros para reunirem conselho e tomarem a resolução que, um chefe, na linguagem sempre figurada dos árabes, aconselhava de *partirem primeiro a panela e depois o têsto,* foi acometido o seu desprevenido esquadrão e mortos ou tomados quase todos os portugueses, escapando deste desbarato geral, apenas o Adail com poucos dos mais bem montados, por ter sido o seu grupo julgado pela grande força dos berberes, parte, — o *têsto,* — menos importante do que o todo, ou a *panela!*

«Foi por esta Porta do Mar que em 1578 saiu para não mais voltar, a tão famosa cavalaria Tangerina, à frente da qual, já dizimada na fatal jornada de Alcácer-Quibir, o seu Adail, Jerónimo de Freitas, soube dar exemplo de morte gloriosa ao *almocadem* Antão de Lor-

delo que, vendo morto o Alferes-mor e caída a Bandeira Real, a levantou e sustentou um largo espaço em arrancadas de brio leonino, até que, abraçado a ela, a perdeu à vida junta!...»

E as muralhas soluçam magoadas à perda irreparável do Desejado, que por ser tamanha, lhes trouxe a tamanha sujeição a Castela, breve olvidada da palavra do Rei Filipe, que nas Côrtes de Tomar jurara respeitar os forais, costumes e direitos nacionais; com o tempo, até a este altivo presídio de fronteiros portugueses, vinham buscar soldados, guarnições e bastimentos, os Adiantados de Castela, para proverem as galés que navegavam no cruzeiro do Estreito sob as flâmulas estilizadas com a águia bicéfala do Habsburgo, que na História havia de deixar o cognome de *Demónio do Meio-Dia.*

— Sendo este, diz um cronista do tempo, o fruto que colhemos da sujeição a nossos inimigos, que tratavam, com tanto cuidado, de nos tirar as forças, como os nossos Reis de as aumentar!

— Mas as pedras começam de alegrar-se, e já esfuziam risos pelas fendas hiantes e musgosas dos baluartes!

É que recordam os dias derradeiros de 1640! Haviam-se cumprido os fados ruins da servidão portuguesa!... E as pedras cantam:

«Desde 1639 que era governador da Praça D. Rodrigo da Silveira, Conde das Sarzedas, que, com a boa-nova, insegura ainda, da restauração de D. João IV, não se

afoutou desde logo a rebelar-se contra Espanha, de onde, para o sujeitarem, lhe mandavam com a chave dourada de Camarista de Sua Majestade Católica e o título de Marquês de Sovereira Formosa, palavras de suma confiança!

«Assim correu o ano de 1641 e seguintes, infelizes sempre, como presságio, para a sorte das nossas armas, sendo o desbarato de mais funestas consequências, aquele, em que os nossos, retirando sob o peso do inimigo, se embarrancaram em mortífera confusão ao través da estreita Porta da Traição, ficando esquartejada ali, aquela varonil mulher Isabel Vaz, que vencia praça de soldado, mais merecendo pelo seu valor e exemplo, soldo de general, fundamentando o dito antigo: — *As mulheres portuguesas, não poucas vezes depuseram a roca pela espada, fiando vidas como a linho de estrigas!*

«Assim corria o tempo sempre em sobressaltados desejos, até que no dia de S. Bartolomeu, do ano de 1643, entrando súbito, todos os da cidade já prèviamente ajustados, pela câmara do Conde, lhe bradaram: «*Viva el-Rei D. João!*» Ao que ele respondeu: «*Viva por muitos anos!*» E como antigamente, desde esse dia, Tânger voltou a brilhar como uma das mais valiosas pérolas da Coroa Portuguesa, continuando a ser aquele grande livro aberto, em que a generosa mocidade lusitana vinha aprender a sopesar uma lança e a soletrar o *b, a ba* do heroísmo...»

E as muralhas voltam a chorar:

«Em 1662, os nossos amigos e aliados, os ingleses, já enfastiados da onerosa protecção republicana de Cromwel, para lançarem as bases do império maior que o mundo tem visto, exigiram-nos essa ombreira africana das portas do Estreito, como dote da Princesa D. Catarina que casava com Carlos II, a fim de, tomando à Espanha, em 1704, a outra ombreira europeia, o Djebel Al-Tareq dos muçulmanos, poderem fechar sobre o grande mar interior, com a chave de bronze das baterias do morro de Gibraltar, as colunas que, Hércules, brandindo a sua trabalhosa clava, havia aberto à navegação insipiente do mundo dos antigos... Mas era governador da praça heróica, o não menos heróico general Conde da Ericeira, dos Meneses, que foram os primeiros a conquistá-la e os últimos a defendê-la, e que redondamente recusou entregá-la, apesar de tentado com o título de Marquês do Louriçal. Essa vileza, no entanto, veio a efectivar-se, tristemente, sob o governo de outro general, cujo nome menos importa conhecer!...»

E as pedras emudecem!

De então para cá, desafeita de façanhas, a velha fortaleza ainda assistiu, como testemunha impassível à batalha de Trafalgar, e numa reminiscência de tempos mais brilhantes, estremecendo de belicosidades senis, teria talvez decifrado o sinal de bandeiras, com que Nelson transmitiu à esquadra do seu comando a singela

alocução: «*Today England expects every man to do his duty*».

Em 1844, bombardeada e desmantelada pelos franceses, e por fim entregue à posse nominal dos seus legítimos senhores, os marroquinos, que a vão mantendo numa proveitosa mas insustentável situação de dúbias internacionalidades, Tânger-a-Nova, tem descido...

Já não é presídio de fronteiros, escola de glórias, Tânger-a-Velha...

Faz comércio, ganha dinheiro e, entre a honra e o proveito, argutamente escolheu...

Sabe de câmbios, esquecendo a nobre arte de escaramuçar!

E, filha do gigante e aguerrido Antheu, casou com Mercúrio, o deus dos mercadores e dos traficantes!

No entretanto a negra fortaleza, viúva dos rijos portugueses que tantas vezes, ela viu morrer com a flor do riso nos lábios desdenhosos, soluça e chora lamentos petrificados e lágrimas estalácticas que ninguém já ouve e que ninguém enxuga...

Ninguém?...

Não! — Alguém!...

Nós, que bebemos com devoção, o sangue consagrado no altar da Grande Pátria...

Leitor, meu amigo!

Reluz como prata batida o vosso morrião empena-

chado de penas frisadas de avestruz?... Tendes a couraça sobre o gibão de anta e o gorjal de douradas pregarias, brunidos a preceito?... Afivelados os coxotes de escama e justapostos os braçais?... Pende-vos à ilharga, do talabarte de esmaltado couro de Córdova, a espada direita de punhos lavrados em tigela, levantando na ponta, as dobras do vosso capeirão alvadio e rodado como um albornoz?...

Pois bem, assim apetrechados à época, poderemos entrar na velha Tânger, de mil e seiscentos, pois se, de outra maneira nos vissem trepar as tortuosas vielas da histórica cidade, bem poderíamos ambos, leitor amigo, ser vaiados com apupadas pelos rijos fronteiros, tão prontos sempre, a rir da vida dos outros, como da morte de si mesmos...

Eles, esses diabos com virtudes de deuses, não deixariam de nos atirar e correr com caroços de tâmaras, cascas de laranja e favas de caju, tomando os nossos elegantes chapéus de coco, os nossos coletes variegados e as nossas tão chiques polainas, por vestimentas e preparos de jograis, que, por ali, mal avisadamente, andassem ajeitando com facécias, alguma farsa ou entremez!

Mas, disfarçadas de tal sorte as nossas anacrónicas pessoas, vergando um pouco, por desafeitas, ao peso de tanta ferragem tauxiada, já podemos com segurança misturar as nossas, às indignadas exclamações dos grupos, que na vasta Praça do Chouriço, por conside-

rável razão, certamente, se congregaram em desusada animação, nesta tarde outonal de trovoadas no céu e de rebeliões na terra abafadiça...

Olhai, leitor e companheiro!...

Formam-se círculos, que logo se desfazem num ruído estridente de armaduras entrechocadas e de telintar de esporas... O vozear é atroador! Escudeiros e pajens, mocinhos de olhos de fogo, imberbes quase, cruzam-se num vaivém febricitante com os velhos capitães dessa África da Aventura, de mais serenos olhares sobre os bigodes grisalhos!...

Adolescentes vigorosos, os *almogaveres,* tisnados pelas solheiras das galopadas corridas nos vales férteis mas calcinados da Tingitânia, gesticulam afogueados pelo sangue de ímpetos indomáveis!... Cavaleiros de Costas, mais idosos, pela maioria casados, vestindo marlotas talhadas à Côrte e ostentando ricos colares de ombros, vociferam impropérios!...

Atalhadores subtis, espertos atalaias, membrudos bombardeiros, artilheiros, mosqueteiros, espingardeiros, arcabuzeiros, bèsteiros, escutas e roldas, num redemoinhar constante em que se misturam fidalgos e plebeus, agitam a Praça, alvorotando a velha cidade fortificada.

Enxergado de longe este tumulto, bem semelha uma seara fustigada por forte vendaval de rajadas, que fizesse oscilar sobre a messe, as mais altas e sobranceiras espigas, — as desmesuradas lanças de escaramuçar dos *almo-*

gaveres, de cujos aços pontudos o sol arranca chispaços de incêndio!...

E de momento a momento aquela maré de furores cresce, cresce diabòlicamente...

Leitor, olhai! Este semear de nortadas, promete tormenta! Estamos no centro de um ciclone...

Mas eis que os grupos em revolta, convergem à uma, para o alto vulto de um cavaleiro que, mais afastado, era testemuuha e não actor na tragicomédia em cena, bradando-lhe um, que era o Escrivão dos Contos: «Dizei-lho vós Francisco Leote! Tão destro na gineta como na eloquência, sois o que, de entre tantos, melhor podereis expor ao nosso Adail-mor estes reproches, para que ele, junto a nós como lhe cumpre, formule a reclamação e exija o reparo do general Conde de Linhares, que ao mando del-Rei veio ao governo desta praça para a aumentar, por certo, mas não para nos apoucar com injuriosos agravos!...»

«Outro que não eu, Senhores Cavaleiros!», respondeu o Leote. «Outro, pois que eu, como sabeis, ao Conde General devo a vida!... Quando aquele grande leão, na Cova da Aldeia, já me tinha esquartejado o cavalo e derrubado a mim, quem foi senão o Conde Dom Miguel que, para me alentar bradou: — *Morre homem que morres honrado!* — E dando pernas ao cavalo, trespassou o meu felino inimigo de uma só lançada?... Estas coisas não esquecem e bem ingrato seria eu, se...»

Mas em grita, a mesma voz o interrompe: «Então vós, Senhor André Dias da França!...»

«Mais convém que esse encargo me não dêem!», retorquiu o prudente Contador, Juiz da Alfândega da Fazenda Real e sábio Conselheiro de tantos Governadores. «Só do meu nome, tomaria o Senhor Dom Miguel sombra maior, do que, de todas juntas, as vossas vozes agastadas... É que eu sou o irmão do desditoso Diogo Lopes da França, que no Reino apodrece nos segredos do Limoeiro de Lisboa para onde, carregado de ferros, o mandaram como se fosse perro ou traidor, só porque encontrando-se na rua, certo dia, com o jovem Dom Fernando, filho do Conde General, o cumprimentou como devia, não lhe correspondendo o moço à cortesia, pelo que, insofrido como é meu irmão, lhe correu com o conto da lança maltratando-o ligeiramente num braço... E só por isso Diogo Lopes foi preso!... E só por isso, preso, há-de continuar até morrer tão valente e leal cavaleiro! Tem entranhas de fera o Senhor Governador!... O nome dos França, só vos poderá desservir, Senhores, como emissário e *alfaqueque*», concluiu o velho Contador.

«Pois já que os velhos se negam, que falem os novos!», clamaram várias vozes impacientes.

«Dizei-lho vós, Lopo Barriga! Falai ao nosso Adail-mor, vós que sois o neto daquele outro Lopo do mesmo apelido, o grande Adail de Safim, a quem o Senhor Rei Dom João, terceiro do nome, deu a insígnia,

e cuja lança, tal fama deixou entre a mourama, que ainda hoje, quando esses tições do inferno querem rogar pragas entre si, outra maldição não dizem senão: — *lançadas te dê o Barriga!* — », alvitrou a mesma voz do Escrivão, ao tempo que uma gargalhada unísona e alterosa, reboava pela praça.

Lopo Barriga, muito novo ainda para saber resistir à tentação da vaidade, depressa lisonjeado pelas recordações das valentias dos seus maiores, logo aceitou inflamado: « Pois bem, Senhores! Serei eu, por certo o mais minguado de prosápias e talvez o mais tamanino entre tantos sisudos cavaleiros, que vá em nome de todos, reclamar a assistência do Adail Senhor Jorge de Mendonça, para alcançarmos desagravo das ofensas do Conde General! E se, em memória da tomadia da Praça de Amagor, onde meu avô arvorou, primeiro, o estandarte de Cristo, eu blasono de um castelo de prata abandeirado sobre seu campo de goles, para o guião das nossas queixas, hei-de ganhar também a vontade do nosso Adail, tão forte como a Torre de Amagor! », exclamou, logo apoiado pelos aplausos dos revoltosos, o imaginoso e confiado moço, cujo nome era ainda um dos maiores temores dos mouros dessa África tentadora...

« Ao Adail! Ao Adail! A casa de Jorge de Mendonça! À Torre do Cárpio!... », bradam todos. E essa mó de homens, desloca-se com fragor de armaduras, metendo por ruas e vielas para aquele lado sul da

praça, que defrontava com o Outeiro do Vintém e com a Fonte do Almirante.

Espera-os o Adail junto às portas espessas da Torre do Cárpio, seu alojamento, e logo o moço Lopo, lhe dispara a arenga que vinha trabalhando, e que ficaria nas crónicas como penhor da sua douta eloquência: «Valente Adail-mor dos *almogaveres* fronteiros deste presídio del Rei! A vós, por regimento, cabe despachar informações pelas quais, os que têm praça de gineta e que, por seus feitos o merecerem, recebem tença, comenda e moradia! A vós, Senhor Jorge de Mendonça, mais cumpre por lei, assistir às mulheres viúvas e filhas órfãs dos cavaleiros que, lealmente, morrerem no serviço de Deus, da Pátria e de seu Rei! A vós, pois, que heis sido eleito pelos doze Adaís do Exército, cingindo-vos a espada o mais principal dos assistentes, e que, erguido sobre escudo ou adarga, aos ombros dos doze padrinhos eleitores, heis talhado em cruz, o ar, com o grande estoque, dizendo — *Desafio em nome de Deus a todos os inimigos da Fé e de meu Rei!* — A vós, vimos rogar a defensão que nos deveis como pai e capitão, pois vossos filhos soldados foram injustamente insultados em seu brio pelo Conde General, que desservindo el-Rei nos traz amesquinhados».

«E em que vos agravou o Senhor Governador Conde de Linhares?», perguntou o famoso capitão de correrias e prudentíssimo Alcaide das Portas do Castelo.

«Senhor Adail! Sabei que esta manhã, entre o ruflar dos atambores, saiu um bando de um meirinho e alguazis, mandando que, sob pena rigorosa aplicada a quem o não cumprisse, todos os que tivessem matrícula no livro do alardo, de gineta, *alfaraz* ou cavalo encobertado, à vez dos turnos como nas roldas, fizessem com a montada pela arreata, o serviço de achegar pedra, areia, terra e cal, aos alvanéis mouros que dão corrigimento às albarradas da Torre do Sino Grande... Nós, em cujas veias corre o sangue melhor de Portugal! Nós, que a África viemos combater infiéis para vencer ou morrer, poderemos servir esses inimigos da alma e do corpo, alcançando-lhes o que é mister ao ofício de vilões?... Como poderemos nós, moços-fidalgos, ser moços de pedreiros?... Os nossos cavalos, os melhores de entre os melhores de toda a Berberia, até rebentariam de vergonha, se outro peso sentissem nas garupas, que não fosse o dos jaezes de guerra e o das armas honradas de seus donos!... Vinde vós, a comandar a desafronta, vós que sois Adail que tanto é, guia,— Alcaide na paz, Capitão na guerra...»

E ao terminar, um prolongado murmúrio de aprovação, correu entre a multidão destes homens dementados pela ira.

O Adail respondeu pausadamente: «Fronteiros! — Todo o zelo é mal sofrido, mas o zelo português mais impaciente que todos! — Isto aprendi, menino, do meu

mestre de Humanidades... Antes de tanto vos terdes enojado, mais convinha conhecer as razões, poderosas razões, certamente, que ao Conde General ditaram medida tão fora do uso da nobreza. Eu cavaleiro sou, nem dos menos esforçados, nem dos mais assomadiços e neste caso vos digo, que em verdade, convém conhecer e ponderar, o que teria vindo a lume na última confidência daquele mouro principal e misterioso que, chegado ao tráfico da cidade na cáfila dos mercadores, não entrou na fortaleza para não ser contaminado pelo bafo dos cristãos, mas ao qual, o Conde Governador saiu a procurar, e que assim agradecido e lisonjeado pela honra, desde então, o informa e avisa por meio de luzes, fogueiras e recados, de todos os perigos que nos ameaçam... A torre, bem o sabeis todos como eu, abria brecha, e pelo aperto dos mouros, que depois do desastre de Alcácer tão audaciosos se tornaram, é mister subir mais às muralhas, para que a artilharia, do alto, vareje melhormente com certeiros pelouros as arremetidas desses cães...

«Bofé! A torre é tão segura como tímidos os mouros!... A afronta era escusada!...», gritou num repelião o Anadel dos bèsteiros, o ruivo Mateus Pais.

« — Olhai que entre os Portugueses, esteve sempre certo o descuido, com quem mereceu cuidado!...», rematou ponderadamente o Adail-mor.

«Vinde connosco depor o Governador!... Abaixo

quem ensandeceu! Abaixo quem não sabe mandar!», rugiam vozes alteradas pela desmedida indignação.

«Por Deus, não! Não irei convosco! Ao Conde Dom Miguel tenho na conta de bom pulso e melhor cabeça!.. Heis visto, na derradeira sortida que ele em pessoa conduziu, armando cilada aos mouros do Xate de Angera, como na volta, pejado e embaraçado com tamanha presa de setenta bois de arado e quase tantos cavalos e éguas, que tão medrosos ficaram com os festivos disparos das bombardas e o repique alegre dos sinos, sinais com que a cidade acolhia tão vitorioso regresso, que não quis aquele gado todo passar a ribeira engrossada com a maré... Sim, heis visto como ele lá ficou do outro lado, na incomodidade e no perigo da noite passada ao relento da cacimba, repelindo o assalto dos mouros que, por duas vezes, tentaram reaver a rica presa! Outro que não fora ele, tão perto, à vista da cidade, a ela se acolheria, deixando o arriscado do posto aos que, no reparto da razia houvessem mor quinhão... É homem de brios Dom Miguel de Noronha, Conde de Linhares!»

«E por brios ter, a nós os quer tirar, mandando-nos a servir tais sarandalhas do diabo!», brada Dom Francisco de Meneses, o *Barrabás* por alcunha, o forçudo e rijo *almocadem*.

«Isso dizeis, Senhor Dom Francisco, porque o Conde vos castigou a desobediência de montear e abater leões,

contra a ordem sua, pois a ninguém quer exposto inùtilmente...»

«Abaixo o General Governador! Quem não souber mandar que saiba obedecer!. . Abaixo! Se não se demitir, depomo-lo nós!...», grita o coro dos mais exaltados.

E aqueles dementados cavaleiros e aqueles violentos homens de armas, todos em desordenado tropel, de espadas e terçados desembainhados, de lanças enristadas, de chuços cruzados, avançam, avançam mais e mais, sobre os Paços do Governo...

À frente, o irascível Anadel dos bèsteiros Mateus Pais, e ainda mais à frente, o endemoninhado Lopo Barriga, gesticulam e uivam como possessos...

Chegam ao Largo lajeado soltando vozeares atroadores, ao tempo que as portas da estrebaria do Palácio se abrem de par em par, e por elas sai, serenamente, aquele lindo corcel, o murzelo arábico (último e principesco presente do Sultão de Fez), ricamente ajaezado e trazendo, dócil, sobre o xairel de ciclatão de ouro, dois grandes alforjes túmidos de argamassa... E ao lado, conduzindo-o pela brida que um palafreneiro lhe entrega, o General da Praça de Tânger e Governador da Cidade, o Conde de Linhares D. Miguel de Noronha em pessoa, majestoso, sem armas, uma gorra emplumada de veludilho negro sobre os cabelos já brancos, a longa barba alvinitente descendo sobre o justilho golpeado de seda preta, ao peito, ostentando a venera de Cristo de riquís-

simos diamantes e albandinas, e sobre a ombreira arminhada do seu capeliço de grã, a cruz argêntea e aspada de oito pontas dos Hospitaleiros de Rhodes que Carlos V, por 1530, já crismara em Cavaleiros de Malta...

E esse arreeiro inverosímil, o Conde General Governador, a sorrir fina e paternalmente, passa, ele e o nervoso corcel, pelo meio dos seus fronteiros confundidos e atónitos dizendo como leve reprimenda:

«Quão tardos vindes ao serviço de el-Rei, Senhores Cavaleiros!...»

O tempo que leva a rezar uma Ave-Maria, que tanto deve ser o que se gasta em carregar uma bombarda, foi o bastante para os mouriscos alvanéis e pedreiros berberes, rogados para a obra da albarrada da Torre do Sino Grande, serem providos de materiais de construção com desmedida presteza e abundância, por um formigueiro de mais de trezentos cavaleiros, dos de mais linhagudas prosápias inscritas pelos Reis de Armas, nos pergaminhos do arquivo da Nobliarquia Portuguesa!

Meu Príncipe-Menino!

D. Miguel de Noronha, Conde de Linhares, Governador da Praça e Presídio de Tânger, a sorrir, fina e paternalmente, no meio da insofrida turbulência portuguesa (sempre atenta ao que não merece cuidado), que foi ele, nessa tarde outonal de 1600? — Um exemplo.

O Vosso Pio Antepassado da Dinastia de Avis, el-Rei D. João III, saindo (como canta a quintilha de Sá de Miranda), apenas acaudelado por dois Porteiros (tal a confiança do Rei nos confiados vassalos!), que foi ele? — Um exemplo.

Pedia-se aos Reis, antigamente, nas batalhas, estarem os primeiros, sempre; hoje, os primeiros ainda, mas na luta pelo Bem, contra o Mal.

E, ainda sempre, pede-se-lhes, — o **Exemplo.**

Meu Principezinho-Menino, — exemplar como criança em formosura e génio plácido, — sereis também exemplar aquando Homem e mais ainda, aquando Rei. O exemplo, é quase tudo; o resto, quase nada.

Príncipe da Beira! Sereis, o Príncipe Perfeito!

Assim, sendo — a Excepção, —
e, — a Flor, — de pôr ao peito,
podeis, com toda a razão,
(tendo d'Ele, a perfeição),
ser o *Príncipe Perfeito.*

Tão fino sois e escorreito,
que, em vós, já eu contemplo,
o que, com todo o respeito,
já vejo, que leva jeito,
de ser, também, — *o Exemplo!* —

Sendo Deus, Vosso Padrinho
e Dois Reis, os Vossos Pais,
de Pátria... sois pobrezinho,
como um lindo passarinho
que nasceu Grande demais,
para o nosso pobre ninho...

III

OS AUGUSTOS PAIS DO PRÍNCIPE DA BEIRA

Servir! — Sempre servir... Servir o Rei,
até além da morte, já requerida!
Eu, Senhor! Outra coisa já não sei,
pois que, — *servir,* — foi toda a minha vida...

A seu Avô, meu avô, tudo Lhe deu;
a Seu Pai, meu pai, — da mesma sorte...
A Vossas Majestades darei eu,
o que só resta dar: — a minha morte!

TRÍPTICO SIDERAL

I — O CÉU

II — O MAR

III — A TERRA

(NOTÍCIA MITOLÓGICA)

Perseu, — rúbida constelação, — manto real da Estrela Polar, a rainha do céu boreal.

Cabeça de Medusa, — Gorgona de rara beleza que, tendo irritado Minerva, viu as suas tranças transformadas em víboras; Perseu, cortando a cabeça de Medusa, servia-se do horrendo trofeu para amedrontar os mais valentes inimigos.

Morfeu, — deus dos sonhos, filho da Noite e do Sono.

Aretusa, — ninfa de Diana, que a transformou em fonte de tão pura água, que jamais se misturou com o rio para onde corre.

Musas, — eram nove estas filhas de Júpiter:

Clio, — para reger a História;

Euterpe, — para inspirar a Música;
Thalia, — urdia a Comédia;
Melpomene, — dramatizava a Tragédia;
Terpsicore, — organizava as Danças;
Erato, — compunha a Elegia;
Polímnia, — rimava a Poesia Lírica;
Urânia, — calculava a Astronomia;
Calíope, — insuflava a Eloquência e a Poesia Heróica.

Sextante, Barca, Cassiopeia, Andrómeda, Atlante (Pleadas), *Cisne, Delfim, Fénix, Hércules, Arado, Orfeu, Lira, Berço,* são, aqui, nomes de estrelas e constelações de mor beleza.

O *Cruzeiro do Sul,* — em *Monthly Notice,* no livro — *Astronomical Observations at the Cape of Good Hope,* é apresentado como constelação de 110 estrelas, predominando as de cor azul, sem excluir algumas vermelhas-rubi e outras verde-pálido. *Herschol,* confirma: «as estrelas do Cruzeiro, estudadas por um bom telescópio, mostram-se como um escrínio magnífico e policromo de pedras preciosas». Constelação mais numerosa, só as *Nuvens de Magalhães,* que se avistam das paragens da Terra do Fogo e do Estreito que guarda o nome do mais famoso navegador de todos os tempos.

O braço maior da Cruz, ruma o Pólo Sul verdadeiro.

O Brasil, tomou o *Cruzeiro do Sul,* — representado por cinco estrelas, — como signa heráldica do seu escudo imperial.

Antheu, — Gigante mitológico nascido da Terra e de Neptuno; simboliza a Força sempre renovada, pelo regresso à Pátria, à Terra sua Mãe.

Viriato, foi o Antheu Lusitano.

Camões cantou esse Pastor Guerreiro:

«Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado.»

E em inimitáveis quintilhas, Sá de Miranda, desenha o rude Viriato, criticando os modernismos que chamavam à Côrte, António Pereira, Senhor de Basto, por alcunha o *Marramaque,* irmão de Nun'Álvares Pereira:

Ouves, Viriato, o estrago
Que cá vai nos teus costumes;
Os leitos, mesas e os lumes,
Tudo cheira: Eu óleos trago;
Vêm outros, trazem perfumes.

E aos bons trajos de pastores
Em que saíste às pelejas,
Vencendo tais vencedores,
São trocados os louvores,
São mudadas as invejas!

Viriato, tão cantado pelos Poetas, bem merecia uma estátua gigante, de rijo granito, na Serra que foi a sua Estrela boa e má...

Ele, é o Primeiro Herói Lusitano.

Se Antheu só foi vencido por Hércules; a Viriato, só um Scipião dominou, servindo-se da traição.

Na *Serra,* — o Seu baluarte, — um Viriato colosso, fazendo passar sob o *jugo* uma coorte pretoriana, não seria favor; seria Dever e Justiça.

Como pedestal, — os Hermínios!

Como sacerdotes do Culto, — os Pastores!

I

O CÉU

Perseu (o grego heróico que abateu
a ofídia *Cabeça de Medusa),*
— não tem Constelação que mais seduza
a sidérea abóbada do Céu!

Sob o manto sombrio de *Morfeu,*
a *Polar,* mais pura que *Aretusa,*
é Rainha do Norte, estro da *Musa,*
na púrpura real do Rei *Perseu*...

Mandaram os dois Reis, com o *Sextante,*
na *Barca,* a um príncipe Solteiro,
que uma Estrela tomasse a Seu talante...

Ele olhou desdenhoso o Céu Inteiro:
Cassiopeia, Andrómeda, Atlante...
E quis uma Estrelinha do *Cruzeiro.*

II

O MAR

No *Cisne* alado, então, por mor veleiro,
o Bom *Delfim* do Mar, vogou no Azul,
em demanda da Cruz, que ao Pólo Sul
arruma, logo abaixo do *Cruzeiro*.

Sem mais tardar, assim, chegou primeiro,
(que, por tardar, Amor se não anule!)
— Na taça onde bebera o Rei de Tulle,
uma safira levava o Mensageiro...

Alcançando a tempo de escutar
o — sim, — que, em sonhos, já ouvira,
atirou outra vez a taça ao Mar,

por não privar o Céu do que lhe tira;
deixando no *Cruzeiro* lá ficar,
a cor azul celeste da safira...

III

A TERRA

Ganhou o Norte (não, não é mentira),
com esta troca feita de bom grado;
ganhou nosso desejo, o — Desejado, —
o qual, ser Encoberto não aspira...

E neste Céu Aberto a Paz delira;
A *Fénix* revive; *Hércules* cansado,
na Terra fecundada pelo *Arado,*
já deixa que *Orfeu* harpeje a *Lira*...

E tudo acaba em bem, se porfiar
cada um, em ceder do que for seu,
ao *Berço* que tudo nos vai dar:

a Luz da Inteligência, dá-lha o Céu;
a força de Gigante, dá-lha o Mar
de seu Filho e da Terra, o alto *Antheu*...

Oito séculos de Genealogia

Varonia Real através de 25 Gerações

(DESDE O PRIMEIRO AFONSO)

D. Afonso I	1128 a 1185	Dona Mafalda.
D. Sancho I	1185 a 1211	Dona Dulce.
D. Afonso II	1211 a 1223	Dona Urraca.
D. Afonso III. . . .	1248 a 1279	Dona Beatriz
D. Dinis	1279 a 1325	Dona Isabel.
D. Afonso IV. . . .	1325 a 1357	Dona Beatriz.
D. Pedro I	1357 a 1367	Teresa Lourenço.
D. João I	1385 a 1433	Inês Pereira.
D. Afonso, Primeiro Duque de Bragança . .	1451 a 1461	Dona Brites Pereira.
D. Fernando, Segundo Duque de Bragança .	1461 a 1478	Dona Joana de Castro Cadaval.
D. Fernando, Terceiro Duque de Bragança .	1478 a 1483	Dona Isabel de Portugal.
D. Jaime, Quarto Duque de Bragança . . .	1496 a 1532	Dona Leonor de Gusmão.
D. Teodósio, Quinto Duque de Bragança . .	1532 a 1563	Dona Isabel de Lencastre.
D. João I, Sexto Duque de Bragança . . .	1563 a 1583	Dona Catarina de Portugal.

D. Teodósio, Sétimo Duque de Bragança . .	1583 a 1630	Dona Ana Velasco.
D. João, Oitavo Duque (D. João IV — Rei) .	1630 a 1656	Dona Luísa de Gusmão.
D. Pedro II	1683 a 1706	Dona Maria S. Isabel.
D. João V.	1706 a 1750	Dona Maria Ana.
D. José } Irmãos .	1750 a 1777	Dona Mariana Vitória.
D. Pedro III }	1777 a 1816	Dona Maria I.
D. João VI	1816 a 1826	Dona Carlota Joaquina.
D. Miguel I	1828 a 1866	Dona Adelaide Sofia.
D. Miguel II	1866 a 1927	Dona Maria Teresa.
D. Duarte Nuno . . .	1927	Dona Maria Francisca.
D. Duarte Pio.		

(As datas indicadas, são as da substituição hereditária dos Títulos).

NOTA—O Ramo Brasileiro da Árvore Genealógica da Casa de Bragança, interrompeu a linha ancestral de varonia das Dinastias Portuguesas, com a ligação do Sangue Real da Casa de França, do Conde d'Eu, consorte da Princesa Senhora Dona Isabel (a *Libertadora dos Escravos)*, filha do Imperador D. Pedro II do Brasil. Esse mesmo Ramo Bragantino, derivado de D. Pedro—Primeiro Imperador Brasileiro, continuado em Portugal em sua filha Dona Maria (Ramo extinto com a morte do Senhor D. Manuel II), também quebrou a secular varonia, pela união ao sangue alemão do Rei Consorte de Dona Maria II, o Senhor D. Fernando Saxe-Coburgo e Gotha. De todos os Ramos da Frondosa Árvore, o único que conserva a Ancestralidade Real das Primeiras Dinastias—*Afonsina* e de *Avis*,—é o Ramo que, do Imperador e Rei Senhor D. João VI, continua, *sempre por linha directa* e *varonil*, nos Senhores D. Miguel I—D. Miguel II—D. Duarte Nuno e D. Duarte Pio João Miguel de Bragança (o *Lindo Infante)* Bragança, duas vezes, por Seu Augusto Pai e Sua Augusta Mãe.

PRESENTE NUPCIAL

No Tricentenário da Consagração de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, como «Padroeira Perpétua do Reino»

1646 1946

SALVÉ-RAINHA:

Depois de Mil Seis Centos e Quarenta,
(— Assento —, em Côrtes de Quarenta e Seis —),
D. João, esse Rei, que, dentre os Reis,
Como quarto do nome se apresenta...

A coroa que cingiu, e lhe sustenta
Matias de Albuquerque com lauréis,
Desejando deixá-la em mãos fiéis,
Rezou: — «Salvé-Rainha Pura e Benta!

Guardai-ma, Imaculada Conceição!»
E bem guardada foi, desde esse dia,
A coroa imperial de El-Rei João...

— Agora, — um torvo exílio findaria,
Coroando-lhe, — Senhora, — a Geração
Do Seu Sangue Real, por Varonia!

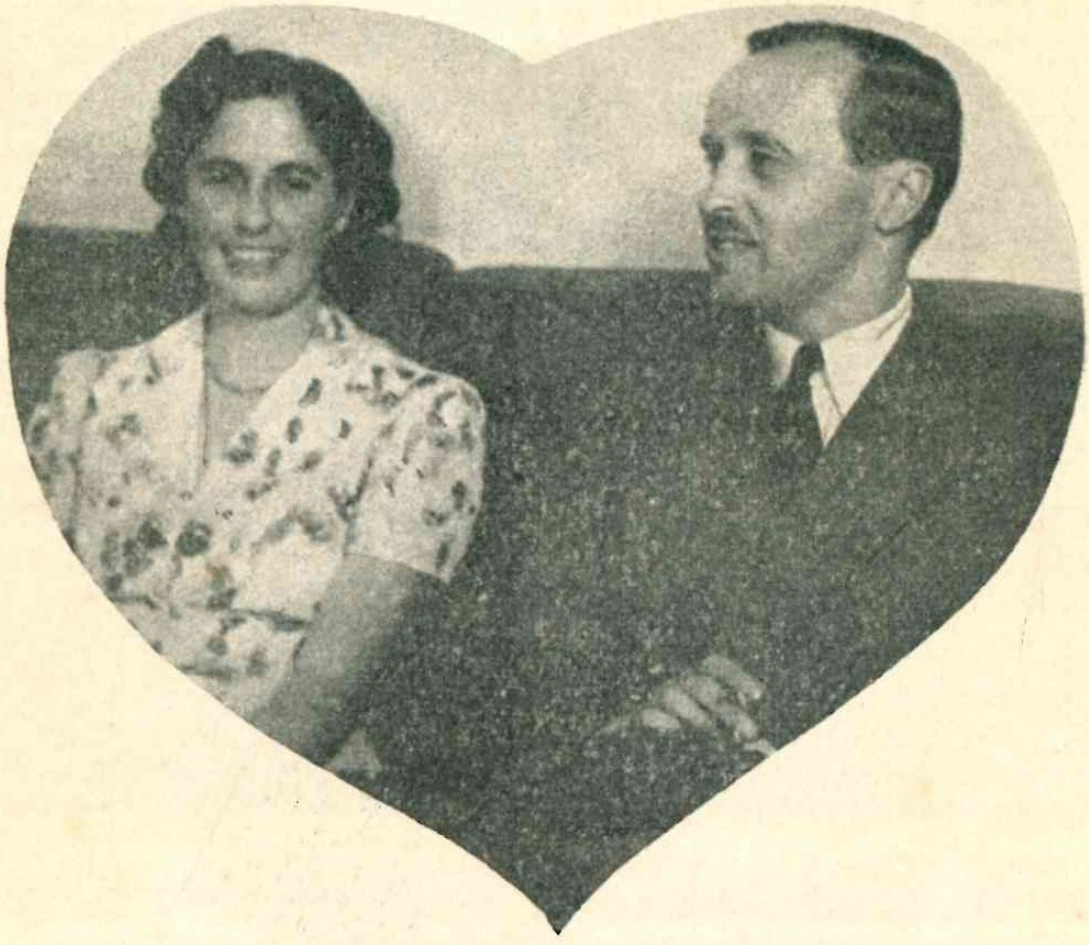
Matias de Albuquerque, — Conde de Alegrete, — o Herói de *Montijo:* primeira batalha campal da *Guerra da Independência* — 1644; *Linhas de Elvas* — 1659; *Ameixial* — 1663; *Castelo Rodrigo* — 1664; *Montes Claros* — 1665... Rosário de Milagres!

O CASAMENTO REAL

(Realizado na Catedral de Petrópolis a 15 de Outubro de 1942)



O Palácio do Grão-Pará, em Petrópolis, cuja velha, severa e portuguesíssima arquitectura tão remoçada foi, pela alegria de S. M. a Rainha e de Seus Augustos Irmãs e Irmãos, todos de viva e exuberante mocidade.



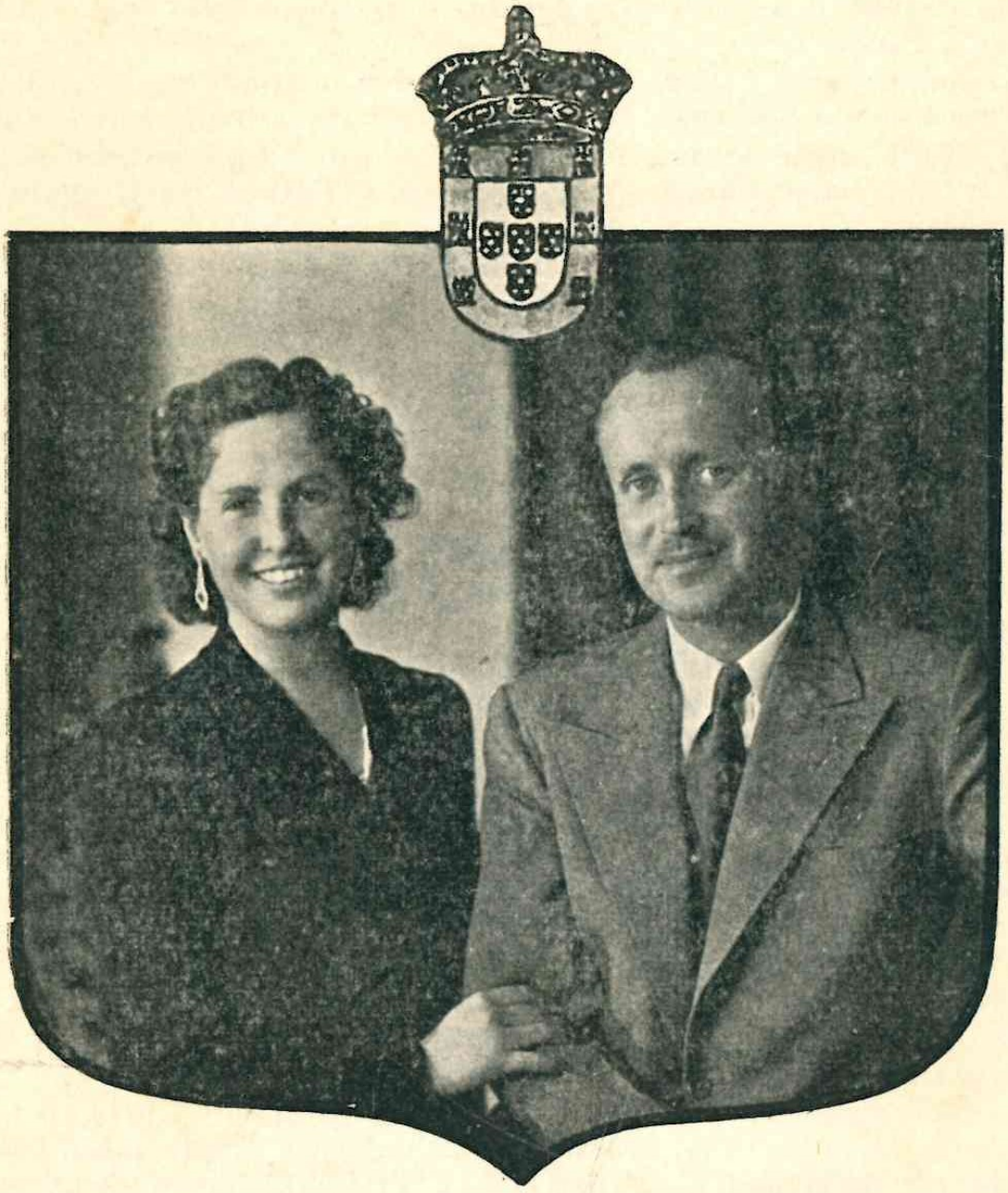
Suas Majestades, ainda solteiros, noivando no Palácio Imperial de Petrópolis, em 1942.



Suas Majestades, casados já, na Sua Casa de Gunten — exílio da Suiça, em 1944.



Suas Majestades, ainda solteiros, noivando no Palácio Imperial de Petrópolis, em 1942.



Suas Majestades, casados já, na Sua Casa de Gunten — exílio da Suíça, em 1944.

CASAMENTO REAL

Suas Majestades, recém-casados, chegaram de avião a Lisboa, vindos do Brasil a 30 de Outubro de 1942, seguindo dois dias depois, — a 1 de Novembro, — de automóvel, via Madrid para a Suíça.

Neste curto prazo, Suas Majestades hospedaram-se no histórico Palácio Cadaval, o Solar da Piedade, situado entre Sintra e Colares, onde foram homenageados por numerosíssimas pessoas, idas dos confins: de Valença a Faro e de Bragança à Figueira.

Um ribatejano, ainda enlameado, exclamava: — «*Fiz esta noite vinte quilómetros a cavalo, para tomar em Santarém o comboio de Lisboa... Quero ver os Nossos Reis*»!

Um velho, mais gigantesco piloto do mar, explicou pausadamente: — «*Venho do largo mas não levanto ferro sem Os ver sequer ao menos*»!

A Jovem Rainha sorria alegríssima e simples no Seu trajo de viagem.

Um transmontano, quis um abraço do Senhor D. Duarte «*à feição de lá do Marão*», e, respeitosamente, pela cinta, cingiu El-Rei que também sorria.

Num almoço de acaso que reunia pelas três da tarde do primeiro de Novembro, no Hotel da Praça de Sintra, retardatários de variadas classes, estiveram representadas todas as Províncias, aos brindes altissonantes, quase sediciosos, que se ouviam no largo fronteiro, magotes de saloios endomingados relembravam casos alegres dessa Estância de Reis — «*amenissimus locus et hortus regius*» — e, por fim, à passagem dos automóveis conduzindo Suas Majestades de Colares à Quinta da Cardiga no Entroncamento, e daí a Madrid, todos tiravam os chapeirões com tanta naturalidade que, nesse ambiente de regresso ao Passado, a impressão perdurou de ser apenas pasadelo, os tantos anos de... interregno.

No entretanto, o exílio de El-Rei continuava e ali começou o de S. M. a Rainha, alcançada pela *lei de proscrição,* rubricada em 1834 por D. Pedro — Seu Trisavô, contra D. Miguel, — Avô de Seu Marido!

Paradoxos da História, que originam tão inoportunas LEMBRANÇAS nupciais!

(Do livro do autor — *Um Soneto* — em segunda tiragem de 1944).

ANUNCIAÇÃO
1944

Escuta-se um rumor, — leve frouxel,
plumas d'asas ruflando, — ascensão
do incenso no ar, em suspensão,
— brandos hinos tão doces como mel...

«— *Cheia de Graça!*» — (O Anjo Gabriel,
inda hoje cicia, na missão
de dar a Boa-Nova — a Anunciação,
que levou à choupana de Israel):

«... *A Teu Bendito Fruto, a Tradição,*
um nome Lhe dará, que seja lindo,
capaz de remoçar o coração

do Velho Portugal, que se ia findo:
Dom Duarte? — Dom Miguel? — D. João? —
...Bem mais justo seria, o de — Benvindo!»

MARE-NOSTRUM

(PORTUGAL – ATLÂNTICO – BRASIL)

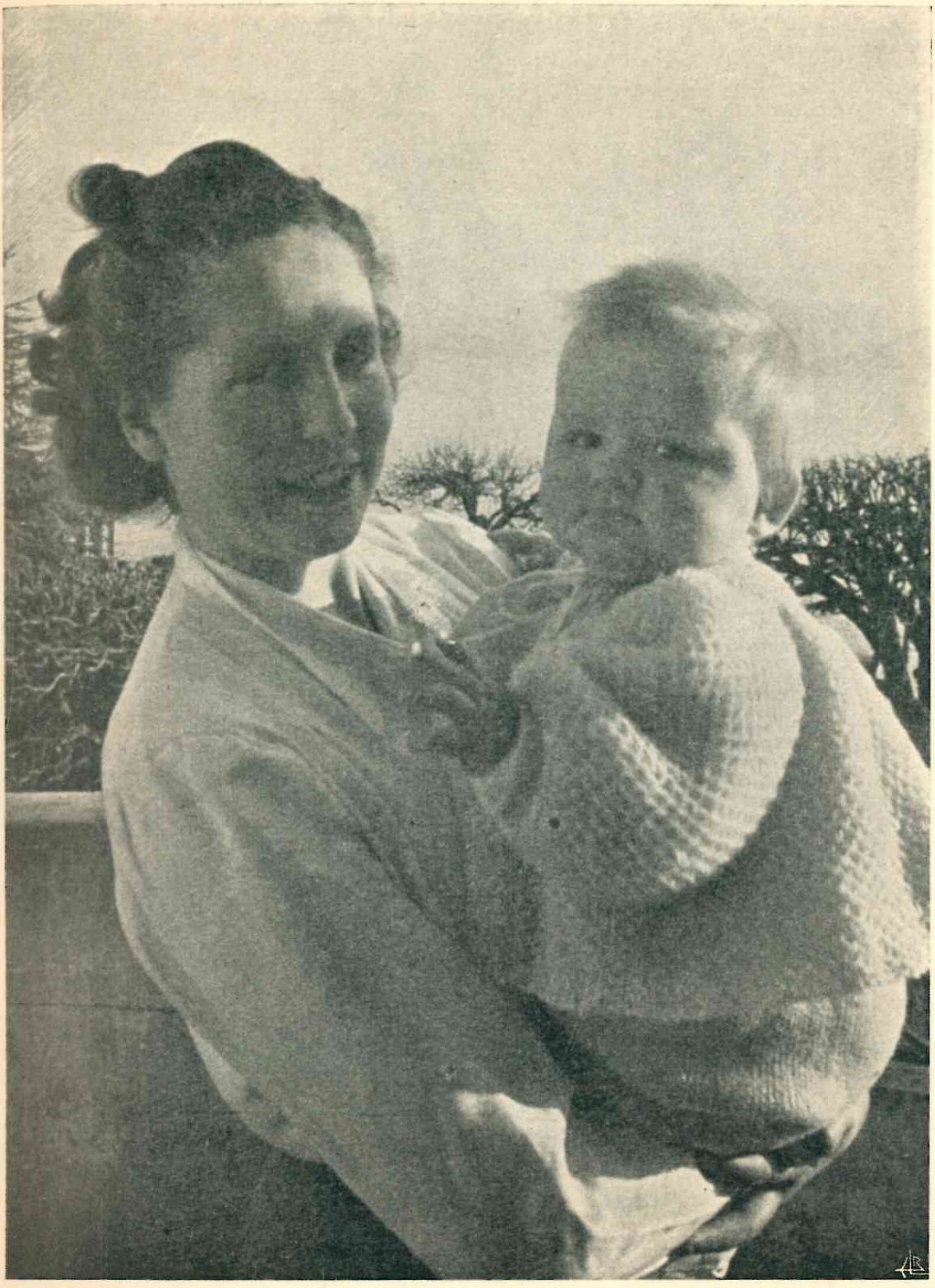
Do Leste, um Galeão, ruma p'ró Mar,
levando as Cinco Quinas por balsão;
Neto de Nautas era o Capitão...
(Sabe o filho de peixe, — marear!)

«...*N'alheta de bombordo, a bolinar*
a Oeste, — Caravela!» — É o pregão
do gajeiro da gávea. — «...*Igual pendão*
das Quinas, no penol, a tremular!»

Põem-se as Naves à fala e do Além,
já surge um Bergantim, como um afago
de Berço Menineiro, que ali vem

a dizer: — «*Este Mar por onde trago,*
Meu Pai, o Galião; Caravela, a Mãe,
é Vínculo, Morgadio e Nosso Lago!»

SUA MAJESTADE A RAINHA



E O MENINO DOURADO — CARMIM E AZUL...

(COM 10 MESES)

Recordação da passagem por Lisboa dos Noivos Realengos



Grupo de velhos amigos, tirado na tarde de 31 de Outubro de 1942, no terraço do Palácio Cadaval de Sintra: Conde da Torre, Dr. Emílio Infante da Câmara, D. Nuno Telles da Sylva (Tarouca), Vicente Saraiva Santo, Sua Majestade e o autor, Dr. Sebastião de Vasconcelos, D. António Soydos, Coronel Afonso de Dornelas, Cabedo Zambujal e Visconde do Torrão.



Palavra de Rei

«... É claro que o sacrifício de sentimentos não se pode pôr em linha de conta, porque temos de ver as realidades com os olhos postos no Fim; mas sem ceder nem curvar... Agora, não se trata de combate. A terra está lavrada...»

(Frase de uma carta de **Sua Majestade** *para o autor, datada de Gunten — Janeiro de 1941 —, e da qual, em Janeiro de 1944,* **Sua Majestade** *autorizou expressamente a publicação a pedido do destinatário, que regista a continuidade do* **Seu Alto Critério** *através das surpresas de seis anos da vertigem guerreira que o Mundo atravessou. — E tanta coisa muda! Só a* **Palavra de Rei** *não volta atrás).*

Nobilíssimas e oportunas palavras estas, de El-Rei, datadas de 1941, publicadas com notório relevo na segunda tiragem deste livro em 1944 e reeditadas agora

em 1946, pois aos realistas, sempre grata será por certo, a comunhão espiritual com Quem, no Seu exílio sem amnistias, não cessa um momento, noite e dia, de ser o vigilante «Defensor do Reino»; do Reino que, durante oito séculos, foi de Seus Maiores e, Seu será, de Seus Filhos e Netos, tal como rezou a profecia de 1640: — contrariando a frase aduladora do Conde de Olivares — Duque de São Lucar — Dom Pedro de Gusman que, a Filipe IV, como que a desculpar-se ele, — primeiro ministro e favorito, — do fracasso da política e das armas espanholas ante o deflagrar vitorioso da Independência de Portugal, dizia a simular confiança em si mesmo para se garantir com a confiança imperial: «*Vossa Majestade acaba agora de ganhar o Ducado de Bragança e o confisco de dez milhões em dinheiro corrente...*» Frase lisonjeira, à qual o Marquês de Ayamonte, melhor profeta mas mau palaciano, contestara: — «*Tiene el Duque de Bragança Reino para si, hijos, nietos y bisnietos...*»

Enganando seu Rei, o Conde-Duque de Olivares enganou-se a ele mesmo, — como sempre se enganam os aduladores, — mas acertou o Ayamonte, porque os Filhos, Netos e Bisnetos do então Duque de Bragança, continuaram a Dinastia em Reino próprio e hoje, o Seu Sexto Neto em linha varonil e directa, é ainda Duque de Bragança; posto que, por macabras vicissitudes, os rendimentos dos *dez milhões em moeda corrente,*

inconfiscados pela Espanha de Filipe IV, mas esbulhados ao seu legítimo titular pelo Constitucionalismo e pela República Portuguesa, — porque, explicava-se, não seria lógico irem esses rendimentos, tão nacionais, para o estrangeiro (Família Real Legitimista)—afinal, para seguirem, capitalizados, para a Escandinávia...

E na Suécia, poder-se-á dizer, acaso: «*Aqui é Portugal?*»

Nobilíssimas palavras essas, de El-Rei, datadas de 1941, mas que alguns pseudo-realistas se apressaram a desvirtuar, fazendo tábua-rasa, — não *távola-redonda* — mas antes mesa-redonda, do levantado conselho: — «*sem ceder nem curvar*», tanto cedendo e curvando, que mais não poderão curvar e ceder as vértebras da humana espinha 'dorsal!

Já Sua Majestade, em outra carta firmada em Setembro de 1938, lamentou que lhe desvirtuassem os dizeres: «*— não é aliás a primeira vez que torcem o sentido das minhas palavras; oxalá fosse a última. Nesse ponto foram vítimas os Imperadores Carlos e Otão e também injustamente tratado foi o Sr. D. Manuel que Deus haja.*»

(Pondere-se, na desataviada frase lançada ao correr da carta, a correcção extremada, — nem sempre retribuída, — do Representante do Bragantino Ramo Esbulhado, para com Seu Primo que personificou o Ramo Esbulhador: — «*O Snr. D. Manuel que Deus haja*».)

Mas íamos dizendo: — Ilustres apelidos, dons nobiliárquicos, títulos que, desde o desabrochar da rosácea de maravilha — que é a sigla do Luso Império — as crónicas se habituaram a venerar, quase tudo o vento levou dos armoriados gavetões dos arquivos de Lisboa, de Sil ves e de Goa, onde os Três Reis de Armas — «*Portugal*», «*Algarve*» e «*Índia*» — superintendiam nas precedências heráldicas dessa Nobreza criada para Guarda de Honra dos Reis... Quase tudo o rasteiro vendaval arrebatou para o guarda-roupa de uma República que não reconhece títulos, nem dons, nem apelidos; e...

«*Corte isso que segue.*»

E o autor riscou a lápis vermelho uma, duas e três páginas de provas prontas a entrarem na composição tipográfica deste livro. (Auto censura, peremptória, determinada pelo Desembargo do Paço... Manda Quem pode!).

Consumado o largo corte, o autor continuou: E porque a Vila de Castelo Rodrigo...

Mas, perdão! Esquecia dizer que isto se passou frente ao mar de Portugal na luminosa manhã do dia 4 de Julho, ante-véspera da partida de Suas Majestades para o Brasil, onde toda a Família Imperial e Real se reúne, para a consagração, *in sacris*, da Princesa *Libertadora dos Escravos*, em memória de Quem, Sua Santidade enviou a «*Rosa de Ouro*», rara venera Vaticana

(esta em ouro e pedrarias pesando 12 quilos) que será deposta com litúrgica pompa na Catedral do Rio neste ano de 46, deixando entregue aos portugueses, como penhor de confiança absoluta, os seus dois corações juntos na Rosa de Carne em Flor, que é o Príncipe Real!

Suas Majestades tomavam o primeiro almoço, na varanda alpendrada de um patriótico solar que recordou em letras azulejadas, a data gloriosa de 14 de Agosto de 1385...

—E porque a Vila de Castelo Rodrigo que seguira o partido de Dona Beatriz filha do nosso Rei Dom Fernando (o das *Sesmarias*), se recusou à vassalagem a El-Rei Dom João I, quando por ali passou em direcção à praça de Chaves — (Diz uma velha legenda ilustrada de gravura), este Soberano obrigou a vila remissa, a ostentar «*o brasão das Armas Reais, ao revés, a parte superior para baixo*».

E assim ficou o brasonário de Castelo Rodrigo, até às Guerras da Independência, redimindo a culpa pela brilhantíssima carga da sua cavalaria, ao mando do que era Governador das Armas da Província da Beira, Pedro Jaques de Magalhães, aprumando-se de então o escudo e apagando-se o castigo, mas não a memória da lição severa.

Singular incidente na Heráldica que fará, quiçá, meditar uma ou outra consciência de entre os tantos que,

inconscientes, blasonam ilustres apelidos, dons nobiliárquicos, títulos que regressarão certamente...

«Alvelos! Corte, corte mais isso, porque Eu sou e serei de *todos* e para *todos:* socialistas, democratas, liberais, integralistas, tradicionalistas, os mesmos miguelistas; todos são portugueses e para mim, iguais todos, na mesma paz do Senhor.»



— «Vossa Majestade pôs os miguelistas no fim da lista...»

— «Sim; a amplitude das minhas amizades comporta proletários e fidalgos, pobres e ricos, analfabetos e eruditos; é um enorme círculo. Círculo largamente aberto a todas as patrióticas boas vontades e, no círculo, bem sabe, — os últimos ficam perto dos primeiros... Mas como vieram do Porto, de tão longe, o Vicente Saraiva, o Duarte — meu afilhado e seu filho — e o Alvelos?»

— «A mata-cavalos, meu Senhor — *cavalos-motor,* evidentemente, — os 350 quilómetros da tabela Porto-Lisboa, galgados em seis horas na noite relativamente

fresca; a fita carreteira sem-fim — Coimbra, Pombal, Barracão, Leiria, Batalha, Caldas da Rainha — foi um vendaval ciclónico; a constelação de luzes de Alcobaça fundiu-se na nebulosa luarenta de São Martinho do Porto: uma maratona de léguas da Póvoa...»

— «Então, em jejum natural?»

— «Sim, meu Senhor, e se não fosse o contrapeso de velhos pecados, poderíamos comungar...»

— «Vão tomar alguma coisa!» E os delicados dedos de Sua Majestade a Rainha e as mãos viris de El-Rei, manobrando a pesada baixela de ouro maciço do solar acolhedor, ofereciam-nos — singular, coincidência, — o melhor café da *Ilha do Príncipe,* adoçado com o mais puro açúcar do Brasil.

E o autor bebia deliciado; bebia e riscava, em risco de ficar todo o livro em branco e assim, invulnerável perante a crítica mais arguta, pois o Livro em Branco, já cantei algures:

Tem a pureza do primeiro amor
e, na linha moral, — a linha recta.
É a novela melhor do prosador
e a melhor estrofe do poeta!

— «Mas, meu Senhor, a Sua Casa Ducal de Bragança, que, afinal é de *todos* e de *todas*, menos dos Duques de Bragança; — *vínculo* escapo da degolação dos inocentes morgados; — *vínculo* cujos rendimentos, eu bem recordo,

terem sido, — conforme o estatuto — entregues pelo Senhor Dom Luís ao Senhor Dom Carlos quando Este atingiu a maioridade; — *vínculo* que a carta do Presidente do Conselho Ferreira do Amaral, datada de 27 de Junho de 1908, recorda ao Senhor Dom Manuel II:

— ... *porque então se argumentaria afirmando que Vossa Majestade fingia que queria pagar, mas se preparavam as coisas para que o não fizesse, porque, pelo* **morgado da Casa de Bragança**, *não era possível fazê-lo...*

— *Vínculo* minuciosamente descrito no *Tratado sobre Direitos e Encargos da Sereníssima Casa de Bragança,* pelo Dr. Silva Ferrão (1852); — *vínculo* sábia e pacientemente demonstrado no livro *A Casa de Bragança — História e Polémica,* dos Drs. José Augusto Vaz Pinto, Luís de Almeida Braga, Simeão Pinto de Mesquita, com os pareceres das sumidades jurídicas Dr. Domingos Pinto Coelho e Dr. António Pinto de Mesquita...»

— «Sim, morgadio legalmente excepcionado pelas reformas liberais e legalmente continuado até hoje, mas que temos de olhar através do prisma da realidade. Devido às circunstâncias que são do domínio de todos, o Senhor D. Manuel que Deus haja, julgou (ou outros julgaram por Ele), privativamente Seu, o que, de direito, cabia ao Ramo da Linha Varonil e Directo da Casa de Bragança, — continuidade normal da vinculação, — e daí, ter criado pesadíssimos encargos, que honesto é satis-

fazer. Estamos perante factos consumados e espero que dentro em breve, o equilíbrio económico fique restabelecido...»

— «Vossa Majestade esquece o esbulho de que foram vítimas Seu Avô e Seu Pai; olvida as Suas próprias atribulações; e, entretanto, a memória dos Braganças é mundialmente reconhecida... Um vínculo é inalienável...»

— «Sim, sim, a privilegiada memória da Gente da Minha Casa, serve para lembrar as dedicações dos amigos e os favores recebidos, mas também Nos serve, para esquecer, disciplinada e metòdicamente: — injustiças, doestos, agravos; e quer o Alvelos saber porquê?»

— «Muito desejaria conhecer os motivos...»

— «Olhem (e o Seu olhar ázul envolveu os três peregrinos nortenhos), vão agora ver o *grande* e *velho* amigo do Alvelos: o moço e pequeno Príncipe que entrego, com confiança absoluta, aos Nossos portugueses. Nós Dois, partindo para o Rio amanhã, temos que ir beijar o anel de Sua Eminência e já estamos uns minutos em atraso... Vão ver o «Lindo Infante», como o Alvelos Lhe chama, e logo compreenderão porque, a memória dos Braganças, mais serve para esquecer do que para lembrar...»

Com um abraço e palavras de segura amizade, nos despediu Sua Majestade.

A Senhora Dona Maria Francisca, como sempre de despreocupada formosura, sorria, com «*a portuguesa graça*

e a elegância da simplicidade e da ausência de adornos», que antes Lhe notara já, Afonso Lopes Vieira.

A outro solar mais distante e vasto, fomos logo a ver, Quem, tão vertiginosamente nos chamara à Capital e vimos, vimos a Promessa Risonha de um Futuro Melhor; vimos o «Nosso Menino» que, sem deixar de ser de Seus Augustos Pais, é também de Portugal e ao Seu Portugal ficou confiado num gesto do qual, os Casados de todo o mundo, apreciarão melhormente a grandeza, do que os Solteiros que ainda não cumpriram o dever de se perpetuarem em seus filhos...

Vimos Sua Alteza Real o Príncipe da Beira, Conde-Duque de Barcelos, o mais Bragança de todos os Braganças (por Seu Pai — continuação da Linha Directa e Varonil; por Sua Mãe — representação do Ramo Brasileiro)... Vimos a Flor de Portugal!

E Esse tão pequeno e já tão Grande Senhor, cravina a abrir na rosada carnação de uma Criança maravilhosa, com os seus catorze meses a pesarem quase quinze quilos, as mãozitas de veludo carminado, os pés robustos e nus sustentando já, no andar, a harmonia da beleza e da força do Seu corpo, trazia-nos do sono matinal, com o sorriso da boca ainda húmida da primeira papa, o olhar azul, esse indefinível azul dos olhos da Sua Raça Castiça, nìtidamente braquicéfala, acusando a *élite* secularmente militar, que os Godos deixaram na Península.

E, quando o Príncipe Menino, — alada sinfonia do ouro dos cabelos, do rosado da carnação e do anil dulcíssimo do olhar, — confiado e resoluto, veio para o meu colo e me olhou com intimativa e persistência singulares, compreendi então, — e compreendemos todos, — a razão, porque a privilegiada memória dos Braganças, mais serve para esquecer do que para lembrar... É o olhar azul, — esse azul-bondade, tão intraduzível, que desesperava por inimitável, os pintores afamados que tentaram retratar as Grandes Donas e os Grandes Senhores do Paço Ducal e Real de Vila Viçosa.

Azul, de céu sereno diluído no glauco dos longes marinheiros; sobre esse anilado fundo, cruzam ideias transparentes, como grandes velas latinas sobre o disco do sol-poente, no horizonte do mar...

Firme serenidade; nenhum rancor de vingança; nenhuma sombra dúbia; nenhum clarão, que não seja o da Verdade!

Ideias em profundidade; sentimentos em altura!

Em tudo, só o claro cristal azulado do ar puro sem nuvens e da água pura sem ondas!

Dom Pedro V, — Bragança por Sua Mãe, tinha nos olhos tristes esse azul-bondade; morreu no cumprimento do Dever. Dom Luís, — longínquo anil no olhar de

músico e de literato, — *esquecia* que pagara já, duas e três vezes, as compras feitas aos Seus amigos necessitados! Dom Carlos, entrando, à noite, no Paço e descalçando as botas de montar, obrigava os Seus ajudantes de ordens a palmilharem juntos um longo corredor, para onde dava o quarto de um velho criado martirizado pela doença...

O diamante, só por engano é branco; devia ser desta cor mais rara ainda: *Azul Bragança.*

No entretanto, o «Príncipe Menino» continuava sentado no trono do meu braço e o Seu peso, já respeitável, sentia-o como de leve pluma; o Seu olhar banhava-me de azul com tão insistente demora, que julguei ter tempo de fazer correr até ao fim a torrente de lamentações, o meu S. O. S., o meu «Aqui d'El-Rei»...

E Sua Alteza, que já anda, mas que ainda não tem o dom da palavra, *(ao ano andar, aos dois falar)*, não me diria como Seu Augusto Pai: «*Corte, Alvelos, corte tudo...*» e, assim, sem embargos do Paço, sentindo-me espiritualmente compreendido, poderia, sem retardar com palavras inúteis a corrida vertiginosa das ideias,— como bom português dos quatro costados, — *pensar mal* do Governo, tomando a oportunidade excelente do regime político ser agora republicano... Ocasião única, na História oito vezes secular de Portugal... Era de aproveitar!

Esvazearia o saco; e, se pecado houvesse, era por

pensamento apenas, cuja liberdade está garantida, com soleníssimo sofisma, em todas as Constituições...

«Meu Pequenino Senhor»! — Sugeria eu. «O alheamento da juventude, ante o problema da escolha dos regimes — Monarquia ou República, — traz-me perplexo. Tanta indiferença pode parecer conformidade; de facto é apenas, angústia e fatalismo!

Na Grécia, em França, Espanha, Itália e por toda a Europa Latina em desvairo, os monárquicos lutam pelo Estável Ideal e batem-se, santificando pelo holocausto das vidas, a sua Causa; em Portugal, o ópio da modorra é tão impressionante, que uma Dama da mais alta jerarquia britânica, perguntava não há muito, a um diplomata, se os realistas lusos teriam ido todos deportados para o Brasil, onde é patente o fermento anti-republicano alimentado pelo saudosismo imperial!

Há pouco, a Imprensa Mundial lançou o balão-sonda da Bélgica e Portugal, albergarem na África Central, o sempre errante Ahasvérus...

Entre nós, a notícia transformada em facécia, provocou gargalhada. Na Bélgica, porém, não sorriram; é que, meditando um pouco, o simples *fait-divers* jornalístico, tem grande dente de coelho e a frase imortal do Conde da Ericeira: «*Entre os portugueses, esteve sempre certo o descuido, com o que merece cuidado...*» uma vez mais — oportunidade.

— Cuidado, pois! — Ao sul do vasto Congo Belga, entre Moçambique e Angola, — sertão que o *mapa amarelo* chamou todo nacional, — brilha, cada dia com fulgor maior, uma mágica pérola negra: — a nossa velha Catanga, topada em 1854 por Silva Porto, bem notada por Serpa Pinto, H. Capelo e R. Ivens e referendada por H. de Carvalho e Paiva de Andrade; essa nossa Catanga, hoje chama-se, à maneira belga — *Katangá*. Desde sempre, nesse centro geográfico do Negro Continente, entre a ganga argilosa do leito dos rios, secos na estiagem, os diamantes brutos entregam-se sem procura. Mas isto, é o menos!

Ali, no planalto de Chincolobwe, no monte Kasolo, perto de Panda, exploram-se as mais abundantes minas de cobre do mundo... Mas ainda não é tudo: — extraem-se também os minérios mais ricos do urânio! Cobre e Urânio, ali, juntinhos os dois definitivos elementos e, relativamente perto, as cataratas do Zambeze, rivais do Niágara, oferecendo em Victoria Falls energia mais que bastante para electrificar a Esfera! E o Zambeze nasce na Catanga, — sabe, de pequeno, lavar os Metais...

Esta safra mineira, que, — parece, — só os seus antigos senhores desconheceram, está ligada por vias férreas à Costa Atlântica, onde são testas de linha as nossas cidades do Lobito e de Benguela; e à Costa do Índico, por Elisabethvile — Lusaka — Fort Salisbury e Umtali, ao nosso porto moçambicano da Beira...

— A Bélgica, daria solo e subsolo; nós, território e portos de embarque. Vantagens todas para Ahasvérus; os inconvenientes, para nós outros, — e para isto, descobrimos o Mundo Antigo!

Perante a descoberta do Mundo Moderno sobre desintegração da matéria e dos elementos ali conjugados pela natureza, fácil é imaginar até onde alcança a cobiça de Ahasvérus, mas difícil fixar, pràticamente, o limite das possibilidades da Raça tenaz que, se já, ou ainda, não tem pátria, é porque aspira a ter como Capital do Mundo Inteiro: a Cidade de Jeová!

Aqui, mal não ficará uma insignificante digressão pelo campo científico, visando a bomba atómica: — teòricamente, este diabólico invento é tudo o que há de menos demoníaco; bombardeando o Urânio (elemento N.º 92 da tabela de Mendéléieff, de 235 a 238 como peso atómico) com neutrões de *deutério* (água pesada) esse urânio, que deveria esgotar-se dando luz, calor e energias radioactivas no seu ciclo de milénios, desintegra-se instantâneamente, fornecendo essas energias, esse calor e essa luz em uma fracção de segundo apenas. A desintegração da matéria, não é mais do que a vitória do homem sobre o Tempo: compressão de muitos séculos, no espaço de um momento. Julgo ser lícito sonhar (por muitas e graves razões, sonhar apenas), no milhão e meio de *volts* necessários, para suprirem tal máquina pneumática, tamanha prensa hidráulica...

Mas a maior dificuldade consiste em obter-se quantidades suficientes de urânio, seus isótopos, de Neptunium (N.º 93) e de Plutónium (N.º 94), últimos e complexos elementos apenas recém-nascidos; todo o segredo está na maneira de, estando em presença os dois agentes — *urânio* e *água pesada,* — provocar a deflagração na hora adequada. Porém, a aparelhagem, muitíssimo complicada é caríssima, empregando-se como únicos metais duros, o cobre e a prata; as instalações vastíssimas! A fábrica americana de Manhathan, onde são manipuladas as bombas destruidoras, é uma verdadeira cidade de mistério e de silêncio; custou milhões e o ditador que lhe deu vida quase sobrenatural — o General Richard Leslie Groves, — um homem dotado de tão prodigiosa actividade que, durante os três anos que duraram os trabalhos, *queimou* um secretário por semana, acabando por não encontrar voluntários que o ajudassem na vertigem dos laboratórios!

Foi este homem voraz o manudutor da descoberta que, pouco mais de *sete sábios* conceberam, e nenhum era da Grécia, — 8 americanos, 1 inglês e 1 dinamarquês, servindo-se todos eles dos trabalhos científicos especializados, dos colegas franceses, germânicos e suecos.

Vê-se, de tudo isto, a importância do urânio; ora, a 16 quilómetros ao norte de Elisabethvile, — na *Katangá,* — plena lavra cúprica de Luiswhisi, — encontra-se um farto

jazigo de devindtita, minério que fornece 84 % do raro elemento: — óxido de urânio!

A carnotite cor de gema de ovo do Utah, nas Montanhas Rochosas, — a terra dos Mormons, — dá apenas 17 a 20 %. — *Porém, o Lobito é porto Atlântico...*

A negra pechblenda da Saxónia e da Boémia, 20, 25 até 50 %.

A calcolite azul-verdosa portuguesa, 35 a 40 %.

A betafita ocre de Madagáscar, uns 25 %.

A verde torbernita da Indochina e dos Montes Urais, menos ainda... E aqui, é que morde o dente de coelho: — a Rússia, não tem urânio que chegue, para mandar cantar um cego! E então, sob o rótulo do humanitarismo, — vá de sugerir que ali, em plena selva africana, — *na desértica Katangá e na abandonada Angola,* é que se poderiam acolher os compadres Ahasvérus que, parece, não caberem em mais parte nenhuma...

Lendo isto, os Portugueses, uns, encolheram os ombros; outros riram... Os Belgas, ficaram sérios à espera de outro balão de ensaio, que, neste tempo de realizações pelo facto consumado, bem poderia ser — ensaio geral. Um segundo balão, pairando alto, já se teria avistado por cá... (não é este livro a *Eneida* e, muito menos, Virgílio, o seu autor, mas justo seria repetir: — « *Tu Marcellus eris...* » louvando na emergência, Quem, desempoeirado e firme, nítido e resolvido, rebentou à nascença o balãozito de sondagens interna-

cionais). Bem mais agradável é louvar do que criticar; mas, por vezes, não há remédio, porque, — quem cala, consente e, quem se não sente, não é filho de boa gente... E o aplauso é sincero, como a crítica...

A que razões atribuir tanto desinteresse por este assunto principal, que por toda a parte, prima a mesma materialização da economia? — Talvez que ao delírio aberrativo da «bola» que, totalmente, consome o dinamismo das idades naturalmente irrequietas. O desvio das moças atenções, do culto da política para o culto do esférico, foi trabalho hábil, mas que neste país de exageros, ameaça abafar o patriotismo bem orientado.

«Em quem votas para a Presidência?»

«Ora em quem *houvera* de ser, — no Peyroteo!»

Isto ouve-se e convém meditar.

Uma outra razão mais imperativa ainda: a mísera vida, mais difícil cada dia, que a inflação fiduciária provocou, desvalorizando a moeda; o desequilíbrio entre o que se recebe e o que, forçadamente, se tem de gastar é apavorante e daí o naufrágio da classe média. Esta classe agoniza; apesar dos seus defeitos, é ela sempre, o fiel da balança moral e material entre o capital e o trabalho, entre os escritórios dos *trusts* esclavagistas e as minas e fábricas onde os proletários incessantemente se revoltam. Desaparecendo essa ante-câmara — adentro da qual se atenuam, fundindo-se e dulcificando-se as duas brutezas opostas, — a sociedade humana será

bacanal e protérvia, porque a miséria arrasta à venalidade.

Segredam que há muito ouro português, tanto, que até poderíamos emprestá-lo com juros onzeneiros... Seria isto uma nova calamidade, pois esse ouro arrancado à míngua do interior, para as externas necessidades, mais não seria do que grão de areia... E quem, quando e como nos pagariam?

Se o ouro abunda, por que razão atinge o esterlino 100 vezes mais do que o seu valor ao par, — os *monarquíssimos* 4.500 réis de antanho?

Se o ouro transborda, por que não o empregar restabelecendo a navegação para as colónias, onde se perdem por falta de transporte o milho, o açúcar, o algodão, carriando-se para lá este tanto vinho que, por cá, nem já tem vasilhame adequado?

Se o ouro sobeja, por que se não dragam os portos atlânticos desta Pátria Atlântica, que só vê operários laborando em altura e comprimento, mas não na profundidade portularia indispensável onde, não começa o Mar porque a Pátria acaba, mas onde acaba a Terra porque a Pátria começa — a Pátria — a Atlântida, — vínculo familiar de Portugal e do Brasil?

Temos jazigos de óleos de uma admirável viscosidade, bem superior à dos lubrificantes dos *trusts* petroleiros estrangeiros; pois continuamos a pagar a esses *trusts* somas fabulosas, sob o medo pueril de despertar

cobiças internacionais; mas receio não há das mesmas cobiças, ao abrir-se aqui um ciclo de ágapes a despropósito de tudo e de nada, esquecendo-se, entre os *hors-d'œuvre* e o *dessert,* que a popular malga de caldo, custa hoje dez tostões, quando há trinta anos atrás, se pagava por dez réis!

Ciclos de banquetes para a diplomacia aliada nos recordar, que já não somos a caravela alviçareira que ensinou a rota dos mares às suas esquadras couraçadas, mas, mas... urca de abastecimentos!

Temos nascentes, únicas do mundo, registando rádium dissolvido em águas preciosas, as quais canalizadas para as Colónias, lá iriam levar o alívio pela cura nervosa e a saúde corporal. Temos a posição geográfica que a vertigem dos voos transatlânticos exige e não temos os necessários aeroportos para essas urgências, que procuram Vigo, a Corunha e a Ria de Arosa.

Se temos realmente tanto ouro, com o qual tudo poderíamos fazer cá dentro, para que exportá-lo com risco de perder-se?

O país está cansado pelo Imposto, não se revolta mas suícida-se.

As estatísticas não o confessam; mas abrindo as gazetas, raro o dia em que se não lê: — *caiu* da ponte de tal sítio, um velho senhor desconhecido; *não há crime.* No poço de localidade foi encontrado o corpo duma

senhora decentemente vestida; *não há crime.* — O comboio trucidou um cavalheiro já velho; *não há crime...*

Há crime, sim e esse é, o de transferir por sistema, para o Estado totalitário, a riqueza particular, sem curar de saber que o particular rico, faria mais rico ainda o mesmo Estado, insensìvelmente... e, *sem crime!*

Assim, a engrenagem fiscal cilindra a *galinha* (o contribuinte) e os *ovos de ouro* (os tributos), aniquilando futuras ninhadas de pintainhos dourados... E não há Poder moderador que salve a galinha!

Senhor meu Rei, aqui em Portugal há que desfazer esta atoarda de que tudo é do Estado! Os Vossos tão práticos Antepassados bem sabiam que, primeiro deviam garantir os vassalos e só depois a Eles mesmos que a Nação incarnavam. Agora, há só contribuintes e Estado democrático surdo e mudo, que hermético se encerra na sua torre de marfim, fazendo acreditar que tudo caminha, no melhor dos mundos possíveis! Na velha Bizâncio, entrada já pelos turcos, também assim se cuidava, protocolarmente...

Toda esta história triste faz lembrar a historieta alegre do inglês, que educava um filhito para resistir a todas as intempéries e para essa finalidade o expunha ao frio da noite, dormindo ao ar livre mesmo no rigor do inverno: «*Quero-o rijito*» dizia o britânico, teimoso na sua ideia fixa.

Uma manhã, foram encontrar álgida a criança, já

morta e inteiriçada. Não se desconcertou o inglês, rematando: «*mortito sim, mas... rijito*»!

Em Portugal estamos, não ainda «rijitos» de fome, mas o que pior é, a viver com ela e... não fomos para a guerra! A Espanha, que também não foi para a guerra, por a ter em casa como epidémica, vê a sua moeda valorizada, dando ao mundo uma lição maestra, que só agora o mundo começa a compreender. É que, em Espanha não houve medo de se pôr o Estado sob a égide dos Reis Fundadores — Fernando e Isabel; em Espanha conservou-se a velha bandeira das Descobertas; em Espanha apresenta-se, *oficialmente,* a Monarquia como fecho da abóbada do Templo construído sobre os destroços da República e não inventaram lá o saudosismo dos Reis defuntos, para que os Reis de boa saúde Lhes continuem a salmodiar na penumbra dos panteões...

Vive Deus! De pé, realistas, e para a realidade da Realeza!

Lembro-me, Meu Senhor, que nos primeiros dias de 1941, ainda em plena mortandade da última (?) Guerra, eu escrevia ao Pai de Vossa Alteza, expondo isto que, à primeira vista, parecia paradoxal: as hesitações primeiro de Dollfuss, depois de Schuschnigg, em reporem na Áustria o Império dos Habsburgos, deflagrara a guerra latente, que poderia ter sido, pelo menos adiada. S. M. ponderou o raciocínio que o decorrer do tempo confirma.

— Hitler, não teria marchado para a funesta aventura, sem o *anchluss,* isto é, sem a anexação da Pequena Áustria que lhe assegurou o sul fronteiriço da Alemanha; e o *anchluss* seria impossível com a Monarquia Dual.

Se a Dinastia Austríaca estivesse restaurada, neutral necessàriamente, a guerra era improvável e foram as hesitações dos dois Chanceleres — Regentes que incendiaram o mundo... Hesitar, é tornar a catástrofe iminente.

Entre *nuestros hermanos,* a hesitação compreende-se: o Príncipe Senhor Dom João Bourbon olhava a sua Espanha com carinho sim, mas longínquo e através dos prismas do seu binóculo de antigo oficial da Armada Britânica; esses prismas sofriam de refracção, pois o meio, o ambiente, o clima político espanhol é bem mais luminoso de claridades da Cruz, do que as brumas do Tamisa e a visão embaciava-se de miragens...

Mas Dom João é hoje, nosso Hóspede de Honra, e porque o Hóspede é sagrado, apenas direi: — Franco e a sua Falange, vão-se apresentando não já, como indesejáveis, mas e bem, como salvadores do Ocidente Europeu e mais — como Paladinos de Roma Vaticana, que é o Templo da Esperança e o Último Refúgio. E bastou pouco tempo, escassos meses — para que a luz da Verdade se mostrasse a desembaciar de miragens o horizonte espanhol.

Assim, as delongas de além do Caia, tem explicação; mas aqui as delongas pelo inexplicável, degeneram em

dúvida, com a agravante da insubstituição de Alguém que não é, que se saiba, membro de qualquer Academia... Estes mesmos Imortais, fazem o seu testamento, porque a eternidade, suspeita-se, deve ser a incessante repetição de um trecho de música muito melodiosa talvez, mas sem-fim, e todos temos o mesmo repelão, buscando o silêncio, quando qualquer emissora, trisa ou bisa o seu disco melhor:

«*Basta! Basta!*», berramos enervados.

Calypso, a belíssima ninfa tão saudosa de Telémaco andou, que clamava ser a sua maior desgraça, a imortalidade...

Portugal, já regressado ao Deus tradicional, por que hesitará em completar a Tradição com a Realeza, que lhe deu o Reino e o Império?

Estamos ouvindo demasiadamente: *Monárquicos, não perturbeis a paz, pois pode degenerar em guerra! Monárquicos, não perturbeis a guerra, que pode trazer uma paz relativa! Monárquicos, não perturbeis a paz relativa, porque se pode transformar em guerra absoluta!*

E de hesitação em hesitação passam anos, passam lustros, passa um século; vem a guerra e vai-se a paz; vem a paz e vai-se a guerra; e só não vem o que, pelo menos em Portugal, daria lógico fim a uma situação sem lógicos princípios.

Hesitações! Só hesitações!

Lord Churchill (Vid. *Almanach de Gotha* — Marlbo-

roug-Londonderry) hesitou perante as propostas de paz que Rodolph Hess levava no bolso quando, apostòlicamente, se deixou cair do céu da Escócia em demanda de um remédio contra a ceifa diária de tanta mocidade! Como não era essa, a paz inglesa, rejeitou-se a paz e a guerra continuou mais quatro anos! Por fim, a armadura alemã desarticulada primeiro, sumida depois em quase total eclipe deixou ver, como nas mágicas, quando o pano do fundo se afasta, o Urso Pardo dos Urais avançando com tanta lentidão como poder e sentar-se na linha Trieste-Viena-Berlim, tomando como sua, meia Europa! Confusão, hesitação, desilusão e eis a Paz Inglesa!

Nós vemos Lord Churchill, — *Tory,* continuador de Disraeli Victoriano, levantar o braço e abrir em V o indicador e o fura-bolos da sua mão sapuda, mas, mas estará ele mesmo convencido de que o gesto corresponda à realidade? «Saia daí, seu Urso!», bradam ao intruso a Velha e a Nova Inglaterra, mas o Urso, bamboleando a enorme cabeça, solta grunhidos como de quem não ouve e deixa-se ficar sentado, olhando à solapa, de Trieste pelo corredor do Adriático em fora, para o fundo do saco Mediterrâneo, onde ele sabe muito bem estar o favo de ouro e de mel chamado Estambul, do qual, todos os ursos são gulosos, quer sejam brancos, quer pardos, ursos russos ou vermelhos.

Deu-se cabo da Germânia, mas roto esse dique de cimento fortemente *armado* que sustinha a onda ama-

rela, a inundação alastra e ameaça tudo subverter e até a Religião, amparo das almas, no seu baluarte espiritual de Roma, — a *Augusta,* — que levanta para um Destino mais Alto, o abatido estandarte dos Latinos de aquém e além Atlântico. — E o mal, seria um Bem!

Hesitações, sempre hesitações!

Faz lembrar aquela história do novo-rico que, mandando chamar um mestre de obras, explicou: — *Tenho aqui na minha casa, uma sala magnífica, mas escura; abra-lhe uma janela.* O empreiteiro mandou vir o material necessário para a obra e então o novo-rico diz-lhe: *Olhe, abra duas janelas, porque minha mulher também gosta de tomar ar; e uma, é para ela e outra para mim.* As obras começaram, mas o nosso homem sempre hesitante, diz ainda: *Olhe, mestre, afinal, abra mais três janelas para os meus três filhos que têm o mesmo direito de tomar, cada um, o seu copo de ar!* O empreiteiro já enfastiado com as delongas, diz-lhe agastado: *Deixe tudo por minha conta e volte a ver as obras, dentro de um mês.* O tempo passou; apresenta-se o novo-rico e constata que apenas há aberta, uma janela! Perante o seu espanto, mestre pedreiro explica: *Eu logo vi, que o senhor, era dos tais que hesitam sempre e desta forma, já o não poderá fazer! Vendo muitas janelas, começava a hesitar qual delas havia de abrir e era capaz de morrer por falta de ar; assim é aquela e só aquela que abrirá...*

Quando abriremos a única e bela janela — românica de transição para o gótico manuelino, — que nós temos para tomar o Grande Ar do Mar Largo?

Portugal é, talvez, a única nação que não tem que hesitar de janela.

E hesita, todavia!

Hesita, por causa do Protocolo.

Chegamos ao ponto crucial da demonstração enunciada: a mesma mentalidade não pode ser simultâneamente monárquica e republicana.

É certo que, nos discursos, mais interessante será o muito que não pode dizer-se, do que o pouco que se diz; mas há casos em que, para se fixar um axioma, é mister desenvolver o silogismo com premissas que, ultrapassando o pequeno campo, investigam na grande área... E dos fracos, não rezam, nem a quadra popular, nem o alexandrino da epopeia!

Fizeram-se belas as Festas Centenárias que custaram milhões e renderam cruzados; mas não se conta o dinheiro, onde se jogam os brios... Lamentaremos apenas o fado ruim da nobre «Nau Portugal» que, torta nascendo por falta do ritual: «*Vai em nome do Rei!*» — mais torta arrasta a velhice precoce... Salvo melhor opinião, desassombradamente alvitraríamos dever ser arrecadada no museu do Arsenal; um Grande Nome obriga a grandes resguardos!

Para essas rijas Festas, o protocolo (palavrão galaico que, nada menos, encaixa quatro oo-oo, quatro sílabas e nove letras, as quais, em duas palavras cruzadas apresentam a sinonímia: — *corpo tolo.* — (Porque não dizer vernàculamente — etiqueta, precedência ou outro termo lusitano?) para essas Festas, o prótócóló convidou os Príncipes de Bragança, hospedando-se a Representação de Oito Séculos de Realeza no Palácio de Queluz, que vira nascer o Avô da Princesa de Sangue que a República homenageava.

Muitos realistas exultaram.

Nós não exultamos.

E, os acontecimentos logo se encadearam a dar razão à desconfiada intuição; a tal *sinonímia,* para a Récita de Gala de São Carlos, achou protocolar distribuir à Senhora Infanta Augusta Tia de Vossa Alteza, que ali ia representar a Casa Real, não a tribuna Real, mas o camarote, que desde a inauguração do Teatro, o uso palatino destinara às Damas, Camaristas e Açafatas de Rainhas e Princesas.

Na Velha Tribuna ostentava-se o Estado-Maior do Estado Novo.

Com que fim actuaria desta sorte o protocolo?

Crível não é, por todos os fundamentos sagrados da hospitalidade, que se buscasse mostrar um nivelamento democrático; isto, não seria de portugueses! Mas, atrapalhação, descuido com o que merecia cuidado, desuso

da etiqueta realenga, desconhecimento de precedências palacianas, — fosse o que fosse, — o caso é que, ante o deslise do protocolo, a plateia reagiu, inconscientemente talvez, tributando à Senhora Infanta, quando a Sua Patrícia Silhueta Estilizada apareceu à luz do grande lustre, aquele rumorejar de simpatias que as plateias sabem manifestar em cerimoniosas ocasiões e que tão apreciada é sempre dos vultos em evidência. Esse rumor característico, rebentou por fim numa incontida, unísona e vibrantíssima salva de palmas... E a penosa situação aclarou-se, com geral satisfação.

Hoje, volvidos seis anos, as gravuras do *Diário da Manhã,* de 13 de Dezembro de 1940 e de *A Esfera* de 20 que recordam o incidente, são apenas a prova do enunciado.

No teatro de São Carlos havia muitos monárquicos que como tal, se manifestaram e aqueles republicanos que ali legitimavam as legendas — Presidência da *República,* Procuradoria Geral da *República,* Guarda Nacional *Republicana,* os rótulos dos selos do correio: *República Portuguesa* e dos cunhos das placas morenas de cobre, das brancas moedas senhoris de prata e quiçá, das outras, das lourinhas, às quais ainda não tive o gosto de ser apresentado...

Pois bem, se a um desses republicanos, perguntassem onde estava a tribuna, naturalmente, indicaria ao fundo da grande sala, o recorte de sanefas roçagantes,

sobrepujando o veludo das cortinas que, do alto baldaquino, pesadamente, caem sobre o extenso parapeito da primeira ordem.

Se igual interrogação fosse feita a um desses monárquicos, naturalmente ainda, esse, olhando com ternura o pequeno camarote lateral das Damas, Camaristas e Açafatas, diria: Esta noite, é tribuna Real onde quer que esteja a Pessoa Real...

Ora, entre o centro da tribuna e o camarote pequeno, medeia uma distância linear de uns bons cinco metros...

No cérebro de alguém, poderá haver obiquidade para duas místicas separadas por cinco metros de teatro?

Não, certamente; para esses dois ideais, serão necessários dois cérebros, dois homens, e duas convicções; eis porque não pode haver monárquicos-republicanos, nem republicanos-monárquicos, simultâneamente em uma pessoa só, como se pretendia demonstrar.

Dir-me-ão com rude sobrecenho: «Queria talvez que a Senhora Infanta fosse para a Tribuna?»

Não, por Deus, antes quisera vê-lA nas frisas, nas torrinhas, na plateia, em qualquer parte, onde, incógnita da maioria, estaria sempre *bem* porque esse lugar, por humilde que fosse, seria sempre — Tribuna Real.

Mas no camarote de côrte da Actual Situação, não A quis ver nessa noite, e só A vejo nas gravuras que relembram a *gaffe* do protocolo, que me forneceu as premissas da conclusão tornada axiomática:

Ou monárquicos.

Ou republicanos.

As duas coisas juntas e ao mesmo tempo, faz lembrar aquelas *criadas* que se anunciam *boas para todo o serviço* e que são péssimas para o mínimo trabalho, que não seja, o de namorarem os inúmeros *primos* da Polícia, da Guarda e da Tropa...

O Príncipe-Menino agitava-se; mas eu continuei implacável:

Na minha já longa vida, ao correr dos meridianos de Aden ao do mais alto Amazonas e por frios e cálidos paralelos, de Liverpul às paragens do Cabo no Emisfério Austral, granjeei entre muitas, duas amizades que marcaram os expoentes máximos da política, os mais diametralmente opostos:

Ambos estes amigos foram tão negros por fora, como brancos por dentro.

Um, subiu a Ministro da República em Paris.

O outro, a Embaixador da Monarquia em Londres.

Tão eclècticamente aristocrata era o republicano na escolha das suas amizades que, se não ostentasse gravatas escandalosamente rubras — (bem mais do que vermelhas, púrpura-rubi) — os seus correligionários tão desdenhados, teriam conseguido dá-lo por suspeito nos conclaves da Carbonária! Panfletário de incomparável vigor, as suas *Cartas Políticas* foram as machadadas decisivas na árvore, aliás já carunchada, da Monarquia Liberal.

Reclamando a República, foi vidente na sua Terra!

Uma vez sondado pelo Conde de Sabugosa ou pelo Conde de Arnoso, ambos seus contertulianos literários, no sentido de moderar os ataques à situação, ou quiçá, a ingressar sob Pendão Real, Ele, que sofrera prisões, julgamento, desterros e exílios, responderia: «*lá, seria o último adventício; cá, sou o primeiro profeta*»...

Triunfando a sua Causa em Outubro de 1910, como nosso Ministro em Paris, morreu como vivera: — sempre republicano. *Era um Homem.*

O outro amigo, aristocrata e titular, guindado às culminâncias de árbitro das *ententes* diplomáticas, mostrou sempre a bonomia afabilíssima do verdadeiro fidalgo. Ele que privava com os maiores Reis da Terra, não se fazia rogado para levantar da rua, um fardo que, alguém, por carregado, tivesse deixado cair. A sua mão, sem anéis, peluda e morena, estendia-se até aos servidores e a sua palavra fácil e amistosa, a todos envolvia. Era um democrata cristão! De paradoxal elegância, usou sempre os punhos da camisa gomada e hirta, à antiga portuguesa, redondos e fechados na parte de cima com dois enormes botões-topázios familiares.

No passeio *bem* dos londrinos, entre *Hyde-Park-Corner* e *Piccadilly-Circus*, todas as mulheres que por Ele cruzassem, desde as *girls*, às *ladys*, viravam-se, ficando a olhá-lo e a cochicharem não sei que interessantes

segredos. Chamaram-lhe em Inglaterra «*Blue Devil*», — Demónio Azul!

Quando, a sua Monarquia tombou, significaram-lhe (talvez por sugestão do outro amigo!) que bem poderia continuar a servir o País... Respondeu, mais uma vez com suprema elegância, enviando a sua demissão pura e simples! Era *Um Homem*.

João Chagas e o Marquês de Soveral, nunca se poderiam encontrar na mesma política; no entanto, estimaram-se como literatos e Homens de Brios. A revolução elevou um, abateu o outro. Mas Chagas foi grande, quando não era nada; Soveral, foi maior, quando já não era tudo...

Hoje, talvez que as duas aprumadas intransigências parecessem grotescas. O nível moral tem baixado muito! Porquê? A miséria material arrasta sempre à miséria do espírito e não raro é, encontrarem-se duas cartas políticas diferentes no mesmo sobrescrito, a pedir um lugar que ajude a não morrer, visto a vida ser, ainda assim, sob o jugo dos Grémios, mais barata do que a morte... Um funeral fica pelos dois olhos da cara! Fulano, com duas caras, quatro olhos, — terá mores possibilidades...

Em heranças, de remediados de antes, os herdeiros abandonam seus direitos ante a factura da Agência Funerária... Uma herança é a ruína total!

Muitos suicidas, não o seriam, se regateassem o preço

do caixão! — Não se pode viver; mas é impossível morrer!

... O Príncipe-Menino agitava-se realmente; eu não dissera uma só palavra, mas a torrente dos mudos queixumes espirituais fora demasiadamente caudalosa, apesar de não ter levado a formular, a vigésima parte do tempo aqui perdido, a lê-los por extenso.

Ainda quisera fornecer impressões sobre os *Grémios*, que muito admiro, por os dizerem pais incógnitos do mercado negro que nos abastece. Mas entre pais e filhos, não armes sarilhos...

Para Sua Alteza, era mais do que demais; Ele não havia vindo a Portugal como Magistrado em Alçada, mas apenas como *Baby* encantador...

O Príncipe-Menino estava ainda no meu colo, brandindo como lança, o lápis vermelho inofensivo; mas sobre o olhar que a todos banhava com o insistente azul lustral da Sua inocência, cruzavam ideias transparentes como grandes velas latinas sobre o disco do sol-poente, no horizonte do mar...

Essas ideias *falavam* e vinham até nós pela magné-

Nota: Todos os produtos da Metrópole, têm lógica saída pelo negro mercado; porém, o açúcar, o azeite e o bacalhau não se granjeiam nas lezírias do Tejo nem nos socalcos do Douro! Desembarcados para as Alfândegas, logo são presa dos Grémios e a ilógica começa...

tica telepatia de atavismos hereditários; é que, ali, o *meio*, todo azulado de bondade, estava ionisado e fácil para a transmissão do pensamento...

Há silêncios mais eloquentes do que palavras sonorosas!

Há olhares mais expressivos do que grandes gestos adequados!

E a minha intuição percebeu que, de acusador eu passara a acusado.

O azul do Seu olhar tornara-se severo; o Menino, fizera-se juiz!

E o Pequenino Salomão, sentenciou:

— A balança da Justiça Pura, tem dois pratos; se, sobre um deles se amontoarem as deduções filosóficas mais ponderadas, as razões políticas mais graves, as mais pesadas queixas económicas, e, no outro prato se consegue colocar esta preciosa coisa, tão imponderável que lá fora, os Grandes, servidos por todos os Pequenos estadistas, em laboriosas pesquisas de meses e meses, ainda não encontraram, por perdida: — a Paz do Senhor, — o Meu fiel amigo Alvelos, verá que o fiel da balança penderá a favor desta Paz que gozamos na Península, — Baluarte de Fé na Padroeira e alicerce inabalável da Cristandade... Sim, penderá a favor da Paz, mesmo sem o auxílio do peso morto da Espada de Brennus...»

E o olhar — Bragança, tendo ditado o veredicto,

volveu ao Seu azul de céu *sereníssimo,* diluído no glauco dos longes marinheiros...

Com a unção de um arquimandrita ao entregar a Arca da Aliança Sagrada, depus o Príncipe-Menino nos braços fortes da bela Mulher Portuguesa de onde O recebera e, beijando a rosada e pequena mão salomónica, com a antevisão do que será Portugal Azul num futuro muito próximo, saímos para o bulício rubro de uma cidade que, apesar de todos os seus defeitos e de todos os pessimismos, não, não será nunca solo radiosalgado de Hiroshima.

Cidade onde o inverosímil é vulgar e o paradoxo surge a cada esquina, essa Lisboa que o Criador não concebeu, mas que as circunstâncias têm tornado Babilónico Caravansarai de todos os desvairos, que chegam em imprecações e partem a estropear a linda palavra *Saudade,* na ingresia de todos os dialectos deste Mundo tão chamuscado pela loucura furiosa dos Empreiteiros das Guerras Religiosas:

— A de 1914, foi a da Religião do Carvão (Sarre, Alsácia, Pas de Calais, Charleroi, Liege, etc.).

A Guerra de 1939, a da Religião do Petróleo.

A Próxima Futura e Última, a da Religião dos Metais: *Cobre, Mercúrio* e... o preciosíssimo *Urânio.*

Delenda Orbis!

IV

O BERÇO EXILADO DO PRÍNCIPE DA BEIRA

A Voz do Carinho Português

Berço no Exílio, — berço abençoado, —
Ternura imensa, dum fulgor divino!
Foi sempre lindo sonho já traçado
Que Deus encheu de esperanças, encantado,
Pelos Altos Decretos do Destino.

Lisboa, Maio, 1945 ALBERTINA PARAÍSO.

EM PORTUGAL,
O BERÇO ERA VAZIO!

Este Capítulo Principal do Livro que é de Sua Alteza Real o Príncipe-Menino, abre com a elegância espiritual da Mulher, a qual, insensível não poderia ficar ante a dupla fragilidade do Berço Exilado, — fraco já, por ser Berço; mais frágil por proscrito!

A Poetisa da Harmonia, a Ex.ma Sr.a Dona Albertina Paraíso que tem sabido manter, sem transigências, o culto da Tradição, quis dar-nos em primorosa quintilha expressamente burilada, toda a ternura feminina enlevada no fulgor da mais linda jóia da Mulher, que é a — Criança.

Haverá — Mendiga ou Soberana, — que, perante um Berço, não sinta fundir o seu coração, no culto misterioso que o Berço simboliza: — a Maternidade?

— As Avós, relembram suas gratíssimas saudades!

— As Netas, irão levadas na miragem da inefável esperança!

— As Mães, orgulham-se, na plena satisfação do Dever cumprido, de que o Berço é testemunho!

Cofre de rara e maravilhosa jóia; escrínio de incomparável diamante; engaste de gema sem preço, pois

não há ouro que o pague, um Berço é Sol sem ocaso, porque, mesmo quando — *Ele* — dorme, irradia fulgores incomparáveis de dinamismo tão subtil, que a Mãe, até a mais rústica, sente-se inspirada poetisa, improvisando imagens ingénuas, mas originais, que o Menino, — o deus Menino, — sabe agradecer continuando a láctea modorra do seu sono olímpico, como Perugino pintou...

« Nossa Senhora Lhe ajeite
o destino mais perfeito...
doce e branco, como o leite
qu'Ele bebe do meu peito!»

É esta, a única Poesia que não exige, autoritária, a atenção do auditório! — A Verdadeira Poesia, comunhão solitária entre Deus e a Mulher...

Rimas doces e brancas como leite! — Fra Angélico, *fecit*...

Um carrinho de Bebé, — Berço Ambulante, — faz suspender, à sua privilegiada passagem, a febricitante caravana na mais movimentada avenida citadina, porque a Senhora Mãe, mesmo ausente, a todos sugestiona com o clamor da Sua ternura, na expressão superlativa da imagem: « *Olhai, que o Meu Menino é Filho do Rei!*»

(Para todas as Mães, os Seus Meninos, são Filhos do Rei!) e, então, o Ambulante Berço do Bebé, o Minúsculo Carrinho, passa, preferente e sobranceiro, em

majestade suprema... E Sua Excelência o Trânsito e sua Esposa Dona Viação... que esperem!

Anos atrás, em Londres, quem isto escreve, testemunhou a demonstração definitiva: — arguto lojista, precisando chamar a atenção feminina do bairro sobre vulgares mercadorias, lembrou-se de mandar armar na montra do estabelecimento um colossal Berço, vistosìssimamente engalanado... Todas as mulheres que passavam, atraídas instintivamente por aquele imã subjectivo, ali objectivado como reclamo, paravam e, por natural curiosidade, liam: — «Preços de ocasião — *Baby's Soap*, — o Rei dos Sabonetes, etc., etc.»

Horas depois, a multidão era ali tão compacta, que a polícia teve de organizar um serviço de urgência!

E o industrial, — o psicólogo dos sabonetes, — morreu, sim, muito depois, mas milionário...

Em Portugal, houve quem repelisse para o exílio um Carrinho de Bébé! — O Berço de Um Autêntico Neto de Reis... E a circulação da caravana política não suspendeu a cobiçosa vertigem, para deixar passar — Sua Majestade o *Baby!*

Esse quem, ou esses quens, não era femininos, evidentemente; eram machos... E não os prenderam mais curtos nas *lojas* desorientadas dos Grandes Orientes...

BERÇO VAZIO EM PORTUGAL



do «LINDO INFANTE» S. A. R. o Senhor DOM DUARTE
PIO JOÃO MIGUEL DE BRAGANÇA
PRÍNCIPE DA BEIRA e CONDE-DUQUE DE BARCELOS

BERÇO VAZIO

— Nasceu já Desterrado, o Inocente,
Tristinho e Frio...
Tendo na Pátria um ninho, alegre e quente,
sempre — vazio!

Vazio o Berço? — Cheio (mais parecia),
d'Honra e Glória;
por cantar, nos Brasões da Dinastia,
a Nossa História!

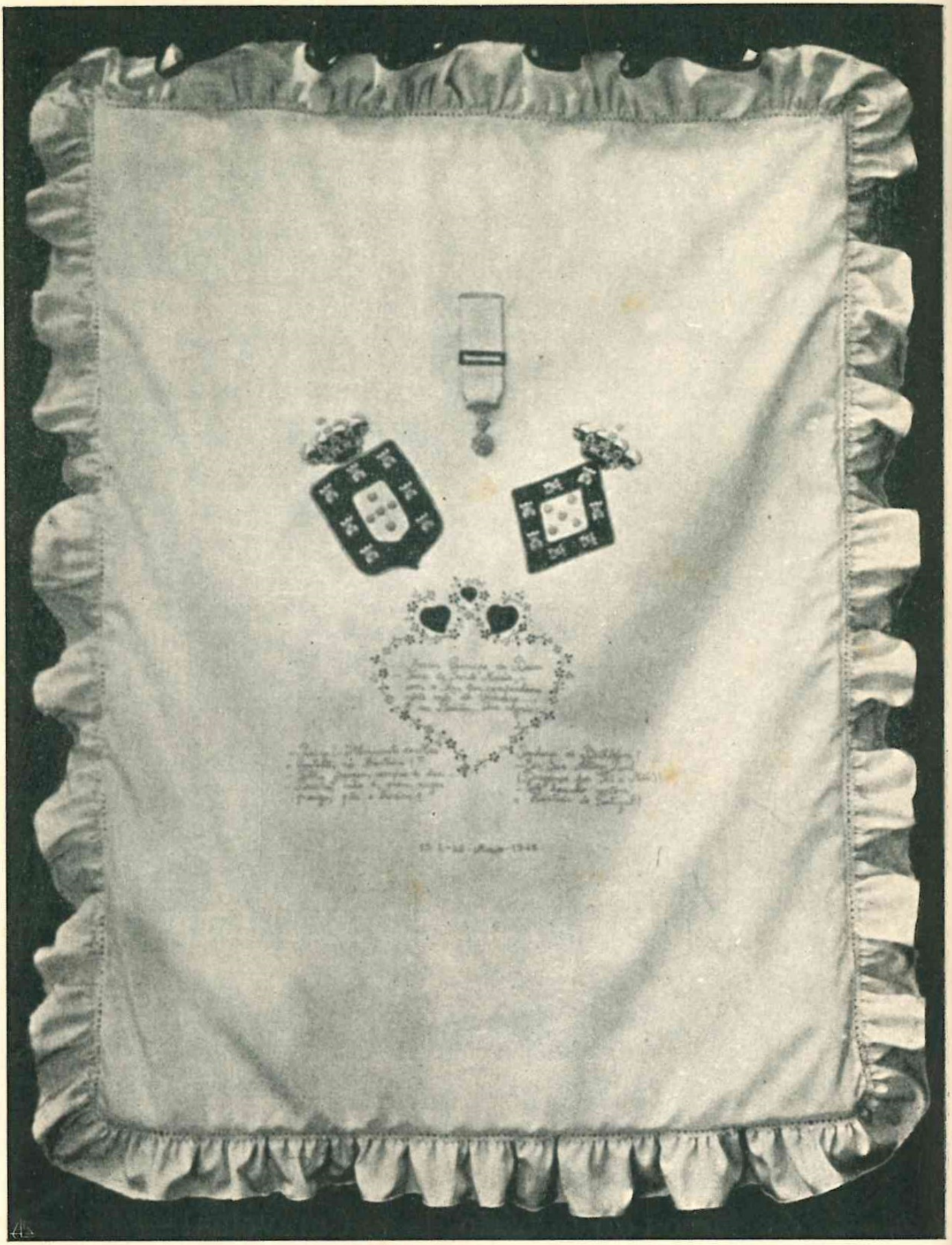
...Do Berço, a Voz do Sangue não se cansa:
«...Brasil! Portugal!
Juntou as duas Coroas de Bragança,
o Príncipe Real»

— A Mãe do Céu, com dó do Deserdado,
deu ao Querubim,
um Berço raro, — o Cisne Imaculado
de Lohengrin...

E o Alvo Cisne, ovante, asas abertas,
vence as procelas...

Regressavam assim, das Descobertas,
os Berços do Império, — as Caravelas! —

Coberta de seda branca, bordada e brasonada a cores heráldicas, oferta de Beirões para o Berço do Príncipe da Beira; ao alto, na sua fita branca e azul, a medalha de ouro de Cavaleiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, prerrogativa da Casa de Bragança. Primoro-



samente desenhada e trabalhada no «Laboratório de Elegâncias do Porto» que é a — Casa Barros, — bordadeiras de Lamego e de outras Terras de Santa Maria, filigranaram, neste rendilhado de graças, todo o carinho da Mulher Portuguesa. Suas Majestades agradeceram com palavras de gratíssimo apreço, a oferta da Beira, — coração de Portugal.

Príncipe da Beira e "Príncipe da Paz"

(QUINTILHAS BORDADAS NA SEDA BRANCA
DA COBERTA DO BERÇO)

1.º

. . . Nascer Príncipe da Beira,
— Terra de Santa Maria, —
com a Paz, por companheira,
neste mês da Padroeira. . .
— É ser Beirão. . . Que alegria!

2.º

— Beira? — «Almiranta do Mar
e Castelã, na Fronteira!»
— Tulha franca, sempre a dar:
— Beirão, não é, quem negar,
presigo, pão e lareira. . .

3.º

Senhora de Betlém!
— Eis Sua Alteza Real
(Bragança por Pai e Mãe)!
Este bercinho contém
a História de Portugal!

De Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, de Vilas e Aldeias, seguiram para o Baptizado da Esperança Portuguesa, Tantas e tão diversas lembranças, humildes umas, outras riquíssimas, que impossível é enumerá-las.

TELEGRAMA:

«Conde de Alvelos — Porto. De Gunten 20 Junho 1945. Sensibilizado agradeço votos dia 15. Continua aumentando peso e entendimento. (a) **Duarte Pio Bragança.»**

Apenas com um mês, já teve alento
Vossa rosada mão de seda em rama
(no Berço de Proscrito, — a Vossa cama),
p'ra firmar realengo documento,

a mostrar o *real* discernimento
de tudo o que se lê no telegrama...
— Assustada, ficaria a Vossa Ama
com este tão precoce entendimento!

Bem fiz eu, — deste livro como autor, —
chamando-Vos, — Aquele «*Desejado*»,
que, de pequeno é, — Grande Senhor...

Quem sai a Seus Maiores, vê-se medrado:
— Foi assim, Dom Diniz, — o Trovador!
— Assim foi, Dom Duarte, — o Rei Letrado!

BALADA POPULAR

I

... Um Lindo Infante nasceu,
sendo Príncipe da Beira
(qu'é Terra da Padroeira,
por ser Escada do Céu)...
E a Paz que Deus Lhe deu,
p'ra levar a bom destino,
foi uma oferenda real,
que o Príncipe-Menino,
no Seu Berço pequenino
trouxe ao Avô-Portugal!

II

Quem a dádiva trazia,
representa na História
três Dinastias de Glória...
— Deus, assim, disse no dia
quinze do Mês de Maria,
falando desta maneira:
«Portugal! Vai regressar
da fria terra estrangeira,
à quente e hospitaleira
da Pátria, que é Seu Solar...

III

... O Teu Príncipe Perfeito,
Meu Eleito e Afilhado
do Papa, qu'é Meu Legado,
— «Rosa d'Oiro», p'r'o teu peito;
credor de todo o respeito,
sendo mais do que uma vez,
por Seus Pais tão bem casados,
«Um Bragança», dos bem nados
e, p'ra ser mais Português,
— Beirão — dos quatro costados!

IV

... A Fonte, regressa ao Mar
donde sai em nevoeiro...
Quem foi Último, a Primeiro
(não há mal sem acabar!),
um dia, tem que voltar...
— Esta Família Exilada,
que, de saudade e paixão,
a pouco e pouco morria,
regressa, no coração
do Pequenino Beirão,
«Bragança», por Varonia!

Dois Príncipes Reais, de Dois Ramos da Casa de Bragança

(Ramos que o *Almanack de Gotha,* — árbitro da Heráldica, — sempre diferenciou, dando prioridade ao Ramo Varonil do Rei Senhor Dom Miguel: — «*Maison de Bragance*», — e designando o outro Ramo — (senhoril por Dona Maria II) — por: — «*Maison de Saxe-Cobourg-et-Gotha-Bragance*»).

El-Rei Dom Carlos, nasceu a 28 de Setembro de 1863. Nasceu o Senhor Dom Duarte Pio João Miguel, Bragança por Pai e Mãe, a 15 de Maio de 1945. A distância no tempo é de 82 anos e o parentesco familiar, apenas, o de primos em quinto grau. Contudo, a semelhança é flagrante entre os dois Ramos Bragantinos!

— Será justo, — oh Mães de Portugal, —
matar-se Alguém, porque o Seu Nascer,
fazendo-O dos mais homens, desigual,
Lhe impunha bem cumprir o Seu Dever?



O Príncipe Real Dom Carlos (futuro Rei),
contando sete meses de idade.

De uma fotografia colorida à mão, dessa época.

«Será justo, — oh Mães de Portugal, —
banir um Inocente, uma Criança?
— Pretexto: o Seu Pecado Original,
— o de ser duas vezes — UM BRAGANÇA! »



O Príncipe Real Dom Duarte (futuro Rei),
contando sete meses de idade.

Foto - Duarte.

15 de Maio de 1946

Primeiro Aniversário de Sua Alteza Real

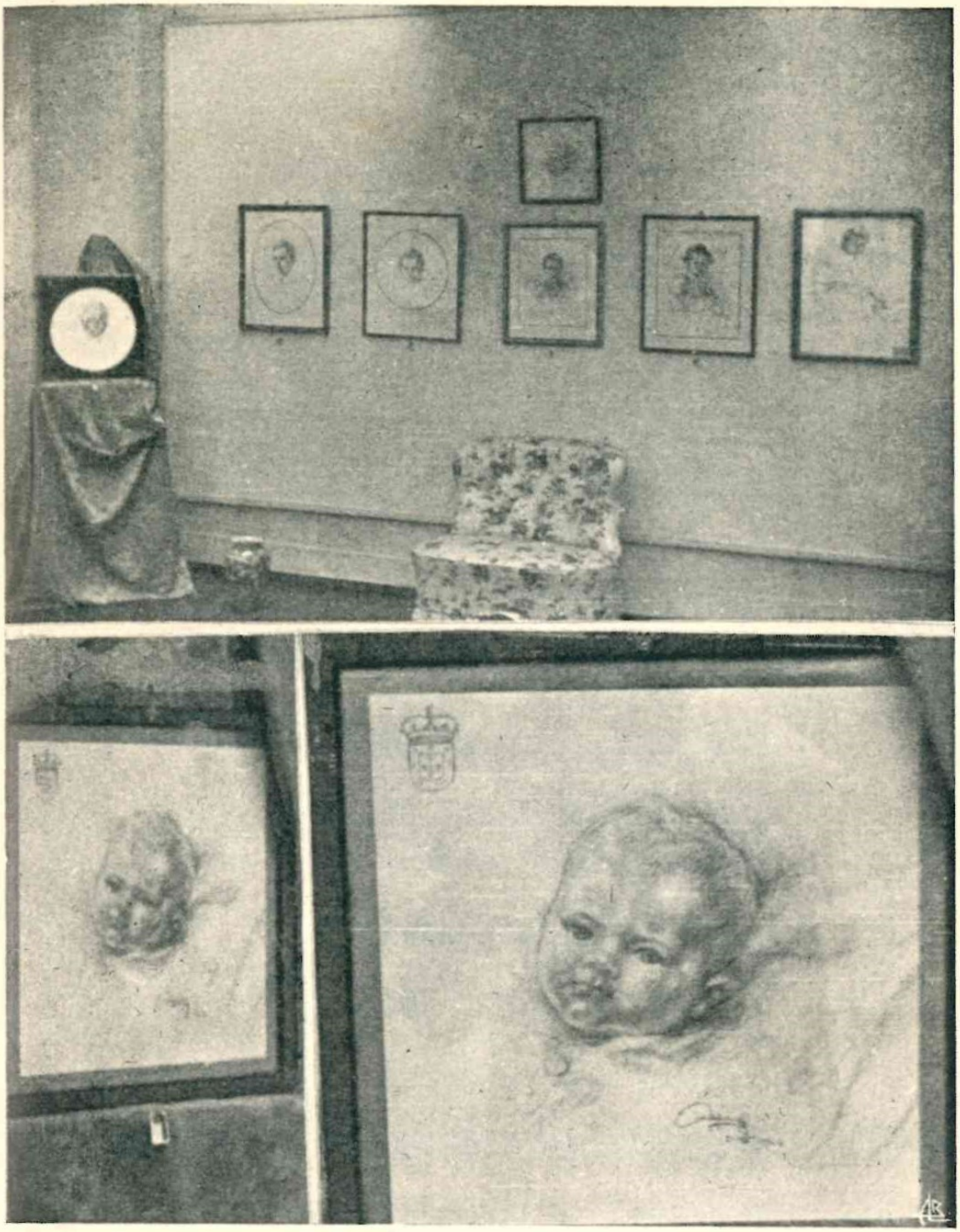
Solenizando este Grande Dia projectou-se expor pùblicamente no Porto, o Seu retrato, mas as dificuldades das comunicações com a Suiça, só tardiamente permitiram realizar este desejo, com a chegada das fotografias do Príncipe-Menino.

Assim, só de 20 a 30 de Junho este artístico trabalho, a sanguínea, *foi patente ao público, na Exposição de Aguarelas e Desenhos da jovem Pintora da Suavidade e da Simpatia, Dona Gardy de Arriaga, no* «Salão Fantasia», *da Rua de Santo António, entre outros primorosos trabalhos.*

Foi muito visitada a Exposição e, entre todos, apreciado o retrato de Sua Alteza, sobre o qual Suas Majestades se dignaram dizer textualmente:

«A Artista soube compenetrar-se do espírito da Criança e conseguiu dar-Lhe a expressão que as fotografias não tinham.»

No Primeiro Aniversário de Sua Alteza



Sobre o cavalete, podia admirar-se o retrato a aguarela da Excelentíssima Senhora Condessa de Lumbrales.

SUA ALTEZA REAL

Portugal, tão pequenino,
mas — Grande, — na Tradição
(Como os Maiores que o são);
é, tal qual, Este Menino! —

Que é Eleito em criança
pelos dotes sobre-humanos,
que tem, de quase mil anos
dos Reis de Avis e Bragança!

Grande Senhor e Rapaz!
Menino, d'antiga idade!
Vossa Real Majestade,
dará, no Ano de Paz,
Tradição, à Mocidade:
« — *Ser prudente, é ser audaz!* »

Primeiro Aniversário do Príncipe-Menino — Exilado

15 DE MAIO DE 1946

Os parabéns, em geral,
dão-se sòmente a quem,
faz anos (no plural)...
— A um Menino que tem,

apenas — um, p'ra contar,
não se pode ir mais além,
do que, dar (no singular),
tão — sòmente — um parabém!

Mas este caso é diferente:
por ser Príncipe Real!
Tem parabéns toda a gente...
— *Para bem* de Portugal! —

Quadras populares enviadas em Maio, para o Exilio da Suiça; andam já em Portugal na toada musicada dos *ceguinhos* e na melopeia da Rua.

IGUALDADE?

Que Direito obrigou Esta Criança,
a ir nascer algures em qualquer parte,
distante da Mãe-Pátria, que reparte
(madrasta, para Ele) — a confiança...

Que Direito é esse, — oh sem parança,
— velhos, sem engenho; moços, sem arte...
Será porque Seu Pai é Dom Duarte
e Sua Mãe, também, Uma Bragança?

Que Altos Privilégios estes Seus:
— desterrado, por LEIS EXCEPCIONAIS,
porque ousou nascer, à Voz de Deus,

anulando os PRINCÍPIOS IMORTAIS,
dos que se julgam deuses, — sendo ateus:
«QUE SOMOS, AO NASCER, TODOS IGUAIS!»

OFRENDA DE CINCO GERAÇÕES

(Trisavô-Bisavô-Avô-Pai e — trinetos

Oh «*Lindo Infante!*» Príncipe-Menino!
Se as três gerações não são bastantes,
— estas que tudo deram, confiantes,
à Causa do Direito que é Divino...

Oh Príncipe tão Grande e Pequenino,
tomai as destes meus representantes:
dos filhos e dos netos, inda infantes,
mas que terão em honra o seu destino!

Eu Vo-las dou, em foral directo,
— as cinco gerações, eu Vo-las dou,
podendo recebê-las por decreto;

pois elas são tão Vossas, como eu sou
que, por Vos ver tão moço, como um neto,
eu julgo, ser por velho, um Vosso avô!

UM SÓ REI

Não quis guardar a Luz na minha mão,
nem a Música ter numa guitarra,
não quis calar o canto da cigarra,
nem apagar o Amor dum coração...

Porque a Luz deflagra em explosão,
eo harpejo cresce para fanfarra;
já voa a cega-rega e quem a agarra?
E o Amor inflama-se em paixão!

Pobre de mim! Mais pobre do que um pobre,
a pedir cinco réis com tanto afinco,
e sem ninguém me dar sequer um cobre!

Não quero cinco réis! E eu não brinco,
pois mal fica brincar com o que é nobre...
Apenas peço Um Rei; não quero cinco...

MENINO-JESUS

Eu sei, sim, que Jesus de quando em vez,
Se reincarna — Menino, em qualquer canto
deste Mundo, por onde sofreu tanto
quando nos quis salvar e não o fez...

E, dentro do Seu peito, tem os Três:
— Seu Padre; Ele, o Filho e o Espírito-Santo, —
p'ra as Crianças cobrir com esse Manto,
que tu, oh Mundo cego, nunca vês...

não vês? Então, escuta, qu'eu te ensino:
— José d'Arimateia, ajuda à Cruz...
— Ahasverus, blasfema em desatino...

Não sejas Ahasverus! Mas conduz
e guia... Sê José! — Todo o Menino
tem nos olhos a Graça dum Jesus!

A DINASTIA

Meu avô, oficial e cavaleiro,
já trouxe Este Menino sobre o arção,
há cem anos, em tempos que lá vão
de Seu Bisavô — Dom Miguel Primeiro!

Trouxe-O meu pai, ao colo, justiceiro
ditando, a nós seus filhos, a lição
— que a El-Rei, o aclama o coração,
bem antes que O alcem no Terreiro. —

— Vêm os Reis através da Dinastia,
sem arrogâncias vãs, nem vã vergonha,
porque assim, é que Deus escreveria,

qualquer que seja o homem que se oponha...
— E virá, tal qual veio um belo dia,
o Conde Dom Henrique de Borgonha!

TRÍPTICO DO PRÍNCIPE-MENINO

O MENINO E O MAR

Nascido na Suíça, o Desterrado,
até agora, só via essas montanhas
— ondas de neve, estáticas, tamanhas, —
que o haviam já maravilhado...

Mas desejando ver, o Desejado,
mais vivas ondas e mais vivas sanhas,
buscou na Sua Pátria e, não estranhas,
adorou as do Mar, por relembrado!

O Menino diria, em frente ao Mar,
tomado desde logo no feitiço,
desta Gente que nasce a navegar:

«Ondulante Sereia, meu Derriço,
desde séculos que te ando a namorar!
Por teu Amor nasci embarcadiço!»

TRÍPTICO DO PRÍNCIPE-MENINO

FUTURO E PASSADO

Ao Bisneto de Dom Miguel Primeiro,
vejo-O, contando Ele um ano escasso,
vir a mim, sentar-se no meu braço,
abrindo um bom sorriso menineiro...

«*Caso banal!*» — Dirá qualquer matreiro,
mas com cujo sentido me embaraço,
por ter notado ser, o meu regaço,
um mágico cadinho feiticeiro...

— «*Ao Menino*», — dirão. «*É natural,*
que, a sua barba branca, recordado,
o fizesse pensar no Pai Natal...»

Não creio; Ele é, Um Predestinado...
— Fundiu o Seu Futuro Auroral,
ao que eu Lhe levara ao Passado! —

Uma medalha miniatura de Seu Bisavô o Rei Senhor Dom Miguel I.

TRÍPTICO DO PRÍNCIPE-MENINO

SUAVE MILAGRE

Olhando o Grande Mestre Columbano,
na tela, — *Santo António e o Menino,* —
julguei esse milagre tão divino,
qu'impossível seria, ser humano!

Mas Um Outro Jesus, contando um ano,
descansou o Seu corpo pequenino,
no meu braço, de velho em desatino
por esta honra mor, p'ra um lusitano!

— Trazer ao colo o Rei, inda Ducal;
ter no regaço, o Príncipe da Beira;
que maior honraria triunfal

haverá, que lhe seja mais cimeira?
— Sentir pulsar o Sangue que é Real,
é sentir viver Esta Pátria Inteira!

O PASSADO E O PRESENTE

SIMBOLISMO DE QUATRO SACRIFICADAS GERAÇÕES



— O Livro — *Princesa e Monja (a Viúva d'El-Rei Dom Miguel).*

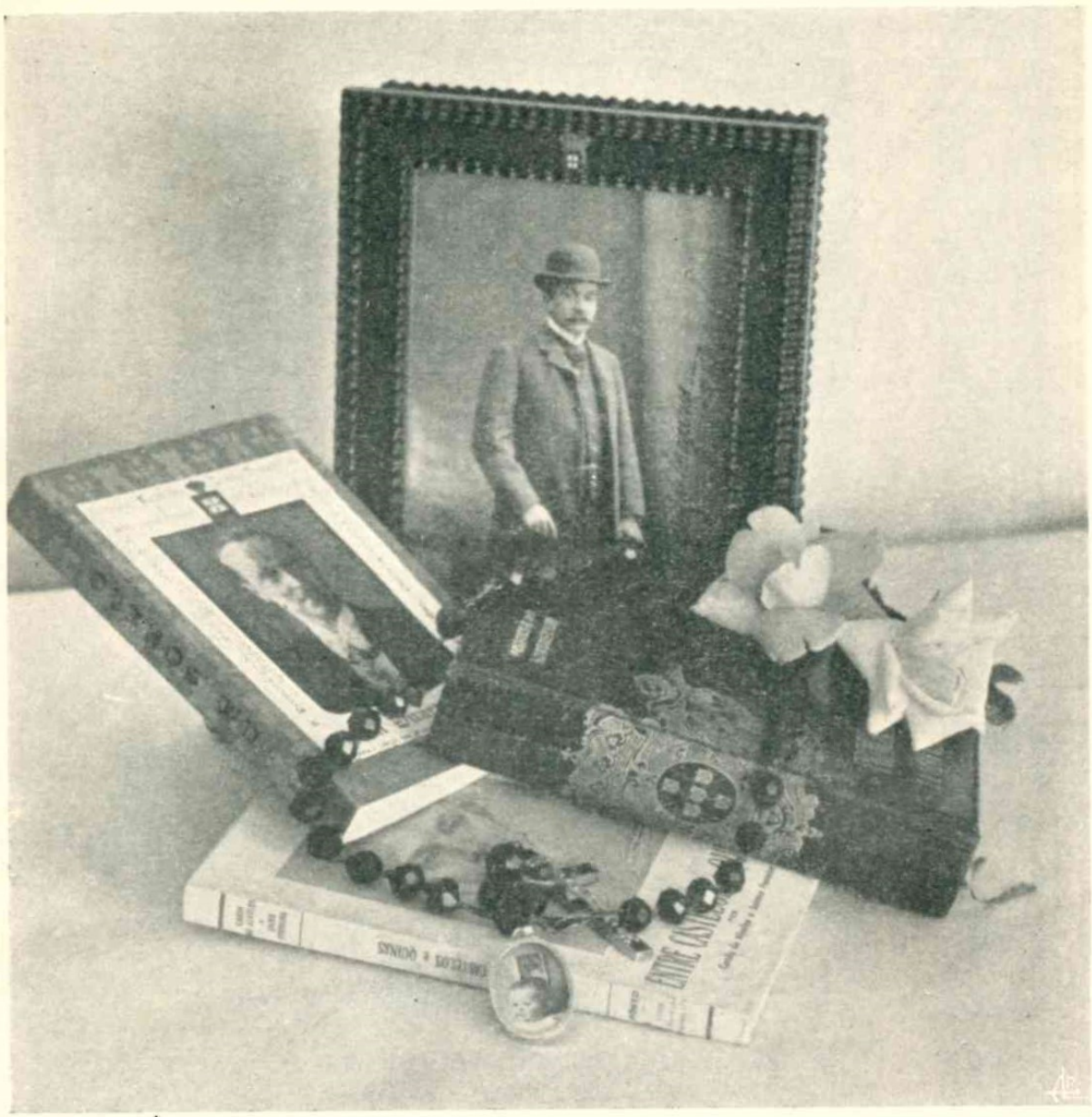
— A caixa, com o retrato do Senhor Dom Miguel II, contendo a faca de mato das Suas caçadas na Índia em 1886.

— Os Livros — *Entre Castelos e Quinas* (Senhora Infanta Dona Filipa) e *Um Soneto — 1944* — (El-Rei, o Senhor Dom Duarte Nuno).

— O medalhão com o retrato do Príncipe-Menino e o perfil de Sua Santidade, Seu Padrinho.

— Sobre um dos muitos rosários de azeviche, que passaram pela santa mão emaciada da *Princesa* de Bragança — *Monja* Beneditina, duas rosas vivas do Seu Portugal.

O PASSADO E O PRESENTE
ABRINDO AS PÁGINAS DO
LIVRO DO FUTURO:



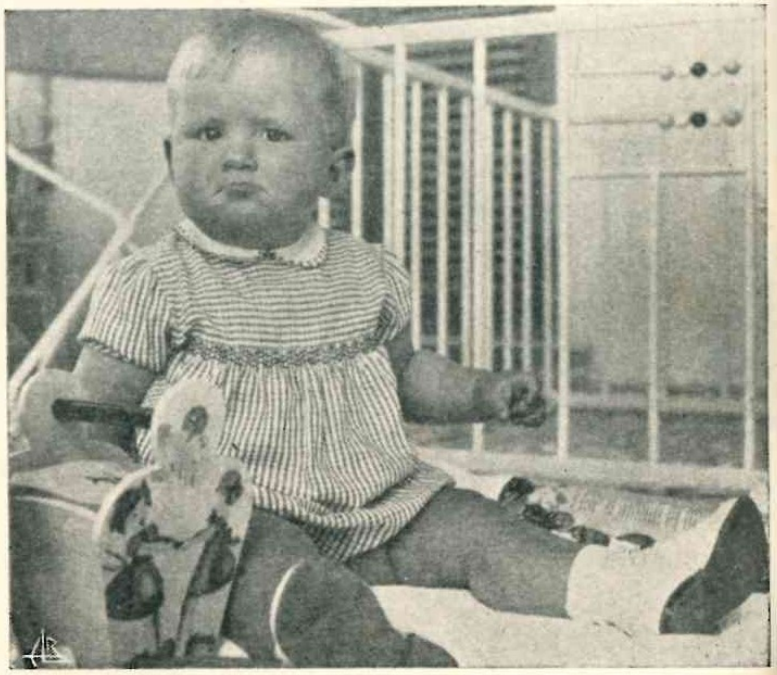
SIMBOLISMO DE QUATRO SACRIFICADAS GERAÇÕES

O FUTURO



AO ANO ANDAR...

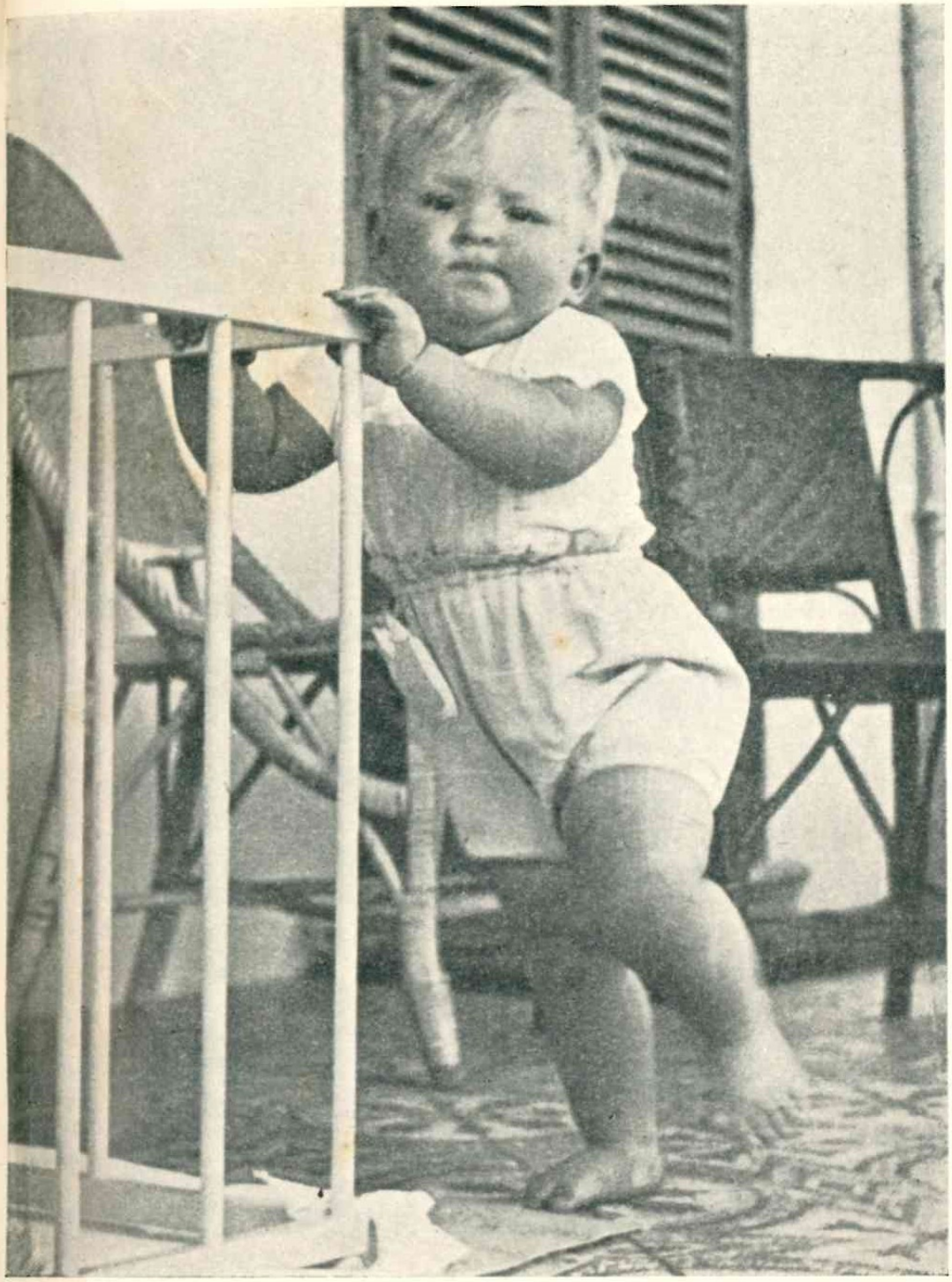
«Já sei andar, mas caí...



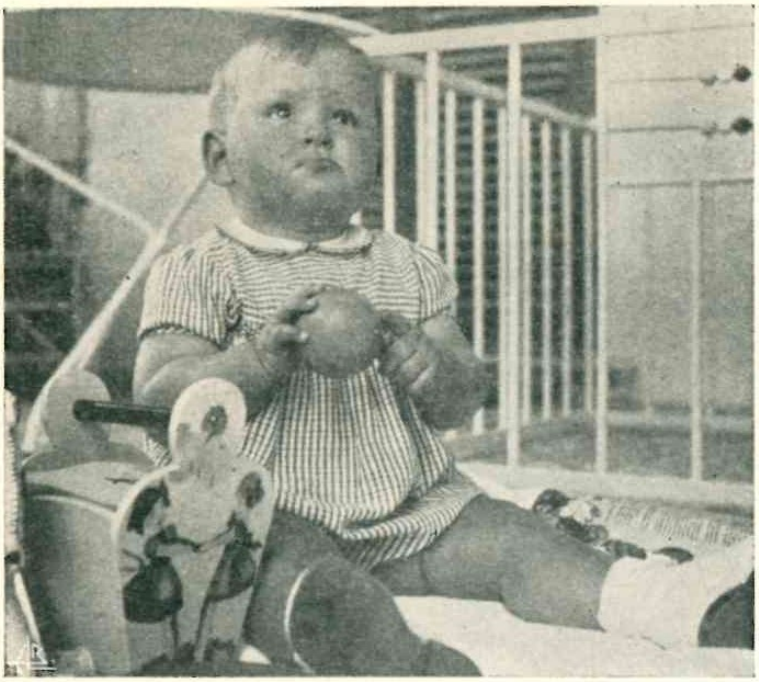
AOS DOIS FALAR...

E torno-me a levantar!

O FUTURO



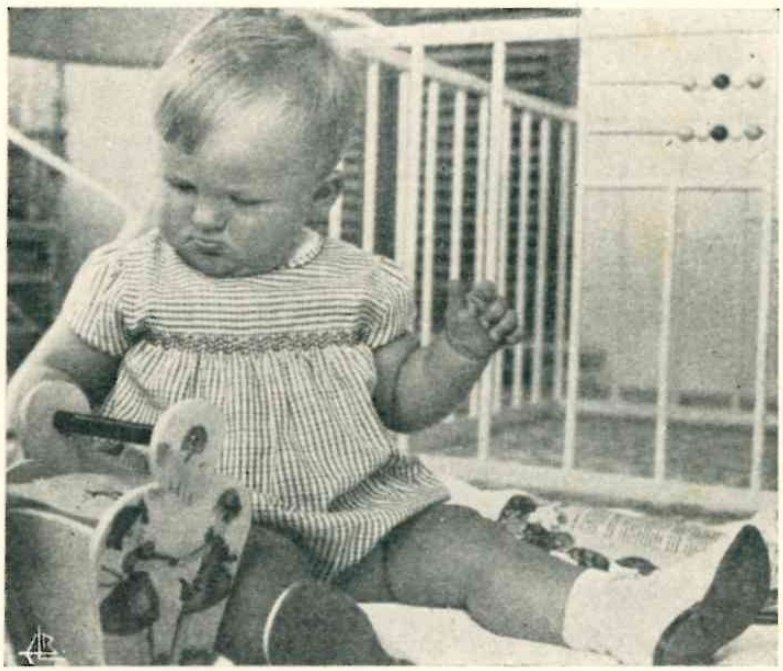
Sou Um Homem! Consegui,
finalmente, *cá* chegar! »



AOS TRÊS, É MISTER DIZER O QUE SE QUER;

«Abri meus olhos e o Céu,
deu-lhes a cor do Infinito...

PARA SE TER, E SER, O QUE DEUS QUISER!



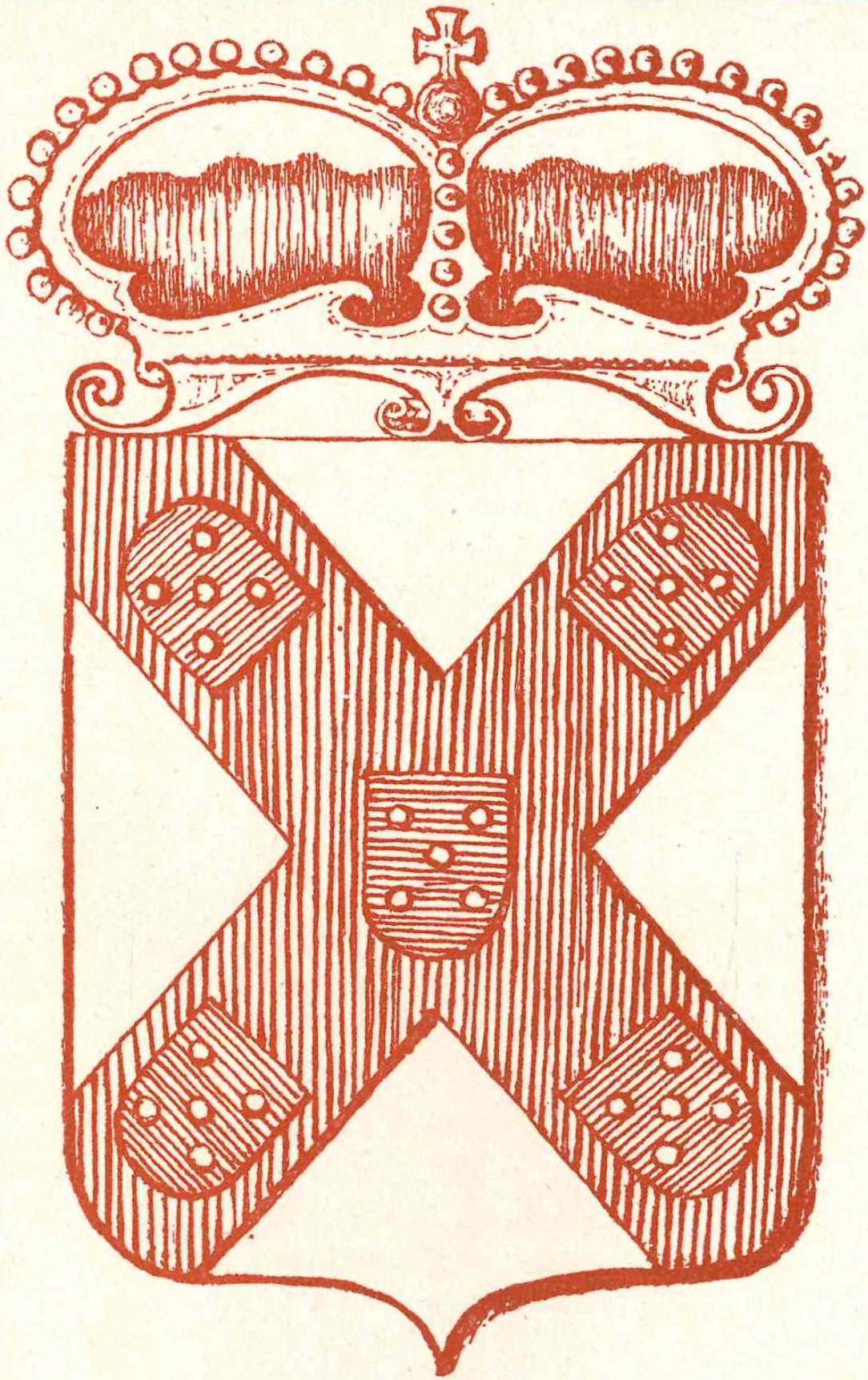
Mas neste mundo que é meu:
(O Berço que Deus me deu),
serei mais, que — Um Proscrito?»

PORTUGAL!



SUA ALTEZA REAL O PRÍNCIPE DA BEIRA CONDE-DUQUE DE BARCELOS

(Desenho a *sanguínea*, do natural, contando o Príncipe Menino quinze meses. Agosto de 1946).



Antigo Brasão dos Sereníssimos Senhores Duques de Bragança, Marqueses de Vila Viçosa, tendo estilizado, sob a Coroa, o «Banco de Pinchar», de três pés dourados, em que tomavam assento, junto ao trono, os Príncipes de Sangue Real.

Separata de « UM SONETO ». Terceira tiragem. « BERÇO EXILADO » 1946.

CARTA A UM PRÍNCIPE

«Só Deus e Pátria? — Não! O Lema Santo,
é: — Por Deus, pela Pátria e pelo Rei!»

Jaime Pereira Abreu de Sampayo.

Meu Príncipe:

Escrever a um Senhor tão pequenino e, ao mesmo tempo, de tão grande Nome, pois Deus O fez nascer na Casa de Bragança como Flor desse Roseiral, que, como mais antigo na velha Europa, é registado no Catálogo da Heráldica, — o *Almanach de Gotha;* escrever a um tão novo Príncipe, e já tão antigo por contar oito séculos de Tradições Principescas e Realengas; escrever a um tão Pequenino Duque de doces e inocentes olhos azuis, e, já condenado a perpétuo desterro, não é tarefa fácil, mesmo para o cortesão da Desgraça que é o autor, como foram e são — seu pai, seu avô, seus filhos e já seus netos.

Um destes, com dois anos apenas, entrando na sala modesta, onde por única riqueza se ostentam os retratos de El-Rei, da Rainha e do Príncipe Real, costuma dizer apontando os dois quadros maiores; «*O Rei, Paizinho do Bebé*», «*A Rainha Linda*»; e para o caixilho mais pequeno: «*O Rei Bebèzinho*» e então, longa, longa-

mente, se fica a olhar em êxtase o Pequenino Príncipe:— Duas mocidades em comunhão espiritual!

Que série de deduções germinarão no seu cérebro, que sabe apenas balbuciar ideias, balbuciadas em palavras?

Ninguém adivinha. Mas a visão dos Três Retratos, que um ambiente de mistério envolve respeitoso, ficar-lhe-á gravada na memória como ao autor ficou a relembrança da sua já tão distante meninice, tendo sempre visto um antigo servidor da família, descobrir-se com devoção, todas as vezes que ouvia pronunciar o nome do Rei D. Miguel: «*O Senhor Dom Miguel!*»

Poderão delir-se na memória, fundidas pelo esfuminho do tempo, imagens mais recentes, mais fundamente vincadas pela alegria ou pela tragédia, mas esses primeiros *clichés* da vida, focados na luz do mistério, que a razão das crianças não alcança, mas constata com rara subtileza, esses, fixam para sempre os recortes vivos das figuras, e são os companheiros inefáveis mesmo além da morte, pois atàvicamente revivem nas gerações vindouras, como herança das Raças espiritualizadas no desejo de Bem Servir.

Difícil, tão difícil como honrosa tarefa esta é,— de escrever a Vossa Alteza; mas já que, impensadamente comecei, ao correr das palavras e tão expedito como a velha pena saiba e possa, continuará com a mesma constância do antigo servidor do Vosso Grande e Infeliz

Bisavô, este velho servidor do pequenino Bisneto, que Deus fará, por certo, mais afortunado, — pois não há mal que sempre dure!

Eis-Vos, Senhor, no limiar da Vida.

E que Vos urge Principezinho de Balada, novo Desejado de Nascença?

Em primeiro lugar — Deus — e Vós O tendes no gesto litúrgico de Sua Santidade que, munido da Suma Sapiência do Rei dos Reis, Vos apadrinhou, banhando-Vos na Água Lustral colhida de uma fonte de Guimarães, berço da Nacionalidade Portuguesa. E isto foi de um alto simbolismo!

Em segundo lugar, urge-vos — Pátria —! Essa, a ingratidão dos homens negando-a à Vossa Inocência, fez-Vos nascer distante; não, entre o carinhoso respeito do Povo Português, irrequieto sempre, mas sempre bondoso e lembrado, de que foram Vossos Maiores que lhe deram, com o Torrão Minguado, o Dilatado Império, mas fazendo abrir Vossos olhos de azul *sereníssimo*, à luz reflectida das montanhas nevadas da Suíça onde, se a essas gentes tão pautadas e regulares — como os relógios que fabricam, — a Vossa natural curiosidade perguntar: «Por que me desterram?» — Responderão: «*É porque a hora de Lisboa anda atrasada; os cronómetros em Portugal disparatam...*» E, com um bom sorriso amigo, encolhendo os ombros, lá voltarão à labuta do

fabrico do seu queijo tão saboroso, tão saboroso, que até dizem, como do Gruyère, que faz esquecer...

Mas Vós bem sabeis que os nossos, os da Serra da Estrela, na Nossa Beira, são bem melhores do que os da Serra de Evian, de Emmental e Sbrinz, e não esquecereis por certo, que sois bem Português e, para mais, tão Honroso Beirão como Beirão Honrado.

Na Suíça, aí, faltar-Vos-á, a iodada brisa do mar largo, pois ao *midland* da Europa, as emanações do Grande Lago Português e do Mediterrâneo, não alcançam...

Urge-Vos pois a Pátria Atlântica, que Vos negam, com a febricitação nos cais e nas docas dos seus embarcadiços, gente que vai e vem, na atmosfera do alcatrão queimado para a querena dos navios, que vem e vão, eles também, como as ondas, sempre no sonho do desencantamento da desaparecida Atlântida...

Mas Essa Pátria tereis, porque Deus o quer e já marcou o Dia e a Hora!

Ainda depois, urge-Vos o Chefe, à usança do velho lema: «*Deus — Pátria — Rei*», pois outra vez ainda, relembrarei ao Vosso primeiro ano de vida, que heis já, oito séculos de idade espiritual!

Tendes Reis em Vossos Avós, na alta linhagem dos Antepassados, árvore que se perde na neblina dos tempos, avolumando o esfumado vulto desse Conde de Borgonha, que trouxe à Península o rijo montante, que ainda é hoje a espada do Condestável do Reino, tendo

passado pelas mãos do Primeiro Afonso, do Primeiro João, de D. João IV — *o «Restaurador»*, Vosso *sétimo* Avô, — de D. Miguel, Vosso Bisavô, o tão caluniado por certos anões que não podem — coitados, — chegar a medir a craveira dos Gigantes...

— Tempos bons!

Bons tempos esses, em que os vassalos não mentiam, pelo sufrágio, aos Chefes da Nação e em que os Reis, só a verdade diziam aos vassalos; mas fartaram-se estes da quezilenta companhia (a mentira é muito mais gostosa!) e mandaram a Verdade para o ostracismo, como coisa antiquada; mas essa *coisa*, — real e verdadeira, — não podia existir sem a Realeza, nem a Realeza sem a Verdade e, pelo exílio Se ficaram, enquanto a jovial mentira fazia as delícias de um século...

Durante esses cem anos, muita coisa subiu: — o custo da vida, a libra de cavalinho, as saias da Mulher, as contribuições; mas compensando, muita outra coisa baixou: — a Fé, a mútua confiança, a vergonha dos Homens, o nível da moralidade, este então, a plena baixa-mar de águas-vivas...

Mas há Liberdade (?) Igualdade (?) e Fraternidade (?) e isto, é que importa; tudo o mais não interessa...

E «Viva a República!» — (Esta tão fácil gente, contenta-se com os nomes!).

Os Senhores Duques de Bragança são realmente a Verdade!



E por serdes a Verdade, meu Príncipe, Portugal foge de Vós, como da estátua acusadora do Comendador...

A Vossa simples presença, é para nós remorso da culpa irremissível e por isso sois proscrito, Vós e os Vossos sem limites de gerações, Todos e para sempre!

E por isto, eis nascido desterrado!

Por que não se entrega o Seu a Seu Dono? —O Reino à Casa de Bragança e a Casa de Bragança aos Duques?—Não se dá ao Duque de Bragança os *ducados* de ouro e prata do rendimento do Seu Ducado e Marquesado de Vila Viçosa, talvez porque Maquiavel lembrou:—*Um pretendente é sempre sujeito, até à solução da sua demanda; depois...*

Mas o arguto Florentino que nos deixou admiráveis conceitos no livro — *Príncipe* — desconheceu os Príncipes de Bragança, cuja firme bondade seria perdulária se não fosse Realenga. E Eles, esses Grandes Senhores, possuem em grau soberano a virtude rara de — saber esquecer com oportunidade e saber perdoar sem menosprezo, tendo sempre discreta a relembrança para agradecer, — ou não tivessem a célebre memória dos Braganças, timbre da Velhíssima Raça dos Eleitos.

— Rei e Conselheiro Leal tendes, Alteza, no erudito e prudentíssimo critério de Vosso Augusto Pai, quando ascenderdes da adolescência à plenitude da idade viril. Durante a meninice porém, os conselhos terão de revestir o fantasiado adorno do adágio ou da fábula, como indicam os especializados no ensino da infância.

Cristina Pellissier, catedrática na difícil Faculdade de Puericultura, pontifica para as Mães Canadianas: — Os avós, os tios, os velhos amigos da família, serão os seres encantadores que as crianças entronizarão entre o Bom Deus e o Pai Natal, se forem fonógrafos em sessão permanente, contando saborosas historietas e contos maravilhosos. Sobre estes contos e histórias diz ainda a *doctoress*: «*Une autorité en la matière assure que les enfants aiment pardessus tout, les histoires du temps où leurs parents étaient enfants. Chaque fait, chaque incident touchant l'enfance de leurs parents les fascinent et les charment*». E frisando, entre outros, um modelo de conto

infantil: «*Votre grand-papa avait un chien épagneul; c'etait la loyauté même!*».

Preciosamente guardado, tem o autor na sua colecção Miguelina, um raro retrato da juventude de Vosso Avô, o Senhor D. Miguel II, vendo-se-Lhe deitado aos pés, um *épagneul* de linda estampa. Que contos interessantes se poderiam bordar à volta da apagada fotografia? Seria esse o cão que o Príncipe de Bragança levou, como inseparável companheiro, por vezes embaraçoso, nas arriscadas batidas ao tigre real, pelo Panjab Indostânico na Índia dos Rajás?

Mas outras histórias há! E sete darei para, com essa leitura da minha prosa soporífera, Vos fazerem sossegadamente adormecer, cada dia da semana, reservando a mais jocosa, para o Domingo *(dies dominica)* o dia do Senhor e da Alegria, já que da nossa alegria, sois Vós o único Senhor...

Dos contos anedóticos, é que, pelo recorte das figuras, mais viva ressalta a luz da evocação:

Era de uma vez, entre 1828 e 34, Rei de Portugal, Vosso Bisavô o Senhor D. Miguel I. Mocidade viril e exuberante que, por único defeito, mostrou a virtude de saber ser estruturalmente português; pecado imperdoável perante os internacionalistas, e que, imperdoada deixou, eternamente, a Sua Geração...

Os afrancesados combatiam a reacção nacionalista pelos mais dolosos meios, mas a Nação reagia e Ele, o Rei, na primeira fileira reagia por todos.

A revolta das *lojas* lavrava fundo, conduzida pelos vários Orientes maçonizantes, e uma expedição de *rebeldes* ameaçava desembarcar nas ribas atlânticas, como fora consumado nos Açores; sabia-se que um dos navios dessa esquadra, era movido a vapor, suprema maravilha no primeiro quartel do século passado...

— Um velho amigo da Vossa tão Velha Família, Vos oferece uma semana de novelas e histórias, focando todas elas, Altíssimas Pessoas que, de bem perto, Vos tocam, meu Pequenino Senhor.

— Perdoai a pouquidade e a qualidade dos textos!

HISTÓRIA DAS ESPADAS E DAS BAIONETAS

«*Senhor Brigadeiro Nicolau de Abreu Castelo Branco!*» Clamou uma voz sonora da porta da saleta do cravo, àquela hora tardia ainda iluminada, pois servia de ante-câmara real no Paço de Caxias.

Logo o vulto avantajado do comandante do primeiro regimento de cavalaria de Lisboa, depois de afivelar o pesado cinturão, se perfilou no escuro do corredor, ali acorrendo de pronto, pois o chefe da escolta real de guarda a palácio, dormitava sempre vestido, pelas cadeiras e coxins, nesse tempo de alarmes marciais.

«...*Um homem escolhido entre os voluntários, para levar este ofício confidencial!*», ordenou a voz sonora. «*E que rebente o cavalo na volta de três dias, por Tomar, Leiria ou Peniche, ou onde quer que esteja o quartel-general do Póvoas.*»

Escasso quarto de hora volvido, do silêncio do Palácio adormecido, dois vultos surgiram à claridade das velas da saleta da música.

«*O homem está aqui!*»

«*Que entre*», responderam.

Logo um soldado hercúleo, vestindo com *donaire* a farda elegante azul ferrete, avivada na gola e canhões a azul celeste, e de alta barretina de arrogante e rúbido penacho, se apresentou em sentido.

Ouvida sem pestanejar a ordem urgentíssima, o soldado não se moveu.

«*Que mais queres, António Martins? Segue ao teu destino!*», disse-lhe o Brigadeiro já agastado.

«*E que eu desejava ver o Nosso Rei, pela primeira vez e, — quem sabe, — se pela última...*»

«*Queres pedir-Lhe alguma coisa?*», interrogou, interessado, um jovem oficial esbelto e insinuante, de grandes olhos negros e nariz aquilino.

«*Nada Lhe pedirei; mas como os caminhos andam sujos por vigiados dos malhados, que atiram aos correios de Sua Majestade como a lobos, desejava dizer...*»

«*O quê? Dize depressa!*», auxiliou o moço oficial, para vencer o manifesto acanhamento do soldado.

«*Que tudo iria bem, se... Deus me perdoe... Se as espadas fossem tão firmes como são as baionetas!*», desembuchou o atleta.

«*Vai, António Martins! Vai e depressa, para ires — soldado, e voltares — sargento.*»

«*Ai que Ele é o Nosso Rei Senhor D. Miguel!*», exclamou o desgraçado, de joelhos já, a beijar a mão do adorado Monarca.

O soldado foi, e regressou sargento. Em Évora-Monte

quebrou a sua certeira carabina e anos depois, ordenado padre, já velho, por São João de Tarouca, sua terra natal, quando narrava o sucedido, era sempre com as lágrimas a caírem-lhe pelas faces tostadas de caçador fragueiro, rematando: «*Os espanhóis na fronteira de terra, os ingleses na fronteira do mar; os afrancesados cá dentro! Pois apesar de tantíssimos inimigos, se as espadas tivessem sido tão firmes como foram as baionetas, outro galo cantaria...*

«*Outro galo? Mas qual...*», perguntavam arreliadores.

«*Ora, quem houvera de ser!*», exclamava, irado, o bom do Padre, descobrindo a branca e tonsurada cabeça. «*Essa é boa! Quem houvera de ser, senão o Senhor D. Miguel!*»

Para este puro português, o único Soberano, foi Esse Último Rei da Tradição Nacional. Se lhe falavam em D. Pedro V ou, depois, em D. Luís, ria-se, abanava a cabeça e passava sem saudar, caminho da sua Matriz, ou, nas horas vagas, no trilho conhecido da montanha, à lura dos coelhos ou ao chamo das perdizes...

E SE FOSSE O REI?...

Naquelas flutuações e incertezas, que por fim haviam de gerar a derrota do exército tradicionalista, já o comando supremo das tropas miguelistas, que então cercavam o Porto, passara, mais uma vez, das férreas garras de Teles Jordão, para as mãos mais bem cuidadas do Barão de Clouet, o *chouan* vendeano que, perdida em França a causa realista, também aqui em Portugal a havia de enterrar.

Nesse fim do ano de 1832, as operações eternizavam-se. Os soldados do Senhor D. Miguel atacavam as linhas do Porto e eram repelidos sempre e com perdas sensíveis; os liberais — os *rebeldes* — como se lhes chamava então, faziam surtidas e também com baixas inúteis, voltavam a entrincheirar-se na cidade.

E não se passava disto. Apatia de ambas as partes, o que demonstrava estarem já todos cansados de verter sangue de irmãos.

Alguns oficiais e quartéis-mestres do exército sitiante, haviam recebido instruções para irem cobrar abonos e receber artigos de fardamento a Penafiel, onde, então, estacionavam os depósitos e os casões.

Dois ou três demoraram-se mais pelo burgo e tanto, que, o vinho ajudando, da estúrdia surgiu a rixa con-

flituosa e um popular, um rapaz, recolhia mal ferido ao hospital da vila. Noite andada, pelos botequins, comentava-se o sucesso com calor.

Num dos cafés, em volta de uma tosca mesa de jogo, um alferes da Cavalaria do Fundão, justificava-se da desafronta sangrenta de que fora autor: — O paisano insultou-me com impropérios e nomes que ofendiam os brios de meus pais... Então bati e bati rijo!... Os pais são sagrados... Nem que fosse El-Rei...

— E se o Rei fosse! Que farias!..., perguntou um alto oficial, moreno e desempenado que, embuçadamente, entrara e que inquiria das razões do reboliço.

— Matava... — ainda clamou o rapaz estouvado; mas reconhecendo a tempo, no gentil oficial o próprio Rei, emendou: — matava-me a mim, para, com a perda de um dedicado soldado, castigar Quem tanto me ofendera...

O Rei sorriu; todos sorriram da boa saída e com o tempo, até o rapaz paisano veio a sarar.

Quem nunca se curou das feridas mortais recebidas no cerco da Invicta, foi um velho: — Portugal!

Nota: — Foi publicado este conto, com o pseudónimo de — *Maga* — usado pelo autor.

HISTÓRIA DO AMIANTO

Certo dia, pelos fins de 1832, El-Rei Vosso Bisavô, deixara Lisboa para animar com a Real Presença o Exército Nacional, que se opunha à incursão armada no estrangeiro, e já desembarcada nos Açores e no Mindelo, sob o comando de D. Pedro Seu Irmão e Primeiro Imperador do Brasil.

O Rei de Portugal ia combater em Pessoa; não mandava outrem, ia Ele, com apoucado Estado-Maior e a Côrte, muito reduzida; jornadeavam de longada para o norte, aboletando-se por Rio-Maior, Leiria, Pombal e entrando a 20 de Outubro em Coimbra, onde o Bispo-Conde O acolheu sob o pálio, para um solene *Te Deum* impregnado de pompa litúrgica. A 22, El-Rei desejou visitar o Paço das Escolas, mas como o Reitor da Universidade não estivesse em Coimbra, foi substituído pelo lente de química, Dr. José Joaquim Barbosa, um tanto suspeito de jacobinismo. El-Rei, que tudo sabia, mais se esmerou para com ele, em requintes de cortesia.

Na visita que foi longa, Sua Majestade mostrou-se muito interessado, o que pasmava o catedrático, pois a maçonaria fizera correr que o tão viajado Senhor, era ignorante de toda a ciência e de toda a arte...

Mas o Rei classificava sem hesitações os inúmeros exemplares expostos no Museu de História Natural, quase preleccionando o lente, especialmente sobre a fauna tropical, lembrando as feras que caçara e os monstruosos ofídios que observara *in loco,* deixando o catedrático boquiaberto.

Passando pela estante, onde se guardavam amostras de amianto nacional, teve ali, o professor, alguma esperança de apanhar em branco aquele Rei, que, em certos pontos, mostrava estar acima da famosa sapiência do *magister.* Mas o Senhor D. Miguel explicou sorrindo, que bem conhecia aquelas fibras minerais, que também chamam arbestos, semelhantes a grosseiros tecidos comuns, substância natural composta de cal e magnésia, de cor verde, cinzenta, ou como aquele exemplar, esbranquiçada; parecendo estopa, esses filamentos mostram pouca aderência, mas são bem flexíveis. Já os antigos empregavam o tecido de amianto, que é incombustível, e, às temperaturas vulgares também infusível, para guardarem as cinzas dos antepassados, que, conforme seus ritos, incineravam. Fazem-se com essas fibras boas torcidas para candeeiros e candeias e um médico francês lembrara-se de aconselhar estes filamentos para pensos de urgência, de preferência ao linho para as feridas profundas, nas ambulâncias. Em Itália e Áustria, fabricam papel de arbesto e até complicadas rendas e lavores, e há ocasião de ver — à prova de fogo — fatos

completos para bombeiros... E El-Rei rematou com fina ironia: « *Tenho Eu um grande lenço de amianto e essa mortalha, guardar-me-á intactas as cinzas, se... Me lançarem ao fogo!*» E foi-se, donairoso, deixando o luminar da ciência que era o Dr. José Barbosa, perplexo, amodorrado, como morrão bruxuleante de torcida de arbesto, em candeia sem azeite...

Chamaram-lhe *ignorante;* no entanto, Ele foi quem mandou construir a Casa dos Naufragados na Foz do Douro, dotando esse primeiro Instituto de Socorros a Náufragos, com todos os utensílios necessários, e até com aparelhos eléctricos destinados a reanimar pelo choque, os corpos humanos salvos das ondas, mas já atingidos pela algidez, — sistema novíssimo em 1829, mesmo em Inglaterra!

De tudo o Rei cuidava então. Hoje, sob a tão reclamada assistência republicana, os portos atlânticos desta Nação atlântica, os que não têm ao seu serviço, como o Porto, um sábio engenheiro, — *O Engenheiro da Régua,* — que anualmente, com as cheias invernais, lhe desassoria a barra, estão bloqueados e até sucede, o que a imprensa — (*Jornal de Notícias* de 28 de Fevereiro de 46) — regista:

— «*Junto envio um recorte de jornal em que pode verificar o estado da bacia de Leixões, pois que o petroleiro ao querer encostar ao cais não o pôde fazer por causa*

de um banco de areia ali existente, tendo que esperar por maré alta.

Quem é que tinha obrigação de ver se estava ali o banco de areia: os senhores pilotos de Leixões ou a Administração dos Portos do Douro e Leixões?

Depois não querem que haja destes lastimáveis serviços.

O que há-de dizer o capitão do navio depois deste incidente? E o mais interessante foi ser ele que descobriu o banco de areia junto ao cais onde o navio se destinava a encostar.

Tudo isto faz pena e não nos honra, apesar de eu não ter nada com isto.»

E tão atlântica Nação é, que, sob o Primeiro Afonso, já D. Fuas Roupinho vencia o primeiro combate naval dos portugueses, de galés contra galés! E os velhos Lusitanos mantiveram uma colónia na zona de Tânger, perto da actual Arzila!

Se não fosse o capitão sueco do petroleiro *Glomdol,* desconfiar de técnicas e técnicos nacionais, indo ele mesmo sondar os fundos da bacia de Leixões, talvez ainda lá estivesse a esta hora, em contacto com a coroa de areia, que, revolucionàriamente, se atreveu, por míngua de outras *coroas* (que tanta falta nos fazem) a aflorar, patenteando o pouco interesse que às repúblicas merece, o labor recatado, paciente e pouco decorativo, de pôr em ordem, não a Casa, mas a entrada marítima, a porta, ou o porto da nossa Casa Atlântica.

Tem o Estado de Coisas Republicano realizado melhoramentos, na verdade, para agradecer, mas nota-se na realização dessas obras o intuito de fazer depressa e o mais decorativamente possível, olhando apenas em altura e em extensão, desprezando a profundidade que, no caso em questão, seria o desassoreamento portulano e a navegação para as colónias, onde tanta riqueza se perde por falta de transportes.

Temos e não perdemos ocasião de mostrar — um Parlamento gigante; um Estádio gigante; um Instituto Superior Técnico gigante, mas não se proclamou logo de início, este Regime como anti-parlamentar? Poderá o desporto nacional utilizar *utilitàriamente* o colossal Estádio? A frequência escolar encherá, em metade ao menos, o monumentalíssimo Instituto?

Beneficiaram-se as estradas; muito bem! Mas abandonaram-se e completamente os caminhos do mar e por falta de barcos suficientes, atiramos para os antípodas com as mais próximas colónias, como Angola e S. Tomé.

Na barra dos rios — do Minho ao Guadiana, — as areias bloqueiam a menos exigente cabotagem.

Procura-se deslumbrar o indígena, sem visão do momento que há-de vir, mas apenas do momento que passa, à feição da fantasmagoria do cinema... Passada a fita, apagada a luz da projecção, na tela do *écran*, nada ficou...

A República Velha, impreparada, sem finalidade nem

altura, foi, culposamente esbanjadora, como moço inexperiente que, de súbito, se veja de posse de uma fortuna...

A República Nova, tendo gozado um largo período de sossego interno, poderia, por exemplo, na oportunidade das Grandes Guerras, ter feito exportar todo o *stok* do nosso ouro líquido, que peja os tonéis e balseiros do Douro e de Gaia. Com as Exposições, Centenária e outras, quis fulgurar perante o mundo, mas os forasteiros faltaram e desse certame, restou lamentosamente a pobre nau *Portugal!* Esse símbolo ficou...

A Realeza é outra coisa, visa de longe a meta, e, com prudente vagar, chega ao fim planeado; se não for o Pai a ultimar a realização, seu Filho, automàticamente alçado Rei, educado nas mesmas ideias de seu Pai, tudo seguirá como se a mesma vida fosse, no labor do mesmo pensamento.

Assim se fez o Império, com o prolongamento do comando: — a Dinastia.

A todas as Repúblicas, por melhores que sejam, falta e faltará sempre, este apanágio das Realezas: — a Continuidade.

A aristocrática e opulenta República de Veneza, procurou remediar o mal, fazendo casar os seus Doges com o Mar Adriático; mas essa esposa, — chão salgado e frio, — não frutificou e a República, de tão rica pela Renascença, pobre se finou... sem descendência!

Como se vê, a *democracia republicana* é já estafada *reprise* que sempre acaba mal...

Já por 1640 surgira aqui, o alvitre republicano. Nem todos da fidalga conjura eram por D. João de Bragança; uns tantos, queriam o Duque de Vila Real; outros conspiradores lembravam o Duque de Aveiro (ambos também, de Sangue Real) e, alguns ainda propunham estabelecer aqui, à semelhança da Holanda, uma república federativa, de bases Hanseáticas, sob a alçada de um Stathouder, com o título de Alteza, ou ainda como a República Aristocrática de Veneza onde imperou um Doge, noivo da Laguna, todos os anos mudável (pobre Laguna do Adriático, anualmente viúva inconsolável!), ao que um dos ricos mercadores, ali adentro do segredo da revolta, — e pondere-se não ter partido a réplica da boca da Nobreza, — mas da prudência de um Lemos da Betesga, ou Correia dos Remolares, atalhando plàcidamente à inovação: — «*que sendo uma República governo de muitos e já tão difícil encontrar Homem Bom para Rei, mais difícil seria conseguir-se juntar os tantos honrados para uma República...*»

Os *Homens Bons,* não têm faltado para o Duro Ofício.

Os *tantos honrados,* é que escasseiam...

Mas voltemos, Meu Senhor, às Histórias, que bem mais lindas são do que a enfadonha política. E tão linda

esta que segue, que logo se vê não ser minha, mas do elegante escritor Lourenço Cayolla, podendo ler-se no seu livro — *Cenas Delidas pelo Tempo,* — edição de 1934, a pág. 132.

Tão sugestiva é, que perdoei aos Leitores certo conto meu, restando-me felicitá-los pela troca e pedir vénia ao narrador primoroso:

HISTÓRIA DO BARBEIRO

«... Por 1884, sendo aluno da Escola Politécnica e depois da Escola do Exército, fazia a minha barba numa pequena loja de cabeleireiro, situada na rua do Príncipe desta Lisboa, logo ao lado da «Brasserie», à esquina da calçada do Carmo. Era um estabelecimento modesto, servido exclusivamente por um homem alto, muito direito e apurado no trajar, olhos azuis, rosto rosado e duas suíças brancas de neve. Chamava-se o Sr. Araújo, e podia ser tomado como a antítese dos seus colegas por ser pouco comunicativo e até bastante reservado no falar.

A minha loquacidade, nesse tempo elevada à máxima tensão, caprichava em lhe desenferrujar a língua, mas, depois de várias tentativas infelizes, começava já a perder a esperança de conseguir animar aquele bonzo, quase sempre impenetrável, quando uma noite, falando em política, percebi, mais pela expressão da fisionomia do que por quaisquer palavras, que o homem era hostil às ideias avançadas, que estavam então em pleno desenvolvimento.

— Pelo que vejo, o senhor é monárquico, interroguei eu.

— Sim, senhor, monárquico legitimista. Tenho-o sido toda a minha vida e já agora assim hei-de morrer. Quando se contam quase oitenta anos, não é fácil mudar de ideias.

— Oitenta anos! Julgava-o sinceramente, com menos idade. Ainda conheceu D. Miguel?

— Se o conheci!, replicou o Sr. Araújo, animando-se-lhe o rosto numa intensa expressão de alegria. Tive a honra de ser seu criado, sendo quase uma criança.

— Ele era muito querido de todos?, interroguei, sabendo antecipadamente que essa interrogação o havia de tornar ainda mais expansivo.

Consegui plenamente o efeito que esperava. O Sr. Araújo colocou a navalha em cima da mesa e, com o olhar iluminado e gestos largos, exclamou:

— Muito, muito. Todos lhe queriam, todos o aclamavam, especialmente o povo e os pobres. E como não havia de ser assim, se ele era tão bom! Quando falava com os desgraçados esquecia-se de que era um Príncipe. Para os nobres e poderosos é que se mostrava soberbo. Por isso os humildes o adoravam. E o Sr. Araújo, cada vez mais entusiasmado, concluiu:

— Olhe, meu senhor: Quando ele vinha da Bemposta para o Rocio e descia a calçada de Sant'Ana a galope, no seu cavalo preto, muito direito na sela, sempre a sorrir, correspondendo com muito agrado aos que o cumprimentavam e erguiam vivas à sua passagem, ajoelhavam os homens, ajoelhavam as mulheres, ajoelhavam as crianças, ajoelhavam as próprias pedras da calçada! Olhe que não exagero. Aquilo só visto. E puseram-no fora, para depois vir o que veio!

O Sr. Araújo transfigurara-se. O tom rosado da pele cedera o lugar a uma intensa palidez. Depois serenou. O olhar perdeu o brilho de ocasião e tornou-se-lhe mais mortiço. E agora, em voz quase sumida, e retomando a navalha, disse ainda:

— O senhor desculpe esta exaltação. Há coisas que bolem cá por dentro à gente e a que, mesmo um velho como eu, não pode resistir. Desculpa, sim?

Eu, talvez por ser muito novo, sentia-me bastante comovido com aqueles entusiasmos de um velho. Apertei-lhe a mão, e repliquei:

— Não tem nada que pedir desculpa. Depois do que lhe ouvi fico sendo seu amigo.

E fiz uma tal propaganda dos méritos de barbeiro do Sr. Araújo, ocultando aos mais vermelhos a confidência com que fora honrado, que, passado pouco tempo, o homem não tinha mãos a medir, tão grande era a freguesia de aspirantes e alferes alunos que afluíra à sua pequenina loja, sem ele nunca ter conseguido saber porquê.

Depois desta fuga por alheia e opima seara, voltamos a trilhar o pouco cultivado campo do autor, com a:

HISTÓRIA DA SENHORA INFANTA REGENTE DONA ALDEGUNDES DE BRAGANÇA

O tempo, nesse começo de Outubro de 1911, ficou assinalado nos boletins meteorológicos do norte da Península, sob o signo: — zona de borrascas; ventos ciclónicos; tempestades de neve...

Pois nessa frígida noite de 8 para 9, na residência de D. Pepe Maria, alcaide *do* pueblo *de Lubian, próximo do* empalme carretêro de la Godina *que ostenta o privilégio de — estação telegráfica, — nessa histórica mansão marginando a estrada que de Verin leva, por altíssimos montes e vales estirados a Poebla de Sanabria, na Província de Zamora, roçando aqui e além a fronteira mal demarcada Luso-Espanhola, aí foi, nesse solar tão vasto como inconfortável e tão inconfortável como hospitaleiro, que nos achámos uns 40 ou 50 homens da minguada hoste de Couceiro, gente mais batida pelas privações e pela tormenta, do que pela tropa republicana topada em Vinhais.*

Esboçava-se a debandada, horas mais tarde confirmada, depois da retirada de Casares sobre o Ocidente, no propósito talvez, de aguentar a investida sobre Valença do

Minho, já que se gorara a arrancada por Trás-os-Montes... Mas tudo em vão!

Esses homens, encharcados até aos ossos, esfomeados, mas mais sôfregos de tabaco do que de pão, ali haviam chegado em pequenos grupos tresmalhados, alguns sem armas já, e todos sem esperança...

E entregavam-se a mim, que ali havia sustentado o serviço de ligação entre a Coluna do «Comandante» e o resto do mundo, servindo-me dos contrabandistas como correios, e do telégrafo de la Godina para as transmissões internacionais.

Esses desgraçados queriam comèr e secar as samarras que, como esponjas, lhes pesavam dos ombros bem mais do que o esgotado cartuchame.

Comer, porém, era um problema que só à custa de muitas pesetas e mais ainda, de arguta diplomacia, se ia resolvendo em sacrifícios de cabritos, galinhas e carneiros. Raziara-se o **pueblo**, *mas o pão, não havia maneira de aparecer; vinho e tabaco, esses sim e com fartura; vinho trepador,* **vino Manchego** *que aquece; e aquecer, urgia ainda talvez mais do que comer... Não, que o granizo fustigava!...*

D. Paiva (como os espanhóis chamavam a Couceiro), oh esse, continuava teimosamente, com os seus oficiais e uma escassa centena de homens, a marchar ainda em Portugal; — **«seguimos para Oeste, chegados à fronteira, porque os dois encontros que tivemos** *(Vinhais e Casares)* **nos diminuíram muito as munições e precisamos recebê-las de novo...»**, *escrevia-me Ele, na Sua carta a lápis,*

datada de Pinheiro Velho a 10 de Outubro e ali trazida por esses correios fiéis e paradoxais: os **curas** *das aldeias fronteiriças e os destemidos contrabandistas...*

No vasto salão da alcaidaria, em penumbra pela fumaça de tantíssimos cigarros, apesar de iluminada por fumoso candeeiro e algumas candeias de mineiro, mal se enxergava, mas ouviram-se perfeitamente as discussões de Homem Cristo, do Conde de Penela, do Major Vieira de Castro...

Amodorravam os ânimos pelo quarto de alva, quando o arfar de um automóvel que estacara ao portão, nos chamou aos janelos de vidros embaciados e então, nos focos da luz dos faróis, pudemos apreciar o calibre das balas de gelo que granizavam quase horizontalmente com o vento, tal como projécteis luminosos e incandescentes no negrume dessa noite caliginosa.

Quem viria?

Mas já um homem alto e possante, coberto o corpo por espesso casaco de peles, se apresentava tirando os óculos de **chauffeur** *a mostrar as rúbidas feições do Lugar-Tenente da Legitimidade — D. Alexandre Saldanha da Gama, — o qual, à queima-roupa, nos disparou esta frase estonteante:* **«Sua Alteza a Senhora Infanta Dona Aldegundes de Bragança e a Sua Dama de Companhia, desejam entrar e cear do que houver.»**

Um de nós, mais afoito, murmurou ainda: **«Entrar a Princesa, altíssima honra será para todos, porém cear, parece-nos impossível!»**

A Grande Senhora, que todos conhecíamos por A termos visto socorrer os doentes e valer aos necessitados, já subia, Ela e uma Dama da aristocracia austríaca, deixando ambas pela sórdida escada, um rasto precioso de perfumes!

Seguiu-se a apresentação! D. Alexandre, rígido na etiqueta e palaciano no donaire, declinava os nossos nomes, como em Alcáçova de Soberanos, e foi-nos dada então a rara honra de beijar a mão de Uma Filha do Último Rei da Tradição Nacional, ali personificando aquela Realeza que sabia pagar com a Sua Presença, com a Sua bolsa e até com as Suas jóias, o direito (e o dever) que aos Reis assiste, de serem os primeiros na Guerra e os últimos na Paz!

Mortos de saudade Seu Pai e Seu Irmão; Menino de 4 anos Seu Sobrinho D. Duarte; Ela, ali estava, serena entre os mais audazes, a representar a Dinastia que havia fundado o Reino e dilatado o Império; ali, entre os perigos e as incomodidades desses dias e dessas noites de febricitação esperançosa e, uma vez mais, de desilusão...

Quis Ela, em seguida, falar aos feridos, um dos quais, o Dr. Bacelar Teles, nos dava muito cuidado e amiúde perguntava solicita por D. João de Almeida, cujo paradeiro à testa da sua gente, nós ignorávamos...

E o inverosímil realizou-se; a valorosa Princesa ceou, — sardinhas de lata, ovos estrelados em impossível azeite e leite de cabra, — achando tudo delicioso e como tal, agradecendo tudo a todos, como se houvéssemos conseguido um ver-

dadeiro milagre! Milagre verdadeiro viu a madrugada a clarear, porque aquietada a borrasca, aqueles homens, pouco antes tão desalentados, que já falavam em embarcar em Vigo ou na Corunha para o Brasil, dando por findo o sacrifício de redimir uma Pátria... aqueles homens internando-se uma vez ainda em Portugal, marchando pelo trilho do dever, de cabeça alta, o torso arcado, a decisão no gesto, um clarão no olhar, saudados comovidamente por um minúsculo lenço de rendas portuguesas, — a linda Bandeira Branca da Pátria Antiga, — ali, na Fronteira dessa Pátria, arvorada, em miniatura, pela pequena mão de uma Princesa de Bragança!

Eram e são assim, as Filhas dos Reis! — Sabem ser Rainhas sem que ninguém lho ensine...

Eram, *porque a Senhora Duquesa de Guimarães Dona Aldegundes, foi já chamada à presença do Rei dos Reis.* **São,** *porque o seu patriótico esforço de toda uma vida de exilada, é continuado por Sua Sobrinha, Alteza Real, Senhora D. Filipa.*

Os realistas que o sabem ser, nunca **se ficam agarrados a um cadáver,** *porque cadáveres não há adentro da estrutura das Monarquias, mas sempre a linha continuada da Dinastia, linha viva, imorredoura e tão eterna como as mesmas Pátrias que Essas Monarquias fundaram e engrandeceram; são como a Fénix... renascem das próprias cinzas!*

Só Elas têm a continuidade do Passado ao Futuro; o

Presente, por efémero, não interessa, é interregno apenas: curtíssimo momento em que, o que há-de ser, se transforma no que foi... porque o que foi, é, o que há-de ser!

Rei morto; Rei posto! Assim as Rainhas. Assim as Princesas.

— O melhor agradecimento, por tão exemplares virtudes, que poderemos prestar à memória da Princesa Regente, é reconhecer na acção inteligente de Sua Augusta Sobrinha, o seguimento perfeito da Sua Obra de Restauração Integral, com Deus, com a Pátria e com o Rei.

CONTO SOBRE OS POLÍTICOS

Seu Augusto Avô, — o Senhor D. Miguel II — esteve, apesar da lei da proscrição, umas cinco vezes em Portugal. De uma dessas feitas, procurou em Lisboa a hospitalidade da casa solarenga dos Redinhas, a São Vicente de Fora. Foi num frio inverno.

Não tardou que a denúncia da infracção chegasse ao conhecimento da Polícia, desta ao Ministério do Reino e da Secretaria de Estado ao Presidente do Governo, — então, o Conselheiro Dr. José Luciano de Castro.

Estava o Senhor D. Carlos no Paço das Necessidades, entregue ao artístico deleite das suas aguarelas e desenhos a pastel, quando, sem mesmo se fazer anunciar, José Luciano irrompeu pelo régio *atelier*; « *Senhor! Meu Senhor! Seu Primo D. Miguel está em Lisboa escondido em casa do Conde da Redinha! Os miguelistas agitam-se e teme-se um levantamento político, bem nefasto na quadra internacional que atravessamos... Vou mandar cercar pela Municipal o bairro de São Vicente, enquanto se prepara o decreto de expulsão que Vossa Majestade firmará sem delonga...* »

D. Carlos, pousando os pincéis sobre o cavalete e tirando sossegadamente uma larga fumaça do seu inse-

parável charuto, responde com calma majestática: «*Ó José Luciano! Escuta lá: eu penso que Meu Primo fez bem em vir até Nós, já que Nós não vamos até Ele! Nada de mobilizar a Guarda Municipal e, mesmo a Polícia, enquanto Eu não voltar, e sossega os nervos, tomando uma chávena de chá quente, pois o frio aperta!*» Chamando um Camarista, ordenou que atrelassem o *coupé* de serviço do Palácio e, sem outra companhia além de um ajudante de ordens, mandou bater para São Vicente.

— Chegando ao palacete que domina uma rua tortuosa, sobe sòzinho a escadaria e, perante o velho criado que, boquiaberto, lhe abre a portada, vai entrando, entrando... O Conde da Redinha, assarapantado pelo confuso aviso do criado, corre, dando de cara com o vulto volumoso de D. Carlos que continua entrando... «*Ó Redinha, onde está Meu Primo?*» — «*Senhor! Eu não sei a Quem se refere...*» — «*Ora, ora! Dize lá; Eu sei que está em tua casa e desejo abraçá-lo*». E vai entrando, entrando, até dar, na sala do cravo, com D. Miguel que, tranquilamente, consultava pergaminhos genealógicos e papéis poeirentos.

Caíram os Dois Parentes nos braços Um do Outro, ante o espanto alegre do velho bondosíssimo, que era então o Lugar-Tenente da Legitimidade e que, de contente, esfregava as mãos, vendo-Os palestrar com efusiva cordialidade durante largo tempo. O que disseram, nunca o Conde da Redinha o divulgou.

De regresso ao Paço das Necessidades, D. Carlos encontrou o Conselheiro José Luciano a passear enervado, numa crescente exaltação causada pela demora.

« Então, Meu Senhor? Eu já mandei chamar os correios a cavalo, para a transmissão das ordens aos Comandos da Guarda e da Polícia... Já redigi o Decreto...»

«Que pressa, José Luciano, que pressa! Olha lá: — Municipal, nada; polícia, o menos possível! Um guarda fardado, outro à paizana, eis tudo o que é preciso para se evitar qualquer desacato improvável, mas sempre possível».

« E a ordem de expulsão sumaríssima? »

« Temos tempo de pensar nisso depois de Meu Primo se ausentar. Sossega! Ele disse-me que pouco se demorava e tenho pena... Olha lá: mas guarda o segredo! Se voltarmos a palestrar muitas vezes, sabes? — quem vira a casaca para os miguelistas, sou Eu!»

O Conselheiro José Luciano, deixou-se cair pesadamente sobre um sofá e, de tão atarantado, esqueceu ao sair o seu inseparável *cache-nez*, apanhando um catarro mestre, que durou todo o tempo que, folgadamente, o Senhor Dom Miguel II se demorou em Lisboa.

Meu Pequenino Senhor! Nesta Nossa Terra, os Príncipes são tão óptimos, como os Políticos são péssimos...

Quando alguma dessas aranhas copeiras Lhe tecer a sua teia de enredos, não lhe ofereça, como Seu Primo, uma chávena de chá, porque, talvez, ela não perceba; mas meta-lhe na mão um livro de versos, — *Um Soneto* — por exemplo... Pegarão logo a dormir e deixá-lo-ão sossegado, esses tais políticos que tudo malsinam...

Para bem governar Portugal, basta ser — *realmente* Bom, porque a Bondade dos Antigos Reis, fez deste Povo, o melhor dos melhores povos do Mundo.



HISTÓRIA DOS PEQUENOS ASSADOS

(CONTO DE DOMINGO)

Já agora, para fechar alegremente o sector dos contos de evocação do Passado, darei mais uma história sobre Aquele que tão caluniado foi pelos Seus, que são os Nossos inimigos; uma última historieta a provar que a História, tão falta tem andado de Verdade, desfigurada pelas paixões políticas, que a nós cronistas, nos dá o direito e o dever, de acusar tão disparatados desmandos da má fé internacional.

El-Rei, cuja mocidade exuberante, se comprazia nos mais arriscados lances do toureio e da gineta, tinha um único *defeito*, que era a virtude de querer mostrar-se sempre o que era: português em tudo...

De certa ocasião, correndo no Seu carro ligeiro, ao trote largado de duas mulinhas malhadas, a traquitana virou e o arrojado cocheiro, arrastado pela parelha desbocada, quebrou uma perna. Acamou com febres altas, pois a fractura exposta, infeccionara com as lamas da estrada.

Portanto: — forçado descanso, sangria e rigorosa dieta (1).

Já convalescente, os físicos do Paço, fornecendo os costumados boletins para a *Gazeta de Lisboa,* explicaram: «Sua Majestade melhora ràpidamente; já hoje comeu um pequeno assado...»

Palavra que tal disseste! Tanto bastou, para que as sete lojas maçónicas da Capital fizessem espalhar pelos vinte e um botequins da boémia lisboeta, que o Senhor D. Miguel, o *Vampiro,* antropófago canibal, comia meninos e, para mais — assados — isto é, queimados a fogo lento e, pormenorizava-se, com o detalhe próprio das mais estúpidas mentiras, até — lardeado o acepipe, com fatias de toucinho...

— Dava-se ao termo da Gazeta oficial publicado no boletim clínico: — «*pequeno*» — o significado de — criança — acabando o boato por aconselhar em cauto segredo: «*oh mães, cuidado com os vossos meninos!*»

---

(1) Ainda hoje, no salão das librés do Museu dos Coches de Lisboa, se podem ver quatro barretes com coroas e chapas de prata, que expressamente se lavraram, para os criados da Casa Real, que transportavam o Senhor D. Miguel em uma cadeirinha especial, na qual saía a mitigar a sua sede de liberdade, quando a viu reduzida à quase imobilidade, pela fractura da perna.

Depois de curado, a Sua primeira romagem, com a Côrte, foi de agradecimento a Nossa Senhora da Rocha, da Qual era muito devoto, oferecendo-Lhe as muletas da Sua convalescença.

Era bem tola a pasquinada; mas com a boa vontade dos afrancesados de então, foi acreditada pelos sádicos de todos os tempos, que só apreciam na História as verdadeiras, ou falsas, monstruosidades.

A infâmiazinha propalou-se sobre o Rei, — sobre Esse mesmo de Quem, a Sua exacta cronista Princesa de Lowenstein, no livro — *Princesa e Monja* — escreveu a pág. 19: «... era cavaleiro incomparável e excelente caçador. Gostava de brincar com as crianças e estas adoravam-no...», e, ainda a págs. 12 e 13, descrevendo o pesar que a pobreza sentira com o falecimento do Rei Martirizado: «Vinte anos além da Sua morte, os mendigos lembravam-se Dele e elogiavam os Seus rasgos de generosidade; um, contava como D. Miguel, logo que o avistava, a ele vinha a dar o conforto moral e material; outro, narrava com que solicitude D. Miguel havia tido nos joelhos, o seu filho, enquanto o médico fazia o curativo de urgência num bracito mutilado; uma mãe dizia, a chorar, como o Grande Exilado tinha, numa noite de Natal, conduzido o seu menino, cego, a árvore das surpresas, fazendo-lhe passar a mão sobre tantas sedutoras maravilhas, a fim de que, já que não podia ver, as sentisse e apalpasse, e todos recordavam o sorriso afectuoso e cordial com que olhava cada um, esforçando-se assim, por dar a sua simpatia, já que o não podia fazer por palavras, não dominando completamente o alemão, como bom português que sempre foi...»

Era Este o *Vampiro*... E a História, muitas vezes, escreve-se assim!

O conto que eu, Meu Senhorinho, Vos prometera tão alegre, remato-o com olhos húmidos de saudade, de saudade e também de revolta...

E acabaram-se as histórias.

— Mas eis que, tardiamente, repara o autor, que qualquer destes contos, mais não é do que simples plagiato à História de Portugal, que é a Vossa própria história, e, Meu Senhor, nenhuma culpa heis de ter nascido Príncipe de Bragança por Vosso Pai e Príncipe de Bragança por Vossa Mãe, duplo *crime* que em Vós legaliza a mais hedionda excepção de todos os tempos: O exílio original, sem limite nos séculos, nem fim nas Gerações!

Perdão, Senhor, por ter recordado à brancura do Vosso Berço Exilado, este negro privilégio dos Reis Ungidos pelo Senhor de Todos os Senhores.

Lei de Excepção, decretada por servilismo aos falsos dogmas laicos da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade e que só demonstra, algemando essa liberdade, envenenando essa fraternidade, que, afinal, Vós sois *desigual* de nós todos, porque sois: A EXCEPÇÃO.

A Excepção reconhecida na Lei; a Excepção, extremada por um exílio de negação de toda a humanidade, de toda a bondade, de toda a justiça, de toda a democracia...

A Excepção, afinal, porque, tão pequenino ainda, já sois Um grande Senhor.

E esta Excepção, não é o autor que a denuncia, é a mesma monstruosa Lei, que a proclama!

Beijo-Vos agradecidamente a mão que (sugestão talvez da muita idade de quem escreve!) — parece, nesse primeiro retrato Vosso, mandado para Portugal (1), — sim parece, guiada a pequenina mão patrícia pela suavíssima bondade de Vossa Augusta Mãe, — parece sim, esboçar um gesto de bênção e perdão dos tantos agravos e doestos, das injustiças tamanhas, dos tão duros exílios...

Bem fazeis, Senhor! — Porque, — perdoar, se dá aos pequenos a nobreza dos Grandes, aos Grandes como Vós, mais Os ilumina com os reflexos de Deus.

E dos Vossos quinze meses de vida, o servidor de setenta invernos que, ao terminar tão longa epístola, uma só dúvida guarda: Merecer-Vos-á Portugal?

São vampiros, as Pátrias! E, Essas, *de verdad*...

A Vossa, já Vos exigiu a Casa Solarenga de Vossos Maiores, da qual inventou uma «*Fundação*», como se esse rico e antiquíssimo Morgadio não viesse fundado de D. Jaime, Terceiro Marquês de Vila Viçosa e IV Duque de Bragança e mesmo de antes de 1501...

---

(1) Na página XVIII deste Livro.

Exigiu-Vos a bolsa; exigir-Vos-á a vida!

Bolsa e vida lhe deveis; porque as Pátrias são aquelas lindas Sereias que tudo nos levam... E um Português, se nunca recusa a vida, menos regateia a bolsa, contente por tudo dar, a começar por Si Mesmo.

E Vós sois Português de coração ao alto! Para mais, Fidalgo: por varonia directa vigésimo segundo Marquês de Vila Viçosa e vigésimo terceiro Duque de Bragança...

E mais alta Gentilhomeria, não há em Portugal!

P. S. — Carta com as dimensões da velha légua da Póvoa, que, aliás, por desmedida, nunca teve dimensões, e tudo isto Senhor, para Vos dizer o que ao final de tanto dizer, ainda não disse, apesar de ser a razão desta carta e quiçá até, deste meu Livro que é Vosso; *leit-motiv,* que a cada linha me saltava da pena, mas que eu ia relegando e de tanto relegar, aqui tendes Meu Senhor, essa razão primeira e última, num simples post-escrito...

E porque, nesta nossa boa Terra de Portugal, tendo-se, habitualmente, em suma atenção o que não merece cuidado, fica sempre o principal para segundo plano, — pecha que, por muito antiga, já não alcança remédio:

— Logo no começo desta carta, falei-Vos Senhor, no velho criado da nossa velha família, esse que, sempre se descobria, com devoção, todas as vezes que, na sua presença, ouvia pronunciar o nome do Senhor D. Miguel.

Pois bem, esse fiel guarda e mordomo, de nome Bernardo, de Alvelos, figura atarracada mas hercúlea, olhar sombrio mas firme, as suas longas barbas já mais alvas que grisalhas, era um tipo marcadamente português. Ainda o estou a ver, e já lá vão perto de setenta anos, na sua indomentária bizarra — jaleca de briche e rodado chapéu, as calças metidas nas botas altas, à Frederico, ornadas de telintantes esporas prateadas. À cinta, envolta em larguíssima facha de lã, trazia, quase sempre, um polvorinho, saquitel com zagalotes e numa boceta de couro, os fulminantes do seu *trabuco* que só deixava, não muito por longe das mãos de atirador exímio. Havia conspirado nas Patoleias: «*Ao calor do corpo, as pólvoras, não se molham nem os fulminantes falham com a humidade das noites.*» explicava ele aconchegando a larga cinta a descer muito abaixo das abas da jaleca de alamares de prata. Costumava atacar a curta espingarda de boca de sino — o seu *trabuco*, — com buchas de papel,

cortadas das proclamações do General Miguelista Macdonell, bem crente de que a boa doutrina, espalhada por descarga de zagalotes, mais fundo penetraria, do que a propaganda das literaturas...

Morreu o velho Bernardo, numa noitada de borrasca, não longe do Alto da Lixa, fulminado por uma faísca que lhe incendiou o polvorinho e crestou as barbas alvinitentes...

Pois ele foi que, de uma vez, olhando-me fito com os seus olhos encovados de onde a visão do Além amaciava a expressão teimosa e dura, peremptório disse: «*Olhe Menino! Digam o que disserem, façam o que fizerem, em Portugal não pode haver sossego sem honra... Grande crime, grande castigo!* — *E não pode haver honra, enquanto não voltar Aquele Santo que, depois de assassinado de saudades e de míngua, ainda jaz pela estranja. O Senhor D. Miguel tem de voltar, no sangue do Seu Filho ou dos Netos, mas também no Seu caixão! Só depois, Portugal respirará — desobrigado!*»

Estas rudes e proféticas palavras, ouvidas apenas uma vez, mas que jamais esquecerei, ninguém mais do que eu, as poderia repetir, e, antes de morrer (por ir na casa dos setenta), aqui me desobrigo também, como o velho Bernardo que, ao pressentir o último dia, se desobrigou para comigo.

Aquando Vossa Alteza Lhe for possível, recorde as palavras nossas, vindas de tão longe no tempo e no

lugar e um dia, desobrigue-se dignamente perante a memória de Seu Régio Bisavô, como Seu Bisneto Varonil.

Encerram estas palavras uma severa verdade: Portugal, não poderá libertar-se do remorso sempre latente, que o amesquinha e punge, senão depois de fazer regressar do túmulo franciscano de Engelberg na Baviera, o ataúde que encerra os restos do Grande Desterrado, dando-lhes no pequeno cemitério de Queluz, sepultura, frente à capela, onde século e meio antes, fora baptizado. Ali, repousará na Terra que sofregamente desejou em trinta e dois anos de martírio que nunca mereceu, pois o seu único *crime* foi ser Português. Era Português às direitas, encarnando, majestàticamente, o lema-estandarte de Portugal Império: — *Deus,* — *Pátria,* — *Rei.*

— DEUS: — Seu Padrinho, pelo Sumo Pontífice.

— PÁTRIA: — Esta, de onde O desterram, porque, tão Pequeno, já Grande lhes parece!

— REI: — Toda a Sua Dinastia de Régios Avoengos.

O MENINO E AS BRUMAS



SUA ALTEZA REAL O PRÍNCIPE SENHOR DOM DUARTE PIO JOÃO MIGUEL DE BRAGANÇA

S. A. honrou este Seu Livro, abrindo-o com o retrato a «sanguínea» desenhado sobre fotografias de quando apenas contava três meses; honra-o novamente, fechando o trabalho com outra «sanguínea» da mão harmoniosa da mesma Artista, que retratou o Príncipe de Bragança do natural, quando Ele completava quinze meses, tendo-se prestado o Modelo à imobilidade das «poses» sempre com paciência verdadeiramente modelar, bem rara em Bebés da Sua idade.

Entre um e outro retrato, medeia o ano de trabalho que o Livro levou o ordenar com seu texto de prosa e verso e meio cento de gravuras.

O MENINO E AS BRUMAS

...Na Baía de Cascais,
disse o Menino sem medo:
«Quero um Mar, que seja — MAIS
MAR: ondas e vendavais...
Não quero um Mar de brinquedo!»

Nasceu na Suíça e já contava um ano,
inda sem ver o Mar, lindo em furor;
e isto envergonhava o próprio — amor,
desse Pequeno e Grande Lusitano!

...Mas p'rá Baía olhou, com desengano:
«Tão pouca água vejo em Meu redor,
que nem pode o Papão Adamastor
aparecer-Me, a ralhar, neste Oceano!»

«— Senhor! Outros Mares há, que, medo e fama
desse Papão, fechavam, com reféns,
além das brumas de algodão em rama...

(Que negras foram, para muitas Mães!)
— Abriu-os, para a vida, o Grande Gama!
— Abriu-os, para a morte, o Magalhães!»

O Menino e as Brumas

I

«Irei então no roteiro
de Meu Avô — *Magnífico,* —
El-Rei Manuel Primeiro...
— Oh Mar! Serei Marinheiro,
no Índico e Pacífico!

II

E a todas as paragens,
onde foi um Lusitano,
irão as Minhas romagens,
levando as homenagens
deste Meu Primeiro Ano...

III

Um Ano? — O Meu coração,
bem poderá afirmar
que, — oitocentos — serão!
Porque em cada pulsação,
das brumas vindas do Mar,

IV

sinto a onda que me alaga,
insuflando-Me a vida;
e respiro em cada vaga,
a *quinhentista* triaga,
que calma a dor, na partida...

O Menino e as Brumas

V

E quero ver se consigo,
esses últimos *adeus*
do Heroísmo Antigo;
e oferecê-los — Comigo, —
à Nossa Pátria e a Deus!

VI

Em rugindo a tempestade,
colherei, uma por uma,
dessa Heróica Mortandade,
a Derradeira Saudade:
— Flores branquinhas d'espuma! —

VII

E do fundo cemitério,
— Campo Santo, — qu'é o Mar,
o ramalhete funério,
entregarei ao Império,
que em Belém, tem o Altar...

VIII

Império nunca igualado!
Império do Mundo Inteiro!
— *Meu Portugal Adorado,*
em Terra, serei — Soldado;
como no Mar, — Marinheiro!

SURSUM CORDA...

(CORAÇÕES AO ALTO!)



PARTIU...

25 DE SETEMBRO DE 1946

(DO AEROPORTO DE SACAVÉM)

(Partindo para o exílio, Sua Alteza Real está ao colo da Sua *Nurse* suiça, a qual, tendo estudado o português, o fala e escreve, como qualquer *Imortal* da Academia).

PARTIU...

«...*Partida!*» — Tangeu o sino
e logo ficamos sós! —
— Partir, é este o Destino
do Nosso Lindo Menino,
tão Português como nós!

Não seria insensatez,
deixá-Lo ir? — Afinal,
esse inocente que fez?
— Teimar em ser Português,
será pecado mortal? —

Pecado, é, perturbar
o sono duma Criança,
que dormitava a sonhar
com Portugal, no Solar
dos Seus Avós de Bragança,

PARTIU...

onde, ser Seu inimigo,
é ser um lobo feroz...
Não será (penso comigo),
não será, isto, um castigo
não p'ra Ele, mas p'ra nós?

Consentindo na saída,
que fizemos? — Nós, no fundo,
vivendo mal esta vida,
temos a sorte merecida...
Tudo se paga no Mundo!

Tudo se paga com juro,
pois ninguém foge ao Destino!
(— E eu vejo tão escuro
o Presente e o Futuro,
sem o Sol, qu'era o Menino! —)

O BERÇO EXILADO

(PRESÉPIO)

«Cabe o Berço do Pobre, em qualquer parte!»
Três tábuas dão um catre improvisado
e, tudo é bom, p'ra Quem foi condenado
a viver, como os gafos, sempre àparte!

Com os restos do resto, gosto e arte:
são cortinas — retalhos de brocado;
um painel de cadaste brasonado
duma Galé Real de Dom Duarte,

tendo servido Avis, como balsão
será Um Berço ungido — (tem a cruz) —
e nomes todos de ouro, que dirão:

«Sofala — Calecut — Cochim — Ormuz...»
— O Estandarte da Restauração,
é alvo dossel do Menino-Jesus!

V

UM SONETO E SUA CÔRTE DE SONETOS

O SONETO INCOMPLETO

Interpretando a Alta Ideia do Trovador-Vidente, que nos deixou o Ritual da Raça, no Seu Livro — *A Aliança Peninsular* —, seguem as duas quadras do Soneto Incompleto — a El-Rei Dom Miguel —, que o Poeta entregou ao Tempo, para que Este lhe cinzelasse os tercetos finais...

Os meus setenta anos julgaram ser o Tempo e abalançaram-se ao trabalho, completando assim a arquitectura dessa Capela Imperfeita, mas respeitando sempre o plano dos seculares alicerces...

A El-Rei Dom Miguel

É de medalha o teu perfil vincado.
Tu, sim, que foste o último Senhor,
que deste ao Cetro o uso dum cajado
e à Realeza o ofício de pastor!

Ficou suspenso sobre a terra o arado,
desde que o abandonou o lavrador.
Ninguém o tira donde está fincado,
não há ninguém que o puxe com vigor!

ANTÓNIO SARDINHA.

E o Poeta morreu... pois Ele quis
juntar a Voz do Povo, em versos d'arte,
à Voz de Deus, no Céu, donde nos diz:

— Já tendes Lavrador, que breve parte!
— Tão bem guiou o arado Dom Dinis
quão bem saberá guiá-lo Dom Duarte!

DOZE

Número sagrado e heróico

— Doze, as *Pedras dos Apóstolos:* — pedras preciosas que o misticismo da Idade-Média, atribuiu a cada Companheiro de Jesus: a Santo André, a *safira;* a São Bartolomeu, a *cornalina;* a Sant'Iago Maior, a *calcedónia;* a Sant'Iago Menor, o *topázio;* a São João, a *esmeralda;* a São Mateus, a *crisólita;* a São Matias, a *ametista;* a São Filipe, a *sardónica;* São Simão, tem o *jacinto;* São Tadeu, a *crisópraso;* São Tomé, o *berilo* e São Pedro, o *diamante.*

— São Doze, naturalmente, as Ilhas dos Apóstolos que demarcam a entrada, do Atlântico para o Pacífico, do Estreito de Magalhães, no extremo sul do Continente Americano.

— Por ironia, deram os nomes dos Apóstolos, às *doze* bombardas gigantes, que Carlos Quinto mandou fundir em Málaga, destinadas a irem prègar *pelo facto,* a Fé Cristã, aos corsários de Tunes...

— Doze, os Césares Romanos que Suetónio imortalizou.

— Doze, os Pares de França, tenentes de Carlomano, um dos quais — Rolando, — morreu na batalha de

Roncesvales, realizando os doze feitos legendários da Canção de Rolando; um dos seus famosos golpes da espada, — a *Durandal*, — abriu nas fragas dos Pirenéus a passagem da *Brecha de Rolando!*

— Eram Doze, as Tábuas de bronze da Lei dos Decênviros, gravadas em Roma, antes de Cristo.

— Os briosos Portugueses que, em Inglaterra justaram vitoriosos, em defesa de Doze Damas ofendidas, foram Doze e

— Doze eram também os Adaís do Exército, que elegiam o Adail-Mor, cingindo-lhe a Espada e erguendo-o aos ombros, sobre o escudo ou adarga, para ele bradar: — «*Desafio em nome de Deus, a todos os inimigos da Fé e do meu Rei!*»

O Adail-Mor da Poesia Nacionalista Contemporânea está eleito. É António Sardinha, o Apóstolo, e o seu brado — o *Soneto Incompleto.*

Doze padrinhos eleitores aqui se apresentam, como tenentes, a sustentarem-lhe o desafio: «*Por Deus, pela Pátria e pelo Rei*».

Lege, quaeso.

I

OS DOZE DE INGLATERRA

Ei-los prestos; são onze no torneio,
contra doze ingleses alentados...
«Inda sobramos!» — Dizem namorados:
«Um português, não sabe o que é receio!»

Mas Magriço, por terra, sempre veio
a tempo, de igualar os ajustados,
que assim, já então acaudelados,
a outra hoste, talam meio a meio!

«Portugal!...» — E o bando derrotado
dos doze anglo-saxões, jaz na agonia...
— Se outra Dama houvessem maltratado,

certo Avô qu'eu tive, ficaria,
no seu solar beirão mui sossegado?
— Com treze d'Inglaterra justaria!

Pedro de Mariz, no seu *Diálogo de Vária História*, refere-se a este episódio cavalheiresco, que Camões retrata nas épicas estâncias, 44-45, Canto VI, dos *Lusíadas:*

XLIV

Entre as damas gentis da côrte inglesa
e nobres cortesãos, acaso um dia
se levantou discórdia em ira acesa,
ou foi opinião ou foi porfia.
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
soltar palavras graves de ousadia,
dizem que provarão que honras e famas
em tais damas não há para ser damas.

XLV

E que, se houver alguém, com lança ou espada,
que queira sustentar a parte sua,
que eles, em campo raso ou estacada,
lhe darão feia infâmia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada,
ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
de forças naturais convenientes,
socorro pede a amigos e parentes...

E protecção rogaram à Gente Lusitana.

Conta Pedro de Mariz: Sendo em Inglaterra algumas Damas do Paço motejadas pelos Cavaleiros Ingleses de muito feias, e pouco para serem amadas; e tais que nenhum cavaleiro por força de armas lhes ousaria contradizer isto; e mostrando elas igual sentimento à mágoa que tinham de não haver cavaleiros no Reino, que com estes se ousassem combater, por serem os melhores e mais esforçados: o Duque de Lencastre, que se achava

presente, as aconselhou que escrevessem para Portugal a doze cavaleiros valentes, que ele conhecia do tempo em que tinha estado neste Reino; e ele mesmo se ofereceu para os convidar, e pedir licença a El-Rei, seu Genro, para os deixar vir a tão gloriosa empresa. Os doze nomeados aceitarão gostosos o convite, e havida a faculdade de El-Rei, se embarcarão na cidade do Porto, e chegaram a Inglaterra no dia aprazado, que era pelo Espírito-Santo, à excepção do célebre Magriço, que tinha ido por terra, e que chegou no acto mesmo em que se começava o combate, o qual teve lugar em 1396 na cidade de Londres, estando presentes as doze Damas, e grande concurso de gente, para serem testemunhas da vitória dos Portugueses, que foram mui louvados assim do Duque, como dos Fidalgos, e mais espectadores, e mui principalmente das Damas, que os receberão, como tais obras mereciam: feito isto, voltarão nove para Portugal, e três ficarão por aquelas partes, fazendo tais obras em armas, que um deles, Álvaro Vaz de Almada, alcançou de El-Rei de França o Condado de Avranches, pelas obras que em seu serviço fizera; vindo depois a morrer na batalha de Alfarrobeira, seguindo o partido do Infante D. Pedro.

Os nomes destes Cavaleiros são os seguintes: Álvaro Gonçalves Coutinho, o Magriço; Álvaro Vaz de Almada, o Conde de Avranches (como o Infante D. Pedro também da Jarreteira); João Pereira Agostinho; Rui Gomes

da Silva; Álvaro Mendes Cerveira; Rui Mendes Cerveira, irmãos; Martim Lopes de Azevedo; Luís Gonçalves Malafaia; Lopo Fernandes Pacheco; Soeiro da Costa; e Pedro Homem da Costa.

Que é Lenda, tão bela história... — Dizem.

Lenda também o Passo de Armas de Burgos, onde, por 1340, Gonçalo Rodrigues Ribeiro; Vasco Enes e Fernando Martins, tais prodígios de valor praticaram em um dia de Justas Reais e outro de Juízo de Deus, que ao fim, Gonçalo Ribeiro alcançou a coroa de louros bagada de ouro, da mão da favorita do Rei, a leda Dona Leonor de Gusmão. Ler o livro *Quarenta contos*, do mesmo autor Conde de Alvelos e nos *Lusíadas*, Canto VIII, Estâncias 26 e 27:

...Mas não passes os três, que em França e Espanha
Se fizeram conhecer perpètuamente
Em desafios, justas e torneios,
Neles deixando públicos trofeus.

Vê-los? Co'o nome vem de aventureiros
A Castela, onde o preço sós levarão
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitarão.
Vê mortos os soberbos cavaleiros
Que o principal dos três desafiarão,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei leteia.

Vasco Enes, era irmão colaço da Rainha D. Maria da Castela Princesa de Portugal.

II

A LENDA E A HISTÓRIA

Que é a Lenda? É a História sublimada
pelos deuses, em mitos d'heroísmo;
a História, essa, é o torvo servilismo
dos homens, n'esta terra cancerada!

Na Lenda, há só luzeiros d'alvorada;
na História há crepúsculos do abismo;
n'uma, a Fé; e na História, sectarismo;
na Lenda, altura; na outra, derrocada!

Bela, a Lenda! — Tal a serenidade
d'Aquiles, retirando à sua tenda!
— A nascente d'Agar, na soledade!

— Páris, juiz do Trio na contenda!
Se nem Lenda nem História, são verdade,
confesso o meu pecado: — escolho a Lenda!

III

CAMÕES

«Não mais, Canção, não mais!»

CAMÕES

A AFONSO LOPES VIEIRA.

I

Revolta-se o Poeta contra a Espada,
— Confidente, segura e companhia
de Lisboa a Sofala, e de Monfia (1)
a Melinde e Macau, mas já pesada

para a trémula mão predestinada,
d'Esse, que da Cultura fez Poesia:
«...A esmolar, Aqui, na Mouraria,
não me serves, Amiga, já p'ra nada...

Nunca temeste os homens, mas combate
contra ti, a mais treda das rivais,
— a Miséria, — que põe em desbarate

os teus terríveis golpes, tão leais,
tão famosos por Goa e por Mascate...
— não mais, Heróica Espada, nunca mais!»

---

(1) *Monfia:* nos baixios de Pemba, ao sul do Zanzibar; paragem de naufrágios.

IV

CAMÕES

«Não mais, Canção, não mais!»

CAMÕES

A AFONSO LOPES VIEIRA.

II

Camões, então, na sórdida estalagem,
pobríssima, que tinha por pousada,
atirou p'ra um canto a Sua Espada:
«Os mendigos não usam tal ferragem!»

Mas remoçado o Velho, como um pajem
n'um salto, retomando a Abandonada,
beijou-a, com sua alma ajoelhada,
por derradeira e trágica homenagem...

— Ao gesto de ternura do Soldado
na agonia, as pupilas já vidradas,
essas folhas do aço tauxiado,

de brunidas, ficaram orvalhadas!
(— Certo foi... Muito embora seja ousado
acreditar, que chorem as Espadas...)

V

AFONSO LOPES VIEIRA

«Não se enterrando o grão, não nasce o trigo!»
Descanta o Lavrador a granjear...
— Tanta Semente foi a enterrar
que, saturado o solo, é já castigo!

Senhor! Demais poupar o inimigo,
d'insolente sorriso a triunfar;
negar aos bons; aos maus ir premiar;
não será, por ingrato, um grande perigo?

Pois a descrença a todos tenta, espreita
e segreda: *«A Verdade também mente!*
E mais sábio será, o que se ajeita...»

— O Vate e o Soldado, — é outra gente!
Sabem que p'ra ser bela uma Colheita,
enterra-se *o Melhor* — para Semente!

VI

PÈGADAS!

«Irónico e sereno como Buda,
a Caravana olho, e não a sigo...
A Caravana passa. O Norte, muda,
e volta a Caravana ter comigo!»

Sangra a Humanidade, na carnagem
das guerras, procurando o inexistente...
E morre sequiosa e impaciente,
ao topar, em vez d'água, uma estiagem!

Caminha eternamente, na miragem
do seu apelo ao Sol sempre nascente...
— Ao ver muitas pègadas, ao poente,
na meta, seu começo de romagem:

«Por aqui, já trilharam viandantes!»
Dirá. — *«Mas qual seria aquele povo?»*
— Mas nós, os actuais Judeus Errantes! —

É redondo, este Mundo, como um ovo,
e tudo, tudo volve ao que era Antes,
pois nada, nada há, que seja novo...

VII

LOBISOMEM

Gostaria de ser um lobisomem,
— invisível duende das *alminhas,* —
que nas estradas são as capelinhas,
onde os remordimentos se consomem.

Gostaria de ser... A mal não tomem,
o dano de danar almas daninhas!
Anjo da Guarda para as criancinhas...
Quisera ser mais lobo e menos homem,

este, que de matar, não mostra pejo
— do sádico prazer que o consome, —
buscando a sem razão, para ensejo,

sem que nenhuma lei o prenda e dome!
— Só faminto, o lobo, é malfazejo!
É assassino, o homem, sem ter fome!

É crença popular que os lobos respeitam os berços e que os lobisomens se embuscam na sombra das *alminhas* noite alta, pelas estradas solitárias.

VIII

QUANDO AS ESMERALDAS ESTALAM...

Dom Afonso, o Quinto a governar,
voltando de caçar, em Almeirim,
encontrou a Rainha no jardim
entrando os Dois no Paço, p'ra folgar...

Do feito, nada havia que pasmar,
se uma Dona, de pejo, carmesim,
o segredo não conta mesmo assim:
— « ...*Uma jóia desfez-se no colar,*

rachando a esmeralda com ruído,
tendo-a Dona Isabel inda no peito,
sem mesmo o pó deixar, por consumido!» —

— «*Grande perda, traz sempre mor proveito!*»
Disse alguém, que em magia era sabido...
— Fora gerado o Príncipe Perfeito!

Nota — Para que venha ao mundo um Grande Chefe, — diz a sabedoria budista, — são necessárias três condições: que se apague no céu uma viva estrela; que morra um elefante branco sagrado no Sião e, finalmente, que uma albandina (esmeralda) estale e se desfaça no seio da mãe afortunada.

— Grandes perturbações siderais notou Conestaggio nesse meado do século XV: chuva de estrelas, aerólitos, auroras boreais, fogos Sant'Elmo, cometas, etc. Se algum elefante albino se deixou morrer de velhice no culto de Buda, não rezou a História, na Europa; mas rezam crónicas que, nove meses volvidos sobre a caçada de Almeirim, nascia o terceiro filho do Rei D. Afonso V e de Dona Isabel, o qual (por o primogénito, também João, ter falecido menino e professado Dona Joana), foi o nosso D. João II. Que luminoso rasto não deixaria D. João I, o fundador da Dinastia de Avis, para seu real neto D. Afonso, tanto teimar em chamar — João, Joana, — a todos os seus filhos!

Há na História ligeiros detalhes, que são sínteses profundas de uma época.

IX

QUATRO MIL DIAMANTES!

Tem o Rei as invejas do vassalo,
que se julga nascido p'ra mentor;
pois um qualquer, se tem por merecedor,
não já de ouvir o Rei, mas de mandá-Lo!

O Rei que ande a pé; ele, a cavalo;
para si, o prazer; p'ró Rei, a dor;
o Rei não sabe; ele é que é doutor:
«Se eu fosse Rei um dia... oh que regalo!»

Mas a Coroa é martírio e sofrimento:
«Ce pesant diàdeme!» — Eis o lamento
da Noiva de Dom Pedro! Da Germânia

chegara, e, já Rainha, ainda repete:
«ces diamants, ils m'ecrasent la tete!»
— E, mártir, se finou Dona Estefânia!

Este terrível diadema tem a sua triste história que lenda não é: foi o presente nupcial de D. Pedro V, para o Anjo de virtudes e de beleza, que, para Esposa, lhe chegara da Alemanha.

Obra de ouro maciço da ourivesaria nacional, ostentava, engas-

tados, nada menos de quatro mil brilhantes grandes e médios, e era tão pesada essa coroa que, na longa, por solene, cerimónia do realengo casamento realizado na Igreja de São Domingos de Lisboa, —como confirmação do consórcio por procuração celebrado em Berlim na Igreja de Santa Hedwige, onde representou o Rei Português, o irmão de Dona Estefânia, Leopoldo, na presença de toda a família real da Prússia, — tão pesado era esse diadema real que, tendo feito sangrar a fronte mimosa da Noiva, foi necessário fazê-lo substituir durante a missa cantada, por uma leve grinalda de flores!

Quando o cortejo saía do Templo, o povo alvoroçado, vendo a Rainha diversamente ataviada, irrompeu em murmúrios: — «*Coitadinha! Assim de capela, vai a morrer; já está amortalhada!*».

Como sempre, não se enganou o povo, pois casada a 18 de Maio de 1858, falecia a 13 de Junho de 1859... Um ano de puro amor deu ao infeliz D. Pedro V!

Custou essa magnífica mas fatídica jóia, a soma de 78.614$600 réis; foi paga em prestações pelo sacrificado bolso do Rei, ao ourives Raimundo José Pinto, de Lisboa.

Falecida sem descendência Dona Estefânia, foi o diadema entregue com o espólio, à Casa dos Hohenzollern-Sigmaringen, andando este assunto debatido nos jornais da época.

A frase queixosa da Rainha, é histórica; Dona Estefânia a confirma na carta para sua Mãe, datada de Lisboa a 18 de Julho de 1858. Vid. *Cartas Inéditas da Rainha Dona Estefânia,* por Júlio de Vilhena.

— Setenta e oito contos de réis, com o esterlino a 4.500 réis fazem £ 17.466; estas, hoje (meados de Agosto de 1946), com a libra ouro a perto de 500 Escudos, dariam cerca de oito mil contos... Quase 9 mil contos!

É que nós temos valorizado muito o dinheiro... esterlino!

Feliz, ou infelizmente, já não está em Portugal tão mortificante bizarma...

Felizmente, creio, por ser tão cheia de mau agouro, como de preciosas gemas; não deu também felicidade às Princesas de Hohenzollern: Dona Antónia, filha de Dona Maria II, casada com Leopoldo da Prússia; Dona Estefânia, efémera esposa de D. Pedro V; Dona Augusta Vitória que casou em primeiras núpcias com D. Manuel II e, em seguida ao falecimento do último Rei Constitucional, se aliou com um Conde Sueco, continuando contudo a receber os rendimentos da Casa Portuguesíssima de Bragança!

— Essa Casa Ducal que é de todos e de todas, menos dos Duques de Bragança!

X

OS VELHOS

Inclinam-se p'rá terra, em curvatura,
os Velhos... — *«Pois a vida já lhes cansa!»*
— Diz o Povo: — *«Perderam a esperança*
e procuram lugar p'rá sepultura!»

Engana-se o Povo; a conjectura,
não terá, nem razão, nem segurança...
— É qu'eles granjearam e inda lança
a semente do exemplo, a mão segura

d'esses Velhos que esperam só morrer...
Eles olham a seara, inquietos,
tal como os lavradores, a defender

o renovo, sombreado pelos fetos,
(não vá o joio, a messe, fenecer!)
— Esses Avós, defendem os seus Netos!

OS VELHOS

Será isto um conto? Não, certamente.

É um singelo *fait-divers*, — pequena local sem relevo, recortada da imprensa diária que apenas tirou do caso conclusões climatéricas, a lamentar o rigor do frio que, do Promontório Sacro ao Minho, nos tem flagelado com rancor.

De fantasiado conto nada tem, mesmo porque foi vivido e tão vivido foi, que teve a morte por remate! Não é nenhuma amorosa invenção de romancista sentimental; é a verdade e a verdade não deve servir de tessitura para contos...

Diziam as gazetas que tendo nevado no Algarve, grande seria o alvoroço das flores da amendoeira já em botão, por nunca terem visto os seus irmãozitos — flocos de neve.

Que pensariam as brancas flores da amendoeira dessa totalização da alvura? Uma velha canção napolitana pergunta de quantas maneiras poderá ser branca uma flor, obrigando-nos a pensar em todos os matizes da cor imaculada... Pois ela ali estava, essa imaculada cor, na paleta completa das alvas policromias; bastava contar e escolher, o que não é fácil, de resto, por

serem muitos os cambiantes, a começar no branco da Bandeira do Portugal de Antanho, — alvura tão patinada pelos ventos salgados de todos os mares do Globo...

E as flores da amendoeira, chocadas pela avalanche do branco que o azul lhes despejava sem cessar, contundidas pela invasão, doloridas do frio contacto das alvas flores da altura, teriam certamente murmurado que o Omnipotente não podia estar no Seu direito de andar assim, ainda fora de tempo, a sacudir, a sacudir, sabe Deus se por mera embirração, as pobres amendoeiras do céu, inda que, lá em cima a Primavera fosse talvez mais temporã, por morar mais pertinho do sol... E algumas flores tendo recebido leves equimoses, pequenas feridas devidas ao roçar silencioso dos flocos de neve, na neve da sua carne em botão, teriam agastadamente relembrado que, se numa Mulher não se bate nem com uma flor, muito menos se poderá ofender com uma flor, a outra flor... decididamente Deus não estava nada amável; velhice, enfim, — Coitado!

Mas para longe não iríamos, se ficássemos a escutar as murmurações das flores que (Como não podia deixar de ser!), são Mulheres e como elas, palreiras por obrigação; não chegaria o tempo para ouvir e menos para contar. Vamos pois ao *fait-divers:* Noticiaram esses jornais que no começo de Janeiro, no hospício de inválidos de uma cidade algarvia, cujo nome não importa, havia sido recolhido um velho octogenário totalmente

paralítico; no dia do Novo Ano ali se apresentara a visitá-lo, a velhita, esposa e companheira de meio século do recolhido. Volvida a tarde o Sr. Regulamento pusera fora a velha a qual, não se conformando com a impertinência, saiu, mas já que, naquela noite santa, não deixavam ficar a velha junto de seu velho, também para longe não iria e na portada do hospício se instalou... Na manhã seguinte, o Sr. Regulamento da Terra, era uma vez mais e ainda, um assassino! Antes morresse esse Senhor, contumaz e relapso, a quem se devem tantíssimas desgraças, do que a santa velhinha, exemplo da ternura portuguesa que, com a simplicidade trágica da sua dedicação sem limites, aí, nas pedras desse portal, deixou esculpida para sempre, a palavra — saudade!

Como muito bem se nota, isto não é um conto. É apenas a verdade, com total ausência de fantasia... Mas o que, como conto já pode começar a ser, é isto que as gazetas não bisbilhotaram, porque apenas foi visto pelas flores da amendoeira: — Nessa frígida manhã, as florzinhas que aquela tantíssima neve, ao cair sem nenhuma caridade, havia decepado, desgarrado de suas hastes e troncos e o vento sacudira para longe, ali se juntaram todas, velando a moribunda de álgidas faces e alvos cabelos e a dar-lhe cabeceira menos fria do que a seda nevada, — sudário da morte, — que, na intensa sinfonia do branco, tudo nivelara sob a mortalha sem fim...

— E o que elas viram, essas muitas flores da amendoeira, também sacrificadas pelo Sr. Regulamento do Céu, foi uma flor muito branca, a subir a subir, por entre a neve que caía, — branco sobre branco, — para o branco do céu e elas, que são as mais brancas flores que há na terra, deslumbradas pela cor imaculada, psalmodiavam numa canção muito triste, a tão alegre canção napolitana, que pergunta de quantas maneiras poderá ser branca uma flor e qual a mais branca:

«... A mais branca e a mais pura,
a única sem impurezas,
é a alma, — flor d'altura, —
das velhinhas portuguesas...»

Isto, sim, senhores, é já um conto e, para mais, com a agravante de ser história de fadas e de encantamentos, filigranada para oração da noite tão alta e fria dos Santos Reis Magos.

XI

CRENÇA

Chegaram os Hebreus a Canaã,
mas Moisés, por decreto do Senhor,
não pôde lá entrar triunfador,
porque a Voz de Deus, julgou ser vã...

Xenofonte, porém, na fé pagã
um mestre estóico, fê-lo estóico à dor;
pois fora Sócrates esse seu mentor,
filósofo moral de razão sã.

Sendo sempre o Presente coisa pouca,
só o Passado foi realidade,
pois o Futuro é miragem louca...

Mas a miragem é necessidade,
tendo o beijo da Fé, na nossa boca,
e nos nossos, os olhos da Verdade!

XII

DESCRENÇA

...Morreu Moisés, mostrando o horizonte:
«Terra da Promissão!» — Diz, sibilino.
E os Hebreus, ao pó do seu destino
beijaram, como às águas d'uma fonte!

...«Talassa!» — O Mar! O Mar! — De monte em monte,
repetem dez mil vozes, como um hino...
São os Gregos, chegando a Ponto Euxino
levados pelo grande Xenofonte!

— Sobre a Terra, a Água, é suma luz...
— Sobre o Mar, é a Terra que se alcança...
Pois só o que não temos, nos seduz!

Eu quisera mostrar-vos a bonança...
Mas o Mar, sobre o Humus que produz,
já semeou o sal da desesperança!

PÁTRIA

(Três quintilhas, à feição de Sá de Miranda, obrigadas a duas rimas)

Essa Coisa, que se chama:
« *Pátria Ingrata, minha Amada!* »
— Que se odeia e mais se ama;
que é Terra e Mar e Chama;
que tem tudo e não tem nada,

que Lhe seja comparada...
Nem à mais formosa Dama;
nem o Jogo ou a Caçada,
Cavalos, Livros, Jornada;
nem à Riqueza, ou à Fama!

Nem ao deleite da Cama,
porque traz estremunhada,
esta dor, que se derrama
e qu'em ciúme se inflama
vendo-A, tão requestada!

MOSAICOS POLICROMOS



PORTUGAL:

"Pequeno Condado para nascer
Vasto Império para morrer..."

Padre António Vieira.

— P'ra que Destinos Sidérios,
um Cristão, vencendo os laicos,
formou um Reino d'impérios,
de tão diversos mistérios
e policromos mosaicos? —

«FACTOS RONPEN LEYS»

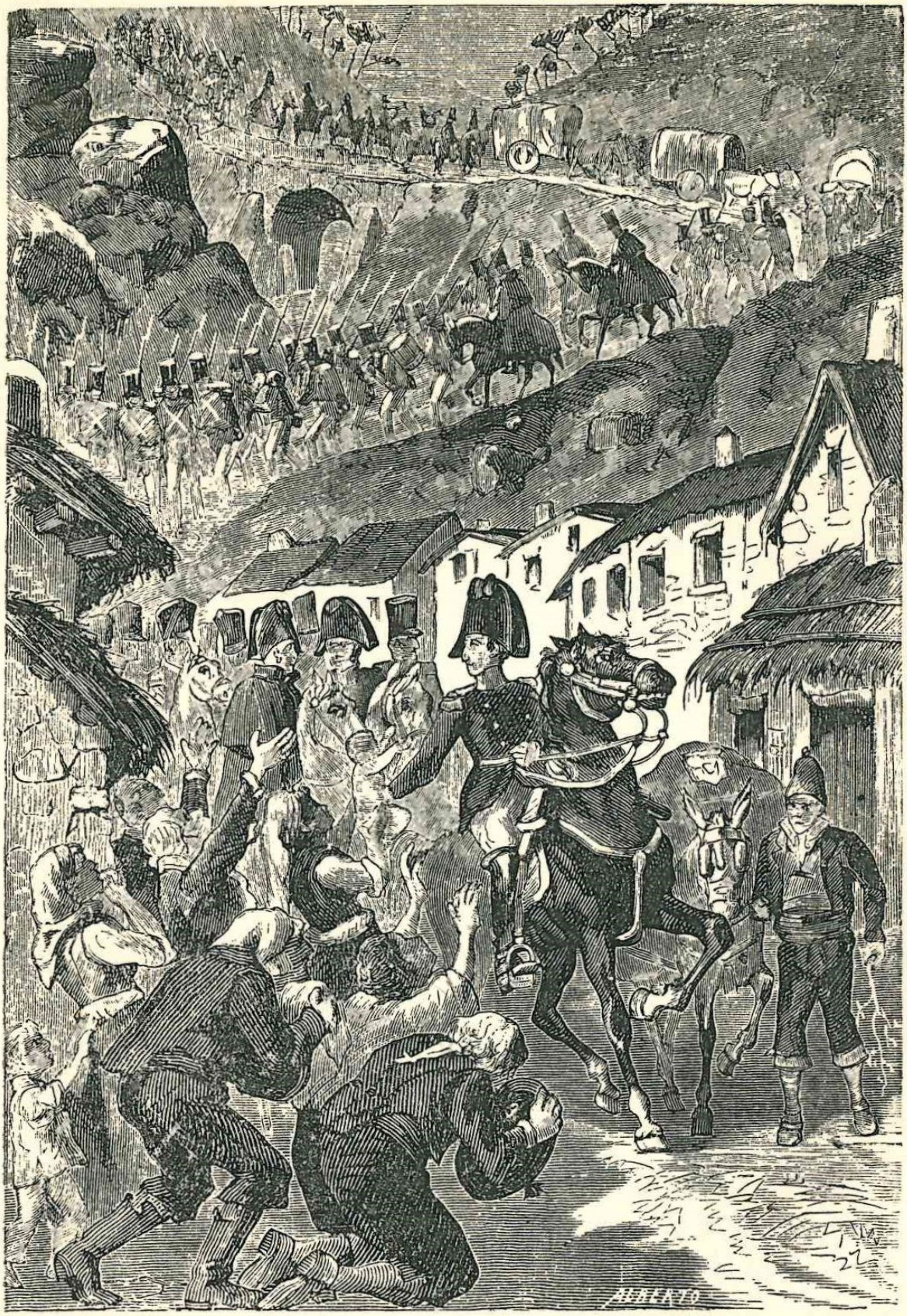
(VELHOS FORAIS DO ARAGÃO)

Ser Rei, é ser o Pai duma Nação!
— Ter o Poder de Deus; que dá ao Rei,
alçada de Juiz, foral e acção,
para quando falar o Coração,
Ele possa guiar a Cega Lei...

Um Rei que ponha bem certas,
as contas que andem tortas;
e que sempre tenha abertas,
bolsa, orelhas e portas...

A bolsa, para dar a quem não tenha;
orelhas, para ouvir risos e pranto;
as portas, para entrar, filho, que venha
acolher-se às dobras do Seu Manto!

Pai da Pobreza.
Mão de Justiça.
Nos olhos — largueza...
Eis a Realeza,
que a Pátria cobiça!



RETIRADA DE EL-REI DOM MIGUEL DEPOIS DO CERCO DO PORTO

Retirada de El-Rei D. Miguel depois do cerco do Porto

Levantado o cerco do Porto, El-Rei D. Miguel retira sobre o sul para libertar a Capital, já ameaçada por terra e bloqueada pelo mar; não chegou a entrar em Lisboa, pois a sua guarnição ao mando do Duque de Cadaval — 6.000 homens, — não querendo ficar engarrafada, retirara pelo Campo Grande para Santarém, na manhã de 23 de Julho de 1834.

Na costa, cruzavam as esquadrilhas liberais apetrechadas no Tamisa e tàcitamente apoiadas pela esquadra inglesa *de observação;* na fronteira raiana, o exército espanhol mobilizado, cortava as comunicações e adentro do País contagiava-se a moda da traição entre as douradas espadas, que não entre as baionetas da rude e leal soldadesca. — (Espadas, não traduz *cavalaria,* mas estado-maior da oficialidade, conluiado com as *lojas).* O Povo, isto é, as *baionetas,* o admirável Povo Português, continuava sempre firme na adoração pelo Rei, — Seu, muito Seu, o Rei de Sua Nação, independente e livre de estranhas tutelas!

É este o quadro que a gravura interessantíssima reproduz, num tão curto espaço tracejado a maestro

buril. O gravador em madeira — Alberto, — *tout-court*, realizou uma obra-prima de engenhoso desenho; *Alberto* (quem quer que fosse), era um Artista! Dispondo apenas de um ingrato elemento da pintura, a cor negra, — soube distribuir, em tão pouco espaço, infinitas gradações de tonalidades, reservando os brancos do papel para os rasgos da sua audaciosa técnica.

Traços ao alto, cruzados, horizontais, curvos, sobrepostos, tudo empregou para filtrar os planos da sua perspectiva, rica de tantas figuras: mulheres e homens do povo, ajoelhados; os cabisbaixos generais, mostram o desconsolo da retirada; os soldados, marchando em ordem, os oficiais cujos cavalos, estropeando, fazem despenhar pedregulhos, os quais, — dir-se-ia, se vêem cair; a carriagem, mais cavalos, mais tropa no último horizonte sàbiamente equilibrado no claro-escuro...

Logo no segundo plano do quadro, uma mulher do povo, oferece *o seu menino* para que o Rei, da sela do cavalo preto, lhe toque a cabecita airosa e o Rei, complacente, afaga o menino!

Que bela réplica às atoardas do conto, que atrás se deixa mal tratejado: — História dos *Pequenos assados!*

Esta gravura tirada de outra da História de Portugal — volume VI, da autoria dos escritores bem insuspeitos de miguelismo: António Enes, Bernardino Pinheiro, Eduardo Vidal, Gervásio Lobato, Luciano Cordeiro e M. Pinheiro Chagas, deve-a o autor à inquebrantável fé

monárquica do antigo oficial de cavalaria, crítico militar e erudito escritor Dr. Francisco Pereira de Sequeira.

UM REI LITÓGRAFO

É azado o momento de explicar a razão porque entre as tricromias deste Livro se apresenta, como portagem do II Capítulo — *Tânger e o Exemplo*, — uma litografia, processo de colorir gravuras tão perfeito como demorado; é que desejamos louvar os altos merecimentos dos litógrafos nacionais e entre estes o do precursor dessa Bela Arte em Portugal, El-Rei o Senhor D. Miguel I.

Não serão nossas as palavras, cumprindo esse dever de gratidão, mas do bem conhecido Publicista de Arte, o Sr. Professor Ernesto Soares, que nos autoriza a publicação da sua carta de 30 de Maio do ano corrente:

Senhor Conde de Alvelos.

Agradeço muito reconhecido a V. o interessante retrato que me enviou de S. A. R. o Príncipe da Beira e que muito apreciei.

Quanto à pergunta que me faz sobre a actividade artística do Sr. D. Miguel, enquanto Infante, nada tenho a acrescentar ao que publiquei em 1932 no Vol. X da «Arqueologia e História», em artigo intitulado A Oficina Régia Litográfica, *e que, infelizmente, bem pouco é.*

Em todo o caso parece-me interessante saber-se que o Infante se interessava por tudo quanto representava progresso nas artes e nas ciências, e nessa época a descoberta, havia pouco, da reprodução por meio da pedra, era uma novidade que estava mais dentro dos dominios da ciência do que da arte, onde só mais tarde veio a ingressar.

Não posso precisar, porque o documento conhecido não indica o ano, mas estou que pode marcar-se a época da aquisição de uma prensa litográfica para serviço do Sr. Infante D. Miguel, entre 1824 e 1826, quando no nosso país foi conhecida a descoberta de Sennefelder. São destes anos as primeiras produções conhecidas em Portugal, e devem-se ao lápis do pintor Domingos António de Sequeira. Não deve julgar-se de mero capricho o desejo do Infante adquirindo uma máquina que hoje consideraríamos irrisória pela sua simplicidade, mas que na época era considerada um instrumento complicado e a que devia ter servido de modelo a que aquele artista possuía, única então entre nós.

O documento que publiquei datado de 1837 é proveniente da «Intendência das Obras Públicas», e refere-se a uma construção propositada: *«Quando João José Lecocq recebeo a prensa lythographica portatil que se havia construido para o ex-infante D. Miguel, julgou que ela apesar de ser de muito bonita aparencia, não desempenhava o trabalho como se queria...»*

Os anos agitados que se seguiram, de constantes lutas fratricidas, a saída do país do seu Soberano, e a campanha difamatória que sobreveio, procurando por todas as formas esquecer virtudes, para só encontrar defeitos e até crimes, fizeram olvidar tendências artísticas que deviam exornar o real Artista. Nem doutra forma se explica que Ele houvesse mandado construir uma prensa litográfica, máquina extraordinária, que todos olhavam na ocasião com certa desconfiança por falta de resultados práticos; e haja vista que foi o génio artístico de Sequeira que primeiro lançou mão do novo recurso para reprodução de desenhos.

Infelizmente, desconhecem-se, ou conservam-se anónimas, certamente pelas razões acima indicadas, as produções resultantes do lápis do real

Infante. Que as houve, boas ou más, nenhuma dúvida pode haver, pois não era crível que Ele mandasse construir uma prensa litográfica se não fosse para reproduzir desenhos... e do próprio lápis.

A máquina em questão conservou-se muitos anos em Queluz e passou, juntamente com a de Sequeira, à posse de Lecocq, quando este tomou conta da primeira oficina de litografia, aberta em Portugal e de cuja direcção veio a ser esbulhado, violentamente, pelos primeiros directores da Academia das Belas-Artes, em 1837.

É sobre este caso de esbulho que rabisquei o modesto estudo a que me referi e dos documentos aí transcritos é que constam estes factos. Ainda para rematar, posso dizer que na «Relação dos Utensílios», na posse de Lecocq, datada de 3 de Janeiro de 1837 lá vem numa das verbas: «1 dita (prensa) pequena que era do ex-Infante D. Miguel... 160$000».

Como V. vê pouca é a minha ciência, em todo o caso é de interesse saber-se que o Infante tinha outras ocupações mais elevadas do que as estroinices que os patriotas *Lhe encontraram.*

Agradecendo a lembrança de V. creia-me com toda a estima

(a) ERNESTO SOARES.

Lisboa, 30-V-1946.

O Rei Senhor Dom Miguel, Primeiro do Nome, prova-se ter sido, entre nós, o Litógrafo número um; número um, também, entre os Beneméritos de Socorros a Náufragos (com a Sua *Casa dos Naufragados,* na Foz do Douro); o número um em tudo, que representasse Arte, Ciência, Progresso, Humanitarismo Nacionais... Lógico portanto que, por *inculto, cruel, mau Rei,* fosse havido pelos escritores *liberais.*

Do que não resta dúvida, é de que o Último Rei da Tradição Portuguesa, foi também o Primeiro Caluniado pelos internacionalistas maçónicos do Seu tempo e dos tempos seguintes logo contagiados pela mentira e pelo sofisma das *lojas* e *lojecas.*

FRISO NUMISMÁTICO

«Cinco, dez, vinte, — de cobre, —
são, no plural, uns plebeus...
(Dão-se, dados, a um pobre!)
— No singular, é tão nobre,
que, mais nobre, só é Deus!»

Entre — *réis e Rei,* — eis a diferença, — dirião os Antigos, — que conheceram uns e Outro. E que diferença! Mas a filosofia poética não nos afastará da numismática:

— O tostão, contendo 20 *cincoreis* e pesando cada uma destas moedas 6 gramas, deveria atingir o excessivo peso de 120 gramas (quase a oitava do K.). Remediou-se o inconveniente, cunhando em prata esse tostão e, da mesma forma o meio tostão. A prata é aristocrática! Em heráldica: *lealdade.*

— O tostão democrático desvalorizou-se moralmente, já por ser também de cobre e, intrìnsecamente, por apenas pesar 2 gramas!

Entre 1934 e 1829, isto é, em pouco mais de um século a moeda castiça do Povo Soberano sofreu o desvalor de 118 vezes!

Assim, *um conto de réis*, antigo, hoje equivale a 118 mil Escudos, e *mil Escudos* actuais, a 8$475 réis do Tradicionalismo.

Bons tempos! — Nesse Passado de *ominosa* memória, um suculento jantar, custava um *cruzado novo* (480 réis) em qualquer estalagem ou pousada; hoje, em *pousada tirone,* ou chibante *restaurant,* custará, só para o turismo, mais do que todo o antigo repasto!

O elenco, isto é, a substância do ágape, essa, irá na ronda dos cem Escudos...

Viva o Progresso!

Mas voltemos à numismática:

Desejando um coleccionador de moedas, obter o actual *cincoreis*, terá de dividir o moderno tostão em vinte parcelas, naturalmente!...

Ora o tostão dos tempos *felizes* que atravessamos, mede de diâmetro 17 milímetros. Portanto, cada vigésima parte, isto é, cada hipotético *cincoreis*, teria o diâmetro de 0,85 de milímetro e 0,1 do grama de cobre: Um átomo? — Não, mas muito menos: — um *electron!*

Evidentemente estamos na Idade Atómica, com todas as suas vantagens e, sobretudo, com todos os seus inconvenientes de imponderabilidades...

O seu peso seria equivalente a: — (duas gramas, a repartir por 20, darão, salvo erro sempre de ponderar nestas coisas infinito-decimais), um décimo de grama!

Sendo materialmente impossível representar pelo desenho tão microscópica, invisível e paupérrima micro-substância, que, apenas em teoria pode conceber-se,

aqui ficam as suas características hipotéticas para entrarem no domínio da fábula...

A moeda de cinco réis moderna, de cobre, em relação ao tostão:

De peso, em décimos de grama	1
De diâmetro, em centésimos de milímetro .	85

E pensar uma pessoa que, no tempo do Vosso Régio Bisavô, a moeda popular de *cincoreis*, pesando 6 gramas, media de largura 30 milímetros, avolumando reluzente na palma da mão!

«Oh linda menina dos cravos lindos! Quanto custa este todo branquinho, que tão bem cheira?»

«Cinco réis, Meu Senhor!»

«Aqui tem dez réis e a demasia é, pelo sorriso...»

Em 1829, com *dez reisinhos*, compravam-se duas belas coisas: — um sorriso e uma flor, o que tanto é dizer, — duas flores ou dois sorrisos!

Em 1943 e seguintes:

«Quanto custa este cravo branco que parece aberto à mão?»

«Quatro pelo cravo e seis pelo trabalho, total 10 Escudos.»

«Está incluído o turismo, o seguro, o selo e o imposto de transacção?»

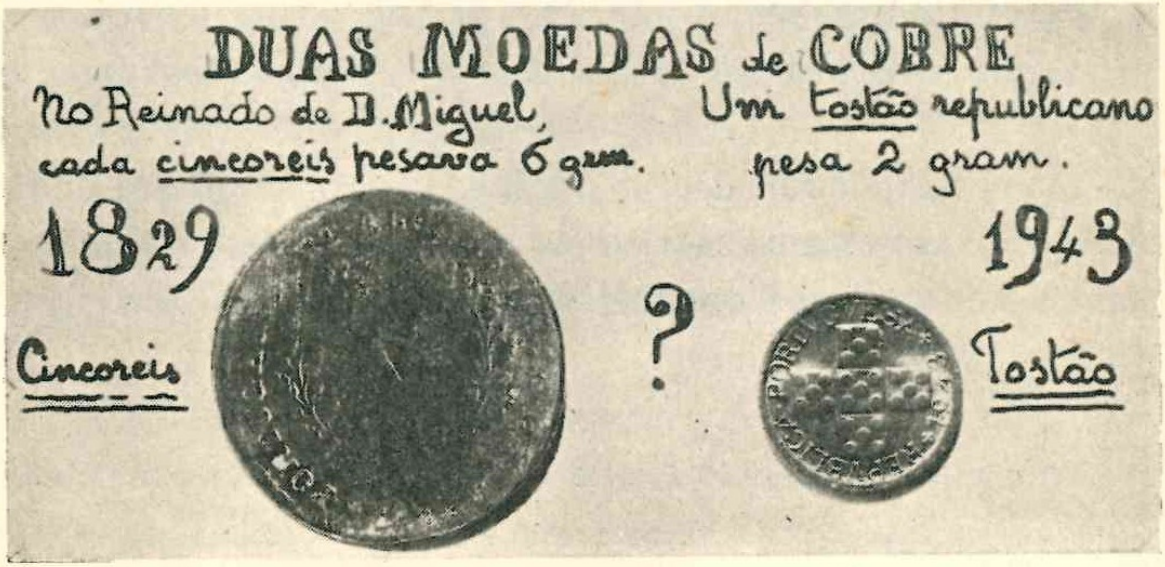
«Claro! Só tem a pagar a mais, o borrifo de água aromática que lhe dará o perfume... Ao todo — 15 Escudos...»

«Safa, sua ladra!»

«Livra, seu pelintra!»

Eis a diferença entre duas épocas; entre um cravo natural e um artificializado; enfim, entre a Realeza e a República, ou entre um amplo *cincoreis* de cobre e 15 Escudos, cunhados, nem se sabe de que torpe metal... Néon? Lanthana? ...ou Pantana...

A vida não está mais cara. A moeda é que está muito mais baratinha...



E ainda bem que assim é, para termos alguma coisa que nos vingue dos astronómicos preços do resto, que aliás, é tudo...

Hoje, mais do que ontem, terão as batatas mais féculas; o trigo mais amido; o açúcar mais elementos nutritivos; mais vitaminas, as frutas da terra quente e os fígados do bacalhau dos mares gelados?

De forma nenhuma! O valor para a compra e, assim, o preço de venda — procura e oferta, — continuam estàticamente os mesmos, porquanto esses alimentos não nos oferecem mais benefícios, neste fim do século XX, do que nos meados do século XVI (1534), época em que a batata teve a honra de ser apresentada às mesas fidalgas de Portugal e da Espanha, trazida das Américas pelos Descobridores e não, como se julga, pelo francês Parmantier, na segunda metade do século XVIII... Mais outro, dos muitos erros históricos, como este de se clamar: — «*a vida está pela hora da morte?*»

Não! Em boa verdade, Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, a vida custa sempre o mesmo calvário; a cruz tem peso igual; o que, aparentemente, faz parecer mais custosa a trágica subida, é que os antigos *reis,* estão pela hora da morte nas hodiernas repúblicas!

Agradável será, trazer no bolso uma vistosa nota de *Conto de Réis;* mas com essa nota de hoje, é impossível adquirir utilidades que, há um século, custariam 8$475 *réis;* esta é a Verdade. E o seu, a seu dono...

SER REI DÓI MUITO!

Dizem que o Infante D. Fernando (Esse que foi o pai do *Afortunado* Rei D. Manuel), menino ainda, vendo certa vez, entrar no Paço a El-Rei Seu Pai D. Duarte, muito abatido por cuidados, magoado de desgostos e triste presciente de agouros, lhe perguntara:

«*Senhor Pai, ser Rei dole muito?*»

Sim. Deve doer muitíssimo!

Carlos V Imperador do Mundo por Rei de Espanha e dos seus imensos domínios americanos, Imperador da Alemanha, Rei de todo o norte da Itália, Rei da Flandres, Rei da Áustria e do qual diziam que o sol nunca deixou de alumiar seus vassalos, — Carlos V, já viúvo da nossa linda Dona Isabel de Portugal, voluntàriamente abdicou, recolhendo-se ao mosteiro de Yuste, termo de Cáceres, na Andaluzia Espanhola!

É que ser Rei, dói, *Realmente* pela inveja dos pobres de espírito!

Só os *Três Reis* do céu, — três estrelas gémeas que cintilam formando a aljava de Orion, caçador que Diana transformou em constelação, — apenas esses três Reis terão seus tronos livres das invejas dos homens, que negam o mesmo Rei dos Reis, autor do único relógio — o Universo, — que não teria Relojoeiro! Certo é, que também barafustam, que esta Pátria e o Império, vieram por gestação espontânea, ou por obra e graça da — república de 1910...

«PORTUGÁLIA: BONA RÉGIO!»

Prometi, Meu Pequenino Senhor, fechar alegremente a série das sete maravilhas da História, neste Livro, a Vossa Alteza dedicadas, com aquela narrativa dos «*Pequenos Assados*», mas não foi possível cumprir... A revolta, chamou a tristeza e esta contagiou tudo e a todos!

Mas agora, que o Livro se encerra, forçoso é terminá-lo em alegria, essa alegria que todos devemos à Vossa radiosa mocidade e, para isso, relembrarei um velho texto que nos saberá como essas guloseimas conventuais de antanho, hoje apenas de boa memória...

Certo cronista tudesco passou pelo Portugal do Vosso Avoengo Senhor Rei D. Afonso V, — esse que Vasco de Quebedo cantou em épico poema —. Chamava-se o alemão Nicolau Lanckmann, e tão gratas lembranças levou de Lisboa do século XV que, por troca das saudades, nos deixou esta demonstração da nossa opima fartura e do seu péssimo latim:

«*Oh Portugália, Portugália, bona regio; ibi est abundantia panis, vini et olei boni et multi fructi arborum, laranges, citram, malagranata, ficus, pomerente, lemoni, pecora campi, carnes et pisces, mel zuckarum, in fluribus locis in canis crescit! Oh Sintra, amenissimus locus et hortus regius, cum parvo fluvio, cum bonis trutis!*»

Portugália de 1451: *Bona Régio!* Democrática Monarquia de «*os de Avis!*» Tempos áureos em que *Portugália*

levava a Espada e os demais povos, os Seirões das Subsistências (sic)! Tempos Reais e Populares em que, a qualquer hora do dia ou da noite o Juiz do Povo, apresentando-se no Paço com a sua fina vara de prata, altivamente entrava, quebrando a leve pragmática dessa quadra, para falar ao Chefe da Nação e expor-Lhe injustiças e agravos de ordem interna, ou a dar-Lhe avisos de política estrangeira... *Bona Régio!*

Que hoje se apresente para falar aos Potentados um qualquer *vilão* (isto é, um simples contribuinte...) Sua Excelência o Sr. Protocolo vela com os olhos de Argus, dos quais, se cinquenta dormem, outros tantos estão sempre abertos e de monóculo em riste... E o *vilão,* espera passeando pelos corredores sob o áspero desprezo dos contínuos sonolentos; espera, nas ante-câmaras um sinal redentor de Sua Ex.ª o Senhor Sub-Secretário; espera, ante cinco ou sete portas herméticas, que do seu clamor: «*Abre-te Sésamo!*» resulte a promessa falaz de que Sua Ex.ª o Senhor Secretário lhe concederá audiência dentro de vinte ou trinta dias *úteis* (sic), «*se não estiver em conferência muito importante com os outros Ex.mos colegas... Mas fará o possível para o atender dentro desse curto prazo*». E o *vilão* que hora a hora, dia a dia, semana a semana, esperou sem arredar pé, até à data magnífica da audiência com Sua Ex.ª ao ter conhecimento, após muitas mesuras e pedidos, de que a Excelência se ausentara, em visita de turismo para, no Cabo do

Mundo um *dancing* O. K., o *vilão,* tomba para o lado, fulminado pela misericórdia de uma apoplexia...

É esta a explicação das tão repetidas mortes súbitas, que os jornais relatam, calando 50 %, mas mandando a lista completa às agências funerárias que se mostrem agradecidas, passando pela *caisse* dos quotidianos...

Mas alegremo-nos com o latinório infuso e façamos o confronto entre essa «*Portugália bona régio*» e a balbúrdia republicana que, perante os mesmos romanos seria culposa do mais imperdoável deslize governamental: «*oleum perdidisti!*» Nação que perdesse o azeite, era para eles — candeia apagada! E as repúblicas nunca granjeiam *oleum;* para que uma oliveira produza, urge-lhe tradição e a continuidade das Dinastias...

Mas nos bons tempos de Afonso, o *Africano,* havia *panis* alvo e moreno; Vinho e *olei boni... Olei boni, a-bun-dan-te! Olei* e gorduras de *pecora campis:* toucinhos e untos! *Fructi arborum* de todas as árvores do Paraíso, menos a do Mal... *Carnes et pisces;* aqui, o herege, misturou carne com peixe, descurando saber se estaria na quaresma, ou se lhe madrugava uma sexta-feira. Não admira, porque o *puritano* era tão gastrónomo, como adivinho de Lutero! *Mel zuckarum,* colhido de *fluribus locis* e destilando das canas! Açúcar! — Minhas Senhoras e meus Senhores — açúcar verdadeiro; açúcar, mesmo; açúcar-açúcar...

E tudo isto; isto tudo, em Portugal! Na *Portugália bona régio* da Dinastia de D. João I e de D. Duarte...

E, não lhe bastando Lisboa da neo-Renascença, foi-se a Sintra, — jardim dos Reis, — pescar do pequeno ribeiro *bonis trutis!*

Era de força o nosso flamengo!

Nesta quadra republicana, experimente o Leitor atirar a linha iscada de mosca, ao *parvo fluvio* de Sintra... Se generosamente pagar, como qualquer *yankee,* ainda talvez, pesque meia dúzia de queijadas; mas trutas, — isso foi manjar de Reis! O que, com certeza pesca, é a chalaça saloia de o julgarem, o que Nicolau Lanckmann chamou ao rio do *amenissimus locus*...

E por nada mais podermos saborear—espiritualmente, — do elenco epicurista de Lanckmann, daremos graças ao Altíssimo, rogando-lhe restituir a Portugal os Seus Reis, para que tão suculento *menu* se torne tangível, com *bonis trutis, olei boni* e demais companhia...

E que a pega do Paço de Sintra, volte a repetir: — «*por Bem! por Bem! Bona Régio!*».

TRÊS DESLIZES

Contingências independentes da vontade do autor, fizeram com que o Leitor tão estimável, acordasse indisposto e rabugento. Dantes, era isso raro; hoje, vulgaríssimo... Ao abrir seus olhos, inda tontos de soneira, o Leitor, — coitado, — reconhece que tem de labutar, não pelo pão nosso de cada dia (o que seria inútil!), mas pelas espinhas e rabos de bacalhau, base de todo o almoço moderno e o seu mau humor, forçosamente, irá exteriorizar-se com vingativo alarde...

Abre portanto a janela e, com voz de alto-falante, por sobre a multidão que, afadigadamente, corre cheia de esperança para os mercados, ou deles regressa sem esperança nenhuma, o Leitor derrama os primeiros palavrões da sua vasta colectânea que à memória lhe acudirem, por exemplo: — «*Sinfrónio!*» — «*Palerma!*» — «*Barbosa!*» ou quaisquer outros de virulência igual e espera o resultado, fumando o seu primeiro cigarro, *Unic?* — Ah, seu felizardo!

— Mas ao justo desafio, ninguém se dá por achado; a turba ignara continua desatenta ao seu rancor e, desvairada, rebusca o inexistente, para ela bem mais interessante, do que os doestos de um qualquer senhor quezilento e prègador que, do púlpito janeleiro, a insulta... E escusa de cuspir para a via pública, agravando a

injúria; é tudo inútil. Se *produz* bastante saliva, *poupe-a* por obediência a quem manda, pois, nem assim granjeará o mais ligeiro eco, o mais insignificante reflexo!

— Mas se a rua, por feliz acaso, for a do *lá vem dois,* a resultante modifica-se, ligeiramente é certo, mas outra será: o par de cavalheiros circunspectos que, ao alcance da sua voz, passam com o *Comércio do Porto* em riste, discreteando sobre oscilações bolsistas, câmbios e *coupons,* cada um deles, segredará para o outro: — «*Amigo, creio estarem a chamar por V. Ex.ª...*» E, olhando desconfiados a um e outro lado, apressarão o majestoso passo comedido, que é apanágio do Capital em movimento de maneio monetário...

Porém, se o beco sem saída, onde o Leitor, por modéstia louvável, construiu o seu ninho, é, verdadeiramente o do *lá vem um,* o caso passa a ser falado pelos jornais, no campanudo sector das parangonas reservadas ao Mercado Negro (como se o outro fora branco!)

O seu caso terá todas as honras e essa rara glória, que o Mundo só concede aos disparates atribuídos às *vampes* de Wollywood e aos monossílabos do Grande, que nos ficou para amostra e para geral desassossego...

E as gazetas falarão, porque o singular transeunte do seu beco, ouvindo-se apodado e indo ele também de má catadura, pois toda a santa manhã gastara, tal como

os outros mortais, na demanda do arroz, ou do açúcar oficiais, parará para interrogar com desespero suicida: «*Olhe lá, oh seu Barbosa! Isso do — Sinfrónio, — é comigo, seu Palerma?*»

E, ao natural despique do Leitor: «*Oh Catitinha, vai ver ali, à esquina do* boulevard, *se eu ainda lá estou!*» O *Catitinha,* é claro, sobe pela escada a fim de lhe subir pelos colarinhos acima e, naturalmente, chegado a tais alturas, atira-lhe à cabeça com o seu saquitel de açúcar ou de arroz, racionamento de três meses...

Não! Não agradeça nem a ele nem a mim, pois não é preciso!

Mas, se pela força das circunstâncias, teimar em ficar grato a alguém, dê *las gracias* ao seu *Unic* que o convidou para a janela, tornando possível receber em sua casa e na sua própria cara, grátis e còmodamente, as parcas vitualhas da ordenança, sem frequentar as bichas de racionamento, onde por troca de alguns quilates de macarrão, recebe um metro cúbico de chuva, abundantes impropérios, encontrões e os parasitas indispensáveis. A polícia porém, é abelhuda e, chegando de auto-carro, como enxame em cortiço, prende os contendores e logo os repórteres telefonarão para as redacções: «*— Dois abutres apanhados no antro do beco* lá vem só; *ao repartirem os lucros do mercado negro, ferveu a pancadaria, deixando sobre os móveis, na escada e nas barbas de um deles, vestígios evidentes do culposo negócio. A polícia*

procura o escondite de centenas de sacos que, necessàriamente, formam o «stok» dos traficantes... Gaiola para os abutres!» E aqui tem o querido Abutre, como, sem mesmo sair da sua casa e talvez sem querer, forneceu ao autor as características de três bem diversos sistemas políticos: *Primo,* — o do Rei democrata cristão, que directa e responsàvelmente governa e reina, ouvindo as razões do Seu Povo, de tudo tomando conhecimento e que, ao receber agravos, sabe responder como Rei Mesmo e como Homem Catitinha; *secundo,* — o do Rei que reina, mas manda governar os Seus ministros, mais ou menos apoiados por interesseiros bandos políticos, ja diluindo, no número, as responsabilidades, ante as quais, todas sacudirão a água dos capotes para sobre o manto real; *tercio,* — o regime republicano, gerência do Povo, pelo Povo e para o Povo; o que todos chamam — *democracia,* — e que ninguém sabe de certeza, o que possa vir a ser, desde o czarismo vermelho, à autocracia de mascarilha parlamentar americana.

Leia agora, o meu amável companheiro estas três micro-novelas históricas e tire as suas conclusõezinhas, mas não as confie a ninguém...

I

(PRIMO)

O CATITINHA

Apresaram os corsários franceses a D. João II, uma caravela que regressava de São Jorge da Mina, recentemente descoberta então...

A França metia-se em maus lençóis! Mandou o *Homem* que, em todos os portos e águas portuguesas, se confiscassem as embarcações e fazendas dos atrevidos estrangeiros.

Na primeira razia, foram sete as naus e caravelões apresados!

Toda a França se agita; os plenipotenciários chegam por terra e por mar, ameaçam, tentam subornar mas nada conseguem...

«*Que não! Que nada mandaria entregar sem que a caravela portuguesa fosse restituída com toda a marinharia, carga e aparelhame*», respondo o *nosso Homem.*

Ao fim e ao cabo, a caravela entra no Tejo, mas pelo alardo da maruja e manifesto da carga, verifica-se que faltava um papagaio palreiro, que fazia as delícias da tripulação...

Nova recusa; novas reclamações; novas delongas...

«*Tem de ser entregue a seu dono o papagaio faltoso!*»,

declara o Rei de Portugal a alguém que se admirou de tamanha intransigência...

«*Quero que se entenda que a Bandeira Portuguesa defende e protege até um papagaio!*», responde, categórico, o *Homem* que era então o Rei de Portugal.

E o papagaio apareceu.

Seria o mesmo palreiro? Interroga um alegre cronista.

Ignoramos. Sabemos, porém, que D. João II, Esse foi sempre o mesmo Homem que, ao mandar dobrar o Cabo das Tormentas, subjugou, simbòlicamente, um touro pelas pontas! — Só o veneno o venceu! —

II

(SECUNDO)

O REI DE POMBAL

— Rei de Pombal, — porque, entregando ao Marquês a governação, se contentou em reinar sobre o pombal de amores desrespeitosos, por vezes, para famílias ilustres pelos serviços prestados e que maior conceito deveriam merecer ao Chefe da Nobreza.

Mas este Rei delicioso, quando urgia, também se aprumava em Majestade: tendo os ingleses tomado e

incendiado alguns navios franceses à vista dos nossos fortes do Algarve, o Marquês, firmado no Rei, escreveu cartas de reclamação ao Governo de George III de Inglaterra, cartas tão claras e vibrantes, que muito honram a Soberania Portuguesa e das quais apenas daremos recortes breves:

...Há cinquenta anos, porém, a esta parte, tendes tirado de Portugal mais de mil e quinhentos milhões, soma enorme de que a História não fornece exemplo que nação alguma do mundo tenha enriquecido a outra de um modo semelhante. O modo de adquirirdes estes tesouros vos foi ainda mais vantajoso que os tesouros mesmos. Pelas artes é que a Inglaterra conseguiu fazer-se senhora das nossas minas. Ela nos despoja regularmente todos os anos do seu produto. Passado um mês depois da chegada das frotas do Brasil, não fica em Portugal uma só peça de ouro; tudo tem passado para aumentar a sua riqueza numerária. A maior parte dos pagamentos do Banco são feitos com o nosso ouro.

...Não precisamos mais do que proibir, com pena de morte, a saída do nosso ouro, para ele não sair jamais. Talvez respondereis a isto que apesar da proibição, sairá sempre do mesmo modo como sempre tem saído, porque os vossos navios de guerra têm o privilégio de não serem visitados na sua partida, e em consequência do dito privilégio transportarão todo o nosso ouro; mas não vos enganeis com isto.

Eu fiz romper vivo o duque de Aveiro por ter atentado contra a vida do rei, e poderei muito bem fazer enforcar um dos vossos capitães por ter roubado a sua efígie em desprezo da lei...

O Governo inglês mandou-nos um embaixador extraordinário dar satisfação, com ela nos contentando, para o ouro continuar a ser drenado como antes...

Já eram dois a mandar: O Rei, que não desejava complicações e o Ministro, que recebia influências internacionalistas do Médio Oriente (talvez o *Grande Oriente!*), por onde andara como diplomata acreditado.

III

(TERCIO)

CARRACA DE ABASTECIMENTOS...

Reinava a República ao deflagrar do último Armistício. Digo, — *deflagrar,* — porque a suspensão de armas, mais parece uma nova guerra que começa, do que o princípio do fim dessa que termina, tanto é ainda o sangue que se verte...

Reinava pois a República, quando um grande couraçado da Nossa Aliada, de visita a Lisboa, deflagrou

igualmente uma efervescente ofensiva de banquetes! Aos brindes de um dos ágapes, certo diplomata, pouco diplomàticamente, disparou-nos esta *delicatessen*: «*À frente, irá a frota aliada — é a Espada; atrás — Portugal, — como navio de abastecimentos!*»

Ah, bom D. João II, o *homem* do papagaio! Ele deva-vos com a caravela de abastecimentos, por qualquer parte rotunda do cavername couraçado! Ah, rijo Marquês da histórica luneta, *lorgnon* que aumentava o vulto dos que o visitavam, para os tornar dignos da conversa; como Ele olharia esse tal diplomata sem nenhuma diplomacia, de cima para baixo e de baixo para cima, como se olham os fanfarrões, que nos levam toda a alpista do Pombal Catitinha e não admitem Portugal no Grémio das Nações Desunidas!

«SI VIS PACEM, PARA BELLUM?»

(Se desejas a Paz, prepara-te para a Guerra)

Eis uma máxima, que até parece mínima, já caída no cesto mortuário dos lugares-comuns!

Desde que o mundo é Mundo, que outra coisa terá feito a Humanidade senão enfeitar com sílex a clava do guerreiro primitivo; afiar o machado de bronze; aguçar a lança e o dardo na Idade do Ferro e, depois, desvairadamente, lançar-se na orgia dos armamentos que rematam com a invenção máxima (esta, sim, é uma *máxima!)* da bomba atómica?

Preparar-se melhormente para as guerras de todos os tempos, não o poderia ter feito o mesmo Belzebu em pessoa! E, com toda esta sementeira de bélicos preparos, teremos colhido a Paz?

A resposta aí está patente, nesse conclave dos Grandes que, se ainda hoje não armaram a bernarda derradeira, é porque, nenhum desses Grandes tem, disponíveis, as reservas alimentares indispensáveis aos exércitos em operações... Venha uma colheita abundante e logo os vereis, uma vez ainda, empenhados na obra da destruição da Esfera. A Fome que, infelizmente, gozamos, é o único freio dos seus apocalípticos cavalos... A abun-

dância trará a hora H, para o suicídio da Humanidade! Se Deus nos der uma Fome duradoura, teremos a Paz, finalmente... E outra variante para morrer com elegância!

Diverso meio, menos indigesto, haverá para atingir essa Paz tão almejada?

Há, e tão simples, que muito é de admirar, não ter ainda ocorrido a esses Grandes! Verdade é, que das Três Pessoas Distintas (distintas?) uma só ficou, Verdadeira, como cantou um Poeta bem-humorado:

« Para o bem-estar comum,
— UM, morreu antes da hora;
o OUTRO, foi posto fora...
E dos Três, ficou só UM!»

Ora, a esse Um que nos resta, a fórmula salvadora, talvez não convenha por óbvias razões; mas eu, que Grande não sou nem Único, não farei caixinha, nem exigirei alvíssaras pela prenda, que se pode encerrar em dois simples artigos do Código de Direito Natural:

1.º — É retirado a todos os homens, o direito de votar.

2.º — Terão voto obrigatório, todas as mulheres com filhos.

Séculos, milénios de experiências, demonstraram a incapacidade do sexo forte para governar os destinos do Mundo; a mulher, Mulher, que tem dado, dá e sempre dará, a alma da sua alma e o coração do seu peito, para carne de canhão das guerras, é que deve ter o

encargo de julgar, quando a Paz não tenha outro remédio senão a Guerra... Isto, realmente, se a Paz é aquela aspiração digna do culto da inteligência humana, — centelha da inteligência de Deus, — Princípio de que muitos homens duvidam, mas não as Mães sacrificadas nas suas entranhas e nas suas almas.

Radical modificação? Talvez; mas agradável!

Nos seus parlamentos, as mulheres alongar-se-iam por certo, em discussões sobre os faltosos géneros de primeira necessidade; sobre as criadas de servir; sobre os amavios de Beltrana e Sicrana, mas esses discursos seriam outros tantos armistícios e suspensões de armas e nós, os homens, gozaríamos uma justa compensação, porque, à entrada e saída dos lindos parlamentares, veríamos brilhantes paradas de chiquismo em passagem de modelos de vestidos, sapatos e chapéus, dando-nos, finalmente a solução da incógnita: saber, onde paravam as modas! E essa guerra de elegâncias, seria a única guerra em tempo de paz continuada, até cabalmente ser votada por maioria absoluta, a lei que considera mais *tirone* a cor amaranto para *soutien-gorges* e a que determina, mais *bestiais,* as meias de metal micro-calibrado, sobre as de seda tropical, as de vidro plástico e mesmo sobre a — *bas liquide,* — a aguarela ou guache. E isto, interessa muitíssimo mais, do que conservar Constantinopla para os Turcos, Trieste para os Italianos, ou Viena para as valsas de Strauss, em lugar de ser para o *vodka*...

ANDOCHE JUNOT

(Duque de Abrantes)

Por 1915, numa tertúlia de «*los Madriles*», por onde deambulava o meu exílio que, pùblicamente, repelira a amnistia (1) oferecida aos «*Paivantes*», tomei parte activa numa controvérsia de intelectuais, uns, amigos dos Borbons de agora, tendo do outro lado alguns partidários dos Braganças de sempre; torneio cortês, mas que se ia esbraseando ao rubro, — rubro branco — evidentemente...

Esses emigrados portugueses e os exuberantes contertulianos madrilenos, versavam, não, a Aliança Peninsular (que António Sardinha havia de coroar de literários louréis), mas precisamente o contrário, isto é, — as rivalidades na Ibéria, que tão proveitosas têm sido para os inimigos de Portugal e da Espanha.

— «*Todavia*», — exclamava um Marquês duas vezes Conde de Castela, — «*todavia Carlos IV, antes de se ver prisioneiro de Napoleão, salvou o brio das armas espanho-*

---

(1) Vid. o diário «*A Nação*» de 10 de Março de 1914 e de 19 de Abril de 1916.

las... A epopeia da defesa de Saragoça, é uma página militar das mais belas do Mundo; a Capital do Aragão imortalizou-se!»

— *«Não resta dúvida».* — Ripostou um lusitano. *«Mas Carlos IV, se soube ser soldado, não primou como diplomata, deixando deserto o trono de Fernando e de Isabel, onde o Corso, logo fez sentar seu mano José Bonaparte, que poderia ter cristalizado em dinastia, como a do general Bernadotte, no trono da Suécia... Quanto mais útil não teria sido para a Península, fazer o que fez o nosso D. João VI, que, retirando justamente a tempo para o Brasil, guardou intacta a Soberania Imperial; Junot, nunca ousou sentar-se no trono português! Simples Governador em nome de Napoleão, contentou-se com a alcunha de Duque de Abrantes, quite, de bem depressa abandonar — Governação e Ducado.»*

— *«Saragoça, todavia, ficou como o maior trofeu da Guerra Peninsular!»* — Rematou o espanhol afogueando-se: — *«Una barbaridad de apoteosis!»*

— *«Certo é, que os Saragoçanos de 1808, ficaram dignos de uma* Ilíada, *pois Troianos se mostraram. Faltou Homero para os cantar; mas,* mire usted, *»* — volveu o lusitano: — *«que, em Portugal e justamente, no ano seguinte, a façanha, foi repetida pelo Bispo do Porto D. António José de Castro que, à frente dos seus clérigos e frades, todos armados, ajudaram a repelir da Capital do nosso Norte o invencível de Austerlitz — Nicolau Soult — Duque da Dalmácia, que nos entrara pela vossa Galiza, resolvido a passar à*

espada, espanhóis e portugueses... A espada do seu general «Maneta», — *Loison — pela Espanha passou, e só no Porto se embotou... E se este episódio não brilha entre os fastos militares, é porque, os Homeros liberalengos, saboreando os manjares que, nos* «outeiros», *as freirinhas românticas lhes serviam de mistura com motes para glosas engenhosas, já aborreciam a Cristo, — por mais enamorados do Supremo Arquitecto, nas horas vagas desses jogos florais do século XIX, pois bem mais substanciosos eles foram, do que os nossos* «outeiros» *a seco, do século XX...»*

Os espanhóis espumavam de ira; mas, fidalgamente, continham-se, porque nós éramos para eles, — *los forasteros,* — **e o hóspede, sobretudo o foragido político, é sagrado na Cavalheiresca Península.**

Julguei, todavia, dever deitar alguma água fria sobre tanta fervura: — *«Amigos, — dizem que Junot (de tão lindo nome de baptismo (?) — ANDOCHE!) quando galopava sobre Abrantes e de Abrantes sobre Lisboa, congeminava projectos que ele julgava diplomáticos, mas que seriam apenas* **soldatesques:** — *apanhando ainda em Lisboa o Senhor D. João VI, obrigá-lo-ia a oferecer-lhe um banquete de boas-vindas, findo o qual, o levaria a São Carlos (o belíssimo teatro que Costa e Silva, à voz autoritária de Pina Manique, erguera do chão calcário do Largo do Picadeiro em seis meses apenas de diligentes trabalhos, para se festejar o nascimento da Princesa da Beira, essa linda e prendada Infanta Portuguesa — Dona Maria Teresa — que*

havia de ser a esposa do vosso D. Pedro Carlos Bourbon, casal exemplar, que tão loucamente se amou)... O exemplo, todavia, não contagiou as duas Pátrias, de sempre e infelizmente, desavindas...» (**Os espanhóis davam mostras ruidosas de contentamento**); **continuei então**: «*pois Andoche levaria a São Carlos o Rei de Portugal, para O fazer sentar na tribuna real... à direita de Andoche! — Andoche Junot, Dono da Casa, em nome de Napoleão, Rei de todas as Espanhas: — O Império do Ocidente!*

E seria então, este, o panorama à vista: os vossos Reis Carlos IV e seu filho Fernando VII, prisioneiros, no majestoso castelo de Valencay, construído por Delorme no Indre francês e Andoche, Vice-Rei em Portugal... Isto, se as avançadas napoleónicas não tivessem apenas lobrigado no horizonte do mar, as últimas velas da esquadra real, singrando para o Brasil... A esquadra que salvou a Península! — A Invencível Armada, *— a que não naufragou! Certo é, que toda a cobiça do Corso resultaria sempre vã, pois Portugal e a Espanha são indestrutíveis nas suas nacionalistas armaduras monárquicas e a prova, é que em Espanha, Napoleão, precisou que o Rei, abdicando, lhe transmitisse o majestático poder, e em Portugal, coagindo D. João VI (o que, felizmente, não conseguiu), apenas vincaria a sua — (de Andoche), — inferioridade moral, apesar de vencedor pela força, — pois a coacção física ou espiritual, outra coisa não é, senão exigir-se do coagido a propriedade ou a autoridade, que o usurpador não tem e só consegue*

por essa violência mais ou menos bem disfarçada, — prova provada da sua insuficiência; — uma vez obtida a autoridade ou a propriedade, raras vezes as conserva: — bens de sacristão, cantando vem, cantando vão!

As guerras e coacções, como todas as formas do esbulho, sejam elas pelas armas, pelos nervos, ou pelos sofismas, de nada servem e tudo deixam bem pior do que antes, pois a Verdade, — poderá tardar, — mas acaba sempre, sempre, por sair esplendorosa do seu poço...»

Ao fim da minha longa arenga, tão longa que nunca fizera outra igual, os ânimos contertuleanos estavam perfeitamente calmos e seguiu-se uma nova *rueda* reconciliadora com aquele topázico Gerês, que, todavia, tem superiormente generoso o vinho que, nado e criado pelos sucalcos do Douro, — rio que também pela Espanha é *forastero,* de passagem apenas, — tem, no Porto, o seu brasonado solar, mais heráldico todavia, que esse néctar *«Andalu de la Frontêra»!*

A LUGAR-TENÊNCIA

Oh Filho de David, austero e forte!
Engenhoso Juiz de mil contendas!
Tu inda és **Salomão**, além da morte,
porque disseste ao Mundo, desta sorte:
— «*Sábio! Compra a Verdade e não a vendas.*» —

Provérbios. Cap. 23; versículo 23.

A Régia nomeação do novo Lugar-Tenente de Sua Majestade, apanhou estes embrechados policromos já no fim da impressão nas rotativas, mas ainda a tempo, mui contado, para um leve reparo quanto à publicação, por via jornalística dessa nomeação, que mais interessará à Causa Monárquica do que ao Grande Público, envolvendo assim os velhos e sacrificados servidores dos Reis, no mesmo rol, de mistura, com o Senhor Toda a Gente...

Mas isto ainda seria o menos, se o Respeitável Público de agora e com ele, esses devotados amigos de sempre, não lessem no artigo de *A Voz* de domingo 13 de Outubro de 1946, que o nóvel Lugar-Tenente, falando estiradamente da sua mesma personalidade, dava por fim o tratamento de *Alteza Real* a Sua Majestade El-Rei! Se o próprio Lugar-Tenente não reconhece na Pessoa

que representa, a Suprema Magistratura da Nação, quem Lha reconhecerá?

Os menos versados neste assunto de precedências e trato, sabem, e se o ignoram, têm expositores que elucidam, que, para os miguelistas, o Senhor D. Duarte Nuno é Rei, desde a renúncia de Seu Augusto Pai, o Senhor D. Miguel II, firmada em Broonbach a 31 de Julho de 1920, portanto há vinte e seis anos; para os realistas de outros matizes da mística monárquica, o Senhor D. Duarte é igualmente Rei, desde a solene Aclamação realizada em Lisboa a 19 de Outubro de 1932, portanto há catorze anos, alçamento que consta do documento firmado por 108 portadores dos nomes mais ortodoxos da crença realista.

Dessa lista de assinaturas, profusamente distribuída então e que se lê, por exemplo, no livro — «EL-REI D. DUARTE II» — pelo Sr. Conselheiro A. Cabral, pág. 209, darei apenas, — por não alongar estas considerações que tem de ser breves, — nove nomes, três da cabeça do rol, três do meio exacto e os restantes do fim: — João de Azevedo Coutinho, Comandante Henrique de Paiva Couceiro, Conselheiro Fernando de Sousa, Dr. José Vaz Guedes Bacelar, Dr. Alfredo Augusto Cunhal, Conde de Mangualde, Joaquim Simões Cantante, António Carneiro de Sousa Pires e Eurico de S. Satúrio Pires.

Aclamado já e, pelo menos há catorze anos, El-Rei tem o título de *Majestade* que, pela vez primeira foi

usado em Espanha por Carlos V e dado, por Filipe II, a D. Sebastião, na célebre conferência de Guadalupe: depois, por Jorge de Melo e Pedro Mendonça, aquando despachados pelos fidalgos de 1640, realizaram a galopada *record* de Lisboa a Vila Viçosa, levando a nova feliz da Restauração: «... *Encontrando ao Duque D. João saindo da capela, se ajoelham sem ânimo de falar; levanta-os o Rei e guiando-os aos aposentos da Duquesa, os Três Lhe beijam a mão, dando à animosa Senhora o tratamento de Majestade, contra o usado até ali, na assistência dos Soberanos Portugueses que recebiam o de Alteza...*»—Digo eu, no Livro — *Três Bandeiras — 1919.*

— Teremos nós regressado, sem saber, aos bons tempos do Senhor Rei D. Duarte I? Quão bom, se assim fosse!

— Não se recordará o novo Lugar-Tenente, já não digo da Aclamação Miguelina (o que teria plena explicação), mas da notória e movimentada Cerimónia de 1932?

— Ou andará já tecendo sua teia de enredos a tarântula do protocolo da república, abelhudamente metendo a fouce em seara alheira?

Por demais, sabemos que, — *Alteza,* — tratamento de um Príncipe, não comporta representação para Lugar-Tenência; mas o de — *Majestade Fidelíssima* — que deve ser dado a um Rei que a Causa aclamou, Este, sim, tem Lugar-Tenência!

Portanto, ficará a dúvida latente: — será, meramente

para o público, este Lugar-Tenente de um simples Príncipe, ou também, perante a Causa, com a alçada da Representação do Seu Rei que *Majestade* é, por Aclamado?

Eu, como Realista, não reconheço mais alta magistratura do que a Real; outro tanto, parece, não se ler no citado artigo de *A Voz*. — A voz de Fernando de Sousa, signatário da Proclamação que dera *Majestade* a Quem de Direito!

Lembra-me, sem nenhum propósito, possìvelmente, uma espirituosa anedota que já contará um século: — A Senhora D. Maria II elevara a Conde o seu ministro Costa Cabral; para a entrada na Câmara Alta dos Dignos Pares do Reino desse primeiro Conde de Tomar, o Presidente recitou o discurso da praxe, oferecendo os parabéns e as boas-vindas oficiais ao representante dos Cabrais que tão cordialmente eram detestados pelo Povo e, como por demais se alongasse em ditirâmbicos elogios ao poderoso ministro, alcunhando-o até de *fidalgo* de distintíssimo porte e outros panegíricos, o Marquês de Reriz que sabia dizê-las das boas e não tinha papas na língua, pediu a palavra... Expectativa; pois o caso era inédito e o discurso da Presidência acabou atabalhoadamente. O vulto avantajado do Marquês levanta-se então e com o sotaque nasalado, mas sonoro, que lhe era característico, a sua voz ressoa sobre a curiosidade aguçada da assembleia:

«*Senhor Presidente e Dignos Pares! Também eu desejo associar-me ao geral contentamento, vendo entre nós o Favorito da Nação e da Realeza, que nos chega nobilitado com o seu novo título, mas também desejo advertir que, se Sua Mojestade a Rainha tem o apanágio de fazer nobres os seus servidores, — e muito bem, como no caso presente, — (e com todos os títulos da nobliarquia: — barão, visconde, conde, marquês ou duque), — nem Sua Majestade, nem esta Câmara* — Senhor Presidente! — *comportam alçada bastante, para fazer* fidalgo *quem* fidalgo *não nasceu!* Fidalgos, — *fazemo-los nós, de acordo com nossas Mulheres e Senhoras, — exclusivamente! Tenho dito...*

Virá isto a propósito? Talvez, porque, tendo-me alguém rogado opinião sobre o artigo jornalístico, não vejo razão de calar o que julgo ser Verdade, — essa Verdade que se compra e não se vende, segundo Salomão, — opinião que aqui fica, sem nenhuma pretensão de que possa servir para alguma coisa: — El-Rei não iria buscar à Velha Nobreza de Portugal o Seu Representante, como foi uso, já de um século, de Seus — Avô e Pai, — porque, acertadamente, não desejou colocar em forçado contacto e natural controvérsia, qualquer velho nome da Fidalguia de Raça, do Bairro de São Vicente, — o nosso *faubourg Saint Germain,* — com a actual situação, toda ela burguesa e que ocasião não perde de menosprezar os representantes desses Avoengos que fizeram o Reino e o Império; é já useira a

pecha, desses senhores perderem tanto do seu tempo, inùtilmente, na inglória função e, se ainda esse tempo precioso fosse, privativamente, deles! Mas não; é de nós todos, é da Nação que nada tem com essas revindictas raciais e que lhas paga como serviço útil...

Pessoalmente, o Sr. Dr. Fezas Vital é um amigo dos mais estimáveis, com rara envergadura cultural e dotado com o mínimo dessa jactância dogmática coimbrã, que teve o expoente supremo nos panejamentos olímpicos da capa do Dr. Assis e lembro-me bem, ter palmilhado com o novo Lugar-Tenente, as desérticas montanhas fronteiriças da Galiza, na peugada do altivo Comandante que foi Paiva Couceiro; porém, chega-nos ele, como declara, com vinte anos de intimidade colaboracionista adentro do regime republicano (creio que desde o 28 de Maio de 1926), regime em que ocupou cargos de representação e de notório destaque e isto, poderá autorizar pensar-se possível o seu regresso onde, — ele o diz, — só amigos deixou, e aqui, é que, já a propósito virá a sumaríssima distinção do Marquês de Reriz, entre *fidalgo* e *nobre* quanto à minha humilde mas nítida pessoa: — sendo *titular* tornado hereditário, isto é, nobilitado pelos Reis, seguirei a Lugar-Tenência; mas, como *fidalgo,* não poderei acompanhar esse eventual regresso, porque faltaria à fé de quem sou, por meu Pai e Avós, que fidalgo à antiga me fizeram, bem antes que os Reis me nobilitassem.

Dissolvida a elegante arrancada da Galiza, Fezas Vital seguiu o sol, nascente sobre o Mondego; eu fiquei com o Poente na noite plena de desconfortos, que muitos diziam sem aurora! O sol, nascente então, já declina e a remissa aurora se anuncia; Fezas Vital regressa aos *Paivantes* como filho pródigo: Bem Vindo seja e se vitelos houvesse, o mais gordo seria sacrificado. Mas se este, ou outro sol renascer, mais uma vez e ainda na sombra ficará, quem só lhe deseje as maiores felicidades. No entretanto, marchemos, porque de — *faz que anda, mas não anda,* — já fartos *andamos, mesmo!*

Alterar uma pragmática, quebrar uma praxe, é bulir na Tradição que é o alicerce do Palácio da Pátria; a praxe, a pragmática que ora se belisca, chegou até nós atravessando mais de um século, no significado que traduz esta série de nomes venerandos, que mais não é, do que uma lista de sacrifícios, por vezes sobre-humanos: — Conde de Barbacena, Duque de Alafões, D. João de Castelo Branco, Conde de Pombeiro, Marquês de Abrantes, Dr. Carlos Z. Pinto Coelho, D. António Pereira Coutinho, Conde da Redinha, Conde de Avintes, D. Alexandre Saldanha da Gama, Conde de Almada (D. Miguel), Conde de Azambuja (D. Nuno), Conde de Almada (D. Lourenço), João Fragoso de Azevedo Coutinho...

Nas suas declarações jornalísticas, de agora, orgulha-se o novo Lugar-Tenente de não-fidalgo; já qne, de não-nobre não poderá vangloriar-se, pois a Galiza de

Couceiro, é uma autêntica carta de nobreza! Será esta novíssima orientação a tal *democracia,* — arte nova, — em que todos pretendem comungar, desde o czar vermelho de Moscovo, ao czar da Casa Branca de Washington, sem esquecer os totalitários e indostânicos Rajás?

No entanto, *adentro da Causa*, dar o trato de — *Alteza,* — a Sua Majestade, é lapso, fácil, aliás de remediar.

— Sempre, pela vida fora, *realista-democrata* me encontrei.

Vejamos agora, como *democráticos* se portam os meus 72...

Sim, porque, entre, *democrata* e *democrático* há a mesma diferença que vai de construir a destruir.

Os Reis da primeira e os da segunda Dinastia, foram democratas: fizeram o Reino e o Império.

Os democráticos da república desfizeram... o que nossos olhos têm visto!

— Despir a calça estreita à Marialva e ficar *sans-culotte* (que frio e que vergonha!), trauteando a ronda de Robespierre:

« Ah! Çá ira, çá ira,
les aristocrates à la lanterne!
Ah! Çá ira, çá ira, çá ira,
les aristocrates, on les pendrá!

E novas modas, aos 72 anos; não será manifestação de meninice, — a segunda, — evidentemente?

— Mas El-Rei que é o Chefe da Nobreza e, em Portugal o Fidalgo Número Um, não manda chover; manda marchar.

Marchemos, mas sem marcar passo...

Se chover, teremos o *paraguas* socialista do Povo, pelo Povo e para o Povo.

«Ordinário... Marche! Venha a canção: ...*Ça ira, les aristocrates...*»

Pobres *aristocrates!* — Como Albuquerque o *Terribil:* — «*de mal com os homens, por amor dos Fins e de mal com os Fins por amor dos Princípios...*» — *Poverellos!* — *À la lanterne...*

ROSTAND E OS ANÓNIMOS

A Edmond Rostand, o genial autor de — *Les Romanesques, Cyrano de Bergerac, l'Aiglon, Chanteclair,* — queixava-se um novel poeta do êxito precário, perante o público, do seu primeiro livro.

«*Naturalmente, teve bons amigos que, em artigos de jornais, brochuras e revistas, falassem com louvor ou má fé (é indiferente), das suas rimas?*» — Interrogou o Mestre.

«*Naturalmente!*» — Respondeu o novato das letras. *Mas o Querido Mestre bem sabe o que isso traz*»...

«*Sim! Sei bem o que isso traz e, sobretudo, o que isso leva... Mas, diga-me e com sinceridade, — com respeito a cartas invejosas e pasquinadas anónimas, — quantas?*»

«*Recebi uma dúzia. Devo dizer, com a franqueza que devo ao Querido Mestre, que, no curso que frequento de Belas-Artes, somos 13: seis galantes raparigas e seis rapazes grosseiros; pois, justamente, chegaram-me pelo correio seis bilhetinhos agridoces, mas perfumados, e meia dúzia de cartões com insultos de caserna e o aroma adequado dos cavaleiros intonsos dos antigos tempos...*»

«*O que possam dizer os correspondentes anónimos, de bem ou de mal, não interessa absolutamente; mas apenas o número...* Isto é, *a quantidade de invejosos e não a qualidade, sempre de segunda e a mais vil!*»

E Rostand, erguendo os seus luminosos olhos, mais sonhadores do que irónicos, rematou:

«*Meu ilustre Confrade! Autor que receba mais do que três preciosas cartas anónimas, laivadas pela verde baba da inveja, está consagrado e, definitivamente lançado,* — *digo-lho eu! Aceite todas as felicitações e, também a minha inveja que, essa, não é anónima! Pelo «CHANTECLAIR», condecoraram-me apenas com nove pasquinadas... Uma miséria! «CYRANO», rendeu-me um pouco mais. Mas uma dúzia de cartas anónimas! Doze pasquins: — C'EST UN TRÈS BEAU TABLEAU DE CHASSE! — MON CHER MAITRE; — MES HOMMAGES!*»

*

À bon entendeur: salut!

Os meus últimos livros renderam-me apenas três missivas com larachas, — uma, com bom fim; outra, sem fim nenhum; e a terceira, agridoce, mas olorosa: — suavemente impregnada com o discreto e senhoril *patchouli*... Cá fico esperando a dúzia da consagração; apesar de não ser Edmond, mas apenas Francisco...

E com muita honra!

"TI-NAU,,

O eléctrico seguia pletórico. Antigamente, quando puxado a mulas, chamaram-lhe *americano* e hoje, americano é ainda esse material circulante rebocado pelo *trolley*.

São estes americanos os únicos que, entre portugueses, nesta quadra de forçada quaresma de abstinências devida ao puritanismo dos Grémios, andam cada dia mais gordos!

Positivamente, este ia exuberante de gentes cada dia mais magras; dentro e os estribos abarrotavam e molhadas humanas pendentes para o exterior das plataformas, davam a grata ilusão de cachos de bananas em maturação solária.

Os que seguiam à dependura, tantos eram como os que se mantinham no interior, a pé mais ou menos firme (por não lobrigarem espaço para onde cair) e estes somavam o dobro dos paxás sentados, que liam as «Várias Notas» do *Notícias,* ou dormitavam a sonhar, naturalmente, com um cartuchito de açúcar ou meio quilo de arroz...

Os quatro bancos para solteiros, que balizam as extremidades desses campos de concentração e de

suplício, viam-se pejados por famílias compactas, não faltando os interessantes meninos que, tocando gaitas e cornetas, se lambuzavam com rebuçados.

Aquilo já não era uma carroçada de peonagem, era um vagão T coagulado de escórias fumegantes pelo calor animal acumulado e tresandando a sardinha, a borracha, a vinho e a todos os demais perfumes com exclusão do jasmim, alfazema, violeta ou opoponax...

As passageiras e passageiros *bem,* iam bastante mal, mas silenciando; os, *mal,* esses estavam maravilhosamente bem à vontade, comendo tremoços e cuspindo as cascas, cantando modinhas brèjeiras e dando-se amistosas palmadas, largamente distribuídas entre amigos e desconhecidos...

«*Rijo material que aguenta tamanho pessoal!*» Clamava um embarcadiço, muito vaidoso das suas altas botas de baldeação, moldadas talvez pela craveira dos pés do Adamastor e que empestavam a *guta-percha*...

— Neste momento exacto, o rijo material estacou, talvez por saturado de tamanho pessoal, em tão demorada viagem de pólo a pólo deste bom Burgo, que mais devia chamar-se bis-Porto, por gozar dois ancoradouros: — o de Leixões e o de Miragaia...

— Pois de Miragaia a Leixões mesmo, é que singrava aquele cargueiro esclavagista.

«*Parece que largamos quatro ferros, Ti Nau!*» Diz o embarcadiço para um velhote alto e seco como baca-

lhau de salga e que, ensimesmado, se mantivera alheio a essa tanta balbúrdia que o cercava, no entanto, com marcado respeito, tal como a uma ilha de coral, rodeiam as arrebentações eternas da caleima...

«*Com o nevoeiro, os navios encalham*». Respondeu, resignado, o bom do velhote.

Os muitos dependurados aproveitaram a deixa, para descansarem nas pernas a fadiga dos braços e espraiavam-se no algodoado da névoa (como os *doris,* sobre os Bancos da Terra Nova dos Côrtes Reais, cercando os arrastões bacalhoeiros), a murmurarem contra essa falta de corrente, que os obrigava a faltarem ao almocinho caseiro, ali, por alturas de Nevogilde, mesmo à vista de Matosinhos, — se a neblina avermelhada deixasse ver, o que os estomagos adivinhavam...

«*Raio de vida esta, quando se navega em terra!*» Praguejou o embarcadiço das botas! «*E agora, os calafates lá da casa das máquinas, levarão horas, para tapar as avarias... Se, a gente, sequer ao menos, pudesse sirgar a barcaça... Mas esta tripulação toda, excede a tonelagem; e eu com o cantil do vinho já vazio! Raio de vida...*»

Mas tomado de súbita ideia, virou-se para o velho «Ti-Nau» e disparou-lhe: «*Conte lá uma das suas; Vomecê sabe histórias como ninguém, pois é mais velho que o Noé da Arca, em que com certeza navegou à vela, por todos os mares da anteguedade. Conte p'ra aí, porque lhe*

chamam Ti-Nau *e porque traz na orelha essa argolinha de oiro, como as mariquinhas...*»

— «Alto lá com o palavriado, meu rapaz! O teu Noé, viveu tanto como qualquer, ou a como a mim, que já ando perto da sonda por cem braças na marca; bem mais viveu Adão, com os seus 930 anos completos e Matusalém, com 979... Quanto a parecer-me com as donzelas, ide *preguntar* às sinhàzinhas de Pernambuco e do Rio, às *gueishas* do Nippon, às javanesas da Batávia, às *girls* australianas do Brisbane, às haitianas das Antilhas, se o Ti-Nau é Tio, ou Tia... Sim, porque *Ti,* entre as gentes ribeirinhas do mar, chamam as moças a quando já não miram a um *home,* para lhe buscarem, às ilhargas, os franganotes dos filhos, e Tia, — Ti-Ana, Ti-Rosa ou Ti-Joana — a quando a fêmea já traz fisgada ao *avintal* uma réqua de netos... *Nau,* chamam os *inorantes* a todo o madeirame que navegue com trapinhos ao léu: patachos, brigues, palhabotes, corvetas, fragatas... Mas olhai que isso dos Patriarcas viverem os seus dez séculos, é tal qual como uma história das minhas...»

Os pendurados das plataformas haviam retomado os seus lugares marcados; os que seguiam a pé, ainda vivos, rebolavam-se de gozo carambolando fraternalmente com o condutor e os paxás sentados, recolhido o jornal e desperta a modorra, acamaradavam os *mal,* com os *bem,* menos mal, ou mais bem, segundo o jeito

de cada um. O silêncio, para se ouvir perorar o orador, era tão profundo dentro desse pontão encalhado, como lá fora, no algodão em rama avermelhado dos nevoeiros de agouro.

— «Mas, oh *Ti-Patacho* ou *Ti-Fragata!* Como é isso dos Patriarcas viverem tanto tempo e nós tão pouco?»

— «Todos vivemos o mesmo, sempre; sòmentes os dias e os anos, nessas quadras primeiras do mundo, eram mais minguados, — porque os planetas, e entre estes a bola de terra em que navegamos, tendo saído projectados da sua mesma substância ardente, pelas explosões do sol e com velocidades várias de translação e rotação, tem arrefecido e, pouco a pouco, diminuído o andamento, tornando anos e dias muito mais longos, talvez quatro ou cinco vezes mais compridos do que os dias e os anos de Matusalém, de formas que, um dia dos nossos, tanto será como aquase uma semana do Pai Adão; tempo virá em que os *homes* hão-de nascer e morrer no mesmo dia, mas tão estirado como a légua da Póvoa, que nunca ninguém chegou a medir; mais feliz será essa gentalha, porque vivendo o mesmo tempo afinal, do que os Patriarcas — quase mil anos; e o mesmo que a nós — um século escasso, viverão o mesmo, mas num dia apenas, como certos mosquitos, ou numa só noite, como os pirilampos do Brasil que dão luz como faróis, mas só por poucas horas; e estes, nem terão tempo de se aquecerem ao sol, que, aliás, por esse fim do mundo,

mais pertinho andará da Terra, pois este nosso planeta, à minga de velocidade, acabará por cair, mais volta, menos volta (como os aviões sem gás), no braseiro central de onde partira há milénios de milénios... O bom filho à casa torna!»

Grandes gargalhadas ecoaram dentro e fora do veículo encalhado; rijas patadas de contentamento estremeciam o pavimento imóvel da viação acelerada, tanto sacudindo a barcaça que esta, por destravada, levantou ferro e começou a deslizar no leve declive, sobre o trilho do seu destino, como no *bota-abaixo* de um estaleiro...

— «Não riam, meus meninos! Tudo isto me foi contado em Macau por um mandarim, a quem eu fazia o contrabando, nas lorchas e juncos chineses e ainda o estou a ver, navegando entre Hong-Kong e a ilha da Taipa, fumando o leve cachimbito de ópio, coifado com um gorro de seda verde com seu botão de cristal, a ler à luz da bitácula do pangaio, o livro do sábio dos sábios, que ele chamava Confucius e em china—*Koung-fou-tseu*...»

— «Mas a argolinha de oiro que não esqueça; nós temos tempo, antes da arribada a Matosinhos, de dar a volta ao mundo inteiro, com Vocemecê ao leme, numa caravela redonda com carangueja latina, — como essas galgas do mar, que eram os correios das armadas, onde Vocemecê foi gajeiro, para não dizer piloto ou mestre de manobra...»

— «Olha, meu janota! Eu naveguei à vela, não nos caravelões de 1500, mas nas lindas fragatas que, quando botavam fora bujarronas, estais, papa-figos, gatas e sobre-gatinhas, só com uma linda mulher tinham comparança; pois nessa arte de marear, que mais ciência era do que arte, grumete que dobrasse o Cabo das Tormentas ou da Boa Esperança, orgulhava-se em mostrar uma argolinha de oiro na orelha esquerda e outra, na direita, se dobrasse também qualquer dos dois cabos do mundo, que, ambos se chamam — *Horn* — que tanto é dizer: corneta do chifre do diabo; o Cabo Horn, no norte da Esfera, é a ponta árctica da Islândia, ou dos gelos e névoas, como este que nos cega; ali, nessa ilha sem lenhas, os pescadores são muito pobres, mas todos sabem ler e escrever e talvez porque escrevessem a Deus sua miséria, fornece-lhes Ele água sempre a ferver, de maneiras que, chegando às praias de seixos escuros, com sua enfiada de arenques, bonda escamá-los, e, com a água quente dos *geysers,* fica cozinhada a caldeirada, nas pedras-pomes, que lhe guardam a quentura... O outro cabo *Horn* é na ponta sul das Américas, no bico antárctico da Terra do Fogo, onde o vento é sempre tão ciclónico, que a lã das ovelhas da Patagónia não precisa ser cardada, porque os vendavais se encarregam de pentear os rebanhos; e bem procurada é ela, essa lã, pela fortaleza do fio; chamam-lhe — lã do Magalhães, — esse primeiríssimo teso (naturalmente, era

também português), que passou do Atlântico para o Pacífico, através das tormentas, que todo o ano varrem as águas e as terras. Ali, é que Neptuno e Vulcano têm as forjas dos tifões, tornados, monomocaias e ciclones, que são os trabalhos do mundo e a perdição dos navios... Eu bem poderia mostrar o par das arrecádias, mas à outra argolinha, deixei-a na orelha de certa cigana mocinha dos Açores, que me ensinou algumas histórias e entre elas uma, que vos contarei um dia e que se chama — o conto do vigairo... Não há, como as gitanas, para enfeitiçarem a um *home* com enredos de contas e contos...»

— «Mas, olhe lá, Ti-Nau! Por que é que nos diz que esses *homes* e essas mulheres, vivendo tão pouco, como um dia apenas, serão mais felizes do que a gente que sempre se vai demorando por cá, não tanto como os Patriarcas, mas uns anitos como Vocemecê e eu, p'r'os contar...»

— «E tu a dar-lhe, meu rapaz! Não acreditas na experiência de quem já viveu mais qu'a ti? — Essa gente futura viverá o mesmo tempo que a gente passada, sòmentes em menos anos e dias, porque estes serão pelo fim do mundo, muito mais demorados a ponto de tudo parar, como parou esta Nau Catarineta em que ora vamos já a bolinar. Esses que, aparentementes viverem tão pouco, vivendo um só dia, ou uma só noite, só terão licença para um almoço e um jantar, podendo

negociar no mercado negro, o resto do racionamento do mês. Não sei se me entendes?»

Com certeza todos o entenderam, pois toda aquela avalanche de gente se precipitou, com os seus pacotes de géneros angariados no policromo mercado, para os portalós do pontão que acabava de fundear no porto de salvamento, mercê da corrente restabelecida e da lábia do viajado aventureiro...

— «Santas tardes, Ti-Nau e agradecido pela companhia!» Diz-lhe o embarcadiço.

— «Nevoeiro tão cerrado e vermelho como este — *red-fog,* só o apanhei no Canal de São Jorge, à largada de Liverpul, por 1914; foi Sinal da Guerra! — Seja o que Deus quiser! Tardes santas, meu rapaz! Mas olha lá: àquela malta toda, eu não quis dizer mais nada... Mas nós vamos ter borrasca grossa; olá se vamos! As ciganas enxergam os futuros e a moça, por troca da argolinha, segredou-me muita vez:

«Vem breve o dia; já o galo canta!
(O galo canta, porque a noite expira),
E Maomé — Califa, s'alevanta
e, por Alá, comanda a Guerra Santa,
porque findou a noite da Hegira...»

A Hegira, é lá o calendário dos Arábicos! Eu, também fui à Meca, na volta do Mar Vermelho: — bom café de Moca, mas que se tem de beber com o pó e

sem açúcar! E sabes, aquele cirurgião, que era feiticeiro e viu o que tem acontecido quatro séculos depois, diz também, que os moiros nos virão em riba e que os tempos estão próximos; Nostradamus se chamava o bruxo e tem acertado! Este *red-fog,* traz a guerra... É sangue! Digo-to eu!

«Vomecê, Ti-Nau, inda era capaz de voltar aos Açores, em demanda do brinco, que lá deixou na orelha da cigana...

«Nanja! Ela já deve estar tão castanha pilada, como eu um figo seco; mas a oitra mais mocinha, não negaria esta arrecádia... Um *home* português, não é Tia; é Tio! Não sei se me entendes?»

— E separaram-se. Não; nunca podiam entender-se aqueles dois: — um, representando os Ruços Portuguesíssimos, intransigentes na sua Fé; orgulhosos da sua Raça; ventureiros do seu Rei; que, brinca brincando, fizeram *Isto,* que ainda somos! O outro, já internacionalizado das botas às ideias, aceitando tudo o que vier — *«viva quem vencer!»* — e, melhormente até, o paraíso da Moscóvia, cópia do de Mafoma, que oferece a quinta essência da sensualidade: — *sete cidades; em cada cidade, sete palácios; em cada palácio, sete salões; em cada salão, sete leitos e em cada leito... o que sempre levou os homens às rixas mais sangrentas!*

NUREMBERGA

Cidadezinha coração da Baviera, sossegada e burguesa a debruçar-se sobre a frescura do seu rio miniatural, — o Pegnitz, — onde se reflecte o casario medieval de altos telhados pontudos semelhando caixas de brinquedos. Indústrias florescentes, primando na bonecagem para crianças e afamados instrumentos musicais; os seus relógios com figurinhas animadas, dançando minuetes e gavotas, ganharam merecida fama no passado século.

Pátria de Durer, — gravador e pintor, — que se deleitava no paradoxo de colorir cenas macabras de uma horripilante fantasia, no ambiente sereníssimo da sua cidade natal...

Que fizeram de ti, burgozinho tão alegre que os meninos adoravam pela autoria dos joguetes? Hoje, és um sarcófago!

Os cosmopolitas que se uniram para os horrores da Guerra, cada dia mais desavindos sobre os benefícios da Paz, exigiram que os teus peritos retroseiros fabricassem uma corda, não para violino ou harpa, não para, na buliçosa vida, pequeninos saltarem... Mas para os

Grandes fazerem saltar para a morte os indesejáveis, que os haviam afrontado com o engrandecimento de uma Pátria rival...

É que a esses Grandes, — totalitários supremos, — para se auto-proclamarem supremos democratas, urgia fazer desaparecer o democratismo social o qual, só por existir, os denunciava de farsantes; prenderam então alguns notórios *nazistas* e *fascistas* e sentaram-nos no banco de um tribunal para serem, não julgados, mas logo sentenciados por crimes de guerra e abusos da força. Qual a nação inocente de tais abusos e crimes?

A Inglaterra? — Sem ir mais longe do que o passado século: — em 1807, bombardeou Copenhague, sem prévia declaração; em 1858, chacina com ferocidade inaudita os cipais do Panjab Indostânico que se haviam revoltado a favor da Índia livre de Nana-Sahib; em 1882, bombardeia Alexandria, salpicando com sangue de crianças e mulheres os bairros indígenas; em 1900, afoga em terror e prende em campos de concentração desabrigados, as populações *boers* do Transval e do Orange; em 1890, pelo *ultimatum,* exibe a cobiça do leopardo, pela África do seu Aliado...

A América? — Extermínio metódico e inexorável dos índios aborígenes, enxotados, presos e guardados à vista em zonas, tão limitadas hoje, como sectores de museu paleontológico; a façanha *heróica* da batalha naval de Cavite, onde a frota numerosa e couraçada dos Estados-

-Unidos, meteu no fundo os navios de madeira de Cervera, o Sacrificado Almirante Espanhol; a pulverização das cidades nipónicas de Nagasaki e Hiroshima com bombas atómicas, sem a mínima contemplação pelos não combatentes... Mera experiência sobre um milhão de cobaias humanas e que foi tida como acção humanitária, por terminar com a guerra na liquidação instantânea dos combatentes opostos!

A Rússia? — Calemos os horrores moscovitas, desde o tiro clássico na nuca, aos enterramentos na neve e às metralhadas em massa...

E foram estes os juízes!

Juízes, que bem podiam ser réus.

E foram estes os acusadores!

Acusadores, que deviam ser acusados.

E foram estes os carrascos!

Carrascos que o acaso faria justiçados.

Tudo dependeu da sorte das batalhas, que é o jogo mais caprichoso da roleta que é o Mundo. Ai dos vencidos!

Faltaram condenados à execução; felizes por se libertarem da morte infamante pela forca e a corda de Nuremberga ficou ainda pendente e insaciada, à espera...

À espera desses juízes, desses acusadores, desses carrascos que lá irão meter voluntàriamente as cabeças no laço aparatoso! É questão de tempo.

Sim, porque essa corda, ela entrará, em sonhos e

pesadelos mortificantes, onde quer que esses manequins da justiça de facção, tentem conciliar o sono e eles, suando frio, todas as noites a vêem, ondulando como serpente a buscar-lhes as gargantas...

E a ideia-fixa os domina; a obsessão os vence; o remorso os asfixia e a corda os espera...

Na edição de 1944, deste mesmo livro a pág. LXV e seguintes, foi publicado o elogio de Rodolf Hess, o mensageiro da Paz, parlamentário que a Inglaterra deteve quatro anos, contra as leis da guerra, e que, por fim, mandou condenar a prisão por toda a vida: vitalício mutismo!

Em o *Comércio do Porto* de 12 de Junho de 41 dizia eu de Hess que, com Sua Santidade, formou o par singular dos Amigos da Paz:

Rodolfo Hess

Desvairadamente, já lhe ouvira chamar o mesmo que a Nero, Diocleciano, Maomé, Napoleão, Buckingham e, até, a um papa... isto é, nada menos, do que Anti-Cristo. Este, que, segundo os teólogos, nascerá para assinalar o fim do mundo, da tribo cujo chefe fora Dan, o quinto filho de Jacob; esse que verá a luz nessa Babilónia que, outrora, remirava seus jardins suspensos no

Eufrates, como, hoje, Bagdad espelha minaretes e almenaras nas águas do Tigre, os dois rios irmãos que refrescam as areias ardentes da Caldeia; esse mesmo que, segundo São Jerónimo, Santo Anselmo e São João Evangelista, será meigo como uma criança, curará os paralíticos e leprosos, caminhará sobre as águas e voará sobre as nuvens, mandará nos elementos, transformando o luar em sangue, para, ao cabo de um império mundial de quatro anos, morrer no Monte das Oliveiras, abrasado pelo hálito vingador de Jeová... Mas Rodolfo Hess nasceu no Egipto, que perto não fica da Caldeia, e não consta que, puro ariano, tenha mescla de sangue hebraico de Jacob... Que não voa sobre as nuvens e não caminha sobre as águas, já muito mais difícil é de contestar, pois que descer de um céu em fogo, sobre a ilha britânica, que tão preparada está para receber pára-quedistas indesejáveis, coisa parece não ser para toda a gente e, afinal, apenas, com a mira de trocar impressões com o seu amigo *lord,* possìvelmente não tão idealista como ele e, como ele, não tão pacifista.

Estes dois génios românticos encontraram-se, um dia de acaso desportivo, e, naturalmente, compreenderam-se... Não competia ao inglês procurar o germânico, mas a este buscar o isolado na sua ilha de embarcadiço. O alemão, com a presença apenas, caindo do céu a sorrir da aventura, logo ganhou a estima do

gentleman-farmer escocês que, armado, fora desprender do seu pára-quedas o enviado da Paz; a atitude deste, era a de um grande senhor. Em breves horas, o nome de Hess foi mais pronunciado por todo o Reino Unido, do que o de Churchill.

Se Hess não conseguir firmar a paz esquiva, nenhuma chancelaria ou ditador do velho ou novo mundo o conseguirá. É que este feito singular, sob todos os aspectos, do voo solitário através do brumoso céu do Mar do Norte, só teve nesta guerra enorme um outro acontecimento que, na galvanização do pasmo das gentes, se lhe pode comparar, maior até do que o afundamento do *Hood* e do *Bismarck,* com duas mil e oitocentas vidas!

Estes factos apaixonantes são mais do domínio do espírito do que da matéria; escapam ao utilitarismo e ao egoísmo dominantes; marcam o predomínio da ideia sobre a substância. É que são factores imponderáveis, o que quer dizer: factores que pesam mais sobre o critério humano, do que toneladas de explosivos e do que todas as campanhas-relâmpago que, de uma para outra semana, vão alterando a geografia política da Europa e da África... Poderão as razões materiais desaparecer; as forças psicológicas eternizam-se, passando de geração para geração pelo atavismo ancestral, sempre mais fortes do que a vida e mais eternas do que a morte.

E isto consola os idealistas que compreenderam o gesto de Rodolfo Hess, pois viram que nem tudo é

matéria... felizmente! Numerosos estados-maiores, ministérios em formigueiro, fervilhantes embaixadas, meditam, comparam, gizam estatísticas e mapas, durante meses e meses, sem outro resultado do que a gravura dos planos, troca de banquetes, de discursos e notas diplomáticas... Mas, eis que um nórdico filósofo sobe para um avião de acaso, voa, desarmado, num céu hostil e deixa-se cair, sorridente, no solo proibido do adversário e tanto bastou para que a guerra, que acelerava seu ritmo, sofresse como que uma síncope e entrasse em colapso! Instantes, minutos, talvez horas houve, em que não morreu mocidade, essa mocidade que tanta falta faz à alegria das raças, que se degladiam por fúteis pretextos mercantis...

Anti-Cristo chamaram a Rodolfo Hess, a esse que a *rua* não percebe, porque a *rua* não compreende o sacrifício, mas eu creio que se Cristo olhasse para o gentil-homem germânico que, no século XX, repetiu um feito de cavalaria andante medieval, o verá com os mesmos doces olhos de Nazareno com que amimava a João, dilecto discípulo, autor do Apocalipse, em cujas páginas retrata este génio do mal, o Anti-Cristo, que, para anunciar o fim do mundo, não encontrará nada mais adequado, do que curar leprosos e paralíticos... Anti-Cristo porquê? Não seria antes ao mesmo Cristo, que Hess quis imitar, crucificando-se, suspenso de um pára-quedas, a descer do céu em guerra, para lembrar que a paz é pos-

sível ainda entre os homens de boa vontade? Imagino-o eu, trajando de negro, tendo na mão a clássica caveira, dessas ainda mal descarnadas das hecatombes citadinas, os olhos sonhadores de Hamlet nos olhos de Lord Hamilton, esse amigo que, sem salvo-conduto, sem passaporte, sem *navy-cert,* tão longe buscara e com tamanho risco, só para lhe sublinhar o verso de filosófica emoção de Shakespeare, hoje de viva tragédia para o império inglês: *ser*, aceitando a paz; *não ser,* continuando a guerra... *To be or not to be... That is the question!*

Não se alterou uma frase a este artigo, publicado em meados de 1941.

E que sucedeu depois?

— Sucedeu que a anglo-saxónica Inglaterra, cegamente empenhada numa rixa familiar com a Germânia (saxónica como ela), para conseguir vantagens na luta que a esmagava, não duvidou rogar auxílio à sua maior inimiga de sempre, a qual, por representar desvairadas raças de outro Continente, só poderia lucrar com as caseiras desavenças da Europa! Grave erro esse foi, mas ainda mais grave, o da Inglaterra acreditar, que a Rússia Asiática se contentaria, como prémio do socorro, com o clássico seco e britânico — «*thank-you!*»

— E sucederá que, se não tiram e depressa, do sanatório de loucos, onde arbitràriamente silenciaram o *Criminoso* que, desejara a Paz, — quando Ela era ainda

possível, — os não-loucos, (?) que em 1941 só quiseram continuar esta Guerra, atirarão, definitivamente, com a Europa e com o Mundo, não só para o vácuo material em que já nos debatemos, mas para o fim moral de todos os Princípios...

Que desejaria Rodolfo Hess apostolando em 1941, quando foi preso na Escócia? — Isto apenas: que deixassem *em paz* o seu germânico nacional-socialismo.

Não será esse socialismo-nacional, a tão almejada panaceia de agora, que tem rótulo de — *Democracia?* Outra coisa não é.

Pois se os não-loucos desejam, exactamente, o que o *Louco* pretendia, de duas, — uma: — ou estão todos doidos, exigindo agora, o que Hess já desejava em 1941; ou então, Rodolfo Hess não está louco e terão de o promover a *Único Grande,* pois este *Criminoso de Guerra,* foi o Grande e Único Apóstolo da Paz.

E desculpem à Lógica mais esta Verdadezinha um tanto amarga... Muito mais terá Rodolfo Hess a desculpar, a tantos *homens de juízo,* que o brindaram em Inglaterra com cinco anos de clausura incomunicada e em Nuremberga, com a incomunicável clausura por toda a vida: — *in-pace* da Verdade, que um dia breve veremos à luz do dia. A mudança brusca, devida ao sufrágio deste fim do ano de 46, na Livre América, inversão da política do pólo avançado para o pólo conservador, assim indica e mais ainda o pânico bolsista, em que os

trusts das guerras se debatem já, num *salve-se quem puder,* deveras... para alegrar!

É a justa reacção contra o embuste, contra o sofisma, contra a mentira de um século, todo ele de falsos idealismos, prègados por falsos grandes homens... *Verdades* tão mentirosas, como esses homens e esses idealismos.

E o não ser: — *not to be,* — para a Inglaterra, que ganhou a Guerra, mas perdeu a Paz, está *a ser,* mesmo?

«POUSA! POUSA!»

«*Fervet opus*».
Virgílio — *Geórgicas*.

«*Enxame no ar!*» — E esta voz, corre de aldeia em aldeia, de casal em casal, de cabeço em cabeço: «*Enxame no ar!*» «*Enxame no ar!*»

O zumbido sussurrante de milhares de abelhas cercando, acompanhando, envolvida por hierático respeito a Abelha Mestra, emancipada do novo, mas já revelho cortiço desconjuntado e carunchoso atacado pelo *tinhó*, que não oferecia continuidade possível do trabalho da colmeia, obrigando-a a levantar voo e tomar os ventos, esse sussurrante zumbido característico, avolumava perceptível em todo o termo dessa rechã rosmaninheira tão própria a pasto dos alados esquadrões, que guardam o ouro fulvo do mel nos alvéolos hexágonos de tão geométrico desenho que é o assombro dos naturalistas e o entusiasmo de Maeterlinck...

Era como o crescente vibrar sonoroso de um helicóptero que buscasse a pista do seu aeródromo para

aterrar e ora hesitasse, desnorteado pela bruma do horizonte...

«*Enxame no ar! Enxame no ar!*» — Grita o rapazio a trotar desabalado pelos atalhos, invadindo campos e quinteiros!

E o sussurro zumbidar cresce de volume, como de volume cresce a mancha pardacenta zebrada de áureos fulgores que, como nuvem de tormenta faíscante, viesse a escurecer o sol já no poente; e cresce o clamor do povoléu obstinado na perseguição daquele maná em promessa de cera e mel, que o céu mandava, propìciamente, não se sabia para quem...

«*Pousa! Pousa!*» — Gritam-lhe de uma e outra banda, atirando sobre o foragido enxame punhados de terra fina, a fim de que, com essa poeira, tornadas mais pesadas as asas das operosas abelhas, o enxame venha a pousar no campo que interessa e não no do vizinho; pois esse simples facto dá plena propriedade sobre a riqueza *nulius* que, aparentemente, não pertence a ninguém, se, de perto não for seguida pelo dono...

«*Pousa! Pousa!*» Dois lavradores atilados, haviam acorrido aos tugúrios, trazendo cada um seu chamariz improvisado; um, estouvadamente, estendia sobre o eirado da tosca arribana, um felpudo cobertor todo vermelho escarlate; o outro, mais comedido, desdobrara, ao abrigo do velho espigueiro, uma larga colcha

toda branca que, carinhosamente guardava do bragal dos seus avós...

«*Pousa! Pousa!*» E a terra pulverulenta caía, sobre o já cansado enxame, tolhendo-lhe o avanço.

A Abelha Mestra, parecia ter mandado esclarecedores alados a reconhecerem as pistas; as pára-quedistas que voltavam de experimentar o rubro cobertor, avisaram do emaranhado piso, da trama irregular e do cheiro oleoso da lã nova mal cardada...

Uma guarda-avançada activa e vital, que forrageara sobre o branco chamariz, declarou, certamente, o plano excelente desse aeroporto, pois logo a Mestra e todo o inumerável séquito se deixaram cair num grande novelo fervente de actividades e milhares de insectos tornaram fulvo o alvo lençol, que, logo o esperto lavrador atou pelas pontas, sopesando ao ombro todo o enxame, finalmente com dono. E, enquanto o levava, ainda zumbidor e sussurrante, num volume que se agitava variando de contornos, viu-se que oportunamente lhe havia servido para a tomadia, o velho Estandarte da embarcação real onde um seu avô fora Condestável de Bandeira... Essa nívea cobertura, agora saco da colmeia, conservava ainda bordados a coroa e o escudo desse Pendão das Armadas Reais com que Portugal riscara orgulhosamente os mares do Mundo Inteiro.

Trará consigo este enxame de arribação, os endé-

micos *tinhós* ou *protocós* que tão nocivos são para os grémios apícolas que Virgílio cantou?

— Se assim for, diremos como Gregório Afonso, fâmulo e troveiro do Bispo de Évora, nos seus — *Arrenegos,* — do Cancioneiro do século XV:

« Arrenego de ti, Mafoma
e de quantos crêem em ti... »



UMA REENCARNAÇÃO

Nós, os Velhos, vivemos do Passado; o Futuro apenas nos interessa adivinhá-lo, se o miramos através dos olhos dos nossos netos; o Presente, tão efémero é, que nem damos pelo seu curtíssimo momento; de facto, mal um Gesto do Tempo se esboça descendo o degrau — *será,* — do templo Condicional para entrar na fornalha realista do — *é,* — logo se transforma automàticamente no pretérito — *foi!* A mutação é instantânea, do *será* para o *é* e deste para o *foi*...

O campeão, sempre esperançoso, que chamamos *Amanhã,* entrando no *ring* já com o nome de *Hoje,* logo fica K. O. passando como *Ontem* a valorizar-se, por ser o único vestígio que ficou do Gesto do Tempo... Nem os dez segundos sacramentais, gastaram as duas metamorfoses tão rápidas, que diríamos uma só.

Assim, não existindo o Futuro senão no rol das possibilidades e sendo o Presente, no ígneo cadinho, mera faísca necessária para a transmutação da alquimia, temos que nos resignar aceitando o Passado como único valor positivo e, talvez por isso, tantíssimo lhe queremos como a coisa rara, mais, — como a coisa única!

Invocando *o que foi,* que, para nós será sempre *o que é,* com tal veemência o fazemos que, algumas ocasiões o vivemos como actual?

E foi o que me aconteceu, durante o lavor deste meu Livro de Sonetos e passo a contar:

O REMEXIDO

Remexia eu a papelada de originais e provas de tipografia, na enfadonha revista e ordenação do Livro, quando vi um apagado opúsculo (até então perdido entre a ocasional aglomeração de volumosos tomos de pesada cultura), como se, por Alguém, ali fosse apresentado para justamente se abrir na página que mais me devia interessar... De começo desatento, fui lendo até maravilhado me ficar e tanto que, aqui está, em mau resumo, o que fui lendo:

«A MEU FILHO»

«Bem-vindo sejas a meus braços, filho!
Saudoso coração já lhe custava,
Um dia e outro dia que alongava
Tua vinda, qualquer novo empecilho.

Cessaram enfim, — quanto eu me maravilho!
Porque nunca acabassem receava.
Que a tal desconfiança me levava
Dos males meus o costumado trilho!

Bem-vindo sejas pois! Ainda o não creio,
Que tanto bem me fosse concedido,
Dos mil pezares que me tem ao meio.

E pois que para tal foste nascido,
Vem ser dum triste Pai arrimo e esteio,
Qual fora o Teucro (1) *sedutor de Dido.*»

O poeta sabedor e musicado, firmava-se: — JOSÉ JOAQUIM DE SOUSA REIS...

«— Mas este é o nome do alcunhado *Remexido!*» Exclamei, lamentando a minha ignorância em saber, que o famoso Guerrilheiro, — última voz, que em Portugal bradou pelo Rei Senhor D. Miguel I, — fora um erudito e, para mais, um bom poeta!

Então, febrilmente, folheei o livrinho modesto datado de 1838, que mostrava o título: «*Biografia do Remexido*»; não tinha nome de autor, mas a época (plena fervura

---

(1) Deverá ser *Teucer*, irmão de Ajax, fundador de Salamina em Chipre, aquando Dido, fundava Cartago.

do anti-nacionalismo) e o título, explicavam sobejamente o anonimato...

Da rápida leitura, dificultada por copiosas notas e esclarecimentos à margem, ressalta a vida e a morte do Herói, que o foi em toda a latitude boa do terno. Herói e mártir — *José Joaquim de Sousa Reis:* — Homem de uma só cara!

Educado, órfão já de pai, por seu tio clérigo José Joaquim de Sousa, que faleceu colado na paroquial de Alvor, que, ao tempo, era um pequeno bispado, o jovem José Joaquim frequentou seminários e entre eles, o de Faro. Chegante aos vinte anos, já o seminarista era mestre de Gramática, Retórica, Cânones e Metafísica: e para mais, — Poeta!

E este foi o Homem! Por não reconhecer em si vocação bastante para a vida eclesiástica, constituiu família, da qual foi chefe exemplar. No remover, com o entusiasmo característico que, em tudo punha, as dificuldades surgidas para o seu casamento, a mesma noiva lhe deu a alcunha que ficaria como bandeira da Legitimidade, ainda largo tempo desfraldada, após a capitulação de Évora-Monte.

Casou, e Ele que nasceu em 1797, de uma família de lavradores remediados, em Estombar ou Estomber, velha cidade catedral do Algarve que se chamara Ossónoba, foi residir para S. Bartolomeu de Messines com o cargo de cobrador das rendas ou Dízimos de S. Marcos.

Inteligente e activíssimo, apesar de coxear um pouco de uma perna, por a ter fracturado em moço, depressa granjeou a estima de toda a densa população do Algarve Ocidental, criando foros públicos, feiras e escolas. Crescendo-lhe o prestígio, foi feito Depositário dos Direitos Públicos e alçado a Alferes da Companhia de Ordenanças. Foi este o começo da sua carreira militar. Logo promovido a capitão em 1831 para o batalhão de Voluntários Realistas de Faro e destacado para Silves, mais tarde elevado a comandante dos Terços de Ordenanças pelo Visconde de Molelos, Brigadeiro das Armas. aquando o Duque da Terceira desembarcou na praia de Cacla a 24 de Junho de 1833, já Remexido era falado e estimadíssimo.

Em toda a feroz campanha do Algarve, Remexido foi a alma na defesa do seu Rei Legítimo, contra os invasores, combatendo primeiro entre as tropas regulares e depois de Évora-Monte, como indomável guerrilheiro, sempre à cabeça das avançadas da sua gente, que chegou a contar mais de dois mil voluntários, Ele estava em toda a parte, no mesmo tempo: ameaçava Lagos, para surgir em Silves de surpresa; logo em Messines, para dar novas de si por Loulé e Algos, chegando até ao Guadiana; porém o seu grupo de *élite,* não passava de oitenta homens resolvidos e bem armados. Remexido ganhou fama de ubiquidade e desorientava os mais especializados oficiais estrangeiros peritos na

guerra de montanha. Os generais de D. Pedro, Barão de Faro e o célebre Celestino, os coronéis Luna e Mendonça viam-se em papos de aranha, pois Remexido aprisionava-lhes batalhões inteiros e a famosa cavalaria dos Lanceiros de Sá da Bandeira, só conheceu desaires! Chegou a obrigar cidades julgadas bem fortificadas, a cavarem novas trincheiras e a erguer apressados baluartes!

Remexido foi o Demo em pessoa, para as melhores forças cosmopolitas do exército *libertador* (?)

Na Câmara Baixa, os deputados pelo Algarve, Barjona e Judice Samora increpavam o Governo e atiravam ministros a terra, tonitruando: «*Quando doze lanceiros quiseram prender um dos guerrilheiros, vendo um soldado já morto e outro ferido, os restantes — vergonha é dizê-lo, — desabalaram a galope! É que, ser um homem do Remexido torna um só paisana mais temível do que uma dúzia de militares!*»

E toda a situação política periclitava!

O Rei da Tradição Nacional, já desembarcara em Génova e foragido, se acolhera ao Vaticano e a Modena e ainda o lealíssimo Guerrilheiro lhe sustentava a Bandeira, lutando com fortuna vária, mas as mais das vezes com marcada vantagem, por conhecer de cor, os trilhos da serrania... No Monte de São Marcos, por uma unha negra, não aprisiona o Duque da Terceira em pessoa! Da surpresa, contudo, Remexido ficou-lhe com o ajudante

de ordens José Pedro de Melo, com um magnífico óculo de estado-maior, com opíparo brinde de doçaria em especialidades de amêndoa confeitada que seguia de Alcantarilha para o Duque e com o seu primoroso relógio — *sabonete* — em escamas de ouro...

— Deliciado com esta leitura, procurei a estampa que, na portada do livrinho, mostrava a figura de José Joaquim de Sousa Reis: lá estavam os seus olhos vivíssimos a iluminarem de malícia a face, meio risonha, meio austera; o seu avantajado nariz de guerreiro e artista; a sua longa barba farta e ruça a descer sobre o pescoço tourino e sobre a arca do peito que, a 2 de Agosto de 1838, alojaria para sempre e por paga de tão nobre dedicação e formosa valentia uma dúzia de balas... — (O tribunal que o julgou e o seu fuzilamento, foram duas iniquidades vergonhosas!) Voltei a olhar a gravura: — Remexido veste uma jaleca militar à cavalaria do tempo e largas calças — diz o livro, — «*com a folha interna forrada de couro branco*»; era baixo, mas hercúleo, gesticulava ao falar com exuberância e propriedade, oferecendo sempre do seu rapé que, contìnuamente tomava...

A figura não traduz à primeira vista o fulgurante renome de intrepidez que ganhara por seus feitos, contudo no vinco das feições, lê-se uma inquebrantável energia e o romântico lealismo que o povo cantou em quadras ingénuas, largo tempo volvido. — O Poeta Guerreiro, inspirou

os poetas bucólicos, que muito murmuraram da sua morte quando indultado já...

Da romântica devoção miguelista, resta esta prova flagrante: quando El-Rei D. Miguel, depois da Convenção de Évora-Monte se foi, por desterrado, a embarcar em Sines, da etapa que, a cavalo fizera sobre a costa atlântica, deixara esquecida, na povoação de Alvalade (onde pernoitara em terra portuguesa pela derradeira vez), uma singela espada...

Pois Remexido, sabendo isto, não descansou enquanto a não teve, arriscando a vida de um dos filhos, muitas léguas por país hostil, para a buscar... Espadas, tinha ele aos centos; mas aquela, fora tocada pela mão do Seu Rei... Era sagrada, Aquela Espada!

Este filho, ao qual Remexido dedica o soneto transcrito, foi o mesmo que provou a iniquidade da Convenção de Évora-Monte, apresentando-se às autoridades em nome do Pai... De admirar não é, que Este, vendo rota a fé dos tratados e o filho preso, insultado e cobardemente espancado, não se exaltasse na legítima represália, derrotando ferozmente os melhores generais da Rainha D. Maria II.

Por fim, enviam-lhe um Marechal de Campo, o Barão da Ponte de Santa Maria!

Prendem-lhe as filhas e a mulher, à qual, já *liberalmente* haviam aplicado dúzias de palmatoadas; prendem e matam seu segundo filho José Joaquim, mas Remexido

resistè ainda e sempre com brio espartano, mais quatro anos sobre a rendição do exército nacional em 34...

Até que, acossado como lobo no fojo, é tomado julgado e fuzilado; e não o enforcam, porque, condecorado com a Torre e Espada e a Cruz de Avis, gozava o alto foro militar de brigadeiro.

Seu filho Manuel, enraivecido, continua a batalha! O capitão Neutel escreve-lhe para que se entregue, garantindo-lhe a vida. Manuel Remexido responde: «*— promessas malhadas, protestos de bêbedos e pragas de jogadores, tudo tem para mim, a mesma medida e tenha entendido Sr. Neutel, sobre a minha família — mãe e irmãs, — recorde as represálias de Cabrera na Espanha: por cada pessoa da minha, pagam dez das famílias das suas!*» E o Algarve continua revolto...

A traição venceu o Leãozinho, que ainda não granjeara na prática, a astúcia guerrilheira do Leão, afeito ao fragor de cem combates por surpresa...

Chegando a este ponto das minhas desalinhavadas notas, voltei, sem querer, a olhar a estampa e então, pareceu-me realmente, que o vulto sombrio de José Joaquim de Sousa Reis esboçava o gesto, precioso e sóbrio, do oferecimento da sua caixa para a pitada de rapé, ao passo que se ouvia, — sim, distintamente ouvi, — sussurrada com o cantado sotaque algarvio, esta palavra tão complexa e tão simples: «*Agradecida!*»

Essa palavra remuneradora, não me pertence, mas ao apolíneo espírito que se auto-retratou no prefácio da sua — *Nova Demanda do Graal:* «*Este que teima até ao fim, em preferir ao prático juízo de Sancho, a formosa doudice do da Triste Figura*». — O «*Agradecida!*» do Grande Revoltado do Algarve, ficará como flor de saudade sobre a campa de Afonso Lopes Vieira, — amigo de infância, companheiro de estudos e Mestre, no quixotesco ofício de desfazer calúnias e entortos.

E só lamento que não fosse a sua Divina Musa — (Camoniana, na rima impecável, Gil Vicentina, na verdade sem sofisma), — isto que, como poeta bárbaro, deixo apontado:

Troveiros só serão, por apelido;
os que se não revoltam pela acção,
— como fez o Poeta Remexido, —
contra o embuste duma Convenção!

Servir dois patrões
e, ao mesmo tempo:
é de camaleões,
sem mais talento
que mal servir;
porque, depois
tem de trair,
um... ou os dois!

E o — Erudito Guerrilheiro — Poeta Remexido, sabia que os aristocráticos Espartanos, vencedores dos Atenienses, diziam: «*A morte, não é morrer; a morte, é fugir...*»

ARITMÉTICA DO AMOR!

...E Ele, disse-Lhe: — « *Querida!*
Unindo Nós, em comum,
Tua Vida à Minha Vida,
assim, por contra-partida,
Nós Dois, seremos só — Um... »

Ela, então, respondeu: — « *Sim!* »
— Mas Amor, por sua vez,
no livro — *Razão,* — sem-fim,
não fez as contas assim...
E Um, mais Um, somou — Três!

MANDA QUEM PODE...

...Conde e Duque entre Marqueses;
Bragança por Pai e Mãe!

Haverá mais Portugueses
com a graça qu'Este tem?
— Contando tão poucos meses,
é Português, duas vezes,
por Brasileiro, também!

E, nascendo na Suíça,
— (o Seu Berço d'Exilado) —
essa Gente tão castiça,
que não conhece a preguiça,
deu-Lhe um presente engraçado:

— Um relógio de magia,
com sonoro carrilhão,
p'ra tocar, em certo dia,
com suave melodia,
o Hino da — Restauração! —

OBEDECE QUEM DEVE:



— Brincando com o *maltês,*
é Sua Alteza Real,

Quem fecha o Livro, de vez,
pondo-lhe o ponto final!

(FECHO)

Mosaico policromado,
— feixe de luz, no escuro,—
é o desenho animado,
da projecção do Passado,
sobre o *écran* do Futuro!

EPÍLOGO

Para a Mulher Portuguesa,
deixo aqui, a linda imagem
dEste Menino: — *a Beleza!*
Falarei com mais rudeza,
aos Homens Bons: — *de Coragem!*

EPÍLOGO

Felizes os Livros que, como certidão de constância na Ideia, podem oferecer para Epílogo o *leitmotiv* do Intróito: — na Trilogia de *Um Soneto*, tanto na primeira edição (de 1942), como na segunda (de 1944), lê-se esta Poesia, incompreendida talvez pela crítica superficial, mas que fica translúcida nas páginas que seguem e cuja síntese é o aforismo tão conhecido:

«*On revient toujours à ses premiers amours!*»

PRIMEIRO VOO

Soneto das vinte primaveras

Vieram-me contar, — missão sombria, —
dizendo-te interessada no recado:
— que não me amavas... Olha: era escusado
que mais alguém soubesse, o que eu sabia!

Que não me amavas! Já o pressentia...
Não me admirei pois; admirado
ficava, se esse alguém, teu enviado,
o contrário dissesse, pois mentia!

... Seja assim! Mas quando os desenganos
te chegarem, volvidos muitos anos
e, contrita, quiseres talvez depois

remediar o mal, agora feito,
pode ser qu'inda encontres no meu peito,
Amor que chegue para nós os dois...

«On revient toujours à ses premiers amours!»

Em todo e qualquer livro, por enfadonho que seja, mesmo nos *lexicons* arrogantes da sua prosa vernácula (dirão os Poetas); mesmo até nas levianas brochuras de delirantes versos (dirão os Não-Poetas), há sempre qualquer coisa, — uma pequena coisa qualquer: — imagem, sarcasmo, rima, uma simples frase, um nada de acaso, ainda que apenas seja o ponto final, *sirène* de fábrica, a vincar a transição do enfado para o alívio do *Laus Deo*... «*Deus louvado! Acabou-se o trabalho!*»

E ouve-se um cavo estrondo... São as capas do livro que se fecham para a eternidade, como as portadas dos *in-pace,* como as lousas dos sarcófagos! No entanto, sempre nascem, mesmo nos pântanos, pequeninas flores que atenuam a pestilência das águas estagnadas... Mal comparado, é este o caso; e pecado será, não colher a Flor, onde quer que ela possa mostrar a sua colorida pulcritude e o seu perfume capitoso...

Também não pode o autor deixar como mentira, a misericordiosa sugestão, que derrama sobre as feridas

de orgulho literário, este bálsamo de tanta consolação: «*No meu livro, há todavia, uma coisa qualquer que é divina!*» E assim, aqui se oferece o filtro raro, no rendilhado lavor de um derradeiro soneto... quinhentista!

Tão escusado será dizer que não é da Musa do autor, quão inútil declarar o nome do Poeta; de resto, esse Nome, não caberia na página em que vamos epicurìsticamente filosofando.

Este Soneto que fecha com chave de ouro, um livro de pobres sonetilhos, salvará tanto labor do cesto dos papéis e, sem mais delongas (que bem poderiam justificar a sumária execução), ei-lo aqui no seu total esplendor, apenas rogando uma análise fugaz ao simbolismo de toda a tessitura:

«Já não sinto, senhora, os desenganos
Com que minha afeição sempre tratastes,
Nem ver o galardão que me negastes,
Merecido por fé há tantos anos.

A mágoa choro só, só choro os danos
De ver por quem, senhora, me trocastes;
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidão, vossos enganos.

Dobrada glória dá qualquer vingança,
Que o ofendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa;

Mas eu de vossos males e esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quisera tanto à vossa custa.»

...Tão plena vingança *(dobrada glória)* não a quisera o Poeta tanto à custa da Senhora Volúvel! E, magoado de Amor, o Poeta perdoa... Perdoa, apesar de tudo!

Camões! Camões! Com a pena que tantas e divinas coisas escreveu, na Sua Epopeia de assombro, oferecida ao génio ventureiro de D. Sebastião, com esse estro de Apolo, Camões, o Soldado de África, da Índia e da China, o maior Trovador do Mundo do Passado, o mais profundo Vidente do Mundo do Futuro, adivinhou as Repúblicas e personificando-se na Realeza Maltratada, exprobra à Senhora,—*Pátria Sua Amada,*—por tamanha e injustificada ingratidão! Camões enlevado a alturas nunca igualadas, pelas inegualáveis glórias com que a Primeira Dinastia dos Reis Portugueses tecera a Bandeira que, — «*Os de Avis*» levaram à Descoberta com a pilotagem do Primeiro João, de D. Duarte, de D. Afonso o Africano, de D. João II, de D. Manuel, de D. João III,

Camões, o Soldado Insofrido, cujos repentes, tanto relembram as revoltas de outros Insofridos Soldados: — Mousinho — Couceiro... Camões, antevisou a quebra da continuidade no esforço lusíada, pelo abastardamento do nacionalismo, que, necessàriamente levaria ao interregno republicano, e o Poeta protesta contra a infidelidade da Pátria, deixando-nos o genial remate no epigrama do Seu Soneto:

«... qualquer vingança...
não a quisera tanto à vossa custa...»

Tanto à custa da Pátria, — *Senhora dos desenganos* —; tanto à Vossa custa, Meu Pequenino Senhor; tanto à custa de nós todos, que andamos a pagar, há um século, desastrosas experiências sobre liberdades impossíveis, feitas por impossíveis sistemas políticos que Ele, o Enciclopédico, bem sabia já condenadas na Grécia de Plutarco, o Arconte, que na Roma Imperialista foi mestre e conselheiro de Adriano, filho de Trajano, para a continuidade opulenta de uma Dinastia de Césares Sabedores.

Arquimedes, pedia um ponto fixo, para, com a sua alavanca, alçapremar a Esfera.

Portugal, exige a linha do seguido apoio da Continuidade Dinástica dos Seus Reis, para reatar o Passado ao Futuro do Seu Destino, que é ser *castelo de vante* do

galeão da Europa, sempre em demanda de novas conquistas...

E as conquistas, aí se mostram sob a quilha do galeão europeu: o Atlântico!

Assestando o óculo da Lógica Observadora sobre o horizonte de Amanhã, que vemos nós, já sob a sombra fumarenta e tenebrosa das bombas atómicas, da próxima e inevitável hecatombe?

Vemos, o que só os cegos voluntários não querem ver ainda. Vemos a supremacia inglesa a fechar o ciclo de grandezas e, com digna fleuma, — morrer, mas... devagar! Antes de se confessar *groggy* sobre o tapete persa, esgotada por *rounds* de *box* internacional de inacreditável violência, pôs K. O. à Germânia, Saxónica de origem como ela, — e aparentando ter ganho a Guerra, vai perdendo aos pontos a Paz fugidia, onde não mais ocupará o lugar de destaque entre a vassalagem dos seus Domínios que lhe fogem para integral emancipação: Canadá, África do Sul, Egipto, Índia, Austrália, Nova-Zelândia...

Dois, conservará no entanto: — o domínio sobre si mesma e outro, também de aço, — o da sua esquadra já relegada para segunda categoria em número e eficiência, por privada, neste momento inicial, do segredo atómico.

O tantíssimo ouro, — «*mais de mil e quinhentos milhões...*» — (Ver a página CCLIII), — que, de Portugal drenou até à emancipação do Brasil e, depois, da Índia, prestes hoje a *self* — manufacturar na origem, com o seu algodão que exportava e depois recebia e pagava em teia branca ou estampada, por cem vezes mais do que cobrara pela matéria-prima, — transmutação das *Trades* britânicas, — semelhante a esta do *Port-Wine*, como canta o irónico «*ratinho*» ao puxar da enxada de gancha, no amanho do socalco:

«*Pipinha de faia,*
novinha no trinco;
do Porto, que saia
passando por Gaia,
em Londres, dá — cinco!»

Esse tantíssimo ouro que a Velha Albion se habituou a exigir ao mundo, para a vida artificiosa das suas citadinas babilónias, secou os caudais e a Inglaterra já se obriga a limitar para os Yankees, como único país de moeda forte a sua exportação, declarando nada querer com os *pordioseros* de numerário avariado... É que ela carece de ouro, de muito ouro, para saldar os biliões de dólares consumidos na voragem de uma guerra estúpida; e o — «*made in U. E. A.*» — suplantará definitivamente o — «*made in England*»...

Sic transit glória!

Guerra estúpida? — Sim, guerra que se açulou, asselvajou e prolongou com o pretexto — *casus belli,* — da Polónia ser parcialmente invadida; essa mesma Polónia que, vencida a guerra pelos seus pretensos libertadores, se vê agora totalmente escravisada!

Estupidíssima! A mais estúpida guerra de todos os tempos, desencabrestada *para garantir a integridade das pequenas nações:* a Finlândia, a Estónia, Curlândia, Livónia?

Pobre pequena nação dos Polacos! Antes não fosse libertada; porque talvez não morresse da doença, como morreu da cura: — três vezes vendida!

— Liquidada de facto, a Germania e roto esse dique de cimento *bem armado* tão necessário, para conter a onda amarela, e virtualmente vencida pela Paz a soberba Inglaterra, a raça saxónica em potência, apenas ficará para além Atlântico, confinada nos Estados-Unidos, — *Unidos Estados, (?)* de interna desunião pela dualidade de fronteiras marítimas, — a do Pacífico e a do Atlântico; de rixa intestina e brutal entre os *trusts* e o proletariado e de pugna constante entre brancos e negros; e mais cada dia, sob a ameaça da guerra polar-árctica com a Rússia.

Temos já esta última na Europa, é certo; aqui chamada pela imprudência de um *boxer* sem visão, mas a raça eslava ainda barbaresca, não se alimenta de Arte, que é a única coisa que a esfomeada Europa lhe pode fornecer... Ela exige substância e esta, só a Ásia dos

nababos a dará: — barata mão de obra para o maneio do petróleo, algodão, açúcar, arroz, especiarias, borracha, chá, café, ouro, pedrarias, madeiras preciosas, tudo em caudais; a cobiça moscovita sobre Istambul e seus Estreitos, não é tão estreita como estes, mas tão larga como a Ásia, onde aspira ao exclusivo, cortando à Inglaterra e à América o Canal de Suez, do qual a Turquia é chave, ao fundo do saco mediterrâneo...

Aspiração legítima, diremos, porque a Rússia é asiática; não é a América, dos americanos?

A Europa, por direito de nascimento e de conquista será, pois, dos europeus e aqui, queríamos chegar!

Os árabes, dispersos e sempre dissidentes de qualquer comando, mesmo o da *guerra santa,* não renovarão a façanha inútil de Tarik-Ibn-Zyad invadindo a Espanha; o chão europeu é frígido demais para o sensualismo muçulmânico, que exige o fácil amanho da palmeira, fantasias equestres, a vida nómada nas tendas e caravanas de *navios do deserto* que são os camelos; ora tudo isto pertence à decoração, senão tropical, — oriental!

Assim, regressando os Russos à Asia, seu berço de origem e os Saxões confinados agora em potência americana, restarão apenas na Velha Europa as forças em modôrra da Latinidade, energias formidáveis que, por dispersadas, se ignoram a si mesmas.

Duzentos e sessenta e cinco milhões de seres humanos, saídos da seiva da mesma árvore frondosa e da raiz

etimológica e fonética da mesma língua, professando a mesma crença, mas até hoje apartados pela hábil manobra de outras raças mais utilitárias, serão esses os Senhores do Mundo...

Os Latinos da Europa e da América, da África e da Ásia somam mais do que os saxões e os eslavos; mais do que os maometanos e quase tantos como esses, que nos habituamos a considerar — *inumeráveis,* — os chineses! Contudo, por amnésicos, desconhecemo-nos e, se a História nos fala do dinamismo latino, perguntaremos a qualquer russo ou inglês, árabe ou china: «*E quais foram essas gentes sobrehumanas?*»

Esses Latinos, semi-deuses, fomos e somos nós, — NÓS, que hoje povoamos 25 milhões de quilómetros quadrados da Esfera! — Quão generoso foi o leite da Loba Romana!

265 milhões de Latinos em
25 milhões de quilómetros quadrados.
Eis o quadro revelador de um Futuro Melhor!

Certo é, que desconhecemos de raça, essa coisa ignóbil que é o dinheiro, tendo-o cunhado redondo para rolar mais depressa, ou estampado em papel para o vento o levar; mas será essa magnífica virtude, realmente um defeito? Talvez...

Em compensação, que divinal sentido do som para a música e para o verso; do claro-escuro e da cor para a

pintura; da perspectiva e proporção para a estatuaria! — Opulências áticas, herdadas através da solidez romana: — a elegância, aliada à força; dotes inexistentes nas outras raças, com excepção da hebraica, que os desperdiça no trilho do seu errante destino.

O Canadá é, de origem, — francês (portanto latino), o México, a América Central e na do Sul, desde a Colômbia e Venezuela pela Amazónia ao Grande Chaco Argentino e à ponta Chilena da Patagónia, hoje, tudo é Latinidade!

Na Europa, da Roménia a Portugal, com excepção dos Turcos, dos Germanos (já muito amalgamados de sangue italiano e austríaco), e dos Anglo-Saxões, — Latinidade ainda! — A Irlanda, é anti-saxónica.

E as irradições de Roma dos Césares, as Descobertas dos Portugueses e Espanhóis, não espalharam a rodos, o sangue e o espírito latino pela mundo inteiro?

260 milhões de Latinos, aguardam a Hora da sua Nova Renascença!

Dirão que, para a Ressurreição, faltam Génios: — os alados Exemplos para o grande voo em altura...

De facto, parece que as novas gerações não prodigalizam semi-deuses, como as dos séculos XV e XVI.

Falta-nos Miguel Ângelo; falta Benvenuto Cellini; os dois aureolados, cujas frontes resplandeciam na obscuridade!

Onde Rafael, Leonardo, Perugino, Donatello, Miguel Colombe, Carpacio, Botticelli?

No entanto, as bucólicas telas de Silva Porto, já se pagam por quase metade do preço das paisagens de Corot, o que significa serem melhores as portuguesas, pois o filtro do aumento justo do tempo, não é igual para ambas as pinturas e quem sabe se, como coevos sempre invejosos, não olhamos os nossos actuais valores, por um binóculo invertido, a fim de miniaturar os vultos, maiores na realidade?

Camões, na sua época, foi desapreciado! Não será Lopes Vieira, no literário dandismo, por muito mais equilibrado, superior a Lord Byron?

Os Latinos desconhecem-se a si mesmos e as outras raças abusam da delicada modéstia, para os esquecerem.

Mas essas raças faliram e a Latinidade resta em esperança, como as terras, depois de prolongado pousio...

A Latinidade, saturada de honras e riquezas, que as Descobertas dos Portugueses e Espanhóis lhe carriavam, amodorrou como Aníbal em Capua e foi cedendo o comando do Mundo aos nórdicos saxões, entre os quais o perfume da Flor de maravilhosa espiritualidade da Renascença, só muito lentamente penetrou; e, enquanto os Latinos adormeciam entre laureis, inebriados pela capitosa Flor, aqueles aproveitados por mais pobres, apropriavam-se dos frutos, com a insofrida voracidade que deu origem às últimas guerras.

Assim, do humano descalabro a que chegamos neste fim do século XX, nenhuma responsabilidade nos cabe

— a não ser à França, arrastada pela Inglaterra e à Itália, pela Alemanha — e estamos como torrão de seara outrora fértil, mas de há muito dormente, aptos agora, para as mais soberbas realizações.

E só a Arte pode salvar o Mundo, do caos em que a Ciência guerreira o precipitou, desviando para a espiritualidade, o seu dinamismo, hoje tão aguçado pela cobiça da matéria.

O século de Octávio Augusto, deu Propércio, Horácio, Virgílio, Ovídio... porque houve um Mecenas, que alentou o lirismo das *Elegias,* a arrogância das *Sátiras,* a pureza das *Bucólicas* e a gracilidade das *Metamorfoses.*

Ser Artista, visando a Glória, traduz total indiferença material, mas Quixote, — Poeta da Gentilhomeria, — teria morrido à míngua de jantar e de grabato, se Sancho não providenciasse com prática sensatez!

Sem o Rei Francisco I, Ticiano não nos ficaria como o colorista máximo, que do sonho fez realidade e da realidade um sonho colorido.

Do Renascimento do Classicismo antigo, surgiram semi-deuses nas Artes, porque houve ainda a larga generosidade dos Papas, dos Reis e Príncipes italianos, franceses, espanhóis e portugueses que, artistas eles mesmos, souberam aliciar, com superior inteligência, estatuários, pintores, arquitectos e gravadores.

Sem César Bórgia, Lourenço de Médicis *(Il Magnífico),* e os Sforza (Ducas di Milano), não teríamos

Leonardo e sem Vinci, a *Joconda* morreria, levando-nos o frémito do seu sorriso, — *só pelo qual vale a pena viver!*

Mas os Mecenas modernos compram, regateando rijo, telas e nus esculturais, a metro de comprimento e altura, para taparem os vácuos das suas colecções... Ora isto, não é ser Mecenas e muito menos — Magnífico! Mas não; não falaremos dos milionários de hoje, porque tendo-nos elevado à Arte pura, não apetece descer à miséria dos milionários...

Porém, sem Sanchos, desfalecem os Quixotes!

Apareçam uns; logo os outros surgirão com seus cinzéis, suas paletas, seus compassos, seus buris e seus talentos que urge acarinhar, para desabrocharem os Génios.

Não são necessários mais Institutos e Universidades para os filhos dos pobres e remediados; já pululam doutores! O que urge são escolas para os ricos aprenderem a Arte difícil entre todas e mais, para os que não tenham a Bondade entre os atavismos, de *saber dar* como Octávio Augusto no século de Cristo, ou como os Patrícios, dessa Primeira Renascença de 1400, para começarmos a Segunda, tão Latina como a Primeira, cinco séculos depois.

Na História, que é também uma esfera em rotações e declinações periódicas, as inversões polares dão-se, duas por milénio.

Chefe? — Para que elegê-lo, se eleito já está e pelo mais significativo dos sufrágios: um Conclave de Elites?

Sua Santidade, além da coroa da Sua Tonsura tem mais três de ouro sobre a Tiara; eis o Chefe, quatro vezes Rei, que levará à Nova Cruzada os *Ungidos* de Itália, França, Espanha e Portugal, como no Primeiro Renascimento....

Permito-me narrar uma visão, fixada de um sonho, quase pesadelo dantesco:

— Salão austero: escola de Enciclopédica Faculdade. O Professor subia à sua cátedra; magro como asceta, fronte de pensador, sorriso de filósofo, adivinhava-se que, de há muito, regia aquela aula, com autoridade e ternura.

Veste todo de branco; o solidéu é branco; brancos os singelos sapatos. Dir-se-ia ser o reflexo de um lírio no Espelho da Verdade!

Mas Ele nota no chão e nas paredes da estância, que devia ter por timbre o estudo silencioso, vestígios de luta sangrenta, — tinteiros estilhaçados laivaram de luto a brancura do mobiliário e há coágulos de sangue sobre pergaminhos iluminados, — ultrajes irreparáveis às Artes mais belas!

Um pesado silêncio de pecado, afoga em remorsos toda a assistência escolar... Já se escutam murmúrios cobardes: — «*Não fui eu! Não fui eu! Foi aquele Menino!*»

A voz doce do Mestre, faz-se ouvir, triste, muito triste, soluçando mágoas: — «*Por tão inaudito desacato, meu pezar é profundo e os orientais diriam até, que de*

nojo me vesti, com a brancura dos seus lutos... Mas urje um exemplar castigo, para se evitarem repetições da afronta:

— Menino JOHN BRITON; fica confinado num canto desta sala; quem não sabe obedecer às leis da Humanidade, não serve para mandar. O Mundo não deve ser dos egoístas!

— Menino FRITZ GERMAN; depois de se curar na ambulância da escola, também em seu canto ficará, a fim de moderar as exuberâncias e encaminhá-las para o Bem!

— Menino CÉSAR SABOIANO; a mesma pena salda a perdida confiança que em si, depositei... para o terceiro canto!

— Menino LUÍS DE CHARTRES; que loucura a sua! Fanfarronadas, disparates e sempre metido em delirantes aventuras! Emende-se. O último recanto deste salão de Paz, violado pela Guerra, espera-o com impaciência!

— Menino IVAN STALINOWICH; regresse às suas estepes e espero que a solidão gelada do horizonte, lhe acalme tantos ardores de conquista; numa coisa tem, porém, toda a razão: — A Ásia é para os asiáticos!

— Menino JONATHAN-SAM; paradoxal mentalidade democrata-imperialista, possível provocadora de tamanho reboliço! Contente-se com o muito que Deus lhe deu e, já que se lembrou de proclamar que a América é dos americanos, não esqueça que a Europa é... dos europeus!

— Menino lá do fundo oriental, cujo nome, creio ser: — «Sol Poente», — não mais pretenda ser a rã, que se

perdeu, ao tentar avantajar-se à envergadura do boi: — o seu vizinho da China!

— Aos poucos meninos que, na emergência, se portaram com o decoroso respeito devido a Deus e ao Direito das Gentes, os mais sinceros agradecimentos: — TELL-HELVECIOS, — ÓSCAR BERNADOTE, — SOLIMAN DARNADELLOS... E, tendo assim posto, ao quase, a casa em ordem, vamos à lição:

— Os dois irmãos gémeos da Latinidade: — DOM FELIPE CRISTIANÍSSIMO e EDUARDO (ou DUARTE) SERENÍSSIMO, — Lidadores do Cristianismo, — que ambos mantiveram uma prudente neutralidade no meio da loucura sanguinária e devem ter estudado com proveito durante as férias grandes, responderão sobre matéria relacionada com as últimas diatribes da filosofia positivista. Dizem-me que certos sábios ateus, pretendem provar que a ciência e a vida se enlearam de tal sorte, que a destruição de uma, seria a desintegração da outra. Esta concepção anti-espiritual, não deixa lugar vago para a Arte, contudo mais necessária à vida, do que a mesma ciência, que se converteu em pandemónio da morte...

Ouvi que técnicos e delirantes astrónomos, tendo conseguido pesar o MICRO da matéria: — o núcleo atómico do hidrogénio, atribuindo-lhe 150 milionésimos de bilionésimos de miligrama, se abalançaram a calcular o MACRO da substância, — o Universo, — com a massa de 10 triliões de triliões de sóis, (sendo o Sol 1.300.000 vezes maior do que

a Terra). Ora, sendo Eu o Lugar-Tenente de Deus neste grão de areia da praia sem-fim, desejava saber o que pensam sobre tal relatividade do absoluto... Menino Cristianíssimo diga-nos algo sobre este ponto; os seus turbulentos condiscípulos escutam...»

— O jovem Dom Filipe, simpático e altivo, não se fez rogado para expor: — «*Magister tão adorado de nós todos! Vossa Santidade desculpará os erros da minha lição, que os meus companheiros descontem como penitência das suas rapaziadas. A moderna metafísica, baseada em abstracções demolidoras tendentes a tornarem — finito, — o Infinito, tombam pela base! Nascem do orgulho do homem, vexado por se ver tão formiga, sob a vastidão de um céu que não merece. Eles comparam o Universo a uma monstruosa bola de sabão cheia de espirais de fumo: — fumo que, no caso, representaria as vias lácteas constituídas por triliões de galáxias, ou discos formados por multidão de sistemas idênticos ao do nosso sol e seus planetas. A engenhosa comparação viria da aparente curvatura das «estradas do céu», indicando o esferóide...*

Teríamos assim um Infinito, tal qual os peixes tem o seu redondo aquário de vidro, constantemente esbarrando-se na enganosa transparência: o pensamento imobilizava-se na vidraça; a oração, não ia mais Além; a Esperança morria ao contacto do tangível...

Analisada a teoria, da parte interna ou côncava da BOLA DE SABÃO, merece ser ponderada; mas se, em espírito,

nos transportarmos à sua parte exterior ou convexa, será a mofa que nos sacode, vendo-nos no círculo vicioso das esferas ocas que os pacientes artistas japoneses e chinas nos exportam, trabalhando o marfim ou o charão: uma pequena bola, dentro de outra, que está no interior de uma outra e outra e outra ainda...

Acabando as esferas concêntricas, o todo tem que se apoiar sobre uma mesa, flutuar na água, ou, como no caso da BOLA DE SABÃO, planar na atmosfera, exigindo suporte, meio, espaço cósmico, isto é — Infinito ainda, sempre Infinito, por mais monstruosa que a esfera seja...»

— «*Dom Filipe! — Sempre a primeira lança; sempre a primeira espada na Cruzada pela Fé. Sois um Verdadeiro Latino!*» (Do fundo asiático da sala, o Menino *Ivan, o Terrível,* não querendo desmerecer da alcunha, dava mostras, com grunhidos de urso, de feroz reprovação...) Mas rematou o culto Professor. — «*Tem a palavra o Menino mais tamanino dos meus alunos: o Benjamim da Escola, pequenino sim, mas de alma enorme... Dizei Luso Serenissimo se aceitais a teoria?*»

— «*Se um globo fechasse o Infinito*», — respondeu a voz adolescente. — «*Se esfera fosse, já no século XVI os sábios portuguesíssimos — Pedro Nunes e D. João de Castro, — dela teriam falado, — dessa tal BOLINHA DE SABÃO, — nos seus TRATADOS DA ESFERA e Fernão de Magalhães lhe teria fechado o périplo... Camões, levou em epopeia os Portugueses ao Cabo do Mundo e se mais Mundo houvera*

lá chegara (1); *pelo Mar, faltou a Terra aos nossos Descobridores, porém, aos infinitos sóis do infinito, nem Eles, (portanto ninguém), os pederia sequer contar! Esse cálculo dos sábios materialistas, que, para se desenvolver gràficamente, requere a mobilização de todas as cifras tipográficas, é trabalho vão, porque em verdade, quilometrado o número, este não passaria de ínfima parcela de uma soma impossível...»*

— (Ivan, o Terrível, lá de longe, grunhia furioso, agitando um papel em que se lia: — *Veto!* — *Veto!* — *Veto!* — Mas ninguem fazia qualquer caso). O Professor volveu ainda: — «*Nestes revessos tempos, tão contrários ao sólido empirismo dos séculos, tudo leva volta de se resolver por fórmulas futuristas algébricas e químicas e até me consta ajeitar-se um jocoso formulário à Vida Criada e, portanto, ao Criador! Que sabeis sobre a teoria da gestação expontânea?*»

— «*Essas garatujas apenas interessam sádicas fantasias; a única fórmula, esta é: — Deus, igual a Deus! - Outra não há, pois com relatividades, não se constrói o Absoluto. De resto, não há obra, sem obreiro: — um relógio existe, admiràvelmente certo, — que é o Universo, — só nos resta admirar o Relojoeiro que o fez...*»

Todos sorriam do infantil entusiasmo do Menino e o ambiente soturno da aula, aliviava-se com alegrias. Então

---

(1) *Lusiadas* — Canto VII, Estrofe XIV.

foi, que o Pequeno Lusitano, subindo à cátedra e abrindo a sacola de estudante, entregou ao Mestre uma flor, humilde e descolorida, dizendo: «*Santo Padre e Padrinho Meu! Eis a flor da Paz que, comigo, trouxe em meados de Maio de 1945...*»

— «*Guardai-a, meu Afilhado, com o carinho que, só a Bondade Portuguesa sabe tributar... Aquece-a ao calor do Teu olhar celeste; que não murche a pobresita, Meu Grande Pequenino Sábio!*»

O autor despertara do seu sonho...

Na velha escrevaninha de embutidos, sobre a qual adormecera revendo provas tipográficas, uma rosa de inverno murchava entre a papelada dispersa... Num gesto mais rápido do que o pensamento, — reflexo ainda do sonho agitado, — olhando o retrato a sanguínea do Príncipe Menino que, como sempre, ao trabalho presidia, o autor mergulhou a haste da flor na água do jarrão, de onde se desprendera: «*Não, não! Que não murche a pobresita... Rosa do Armistício! Flor da Esperança!*»

E, porque um dia, sereis Dom Duarte Terceiro e obriga um tal nome a olhar aos reveses, buscai ser, na *Ensinança*, escritor e troveiro, como foi o Autor do *Leal Conselheiro*, e sereis outro Exemplo para os Reis Portugueses!

Beija-Vos a pequenina mão que nos deu o Futuro,
o Autor.



À ÚLTIMA HORA...



Já posto o ponto final,
fechou-se o livro... Era cedo!
Pois chegou o Pai Natal,
com Outro Menino Igual,
tão lindo, como um brinquedo...

Agora, que Quatro são:
(Saudade, tu não escolhas!)
—Dois Pais, Dois Filhos, já dão,
coração, com coração,—
o *Trevo de Quatro Folhas*...



Em uma das visitas que o Senhor Dom Miguel II — sempre incógnito, — fez a Portugal, encontrou nos jardins do Paço de Queluz (onde nascera Seu Augusto Pai), um trevo de quatro folhas, que preciosamente guardou durante toda a Sua vida.



Post hoc, ergo propter hoc...

(Depois d'ISTO, portanto... ISTO ainda)



Ao rever a folha do Index, isto é, já depois de impresso o Livro, de Berna, com data de 3 de Dezembro (e possìvelmente retardado pelos temporais), Sua Majestade El-Rei teve a bondade de mandar ao autor este telegrama:

Com grande alegria participo feliz nascimento filho peço comunicar todos amigos, Mãe e Miguel bem. (a) *DUARTE.*

Está, mais uma vez, de parabéns a Família Real Portuguesa e, com os Exilados da Suiça, Portugal Português.

Que Deus proteja S. M. a Augusta Mãe e o Novo Infante Senhor D. Miguel que é, na Serenissima Casa de Bragança o quarto do Nome e, segundo a praxe nobiliárquica — *Duque do Porto.* Tão robusto como Seu Irmão o Príncipe Real, a Capital do Norte orgulhar-se-á com este Patrício em espírito, ainda que, Exilado inocente...

Quando acabará no Mundo a maratona dos ódios políticos, que justificam as três quintilhas à Sá de Miranda:

Mais Um Inocente, exilado,
proscrito, só por nascer!
— Queira Deus, que, castigado
por este novo pecado,
ninguém venha a padecer...

Já por nascer se ficava
livre, *na vida civil;*
— « Ventre Fôrro » *reclamava,*
o mesmo filho da escrava,
no Bom, no — Grande, — *Brasil!* —

E foi assim, por sinal,
que o negro trato *acabou...*
— *(No* — Pequeno — *Portugal,*
essa diferença racial,
parece, ...continuou!) —



REAL! REAL! REAL!



A História não é mais do que a romagem,
do que foi, para — o que se futura...
Tal qual, aqui, se mostra, nesta imagem
moldada de velhíssima gravura!

E que fazer então, por nossa vez?
— (Dar tempo ao tempo, tem um certo perigo...)
É fazer também hoje o que Este fez:
«Real! Real! Real!» — *Brademcomigo!*

INDEX

	Pág.
INVOCAÇÃO À IMACULADA.	XIII
SOB O SIGNO DA CRUZ, DA ESPADA E DA FLOR .	XVIII
EXCERTO DO «LEAL CONSELHEIRO».	XX
ENVIO A SUA ALTEZA REAL.	XXII
A BEIRA DO PRÍNCIPE DA BEIRA	XXIV
INTRÓITO: TÂNGER E O EXEMPLO	XXXVII
OS AUGUSTOS PAIS DO PRÍNCIPE DA BEIRA . .	LXIV
Tríptico Sideral	LXV
Oito Séculos de Genealogia	LXXII
O Casamento Real	LXXV
Anunciação.	LXXIX
Mare-Nostrum	LXXX
Palavra de Rei	LXXXIII
O BERÇO EXILADO DO PRÍNCIPE DA BEIRA . .	CIX
Em Portugal o Berço era vazio	CXXI
Príncipe da Beira e *Príncipe da Paz*	CXXVII
Telegrama	CXXVIII
Balada Popular	CXXIX
Dois Príncipes Reais	CXXXI
Primeiro Aniversário de S. A. R.	CXXXIV
Igualdade	CXXXVIII
Ofrenda de Cinco Gerações	CXXXIX
Um Só Rei	CXL

INDEX

Pág.

Menino Jesus CXLI
A Dinastia CXLII
Tríptico do Príncipe-Menino CXLIII
O Passado e o Presente CXLVI
O Futuro CXLVIII
Carta a Um Príncipe CLI
O Menino e as Brumas CXCV
Sursum Corda... Partiu! CXCIX

UM SONETO E SUA CÔRTE DE SONETOS . . . CCIII
O Soneto Incompleto CCIV
Doze: Número Sagrado e Heróico CCV
Os Doze de Inglaterra CCVII
A Lenda e a História. CCXI
Camões. CCXII
Afonso Lopes Vieira CCXIV
Pègadas CCXV
Lobishomem CCXVI
Quando as Esmeraldas estalam... CCXVII
Quatro mil Diamantes. CCXVIII
Os Velhos CCXXI
Crença CCXXVI
Descrença CCXXVII
Pátria — Três Quintilhas CCXXVIII

MOSAICOS POLICROMOS CCXXIX
Factos Rompen Leys CCXXX
Retirada de El-Rei D. Miguel. CCXXXII
Um Rei Litógrafo CCXXXIV
Friso Numismático. CCXXXVII
« Ser Rei doi muito » CCXLII
Portugália: Bona Régio CCXLIII

INDEX

Pág.

Três Deslizes CCXLVII
Si vis Pacem, para Bellum CCLVI
Andoche Junot. CCLIX
A Lugar-Tenência CCLXIV
Rostand e os anónimos CCLXXIII
« *Ti-Nau* » CCLXXV
Nuremberga CCLXXXV
« *Pousa-Pousa* » CCXCV
Uma Reencarnação CCXCIX
Manda Quem pode CCCX
EPÍLOGO CCCXIII
REAL! REAL! REAL! CCCXXXVI

Um Índice, é — o *menu*,
d'antropófago festim;
em qoe um Critico mais cru,
ao autor, não deixa nu,
porque o come até ao fim...

Tome tento ao mastigar,
e mais tento, ao engulir...
Não se irá engasgar?
— Pois, para bem criticar,
urje, melhor produzir! —

LEITMOTIV:

«Tradição — Primavera! — O Tronco é bem directo... (não morre a Tradição — disse Campoamor): — Continuou no Filho; refloriu no Neto e sorri no Bisneto, a Tradição em Flor!»

Página XII.

ACABOU DE SE IMPRIMIR NO 1.º DE DEZEMBRO DE 1946, NA "IMPRENSA PORTUGUESA", RUA FORMOSA, 108-116 — PORTO.

ERRATAS

Contar os erros! Alguém há, que possa,
contar areias pela tabuada?
— Mas os de palmatória, a quem endossa?
— Queira o Leitor fazer a vista grossa,
que a REVISÃO, já está acostumada! —

Páginas

XI — Na ante penúltima linha, onde se lê, VI; deverá ler-se, IV.

XXVIII — Na décima quinta linha, onde se lê, e Vossa; deverá ler-se, *é Vossa.*

CXVI — Na oitava linha... Pobres Grémios! Verdadeiramente, apenas um Grémio tem a culpa de tudo e de mais alguma coisa: o *Grémio das Nações Desunidas;* o resto, é poeira da estrada! Na nota da mesma página, a Revisão (pois quem havia de ser, — senão a Revisão?) até misturou o *azeite* — aquele azeite do nosso saudosismo, — com as especiarias que *nuestros hermanos* alcunham de «*ultramarinos*», como: — açúcar, bacalhau, chocolates, etc. — e com toneladas de razão, pois nos chegavam então, na tonelagem de além do mar.,.

É que a Revisão, — sempre a Revisão, — já apurou o paladar com o óleo de amendoim ou de baleia, porque o de oliveira, já lhe sabe a ranço...

CXXIII — Onde se lê, na ante penúltima linha, era; deverá ser, *eram.*

CCCIII — Na quarta linha, onde está, foros; deverá ler-se, *fornos* públicos, que no Algarve chamam — poiares do pão.

Quanto ao resto, — e que resto! Queira o Bondoso Leitor fazer a vista grossa... Esta Revisão! (Ela está acostumada e tem as costas largas)... Esta Revisão! Ah! a Revisão não tem perdão...

DO EXÍLIO:

Este Livro de ressurgimento da Mística Real, mais pròpriamente daria as Boas-Festas, pela Páscoa da Ressurreição.

Mil vicissitudes impediram o intento.

Mas, querendo Deus, males há com remédios de acaso, que, da emergência até surgem melhorados!

Seria este o caso?

Não foi gizado o Livro, para a Metropólica Cidade; mas para a Serra e para o Campo, onde o Real Menino não foi...

Em Lisboa esteve dias contados; e talvez Lhe asseguras-sem que ali,—era Portugal! Acreditaria o Menino?—Na última sílaba da palavra, por certo; pois dúvida não resta, que *boa* é. Quanto ao *lis*... Por onde andará a candura de lírio tão revesso? Ora essa Lisboa de desvairadas gentes, mais será dessas gentes, do que nossa...

— Na arribada do Mar, na Planície, na Montanha, aí, sim, — está Portugal!

Pois à Província, rude, mas firme na Lealdade antiga aos Seus Antigos Reis, é que é destinado o Livro, para que, nas Festas do Natal e do Novo Ano (tão castiças com seus folares, consoadas e serões à lareira do inverno), os Minhotos, Transmontanos, Beirões, Estremenhos, Alentejões, Algarvios e os do Além do Mar, ao oscularem devotos os pèsitos nus de Jesus Menino, idealizem, também beijarem as rosadas mãos do Menino Real que o Livro retrata... Jesus revive em todas as Crianças e todos os Meninos se encarnam n'Essa tão linda Flor do Cristianismo, que, como se interroga na Invocação à Padroeira:

«Não nos teria dado um Pequenino Irmão?»

E, em verdade vos digo, Provincias de Portugal, que, do *Seu Berço Exilado,* o Nosso Menino Real, a todas deseja para o Natal de 1946 — sossêgo e alegria e para o ano de 47 e seguintes — alegria, esperança e certeza...

E Santas Festas na Paz do Senhor!

Feliz Natal e Próspero Ano!



biblioteca municipal barcelos
65330
"Um soneto" | O berço exilado